

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FAFICH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



SARA ANGÉLICA TEIXEIRA DA CRUZ SILVA

**HISTÓRIA, GÊNERO E RELIGIOSIDADE: a estrutura religiosa do
Santo Daime a partir do Hinário “O Cruzeiro”**

Belo Horizonte
2023

SARA ANGÉLICA TEIXEIRA DA CRUZ SILVA

**HISTÓRIA, GÊNERO E RELIGIOSIDADE: a estrutura religiosa do
Santo Daime a partir do Hinário “O Cruzeiro”**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento

Coorientador: Dr. Fabrício Veliq

Belo Horizonte
2023

150 S586h 2023	<p>Silva, Sara Angélica Teixeira da Cruz.</p> <p>História, gênero e religiosidade [manuscrito] : a estrutura religiosa do Santo Daime a partir do Hinário “O Cruzeiro” / Sara Angélica Teixeira da Cruz Silva. - 2023.</p> <p>217 f.</p> <p>Orientadora: Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento. Coorientador: Fabrício Veliq.</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Psicologia – Teses. 2. Santo Daime – Teses. 3. Representações sociais – Teses. 4. Relações de gênero - Teses. 5. Serra, Raimundo Irineu, 1892-1971. I. Gianordoli-Nascimento, Ingrid Faria .II. Veliq, Fabrício.III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE TESE DE SARA ANGÉLICA TEIXEIRA DA CRUZ SILVA

Realizou-se, no dia 02 de março de 2023, às 08:30 horas, Online, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de tese, intitulada *História, gênero e religiosidade: a estrutura religiosa do Santo Daime a partir do Hinário "O Cruzeiro"*, apresentada por SARA ANGÉLICA TEIXEIRA DA CRUZ SILVA, número de registro 2017657748, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Ingrid Faria Gianordoli Nascimento - Orientador (UFMG), Prof(a). Fabricio Veliq Barbosa (UFMG), Prof(a). Alessandro Vinicius de Paula (UFMT), Prof(a). Antônio Marcos Tosoli Gomes (UERJ), Prof(a). Renata Lira dos Santos Allésio (UFPE).

A Comissão considerou a tese:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Alessandro Vinicius de Paula, Usuário Externo**, em 02/03/2023, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabrcio Veliq Barbosa, Usuário Externo**, em 02/03/2023, às 11:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Marcos Tosoli Gomes, Usuário Externo**, em 02/03/2023, às 11:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renata Lira dos Santos Alésio, Usuária Externa**, em 02/03/2023, às 11:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ingrid Faria Gianordoli Nascimento, Coordenador(a) de coordenadoria**, em 02/03/2023, às 12:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2093553** e o código CRC **7D3D773D**.

Dedico esta tese aos meus pais que me concederam a vida e permitiram que eu pudesse estar aqui hoje.

AGRADECIMENTOS

Esta tese surgiu a partir de inquietações permanentes sobre a vida e sobre o viver. Inquietações que me fizeram percorrer toda a caminhada da escrita e da sustentação de escrever sobre o Daime e sobre o que circunda esse universo ainda tão misterioso para muitos.

Nas horas mais infecundas encontrei amigos e parentes que puderam oferecer calorosas ondas de amor e fertilidade, transformadas em carinho. Isso tudo se encontra nas entrelinhas desta tese, por isso venho agradecer inicialmente a Deus por estar sempre no caminho junto de mim.

Agradeço também aos meus colegas de trabalho que me acompanharam nesta fase da minha vida, auxiliando na feitura deste manuscrito e da pesquisa.

Agradeço às minhas amigas Priscila von Randow, Raquel Resende, Angélica Mangerotti por trilharem aventuras comigo.

Agradeço ao coletivo Sustenta por me apresentar um novo mundo das pretas.

Agradeço em especial a Wendy Loyola pela fiel presença nas mais turbulentas marés.

Agradeço a Eder Luiz Nogueira, Bárbara Gonçalves, Walter Miez por estarem sempre presentes em horas que pouco acreditei no meu fazer científico. Em horas que pouco acreditei nos caminhos da vida.

Agradeço a Alberto Mesaque pela amizade incondicional.

Agradeço a Emmanuelle Barbosa por sua amizade e carinho em todos os momentos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação da UFMG e à Capes que me acolheram e me supriram para que eu pudesse realizar esta pesquisa.

Agradeço a minha querida irmã Giovanna Helena pela fortaleza e por me inspirar em horinhas de descuido.

Agradeço a Jorge Souza, por me apoiar nas horas que mais precisei.

Agradeço aos meus pais Francisco da Cruz Silva e Rosehelene Teixeira por me acompanharem e provarem que ser feliz é possível.

Agradeço à minha orientadora profa. Dra. Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento por ter me aceito, acolhido e acompanhado em momentos de necessidade. Minha eterna gratidão.

Agradeço ao meu coorientador Dr. Fabrício Veliq, pela mão acolhedora quando mais precisávamos.

Agradeço ao professor Dr. Alessandro Vinicius Paula, pelos momentos de compartilhamento e pela generosidade e paciência.

Agradeço ao professor Dr. Adriano Nascimento por ter trilhado comigo passos

iniciáticos da carreira acadêmica.

Agradeço ao Hospital Raul Soares e Hospital Espírita André Luiz pelo acolhimento em horas de extrema necessidade.

Agradeço à Secretaria do Programa de Pós-graduação em Psicologia pela presteza e paciência.

.Agradeço à comunidade daimista por conceder o espaço necessário para que esta pesquisa se realizasse.

Agradeço a Igreja Centro Livre Nossa Senhora da Saúde e Flor de Jagube por terem me apresentado o Santo Daime.

Agradeço a Alexandre Alvarenga pelo singelo convite para conhecer o Santo Daime.

Agradeço ao professor Louis Ricci, pela intensa e diária presença.

Agradeço ao Grupo Espírita Eurípedes Barsanulfo, pelo acolhimento e cuidado.

Agradeço a Raul Serpa, meu amado, por estar ao meu lado neste momento com todo amor e carinho necessários para a caminhada da vida.

RESUMO

Silva, S. A. T. C. (2023). História, gênero e religiosidade: a estrutura religiosa do Santo Daime a partir do Hinário “O Cruzeiro”. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil.

A Doutrina do Santo Daime é religião cristã formada por Raimundo Irineu Serra no estado brasileiro do Acre, na década de 1930. Além de ingerirem uma bebida psicoativa, chamada santo daime, os participantes devem ter vestimentas, lugares ocupados de modos direcionados durante os rituais, entre outros costumes. Esta divisão se dá, geralmente, pelos critérios de gênero, estado civil, idade ou tempo de pertencimento na instituição. Esta religião foi escolhida porque sua história de criação se deu no Brasil, apresentando características do sincretismo religioso nacional. Em conjunto percebemos sua estrutura peculiar de funcionamento baseado nos gêneros. O objetivo foi investigar a estrutura da religião do Santo Daime presentes na estrutura da doutrina tendo como foco figuras femininas e masculinas. Ressaltamos a importância da figura materna que se apresenta nos hinos cantados durante os rituais em que se ingerem a bebida santo daime. Este trabalho ficou dividido em três artigos frutos de pesquisas exploratórias, o primeiro explana a fundação da doutrina, o segundo investiga Representações Sociais na estrutura do Hinário “O Cruzeiro”, o terceiro faz uma análise de gênero da doutrina. No primeiro artigo a investigação aprofundou-se na história de Raimundo Irineu Serra, especificamente, em relação aos conceitos de numinoso e kâhin presentes na obra “O sagrado” de Rudolf Otto. Realizamos uma análise de sua experiência transcendental com a bebida e sua relação com a criação da doutrina. O segundo artigo buscou investigar, a partir da análise lexical realizada no *software* IRAMUTEQ, a estrutura da Doutrina do Santo Daime. Utilizamos como fonte de dados primária o Hinário “O Cruzeiro”, formulado por Mestre Irineu, que serviu de base da doutrina e é cantado até os dias atuais, como forma de manter e garantir os princípios da religião. Realizou-se uma leitura em exaustão do Hinário na qual foram identificados como mulheres e homens aparecem e suas principais características. Além disso, fizemos a análise do dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente. Criamos em conjunto aos resultados do segundo artigo um Dicionário de Termos a partir da análise lexical. No terceiro artigo realizou-se uma análise teórica de gênero sobre a doutrina observando a figura da mãe como temática principal. Identificamos que a figura da mulher se atrela a Mãe, ou mulheres que aderem às suas características, através de seus adjetivos e suas relações com o mundo e com o outro. Por outro lado, as figuras paternas ou masculinas apresentaram outras formas de vivência, se aproximando do Pai eterno já reconhecido pela igreja católica. Por fim, nota-se que as noções de mulher e homem se inserem no contexto relacional familiar tradicional, em que há mãe, filhos e um pai. Percebe-se a necessidade de maior aprofundamento e complementaridade de dados, sugerindo a inserção em campo e sua descrição como passos posteriores.

Palavras-chave: Santo Daime; Representações Sociais; Gênero; Irineu

ABSTRACT

Silva, S.A.T.C. (2023). History, gender and religiosity: the religious structure of Santo Daime from the Hinário “O Cruzeiro”. Ph. D. Thesis. Postgraduate Program in Psychology. Faculty of Philosophy and Human Sciences. Federal University of Minas Gerais. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil.

The Doctrine of Santo Daime is a Christian religion formed in the state of Acre in the 1930s by Raimundo Irineu Serra. In addition to ingesting a psychoactive drink, called santo daime, the participants must have clothes, places occupied in specific ways during the rituals, among other customs. This division is usually based on gender, marital status, age or length of service in the institution. This religion was chosen because its history of creation took place in Brazil, presenting characteristics of national religious syncretism. Together we perceive its peculiar structure of functioning based on genders. The objective is to investigate the structure of the Santo Daime religion present in the structure of the doctrine, focusing on female and male figures. We emphasize the importance of the mother figure that appears in the hymns sung during the rituals in which the santo daime drink is ingested. This work was divided into three articles resulting from exploratory research, the first explains the foundation of the doctrine, the second investigates Social Representations in the structure of the Hinário “O Cruzeiro”, and the third analyzes the gender of the doctrine. The first investigation delved into the history of Raimundo Irineu Serra in relation to the concepts of numinous and kâhinm present in Rudolf Otto's work “The sacred”. We carried out an analysis of his transcendental experience with the drink and its relationship with the creation of the doctrine. The second article sought from the lexical analysis performed in the IRAMUTEQ software to investigate the structure of the Santo Daime Doctrine. We used as a primary data source the Hymnal “O Cruzeiro”, formulated by Mestre Irineu, which served as the basis of the doctrine and is sung to this day as a way of maintaining and guaranteeing the principles of religion. An exhaustive reading of the Hymnal "O Cruzeiro" was carried out, in which they were identified as women and men appear and their main characteristics. In addition, we analyzed the Descending Hierarchical Classification dendrogram. Together with the results of the second article, we created a Dictionary of Terms based on lexical analysis. In the third article, a theoretical analysis of gender was carried out on the Doctrine, observing the figure of the mother as the main theme. We identified that the figure of the woman is linked to the Mother, or women who adhere to her characteristics, through her adjectives and her relationships with the world and with the other. On the other hand, Fathers or male figures presented other ways of living, approaching the eternal Father already recognized by the Catholic Church. Finally, it is clear that the notion of woman and man is part of the traditional family relational context, in which there is a mother, children and a father. There is a need for greater depth and complementarity of data, suggesting field insertion and its description as subsequent steps.

Key words: Santo Daime; Social Representations; Gender; Irineu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente.....	65
--	----

LISTA DE SIGLAS

AC	Acre
CECP	Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
CICLU	Centro de Iluminação Cristã Luz Universal
CONAD	Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas
CRF	Círculo de Regeneração e Fé
DMT	Dimetilriptamina
IRAMUTEQ	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais e transgêneros, intersex, agêneros e mais
MG	Minas Gerais
TRS	Teoria das Representações Sociais

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	16
1.1. Experiências da pesquisadora em contextos de religiosidade.....	16
1.2. Notas sobre os caminhos do delineamento da pesquisa.....	17
2. INTRODUÇÃO.....	23
3. OBJETIVOS.....	31
4. MÉTODOS.....	32
5. ESTUDO I - RAIMUNDO IRINEU SERRA, UM KĀHIN NA FLORESTA: APONTAMENTOS A PARTIR DO LIVRO O SAGRADO DE RUDOLF OTTO.....	34
Resumo.....	34
Abstract.....	34
5.1 Introdução.....	34
5.2 O numinoso e o profeta, a partir de Rudolf Otto.....	36
5.3 Doutrina do Santo Daime: breve contextualização histórica.....	37
5.4 Desdobramentos a partir da experiência de Irineu.....	40
5.5 O Estatuto do Santo Daime.....	44
5.6 Estrutura da Doutrina do Santo Daime.....	47
5.7 Considerações finais.....	49
5.8 Referências.....	50
6. ESTUDO II - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESTRUTURA DA DOCTRINA DO SANTO DAIME NO HINÁRIO “O CRUZEIRO”.....	53
Resumo.....	53
Abstract.....	53
6.1 Introdução.....	54
6.1.1 O estudo de aspectos psicossociais por meio da musicalidade.....	55
6.1.2 O uso da Teoria das Representações Sociais no estudo da religião e da musicalidade.....	57
6.2 Método.....	61
6.3 Resultados.....	64
Figura 1 – Dendrograma da CHD.....	65
6.4 Discussão.....	71
6.5 Considerações Finais.....	78

Referências.....	79
7. ESTUDO III - MÃE DIVINA: CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA DOCTRINA DO SANTO DAIME.....	82
Resumo.....	82
Abstract.....	82
7.1 Introdução.....	83
7.1.2 Lógicas de Gênero.....	83
7.2 Desenvolvimento.....	84
7.3 Método.....	88
7.4 Resultados.....	89
7.4.1 A Figura do Filho.....	89
7.4.2 A Figura da Mãe.....	89
7.4.3 A Figura do Pai.....	90
7.4.4 Relação de Pai e Filho.....	90
7.4.5 Relação de Mãe e Filho.....	91
7.4.6 Filho da natureza.....	92
7.5 Discussão.....	92
7.6 Considerações Finais.....	95
Referências.....	95
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICE 1 - DICIONÁRIO DE TERMOS.....	111
ANEXO 1 - ESTATUTO CICLU.....	125
ANEXO 2 - Decreto de Serviço da Doutrina do Santo Daime.....	156
ANEXO 3 - HINÁRIO O CRUZEIRO.....	157

1. APRESENTAÇÃO

1.1 Experiências da pesquisadora em contextos de religiosidade

Esta apresentação é um breve relato da minha trajetória, a qual teve influência sobre as escolhas realizadas no decorrer da pesquisa. Compreender sua trajetória faz colher os sentidos dos caminhos realizados.

O gosto pelas musicalidades provenientes do país e dos povos ameríndios, além do gosto pelo cancionário popular, fez brotar os temas desta tese assim como seus objetivos. Mistura-se ser e fazer em diversos momentos. Isso aconteceu de forma espontânea em se transpondo às religiões. Houve, assim, uma reunião de interesses entre as religiões e as artes, tanto cênicas quanto da música. Esta mistura pôde fundamentar os vínculos afetivos e de trabalhos nas igrejas católicas, nas casas de Umbanda e, por último, nas Igrejas do Santo Daime frequentadas por mim.

Houve um grande desafio colocado nesta pesquisa: pensar de forma decolonial, faceta que se interpôs diante das diversidades de temas explorados. Isso se deu, inicialmente, em perceber que existe uma relação de poder imbricada entre a pesquisadora e o campo de estudo, assim como nos processos do fazer e ser durante a tese.

Além disso, ainda existe o tema de interesse constituinte da pesquisa, que é a história da subalternização das mulheres. Nesse sentido, decolonizar o poder e o saber não foi negar o saber e pensamento fabricados nas esferas hegemônicas, como foi o caso da religião escolhida, mas sim problematizar e abrir espaços ocupados para que o pensamento e saber-fazer periféricos também fossem produzidos.

Como diz Ballestrin (2009), o decolonial há de ser reconhecido como pensamento possível de ser produzido e reproduzido nas esferas sociais, e não apenas uma formulação de uma nova teoria do saber tradicional. Por isso, foi importante cada passo realizado nesta tese.

O espaço religioso, ou espaços religiosos, direciona bastante esta pesquisa em seu cerne. Apesar do berço católico e de ter seguido os passos do catolicismo, este lugar foi se transformando com o tempo. Isso porque, a minha inserção no espaço espírita teve início em 2006, em Pirapora – MG, quando participei pela primeira vez de uma “Mesa Branca kardecista”. Nessa prática, as pessoas se sentavam em torno de uma mesa com o forro branco e os dirigentes, dois ou três mais antigos da casa, entoavam partes da Bíblia e partes de livros da religião Espírita Kardecista.

Logo após a leitura, os trabalhos se iniciavam, espíritos “chegavam”, os desencarnados, das mais diversas ordens. As pessoas desmaiavam, mudavam a voz, tinham alguma mudança em seu comportamento que apontava para a “chegada” de um novo espírito. Os novatos recebiam algum tipo de auxílio sobre como proceder diante de alguma mudança ou sensação corporal. Esse fenômeno, chamado de possessão ou mediunidade de incorporação, já fora deveras estudado pela antropologia e sociologia em estudos temáticos, variando bastante sua extensão de campo teórico (Bastide, 1961; Bastide, 1973; Silva & Souza, 2017)

Após minha primeira experiência, durante alguns anos participei de estudos e reuniões mediúnicas kardecistas, em Belo Horizonte-MG, similares ou mais sofisticadas que a descrita acima, no sentido de educação/instrução para exercer a mediunidade.

Em 2010, participei de reuniões de Umbanda Popular, a qual misturava preceitos do kardecismo e da Umbanda. As diferenças se davam na condução da reunião e na “chegada” de entidades específicas, tais como caboclos, pretos-velhos, exus, pomba-giras e crianças. Já em 2012, passei a frequentar outro terreiro de Umbanda, no qual se preconizava apenas a religião umbandista esotérica, havendo ali uma participação bastante ativa nos trabalhos como médium de incorporação até 2016.

De 2016 em diante, frequentei o Santo Daime quase quinzenalmente, com fardamento realizado em 2017, o que significa passar a cumprir obrigações dentro da igreja e usar a vestimenta correta, uniforme, nos dias de diferentes rituais. No local frequentado, não havia mesas de incorporação como na religião kardecista, mas havia impreterivelmente a ingestão da bebida ayahuasca pelos participantes e uma mesa de centro em formato de estrela de 6 pontas mantida por uma haste robusta. Por motivos pessoais, em 2019, encerrei a ingestão da bebida e parei de frequentar o Santo Daime.

Desse modo, esta pesquisa foi realizada na minha transição entre estar e não estar mais frequentando a religião do Santo Daime. Farei, agora, a exploração do delineamento da pesquisa unida à trajetória que foi se apresentando no decorrer da pesquisa e do doutoramento.

1.2 Notas sobre os caminhos do delineamento da pesquisa

Inicialmente, esta pesquisa surgiu a partir do interesse em se estudar mulheres que cuidaram de outras mulheres em conjunto com o denominado mundo espiritual ou sobrenatural. Esperava-se, com isso, um aprofundamento na literatura sobre a história das

mulheres no ocidente, das chamadas xamãs, parteiras, mães de santo, benzedeiras, entre outras classes de mulheres que se dedicam à saúde e ao cuidado nas comunidades em que moravam. Muitas destas mulheres foram perseguidas a longo da história ocidental, especialmente aquelas que não estavam dentro das normas estabelecidas pelos sistemas de saber e poder vigentes (Priore, 1995).

No decorrer da formação do doutoramento, percebi a importância de afunilar esse tema inicial para tornar a pesquisa possível, já que “representações sociais de mulheres curadoras” apresentava uma certa amplitude e também uma dificuldade em acessar este nicho de mulheres. Busquei, então, realizar um estudo que envolvesse métodos de saberes compatíveis à observação e coleta dos dados empíricos. Procurei por sistemas teórico-metodológicos que delineassem o tema, dando suporte e enquadre à realidade que gostaria de observar, para isso, o tempo foi necessário.

A diferença entre ser integrante de um grupo religioso e ser pesquisadora foi se construindo e se costurando com o tempo no fazer da pesquisa científica, já que lido com psicologia social, cujo fazer está mais voltado historicamente ao fazer pesquisa-ação e não à etnografia como método principal de coleta e análise de dados. Dessa forma, havia certamente um compromisso com as causas científicas psicossociológicas e, também, com a missão de resguardar os conhecimentos brasileiros sobre a religião criada no país. Isso provém de uma formação decolonialista que obtive durante o doutoramento.

Num outro viés, Marilyn Strathern (2006) aponta outras questões, por exemplo, a autora pensa em não apenas compreender a realidade social, como preconiza a antropologia clássica, mas denunciar e transformar uma realidade social que aparece no fazer pesquisa para mulheres. Segundo Bonetti (2009), sempre existiu um lugar determinado às mulheres no fazer etnográfico: o da subalternidade, da sub-representação e da invisibilidade. As mulheres não estavam produzindo antropologia, e mesmo quando participavam na feitura de trabalhos etnográficos, seus nomes, de alguma forma, foram relegados à invisibilidade.

Nesse contexto, vários equívocos se tornaram consenso na área, e um deles é a concepção de que a opressão feminina é universal, o que é rechaçado por Strathern (2006). Para a autora, é necessário observar as formas de construção do masculino e do feminino nas comunidades investigadas. Não necessariamente haverá uma opressão baseada no gênero e, se houver, não necessariamente irá aparecer nos moldes ocidentais. Dessa forma, não há porque a pesquisadora apontar um ou outro fenômeno considerado opressor a partir de sua visão colonial. Da mesma forma, não é possível identificar determinados acontecimentos femininos como feministas, tendo em vista que o feminismo é uma construção estadunidense

e europeia cunhada por mulheres brancas.

Saber que existem formas diferenciadas de opressões e feminismos seria, portanto, mais uma forma de decolonizar saberes enquanto a pesquisadora realiza a etnografia. Assim, essa perspectiva deve aparecer no decorrer desta pesquisa como um olhar crítico sobre o campo e sobre a análise dos dados, pois foi necessário lidar com a influência da pertença identitária com o local de pesquisa que se enredava à construção científica do objeto de pesquisa. Em outras palavras, da mesma forma que as convenções científicas neocolonialistas não poderiam se impor nesta tese, existiu também o debate entre o universo consensual sobre o científico durante a pesquisa.

A ciência que se propôs a construir coaduna com saberes em construção, não com silenciamentos ou violências. Neste aspecto, as pessoas não precisam ser consideradas “sábias amadoras”, pois não se consideram cientistas da área nem se profissionalizaram em determinada área de conhecimento, elas comunicam sentidos. Os saberes tradicionais foram, muitas vezes, corrompidos por uma lógica colonialista, heterocentrista, homofóbica, racista, entre outros. Não podemos ser ingênuos a ponto de pensar que fazer ciência não envolve interesses políticos globais de que um determinado tipo de conhecimento se sobressaia a outro, tal qual o etnocentrismo influencia a criação de conhecimento acadêmico. Desse modo, a insatisfação se dá não somente sobre uma práxis antiética, ou seja, aquela que apaga os valores do outro voltando para si mesma um determinado valor que privilegia ditames neocolonialistas.

Trago aqui uma lógica inclusiva de variados campos, cujos saberes não podemos descartar. Não viso apagar nenhum campo de saber. Nesse sentido, a lógica da reificação de conhecimentos não nos traz benefícios por hora, pois subjaz a diferença do valor de cada um. Fazer ciência, nesse aspecto, é empreender compromisso social na escrita das palavras e na ética do conhecimento quando estamos produzindo também na prática.

Esse movimento foi observado no conflito vivenciado por mim, enquanto pesquisadora psicóloga e fardada. Estar e ser apenas fardada resultava em abrir mão de ser também feminista. Além disso, havia um convite implícito em ter que abrir mão da própria saúde mental e de outrens com o uso da bebida sem critérios.

Para que a pesquisa se realizasse foi feita uma verdadeira checagem nos dados empíricos observados e nos documentos que envolviam o Santo Daime. A coleta documental foi cogitada e, com ela, pareceu bastante interessante a busca por documentos da religião. Chegou-se à conclusão de que as principais fontes documentais eram compostas pelo Estatuto (ANEXO 1), o Decreto de Serviços (ANEXO 2) e o Hinário “O Cruzeiro” (ANEXO 3), pois

são documentos considerados oficiais da Doutrina do Santo Daime enquanto instituição religiosa. O Hinário “O Cruzeiro” se traduz como um dos principais hinários cantados durante os encontros religiosos e foi escolhido como principal fonte documental de tratamento de dados. Nesse sentido, as igrejas de Santo Daime que seguem a doutrina do Mestre Irineu Serra devem seguir tais preceitos.

Os dados eram muitos e tratavam de naturezas diferentes. Os dados empíricos passaram a ser tratados como dados de natureza etnográfica para auxiliarem na busca pelo objeto de pesquisa. Esses dados se atrelam às análises e à composição do texto, mesmo não sendo o objetivo central de pesquisa. Desse modo, era preciso decodificar os dados, construir denominações da formação de um conjunto de dados e diferenciá-los sob espectros de luz e sombra entre um e outro.

Sair do dado empírico para o objeto científico foi um caminho árduo e os dados exploratórios ainda conversavam com outras áreas, sendo elas a antropologia e a sociologia.

Em palavras científicas, o reconhecimento de endogrupos e exogrupos, como fez Jodelet (1986), inicialmente não estava funcionando neste trabalho, tamanha a sua complexidade e das relações grupais que se davam no meio que escolhi pesquisar. Fazer parte do meio estudado não facilitou a princípio. Na vivência *in loco*, a noção de investigação militante se deu sem que mesmo houvesse consciência de que esta percepção existia e de que também poderia estar trazendo a psicologia para dentro do campo consensual da doutrina, estava atuando em uma via de mão dupla com bastante conflitos. Tais conflitos foram deveras vivenciados na pesquisa científica por autores como Favret Saada (2005) e Silva (2017) quando se propuseram a investigar o campo em que faziam parte, denominando a autoantropologia.

Nosso caso não é completamente antropológico, mas posso dizer que fiz parte do meu próprio campo de estudo, ao ser daimista e pesquisadora. Não foi adotado um posicionamento de pesquisa participante nem empático como diz Favret Saada (2005). Pois segundo a autora a pesquisa participante pressupõe um distanciamento que como nativa, pertencente ao campo de estudo, não é possível, e o posicionamento empático pressupõe uma identificação com o outro por se colocar no lugar do outro, se colocando ao mesmo tempo num distanciamento também. Neste sentido, é necessário sair da zona de conforto tanto de pesquisadora quanto de nativa. Assim, a construção da diferença se fez necessária para que a pesquisa fosse possível. Como pesquisadora ocupei um lugar de nativa, não sem conflitos. Quando estava em campo me deixei ser afetada, eu não estava pesquisadora, eu estava daimista, assim pude dialogar e obter dados que não obteria se tivesse sido pesquisadora em campo. Tive acesso a uma ordem

de eventos.

A comunicação involuntária foi essencial para este trabalho. Assim a análise de dados pode ser feita posteriormente, não necessariamente na hora em que os dados foram coletados. Silva (2017) relata como foi afetada em campo num terreiro de Umbanda e como cientista antropóloga. Ela nos auxilia a pensar em quanto também fui afetada pela Doutrina do Santo Daime e pela ciência psicológica. Foi importante equilibrar esses dois campos para que a pesquisa fosse possível, de certo modo ser cientista me coloca num rol de saberes diferente daquele composto por nativos, e ser nativa me coloca em contato com a cultura de forma a poder observar de dentro da mesma. A minha experiência em campo traz uma bagagem diferente daquelas vividas por outros nativos.

De toda forma, a minha inserção no local de pesquisa como psicóloga e daimista foi encerrada em 2019, e a minha entrada no mundo científico enquanto membro daimista foi abalada. Realmente precisei me afastar das duas instituições, daime e ciência, para que pudesse ver e rever o que tinha ocorrido e como a pesquisa poderia ser desenvolvida diante de tantos impasses. Favret Saada (2005) também conta que esse distanciamento é por vezes interessante para que o processo de pesquisa ocorra e tome forma.

Dito isso, partimos para as lógicas metodológicas que foram circundando a pesquisa. Dentro da psicologia social, observamos temas chave de trabalho, como os temas sobre raça, gênero, geração, classe, entre tantos outros clássicos que abordam as lutas pela dignidade humana. Em se tratando do universo consensual, como expõe Celso Pereira Sá (1998), pude escolher um objeto de pesquisa um pouco mais coerente, no sentido de que houvesse uma coleta passível de ser realizada. Somado a isso, inicialmente fui construindo como se poderia chegar no tema das relações de gênero dentro da religião do Santo Daime em conjunto com a quantidade de dados que tinha em mãos.

Vivenciar diversos conflitos quanto ao tema, análise e inserção em campo foi importante para que eu criasse novas perspectivas. Ainda assim, consegui chegar em um ponto de equilíbrio, que foi decidir pela análise das músicas cantadas durante os rituais de uso do santo daime. Eu, como pesquisadora, não poderia estar em um lugar mais (des)confortável. Não estava estudando o que se compreendia como importante, que era inicialmente as mulheres, mas ao mesmo tempo era confortável cientificamente fazer o tratamento de dados das letras musicais trazendo o feminino como frente, seria uma análise das mulheres nos hinos do Daime, justificado pelo Daime ser uma doutrina cantada e fundada na aparição de uma figura mítica feminina. Desse modo, eu estava analisando o que se cantava na religião que frequentava. Um outro ponto a ser lembrado é que a identificação com o trabalho acima de

tudo foi de fundamental importância, pois gerou um enorme compromisso em mim, enquanto pesquisadora, transbordando-se na escrita científica.

Foram produzidos três artigos diferentes, o primeiro deles, já publicado em revista científica, diz respeito a trajetória do Mestre Irineu, criador da Doutrina do Santo Daime. Realizamos uma análise teórica da história de Mestre Irineu e da Doutrina segundo a obra de Rudolf Otto (2007). Neste artigo é definida a categoria de numinoso e a figura do *kāhin* da floresta para aprofundamento na experiência religiosa de Irineu.

No segundo artigo, realizamos a análise lexical do Hinário “O Cruzeiro”, livro base da Doutrina do Santo Daime. Fizemos o tratamento dos dados para rodagem no *software* IRAMUTEQ. Como resultado obtivemos o dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) com as seguintes classes: Elementos da doutrina; Herança cristã; Comportamentos ético-morais relacionados ao pai; Comportamentos ético-morais relacionados à mãe e Não desvirtuar. Neste artigo percebemos que a prescrição de comportamentos é bastante importante na doutrina, assim como a manutenção da família cristã patriarcal.

No terceiro artigo, fizemos a Análise de Conteúdo do Hinário “O Cruzeiro” tendo como objetivo a investigação das figuras femininas que aparecem. A Análise de Conteúdo mostrou que algumas figuras aparecem em destaque: a Figura do Filho, a Figura da Mãe, a Figura do Pai, Relação de Pai e Filho, Relação de Mãe e Filho e Filho da Natureza. Obtivemos não só a figura da mãe como destaque, mas também as relações que se dão entre filhos e pais. Isso demonstra a importância das relações familiares na doutrina assim como lógicas tradicionais de gênero.

2. INTRODUÇÃO

O Santo Daime é uma religião propriamente brasileira, fundada em Rio Branco (Acre), na década de 1930, por Raimundo Irineu Serra, maranhense, negro, neto de escravizados, chamado pelos adeptos de Mestre Irineu (Assis & Rodrigues, 2017). A nova religião é composta por elementos e práticas influenciadas pelo catolicismo popular, o xamanismo indígena amazônico, o esoterismo europeu e as religiões afro-brasileiras (MacRae, 1992; Rehen, 2011). Seu ritual não é organizado em torno de um sermão, pregações ou um livro orientador da prática, como a Bíblia, o Alcorão ou o Bhagavad gita. O ritual gira em torno do uso sacramental da bebida psicoativa ayahuasca, chamada também de daime ou santo daime, regulamentada pelo Conselho Nacional de Drogas (CONAD), dos hinos e da memória (Labate & Feeney, 2012)¹.

Fernandes (2018) indica que 72 grupos indígenas da região amazônica fazem o uso ritual da bebida. O uso ameríndio da bebida possui alguns objetivos tais como entrar em contato com o mundo espiritual, conhecer o meio ambiente, curar doenças, adivinhação e caça. Atualmente o uso ritual da bebida gira em torno da cura, apenas uma das atribuições indígenas. Segundo Fernandes (2018) há fortes indícios de que Irineu tenha iniciado a ingestão da bebida com indígenas de uma ou mais etnias da família linguística pano. As etnias do tronco linguístico pano habitam no Peru, Bolívia e no Brasil, na região amazônica. No país temos 17 etnias, dentre estas várias fazem uso da bebida e de outras medicinas

Atualmente se fala em neoxamamismo ou xamanismo urbano, em que as pessoas fazem o uso ritual em diversos contextos nas grandes metrópoles. É trazido traços do ritual indígena unidos às idiossincrasias dos rituais de cada espaço em que a bebida é utilizada.

Mestre Irineu foi o fundador da religião e exerceu um papel fundamental no esclarecimento e na difusão da doutrina. A ideia do surgimento desse novo objeto social toma importância nesta tese, na medida em que a religião é formulada por Mestre Irineu a partir de seu próprio conhecimento e daquilo que estava disponível localmente. Aglutinou-se imagens, palavras, comportamentos e atividades psíquicas para que o novo objeto social, o Santo Daime, enquanto religião, tomasse sentido na comunidade. A relação com a realidade se fez a partir de novos valores e novos comportamentos que precisaram tomar sentido, tais quais esquemas religiosos, como a possessão, e de saúde, como a malária. O santo daime seria, em

¹ Sobre isso entraremos em detalhes no Artigo 1.

condições precárias, um santo remédio, com isso a bebida adquiriu novos sentidos dentro da comunidade.

Da mesma forma, em seu estudo, Moscovici (2012) mostra como a sintomatologia descrita pela psicanálise trouxe à França, após a 2ª Guerra Mundial, uma série de respostas a lacunas sociais. Acredita-se que a religião do Santo Daime tenha surgido dessa maneira. A religião como parte do universo consensual responde aos seus frequentadores diferentes lacunas, sejam lexicais, de comportamento ou de explicação sobre a existência e também sobre a própria condição precária de vida. Isso traz sentido à vida, traz a sensação de conformidade, além de impulsionar a busca pela mudança se for preciso e possível.

Segundo Oliveira (2010), o Santo Daime é uma religião que utiliza primordialmente o recurso oral como forma de manifestar sua cultura e seus fundamentos, incluindo aqui normas, história, saberes e práticas de cultivo e manutenção dos rituais. Dessa forma, as narrativas pessoais e históricas são imprescindíveis na transmissão e manutenção do conhecimento entre frequentadores.

O livro base, no caso do Santo Daime, é considerado por muitos adeptos o próprio Hinário “O Cruzeiro” (Moreira & MacRae, 2011), cantado durante os rituais. Os saberes em torno do Hinário e da sua história são passados de geração em geração entre os que tomam a bebida e frequentam as igrejas. Os mais velhos, dirigentes e padrinhos, responsáveis pelas igrejas, ensinam seus conhecimentos aos mais novos e aos visitantes. Em suma, a religião foi se formando oralmente segundo as ordens de Raimundo Irineu Serra, as quais geralmente eram dadas após a ingestão do daime (Oliveira, 2010). É importante ressaltar que o Hinário “O Cruzeiro” é cantado até os dias atuais durante os rituais que seguem a linha do CICLU (Centro de Iluminação Cristã Luz Universal), fundada por Irineu, que recebeu os hinos através de “mirações”, visões espirituais provocadas pela bebida, ao tomar o chá do santo daime. É importante ressaltar que os hinos não eram escritos, mas “recebidos” em sonhos e mirações. Portanto, não possuem um autor mas um receptor e um zelador, responsável por manter o hino da forma que ele fora recebido espiritualmente (Veliq *et al.*, 2022)

O Santo Daime é uma religião dotada de práticas que atravessam a transmissão oral, sendo esta uma importante característica das religiões brasileiras. Assim como a oralidade, o sincretismo se faz de igual importância para a construção e manutenção destas religiões.

Nesse sentido, é possível perceber que o sincretismo é algo fundante da religião do Santo Daime. Conforme aponta Romão (2018), o sincretismo nasce no Brasil a partir de uma tentativa dos negros escravizados de fugir de represálias dos portugueses, tendo que lidar com

as diferenças, negros e indígenas, para que sua cultura religiosa não sucumbisse. Além disso, o processo de escravização fez com que diversas culturas africanas se misturassem, pois os negros da mesma etnia eram separados para dificultar sua comunicação e não formassem motins e revoltas. A migração interna de escravizados também contribuiu para que houvesse uma mistura de costumes e de religiões.

Segundo Romão (2018), o sincretismo brasileiro não foi restrito apenas à população negra no país, exemplificando como o diabo católico encontrou semelhança no termo tupi “jurupari”. Além disso, “Tupã” seria uma entidade divina equiparada a Deus no panteão judaico-cristão. Certamente não se descarta aqui a influência dos jesuítas na evangelização dos indígenas e no sincretismo gerado a partir disso. No sistema de crenças africano, nota-se uma tentativa de manter o culto a suas divindades. Observa-se que nomenclaturas do Candomblé foram utilizadas para diferentes tipos de nação conforme a sua origem étnica africana (ketu, banto, jeje, mina, angola entre outros), guiando, assim, as práticas ritualísticas que cada uma tem, por exemplo a forma de tocar tambor, as músicas, o idioma dos cantos, as vestes, o nome das deidades, a estrutura dos rituais e a metafísica.

Para Romão (2018), a língua faz parte do processo de construção do sincretismo como meio de elaborar o pensamento e se comunicar. O autor define cultura como um conjunto de normas, convenções e comportamentos de uma sociedade. Além disso, ele afirma que o sincretismo afro-brasileiro foi uma estratégia de sobrevivência, pois além dos negros terem sido retirados de sua cultura de origem, foram obrigados a lidar com novos elementos culturais que se estendem a “rituais religiosos, conteúdos históricos, práticas sociais, lendas e mitos” (p. 368). O autor diz, ainda, que as religiões brasileiras, como é o caso da Umbanda, mesclou diversos elementos de etnias africanas diferentes trazendo, também, em sua raiz, elementos catolicistas e indígenas. As estratégias de sobrevivência permitiram a criação de uma religiosidade híbrida, não traduzível de forma linear, envolvendo diversos fatores conforme mencionamos.

Dias (2021) expõe que o sincretismo se define, inicialmente, pela união de forças entre diferentes grupos, priorizando as semelhanças para que um objetivo maior seja alcançado. O autor reconhece que o cristianismo sofre sincretismo como todas as religiões, de modo que não há um cristianismo puro. Dessa forma, observar o sincretismo somente nas religiões afro-diaspóricas seria um erro.

O sincretismo tem sido ligado a formas religiosas tidas como impuras ou até falsas em contrapartida às religiões ditas puras, como o cristianismo declara ser, segundo Dias (2021). Esta declaração é passível de questionamento, pois ainda é um ponto controverso entre

cientistas. Para o autor, há uma diferenciação entre as religiões minoritárias e as dominantes, sendo que o catolicismo está na base da cultura brasileira. Dias (2021) ressalta que o catolicismo brasileiro também sofreu influências africanas, sendo que o sincretismo não surge de uma incapacidade do negro, conforme pregavam estudiosos como Nina Rodrigues, mas de uma capacidade de fazer sobreviver sua cultura em meio às intempéries de um contexto de proibição.

A recriação da religião a partir do encontro entre pessoas de etnias diferentes se assemelha à criação de novas famílias, já que muitos laços familiares se desfizeram com a escravidão. Fala-se de um sincretismo interno, como esse, e de um sincretismo com a religião católica e com o espiritismo. Da mesma forma, percebeu-se uma fusão entre as religiões africanas e indígenas a partir dos escravizados que fugiam e encontravam refúgio entre os indígenas. Há, ainda, o pensamento de que arquétipos da figura feminina pudessem ser sincretizados por terem o mesmo significado inconsciente, como é o caso de Maria e Iemanjá.

Sanchis (1995) afirma que o sincretismo é polimorfo e causador de dimensões imprevistas, nascido da relação do universo próprio com o universo do outro. Este contato provoca mudanças no universo próprio, sejam elas em partes similares ou não. Trata-se, aqui, de uma dimensão identitária. Dessa maneira, o sincretismo não se restringe apenas à religiosidade. Esta reinterpretação permite que universos contraditórios possam coexistir na mesma cultura.

Sanchis (1995) lembra que tal processo não ocorre senão dentro de relações de poder. Além disso, discorre que a criação do cristianismo se dá a partir de sincretismos entre três correntes filosóficas: judaísmo, Grécia clássica e helenismo. Ao mesmo tempo, seu surgimento se deu, na medida em que ele fora reconhecido como fenômeno religioso com tempos e lugares sagrados, hierarquias, códigos de interpretação das mensagens e das experiências, textos e ritos que afastavam a religião do mundo comum. “Sacramentos. Dogmas. Templos e altares. Sacerdotes. Sacrifício. Afinal, uma religião” (p. 5). Desse modo, a religião é chamada a se modular e se redefinir de acordo com o campo simbólico que irá substituir e com o cosmos simbólico que irá interagir. Além disso, o autor ressalta a dependência dos setores militar e judiciário com o religioso no estabelecimento da religião católica.

No Brasil, houve um triplo desenraizamento, dos portugueses, que vieram para cá, dos indígenas, que eram nativos, e dos negros, que foram arrancados de seu universo de significação e foram obrigados a rever sua própria identidade religiosa a fim de sobreviver. Sanchis (1995) explicita um sincretismo que torna as identidades porosas, considerando todas

as opressões e resistências que fizeram parte desse processo. O sincretismo brasileiro é pré-moderno e se apresenta como a normalidade de toda religião. O autor, também, reitera a dupla fidelidade a diferentes situações, como é o caso de pessoas que frequentam a igreja católica e vão a terreiros de umbanda.

Ao percebermos a intercessão entre sincretismo e representações sociais, base teórica deste trabalho, atenta-se ao fato de que Moscovici (2012) diz que as representações não são mitos, nem se parecem com mitos, alguns dados eleitos para se explicar a vida são tidos como imutáveis, fazendo parte de uma rede de sistemas de saberes, permitindo que um tipo de pensamento tenha domínio sobre outros. Um grupo novo, criado recentemente, estabelece normas ou regras que se interpõem no diálogo e conversações cotidianas. Não há, nisso, uma sobreposição do saber científico sobre os diálogos cotidianos, como já dito, são duas esferas diferentes de construção de saber. Existe uma causa sociológica, ou psicossociológica, de construção de saberes de diversas ordens, e uma delas é a do cotidiano, sobre a qual nos debruçamos nesta tese.

Assim como fez Moscovici na sua obra, não estamos lidando com mitos, apesar de estarmos lidando com o mitológico, ou com figuras que aparentemente são conhecidas mitologicamente, essas figuras fazem parte de um fazer-saber de grupos atuais. Isso faz diferença, quando estamos lidando com mitos de séculos anteriores à criação da Idade Moderna, os quais remetem ao fundamento do cristianismo. Esses fundamentos irão fazer parte dos conteúdos inerentes às representações que envolvem a religião.

O movimento dos sincretismos faz parte desse trabalho que é agrupar, num mesmo conjunto, figuras antigas das crenças populares e novas figuras para que façam sentido (Rebel, 2010). Na Teoria das Representações Sociais, isso se chamaria ancoragem e objetivação, pois traz uma rede de antigos saberes a uma nova roupagem, além de ser possível identificar uma figura na realidade que corresponda ao novo símbolo.

Se antes os mitos serviam para guiar tipos de pensamento coletivos sobre a história das coisas, neste trabalho, os grupos lidam com figuras e entidades mitológicas que dão fomento a uma criação de representações sobre ou com figuras já existentes no escopo de representações do próprio grupo. Então, lidamos, acima de tudo, com a diversidade de figuras, leis e normas ditas pelo grupo estudado, no caso o grupo de daimistas, que, a exemplo disso, inclui a criação das artes musicais. A partir disso, foi possível incluir a música como parte do corpo de análise de dados.

Em nosso trabalho, não havendo uma única figura de poder, percebemos várias figuras que se transmutam e trocam muitas vezes de lugares, junto de normas que se transmutam e se

formam em redes de pensamentos articulados que provocam sentido. Neste trabalho, não se considera o universo interior e exterior dos indivíduos, mas um fazer-ser em conjunto, que Moscovici chama de “comunhão de gênese” (p. 45, 2012). Sobretudo, não se pretende medir os caminhos do pensamento, mas o que se fez existir a partir deles e das comunicações possíveis em determinado contexto. É interessante observar que vamos lidar com a origem da formação de uma representação social, que é o objetivo desta tese, não apenas exibir opinião, atitude ou imagem.

No campo da ideologia, vemos da mesma forma, expressões de um posicionamento sobre algo, já a representação fornece sentido ao comportamento e se integra numa rede de relações já pré-estabelecidas diminuindo o gasto cognitivo, psicológico, temporal entre outros. Assim, se posicionar mostra algo da representação social de um objeto, mas não diz respeito a ela como um todo. Veremos os tipos de relações junto aos contextos em que elas se apresentam.

A forma como ocorre a comunicação do objeto muito nos interessa, principalmente, por se tratar de uma comunicação cantada e não apenas falada. A religião do Santo Daime é considerada uma religião musical (Rehen, 2011, 2016; Ferro, 2012; Rabelo, 2013; Assis, Labate, & Canvar, 2017), portanto, as falas, ao invés do canto, podem ser projetadas de acordo com os hinos fora dos contextos em que se cantam, a fim de mostrar algum aprendizado ou reafirmar algum comportamento.

Segundo Moscovici (2012), as representações possuem uma linguagem própria, estruturas que se arranjam, influenciando valores e conceitos, por isso, o tipo de discurso também precisa ser observado. Por último, as representações agem como teorias, ou ciências do senso comum, se destinando a lidarmos com o real absoluto e ou transitório das coisas.

Vale expor que iremos passar pela questão de gênero, bastante contundente neste trabalho, iremos expor a história do Santo Daime enquanto doutrina, observaremos como a religião conforma representações sociais e como as figuras do masculino e do feminino no canto são imperativas nesta Doutrina e, conseqüentemente, neste trabalho.

Produzir uma pesquisa que trata do gênero em conjunto com a religiosidade é um tema importante, pois trata, também, de refletir sobre os papéis da mulher na sociedade. O modelo estruturado na diferença entre os sexos trouxe o questionamento incessante sobre as conseqüências para os gêneros na religiosidade.

As construções acerca do feminino e do masculino normatizadas por cobranças sociais excluem subjetividades de diversas ordens, especialmente mulheres ao longo da história. Tratamos de elencar emoções possíveis, tais como modos de sentir e de se comportar, gerando

sanções sociais caso as categorias de gênero não se façam cumprir. Isso parece, também, se repetir em diversos ambientes do cotidiano, por isso, escolhemos a instituição da religião como ambiente profícuo para investigação.

Dessa forma, nesta tese também pretendemos mostrar que o feminismo, como tem sido mostrado e estudado, desfavorece mulheres periféricas, do Sul, lésbicas, negras, latinas e todas aquelas que não se encaixam no padrão europeu de diversos modos, seja corporal, subjetivo, ou até mesmo, geograficamente. Os saberes e as formas de pensar e viver periféricos foram sendo relegados a um lugar invisível, inclusive as memórias sociais que foram em grande parte silenciadas, isentas de registros, atravessando gerações por memórias orais ou simplesmente desaparecendo (Mayorga & cols, 2016).

Este trabalho não é, de certo, finalizador de ideias ou teorias. Mostramos, aqui, uma parte da realidade e como é possível analisá-la segundo preceitos da psicologia social das Representações Sociais (Moscovici, 2012).

A proposta desta tese, portanto, circunda a produção de três artigos que se complementam. Embora cada um discute uma temática diferente, eles não se excluem. O primeiro diz respeito à história da religião do Santo Daime, enquanto criação religiosa partida de Mestre Irineu como figura primordial, justificando porque se trata de uma religião. Conforme percebemos a musicalidade da religião, pudemos vislumbrar a importância do Hinário “O Cruzeiro” para a constituição da mesma. Dado isso, no segundo artigo, tratamos especificamente dos elementos que constituem a estrutura religiosa do Santo Daime a partir da análise lexical do Hinário “O Cruzeiro”. Este artigo se mostra importante, pois traz à tona os principais elementos que dão suporte para que a Doutrina exista e funcione enquanto uma instituição com a qual seja possível se identificar. Por último, o terceiro artigo, a partir do Hinário “O Cruzeiro”, traz a importância das lógicas de gênero na religião e se debruça sobre como as figuras que aparecem no Hinário se entrelaçam com a ideia da sagrada família cristã. Os três artigos possuem uma sequência que visa a integralização da tese, para que sua construção faça sentido na medida em que nos aprofundamos nos temas.

Para fins de esclarecimentos iremos tratar em letras maiúsculas Pai, Mãe e Filho, pois se tratam de entidades divinas na religião, e não pai, mãe e filho de forma cotidiana. Do mesmo modo, utilizamos Santo Daime para tratar da doutrina e chá do santo daime, ou daime, para nos referirmos à bebida. É importante lembrar que o chá do santo daime deve ser ingerido pelos integrantes da religião, ou participantes, durante os rituais que geralmente ocorrem de 15 em 15 dias, variando de acordo com cada local, chamados de igreja.

Esta investigação teve alicerce fundamental da psicologia social com a teoria das

Representações Sociais (Moscovici, 2012), munida das teorias de gênero, sejam elas feministas ou não, e trabalhos de cunho etnográfico e de outros campos teóricos como a sociologia e a antropologia.

3. OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo principal investigar a doutrina do Santo Daime enquanto estrutura religiosa brasileira. Como objetivos específicos, buscamos investigar a história de criação da doutrina do Santo Daime com foco no contexto social e mirações de Mestre Irineu, as Representações Sociais da estrutura da Doutrina a partir da análise lexical dos hinos do Hinário “O Cruzeiro” e, por último, o gênero e elementos da sagrada família cristã na doutrina a partir da Análise de Conteúdo do Hinário “O Cruzeiro”.

Dessa forma, os objetivos cerceiam as nuances atravessadas no contexto da doutrina do Santo Daime. Interessa-nos estudar o divino representado pelo teor do gênero no Santo Daime e qual escopo de normativas estão presentes nos hinos que são primordiais para a doutrina, e conseqüentemente dão corpo à mesma.

O gênero parece exercer papel importante na doutrina do Santo Daime. Lembrando que esta, assim como a Umbanda, é uma religião brasileira, criada e fundada no país, mesmo que tenham aglutinado outros saberes de outros países.

4. MÉTODOS

Realizamos três estudos diferentes e complementares. Ao fazer cada um, percebemos a necessidade de aprofundamento posterior. O Estudo I apresenta uma análise teórica da história do Santo Daime. No Estudo II, realizamos análise lexical, importante para o conhecimento da doutrina e das representações sociais presentes nos hinos cantados nessa. No Estudo III, realizamos a Análise de Conteúdo do Hinário “O Cruzeiro”, o que nos auxiliou na compreensão dos elementos mais importantes da Doutrina. É importante ressaltar que os dados utilizados nos Estudos II e III foram coletados, primordialmente, no Hinário “O Cruzeiro” devido a sua importância e história na criação da Doutrina.

Estudo I. O sagrado e o numinoso na estrutura do Santo Daime²

O primeiro artigo, de caráter teórico e exploratório, tem como objetivo relacionar a história da criação da religião do Santo Daime com conceitos fundamentais para os estudos teológicos – tais como o sincretismo, o sagrado e o numinoso. A análise foi realizada tendo como perspectiva teórica a obra de Rudolf Otto (2007), teólogo luterano do final do século XIX e início do século XX. Abordou-se, por meio da argumentação, duas considerações principais: 1) a compreensão de Mestre Irineu como “protótipo primitivo de profeta” e, assim, como kâhin da floresta; e 2) a existência de quatro eixos temáticos por meio dos quais se estruturam as normas e costumes do Santo Daime.

Estudo II. Elementos representacionais do Santo Daime no Hinário “O Cruzeiro”

No segundo artigo, consideramos oportuna a escolha do principal Hinário cantado na doutrina musical como fonte de dados que, seguindo as diretrizes de Moscovici (2012), seria a nossa única e, por isso, principal população de documentos. Para a análise, utilizamos o *software* IRAMUTEQ. Além disso, colocamos uma certa conformação de dados contextuais para que a análise fosse mais coerente, sejam com dados empíricos ou mesmo de outras fontes literárias.

² Artigo já publicado em revista científica.

Veliq, F., Teixeira, S., Gianordoli-Nascimento, I. F., Motti, G. L., & Couto, G. (2022). Raimundo Irineu Serra, uma Kâhin na floresta: apontamentos a partir do livro sagrado de Rudolf Otto. *Ad Aeternum*, 1(4), 86-108. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/adaeternum/article/view/8122>

Quanto ao grupo, pensamos no grupo de daimistas que existe hoje e nos conteúdos que seguem através dos hinários. Tais conteúdos são importantes na medida em que há uma separação temática que orienta as respostas que buscamos nesta investigação. Houve, com isso, uma definição do vocabulário necessário para o conhecimento da doutrina presente no APÊNDICE 1, de forma a abstrair e generalizar conteúdos por demais abstratos e operar estatisticamente na parte lexical conforme postula Moscovici (2012).

Estudo III. A questão do gênero no Santo Daimé

No terceiro artigo, realizamos uma análise teórica de gênero (D’Incao, 1989; Trigo, 1989; Gilligan, 1982; Carson, 1995; Priore, 1995; Jaggar, 1997; King, 1997; Tronto, 1997; Jellin, 2001; Perrot, 2005; Kymlicka, 2006; Nascimento, Gianordoli-Nascimento e Trindade, 2006). O tema das emoções e da memória feminina se faz importante, pois diz respeito ao que vai sendo mantido e lembrando sobre as mulheres no decorrer da história.

Percebemos que o lugar da Mãe é bastante demarcado no Hinário, isso nos faz refletir sobre sua importância para o Hinário e para a constituição da Doutrina, já que a Virgem da Conceição é a maior representante feminina do Hinário.

A leitura em exaustão do Hinário permitiu vislumbrar pessoas envolvidas na relação com o divino (por exemplo, a Virgem da Conceição, nosso Senhor, Pai, Mãe e Filho) de quem se falava e do tipo de relação que se estabelecia entre o divino e outro ser humano ou outros seres, como seres da floresta ou entidades espirituais.

Em conjunto, presumimos que tratar apenas das personagens femininas poderia ser por demais incompleto, ou sectário, e ao atribuir sentidos, também, às relações de divindades masculinas, poderíamos obter um escopo de possibilidades mais abrangentes e com sentidos melhor enredados para análises. Por último, realizamos a análise das figuras da Mãe e do Pai em relação ao Filho, e a relação desse com a natureza, à luz das teorias de gênero.

5. ESTUDO I³

RAIMUNDO IRINEU SERRA, UM KĀHIN NA FLORESTA: APONTAMENTOS A PARTIR DO LIVRO O SAGRADO DE RUDOLF OTTO

**Raimundo Irineu Serra, a kâhin in the forest: observation from Rudolf Otto's book
The Idea of the Holy**

Resumo

O presente artigo visa fazer alguns apontamentos sobre dois conceitos abordados por Rudolf Otto em seu livro *O Sagrado*, a saber, o conceito de numinoso e o conceito de kâhin, a fim de estabelecer uma relação com a história de Raimundo Irineu e a fundação da Doutrina do Santo Daime. Para tal, num primeiro momento, elucidamos brevemente os conceitos desenvolvidos por Otto em seu livro. Em seguida, apresentamos uma breve história da Doutrina do Santo Daime e alguns desdobramentos a partir da experiência de Raimundo Irineu. Finalizamos mostrando que Irineu faz a experiência do numinoso e, a partir dela, pode ser entendido como um kâhin na floresta.

Palavras-chave: Rudolf Otto, Raimundo Irineu, Santo Daime, Numinoso, Kâhin

Abstract

This article aims to point out two concepts elaborated by Rudolf Otto in his book *The Idea of the Holy*: the concept of numinous and the concept of kâhin, in order to establish a relationship between Raimundo Irineu's history and the foundation of the Santo Daime's Doctrine. To do so, in the first moment, we briefly elucidate the concepts developed by Otto in his book. After, we present a short history of the Santo Daime's Doctrine and some development from Raimundo Irineu's experience. Finally, we show that Irineu did the experience of the numinous and, from that experience, can be understood as a kâhin in the forest.

Keywords: Rudolf Otto, Raimundo Irineu, Santo Daime, Numinous, Kâhin

5.1 Introdução

Falar sobre o religioso não é uma tarefa tão simples como parece. Isso pelo fato de que as experiências religiosas se mostram como diversas em seu escopo, de maneira que tentar propor algum tipo de padronização é sempre algo muito perigoso. Contudo, tal característica não deve nos impedir de pensar alguns traços fundamentais que permitam identificar aspectos

³ Este Estudo já está publicado em revista científica.

Veliq, F., Teixeira, S., Gianordoli-Nascimento, I. F., Motti, G. L., & Couto, G. (2022). Raimundo Irineu Serra, uma Kâhin na floresta: apontamentos a partir do livro sagrado de Rudolf Otto. *Ad Aeternum*, 1(4), 86-108. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/adaeternum/article/view/8122>

do religioso presente em determinado grupo de pessoas.

O trabalho de Rudolf Otto no século XX sobre o Sagrado até hoje se mostra como um esforço importante empreendido pelo teólogo na tentativa de elucidar algumas características fundamentais sobre a categoria do sagrado e, posteriormente, a própria religião.

Como nos mostra a apresentação de Brandt feita para a edição brasileira do livro *O Sagrado*, de Rudolf Otto, a trajetória biográfica de nosso autor não chama muita atenção, sendo típica de um teólogo evangélico do final do século XIX e início do século XX. Ao mesmo tempo, porém, revelava dois aspectos atípicos para um teólogo universitário de seu tempo, a saber: 1) o gosto incansável por viagens como turista em diversos países, tais como Índia, China e Itália, dentre outros, o que interrompia seus compromissos universitários; 2) seu estado de saúde, que se tornou bastante debilitado a partir de 1895, vindo a ser internado em um clínica psiquiátrica na qual iria falecer em Marburg, em 1937, após entrar em depressão por causa dos sintomas de dependência de morfina que passou a usar depois de ter fraturado o colo do fêmur em 1936 (cf. Otto, 2007, pp. 10-13).

O que este artigo propõe é mostrar que Raimundo Irineu, fundador do que ficou conhecido como Doutrina do Santo Daime, pode ser entendido como um “protótipo primitivo de profeta” (Otto, 2007, p. 160) e, nesse sentido, peça fundamental para o surgimento da nova religião. Para aquilo que nos interessa neste artigo, apresentaremos dois conceitos que se mostram importantes para o desenvolvimento do sentimento religioso, segundo nosso autor. O primeiro, aquilo que denomina como numinoso, o segundo, a figura do *kāhin*.

Em sequência, apresentaremos uma breve e concisa história da religião sobre a qual vamos nos debruçar analiticamente. Nosso objetivo é menos pretensioso do que Bastide (1961) quando descreveu minuciosamente os deuses e ritualísticas envolvidas no Candomblé. Percebemos uma insuficiência de dados para tal intento, visto que a religião do Santo Daime é relativamente nova e ainda pouco estudada em seus aspectos ritualísticos. Faremos o possível para que os detalhes relacionados à religião sejam explorados, ainda que insuficientes para uma compreensão plena da religião.

Faremos sobretudo alguns paralelos a fim de reconhecer similaridades entre as duas religiões, pois duas coisas não de coexistir na estrutura das duas: a música e o *transe*, este último, chamado no Santo Daime de *miração*. Estes dois itens são muito importantes na doutrina do Daime e mereceram diversos estudos tanto na parte musical (Rehen, 2007, 2016; Ferro, 2012; Rabelo & Lucas, 2013; Assis, Labate, & Canvar, 2017) quanto no que diz respeito à *miração* (Assis, Labate, & Canvar, 2017; Ferreira Junior, 2017; Júnior, 2016;

Rehen, 2007, 2016; Ferro, 2012; Tuppe, 2011; Oliveira, 2010; Rabelo & Lucas, 2013; Santos, 2007; Labate & Pacheco, 2005; MacRae, 1992, 2000a, 2000b).

5.2 O numinoso e o profeta, a partir de Rudolf Otto

Otto tem claro que o sagrado é uma categoria religiosa e presente em todas as religiões, possuindo aspectos racionais e irracionais (cf. Otto, 2007, p. 34-36). Ao mesmo tempo, tal categoria não deve ser entendida como habitualmente o é, ou seja, como atributo moral (cf. Otto, 2007, p. 37-38). Para dar conta de tal empreendimento, Otto propõe a categoria do numinoso, categoria esta que não pode ser ensinada, mas apenas estimável e despertável no sujeito. Em suas palavras:

Como essa categoria é totalmente *sui generis*, enquanto dado fundamental e primordial ela não é definível em sentido rigoroso, mas apenas pode ser discutida. Somente se pode levar o ouvinte a entendê-la conduzindo-o mediante exposição àquele ponto da sua própria psique onde então ela surgirá e se tornará consciente. (...) Ou seja, nosso X não é ensinável em sentido estrito, mas apenas estimulável, despertável – como tudo que provém “do espírito”. (Otto, 2007, p. 38-39).

O sentimento do numinoso, segundo Otto, não é de base racional, mas algo que “eclode do fundo d’alma, da mais profunda base da psique, sem dúvida alguma antes nem sem estímulo e provocação por condições e experiências sensoriais do mundo, e sim nas mesmas e entre elas” (Otto, 2007, p. 151). Nesse sentido, fica claro que Otto pressupõe o espírito humano como existente e que não pode ser explicado, havendo, portanto, em todo ser humano, um pendor para a religião. (cf. Otto, 2007, p. 152-153). Em suas palavras:

Ninguém que com seriedade se tenha dedicado à antropologia e à psicologia poderá negar a existência de “pendores” e predisposições para a religião, as quais espontaneamente podem transformar-se em instintivo pressentimento [*Ahnen*] e busca, num inquieto tatear e desejo ansioso, ou seja, podem transformar-se em impulso religioso, que somente repousará quando tiver adquirido clareza sobre si mesmo e encontrado seu alvo (Otto, 2007, p. 153)

Uma vez definida a categoria do numinoso e tal pendor para a religião, o esforço de Otto está em mostrar o surgimento da religião na história. Não é interesse deste artigo passar por todos os estágios propostos pelo nosso autor. Focalizaremos somente naquele que ele considera como definidor de um início “realmente independente” da religião.

Segundo Otto, tal início se faz presente com o “surgimento da ideia do ‘espírito’”, do demônio (em sentido ainda não diferenciável entre demônio “bom” ou “mal”), que seriam “numes de efeito muito poderoso e que são objetos de intensa veneração”. Assim, segundo

Otto, tais numes podem ser entendidos como “objetivações puras do sentimento numinoso em si” e, nesse sentido, “visões de natureza profética” (Otto, 2007, p. 160).

Neste ponto entra o elemento fundamental para o surgimento de uma comunidade de culto, que é a figura do *kāhin*, que quer dizer vidente em árabe. Este é o que tem a experiência original com determinado nume, e a partir do qual tal comunidade cúltica tem seu início, sendo tal relação necessária, como afirma Otto: “Um nume sempre tem um vidente, e sem este não há nume” (Otto, 2007, p. 160). Tal elemento, por sua vez, segundo nosso autor, é bastante significativo para a evolução da religião, visto se limitar a ser “sentimento puro, sem objetivação imaginária” (cf. Otto, 2007, p. 162)

Após apresentarmos essas duas categorias, mesmo que brevemente, abordaremos a Doutrina do Santo Daime.

5.3 Doutrina do Santo Daime: breve contextualização histórica

A Doutrina do Santo Daime foi fundada na década de 1930 no estado do Acre (AC) por Raimundo Irineu Serra (1892-1971), conhecido como Mestre Irineu pelos seus seguidores. Comenta-se que Raimundo Irineu Serra, negro e robusto, foi um homem sábio e curador, além da sua diplomacia e credibilidade no âmbito político e militar (Moreira & MacRae, 2011). Moreira e MacRae (2011) apontam que, ao longo de sua trajetória, Mestre Irineu lidou com dificuldades e perseguições a fim de estabelecer o Santo Daime como religião respeitada e regulamentada nos meios oficiais – pois, além de ser mestre curador, tratado como curandeiro, seguia uma linha espiritualista com o uso de uma bebida psicoativa. Alguns registros contam que recebia um número considerável de pessoas que chegavam de outras partes do país até o Acre para conhecer a doutrina (MacRae, 1992).

Nascido no estado do Maranhão em 1892, Raimundo Irineu Serra foi, junto de muitos nordestinos, para a cidade da Boca do Acre-AC em 1912 no auge do Ciclo da Borracha, onde trabalhou na região amazônica em meio a condições miseráveis (Rebel, 2010; Moreira & MacRae, 2011). Isso fez com que ele entrasse em contato com novos paradigmas ambientais e culturais até então desconhecidos.

A religião fundada por ele e seus principais seguidores mostrou a diversidade de contatos com rituais religiosos, principalmente com a bebida psicoativa nomeada por ele de “daime”. Esta bebida fora inserida em seus rituais curativos marcando sua história de “mestre curador”. Mestre Irineu representava um guia espiritual que receitava medicinas variadas para

a cura de doenças das mais diversas ordens. Para os frequentadores, participar da doutrina do Santo Daime significava, além de tomar a bebida, seguir preceitos de boa conduta como arrependimento, reconhecimento dos maus hábitos, entre outros emitidos por Raimundo Irineu e cantados nos hinos durante os rituais (Rebel, 2010; Moreira & MacRae, 2011).

A bebida, conhecida no Peru como *ayahuasca* (tradução do *quéchua*, idioma da região peruana - *cipó das almas*), é chamada por outros nomes no Brasil, entre eles cipó e vegetal. A origem da ayahuasca é bastante discutida e ainda não datada com exatidão. Através de achados arqueológicos indica-se que a ayahuasca além de ter sido utilizada pelos Incas, teve seu primeiro registro de uso feito por jesuítas, que a chamaram de bebida diabólica (Alverga, 1992; Rebel, 2010; Neves, 2017). As associações historiográficas feitas com o povo Inca têm servido de base para a formação do mito fundador da religião, já que associá-lo a povos antigos provoca a sensação de tradição e enraizamento (MacRae, 2010; Neves, 2017).

Segundo relatos (Moreira & MacRae, 2011; Carvalho, 2015), Irineu Serra tomou a bebida pela primeira vez com caboclos peruanos por indicação de seu amigo da época do seringal, Antônio Costa. Conta-se que ele buscou a bebida para, quando estivesse em transe, encontrasse o diabo obtendo um pacto demoníaco em troca de bens materiais. A literatura mostra que o significado de demônio circundava a identificação de práticas indígenas amazônicas brasileiras e latinas desde o século XVII, quando as práticas não cristãs remetiam à adoração a diversos deuses, e as curas praticadas por pajés eram tidas como bruxaria e charlatanismo (Moreira & MacRae, 2011; Carvalho, 2015). Segundo registros, para a conversão de pajés indígenas ao cristianismo muitas vezes usaram da sua chacota em público, pois os jesuítas buscavam desmascará-los, tratando-os como enganadores. Muitos se sentiam envergonhados e se convertiam (Resende, 2003).

Assim, pode-se tentar elucidar que a busca pelo diabo pode ter mais a ver com a cultura cabocla do que a cristã. Sendo que o diabo não necessariamente fosse na época uma figura completamente negativa, como nos mostra o trabalho de Otto. Um exemplo disso é que percebemos hoje ainda o efeito social negativo ao falar da figura dos exus no Candomblé ou Umbanda, rapidamente são associados a categorias negativas, o que nem sempre é verdade (Nascimento, Souza & Trindade, 2001).

Mestre Irineu passou a chamá-la de daime, santo daime ou chá de santo daime, devido a sacralidade da bebida no ritual e do conteúdo dos ensinamentos que fora tendo após sua ingestão, levando-o à criação da religião. O chá é feito a partir da decocção de folhas de chacrona, nomeadas de rainhas por Mestre Irineu, e do cipó de mariri, nomeado de jagube também por ele. Os princípios ativos são alcaloides presentes no cipó e a dimetiltriptamina (DMT)

presente nas folhas. Os alcaloides do cipó impedem que enzimas façam a digestão de DMT e quebrem sua molécula, esta por sua vez chega intacta no intestino, ocasionando intensas reações psicoativas e fisiológicas. Cabe ressaltar que embora o DMT esteja presente em outros alimentos, ao chegar no intestino, não provoca os mesmos efeitos que o chá do Daime, pois não há a presença dos alcaloides do cipó (MacRae, 1992, 2000a; Santos, 2007; Moreira & MacRae, 2011).

Neste artigo entendemos os efeitos do chá como efeitos psicoativos que provocam mirações, ao invés de alucinações. Mesmo que a literatura tenha tratado largamente das substâncias psicoativas como alucinógenas, percebe-se que há um posicionamento psiquiátrico nesta caracterização, entretanto, buscamos enfatizar questões subjetivas psicossociais. O não uso do termo alucinógeno não exclui a importância dos estudos sobre efeitos psiquiátricos da bebida, nem exclui sua existência. Percebe-se que estudos sociológicos têm defendido completamente o uso da bebida em rituais religiosos em defesa da manutenção cultural e histórica de uma religião criada no Brasil. Por outro lado, o termo alucinação tem marcado um posicionamento de estudiosos e psiquiatras contra a legalização da bebida, excluindo fatores psicossociais do uso do chá (Tupper, 2011).

MacRae (1992) e Rebel (2010) declararam que alucinar também remete a errar, sair da consciência, enlouquecer em desvario, o que está em desacordo com a “cultura ayhauasqueira” ou religiões que fazem uso do chá. Estas defendem seu uso para a cura, tomar consciência de algo ainda não revelado e obter soluções de diversas ordens, alcançadas apenas no estado alterado de consciência proporcionado pelo uso ritual do chá. Para muitos, as plantas utilizadas são professoras ou mestras, justamente por trazer maior clareza e curas para problemas de cunho espiritual, físico e psicológico. Além disso, tem-se como crença que o contato espiritual com seres divinos é ocasionado em estados alterados de consciência obtidos com estas plantas também chamadas de enteógenas (Rebel, 2010; Tupper, 2011).

MacRae (2001) ressalta que na cultura indígena amazônica é comum o uso de plantas de efeito psicoativo, pois são utilizadas como veículo que dá acesso ao mundo espiritual obtendo durante o êxtase respostas para a cura de doenças, fenômenos sociais e ambientais. Os relatos contam que Irineu Serra quis experimentar a bebida em busca de uma solução dos problemas sociais que vivia e, com isso, iria chamar o demônio. Após tomar pela primeira vez, aponta-se a surpresa que teve ao invés de se encontrar com o diabo, como ele desejava, teria visto inúmeros crucifixos. Logo após esta primeira miração, ele viu uma senhora que se apresentou como “Clara”, sentada na lua onde se encontrava. Mais tarde esta entidade veio a ser reconhecida ou renomeada como a Nossa Senhora da Conceição. Moreira e MacRae

(2011) mostram relatos de nomes dados por Mestre Irineu a esta primeira imagem que foram, além de Clara, Senhora, Mulher e Princesa.

A lua é uma imagem recorrentemente citada em mirações de Irineu Serra, principalmente no início, em que os princípios fundadores da doutrina estavam sendo estabelecidos e mantinham proximidade com a cultura indígena e da floresta. Neste momento, em que houve a visão desta imagem feminina, se estabeleceu uma separação entre a prática comum dos caboclos que usavam ayahuasca e a prática proposta por Irineu, que pressupunha uma iniciação à doutrina, a qual seria realizada por ele em isolamento (MacRae, 1992; Moreira & MacRae, 2011).

Conta-se que Irineu passou um período isolado na floresta amazônica, tomando a bebida que ele mesmo produzia e comendo mandioca insossa por ordem da “Clara”, que outrora aparecera em suas visões. Há variações em relatos quanto ao número de dias que ficou isolado, aos diferentes nomes dados às entidades e detalhes sobre sua experiência. É possível observar, como apontam Moreira e MacRae (2011), que Irineu foi dando novos nomes ao cipó e à folha, assim como da bebida aproximando-os de uma nova identidade que viria a constituir a doutrina do Santo Daime. Após o isolamento do mestre Irineu foi criado por ele o Círculo de Regeneração e Fé (CRF).

5.4 Desdobramentos a partir da experiência de Irineu

O CRF era composto por frequentadores de reuniões dirigidas por Irineu com características espíritas, itinerantes devido a perseguição policial e frequentadas por maranhenses amigos de Irineu, em sua maioria negros. As reuniões foram suspensas entre as décadas de 1930 e 1940 e o CRF encerrou suas atividades em 1943. Ao que parece, nestas reuniões as comunicações espíritas eram comuns, eram pedidos conselhos aos espíritos para problemas diversos, eram receitados tanto remédios naturais quanto industrializados. Vale ressaltar que não se dispensava a medicina formal.

No CRF existiam práticas peculiares, como a atribuição de títulos de nobreza e patentes militares aos seus integrantes de acordo com sua evolução nos trabalhos espirituais, os quais eram observados por Irineu Serra. Neste momento, foi instruído por ele que se comesçassem a utilizar fardas – uniformes obrigatórios para frequentadores, durante as reuniões. Para homens, a farda se assemelhava no corte a um uniforme militar, mas com cores branca e azul, para trabalhos comuns e em datas comemorativas utilizavam-se paletós e gravatas, os quais sofreram modificações e incrementações durante o tempo. O mesmo

ocorreu com as fardas femininas as quais eram compostas por saias compridas plissadas, branca e azul, blusa de botão branca, uma faixa em formato de “y” e “saiotes” verdes para farda branca. Vale lembrar que a farda branca, em que se usavam saiote e faixa verdes, se diferenciava na forma de uso para mulheres adultas virgens e crianças. A faixa verde cruzava do ombro direito para o esquerdo nas mulheres virgens, e da esquerda para a direita em mulheres adultas, exceto as virgens (Moreira & MacRae, 2011). Todos esses direcionamentos que compuseram a montagem da doutrina do Santo Daime foram instruções colhidas por Mestre Irineu pela chamada rainha da floresta, ou Clara, em suas mirações.

Nesta parte inicial da doutrina Raimundo Irineu Serra esteve na região de Brasília/AC - região fronteira entre Acre e Bolívia e próximo ao Peru - e chegou a ter uma companheira já viúva e um enteado. Com ela, Irineu teve dois filhos: uma menina que faleceu com um ano e poucos meses de vida e um menino que ficou com a mãe após Irineu retornar para a capital do Acre, Rio Branco.

Neste retorno em 1920, Irineu Serra ingressou na guarda florestal, permanecendo até 1932. Em 1930, os trabalhos com o Santo Daime se iniciaram em sede fixa na Vila Ivonete, comunidade acreana de seringueiros e agricultores do Rio Branco, onde Irineu se uniu a uma nova companheira. Raimundo Irineu Serra obteve três casamentos desde que se estabeleceu na comunidade do Alto Santo. Alguns dos integrantes da doutrina que acompanharam Raimundo Irineu, denominados “companheiros do mestre”, o conheceram neste período no ambiente militar. Esta permanência de Irineu Serra no meio militar fez com que as perseguições que sofria anteriormente cessassem. Irineu fez amigos de grande estima, os quais ajudou com a cura de diversas doenças aparentemente sem solução e, com isso, passaram a respeitá-lo como mestre curador (MacRae, 1992; Moreira & MacRae, 2011).

Na década de 1940, Irineu obteve uma doação de terras, onde estabeleceu a sede do Santo Daime e hoje se localiza o denominado Alto Santo. Ali se estabeleceu o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU), abrigando inicialmente um número próximo de 40 famílias. Neste intervalo entre 1930 e 1940 a doutrina ganhou força, adeptos, novas regras, além das influências que se mostravam como parte da doutrina, uma delas seria a ordem Rosa-Cruz (MacRae, 1992). Entre 1930 e 1945 os primeiros seguidores estiveram unidos a Raimundo Irineu, entre eles famílias e pessoas que buscavam a cura junto ao guia espiritual que também se formava.

Os primeiros trabalhos mais próximos do que hoje se mantém foram chamados de “concentração” e “cura”. Todos sentados e parte do tempo em silêncio, sendo que o bailado, em pé e em movimento, veio posteriormente. Todos os participantes ficavam uma hora e meia

sentados em silêncio no escuro, após tomarem uma dose de santo daime (MacRae, 1992; Moreira & MacRae, 2011). Atualmente, o CICLU se mantém no Alto Santo, buscando manter a forma dita mais fiel dos ensinamentos que Irineu deixou (Moreira & MacRae, 2011).

Muitos trabalhos de cura para problemas físicos foram realizados por mestre Irineu, segundo relatos de seus seguidores. Dizem que era comum que Irineu tomasse conhecimento do que deveria ser feito com a pessoa que o procurava após tomar o daime inclusive em dias fora das reuniões. Ele usava o daime como medicina para descobrir qual seria o remédio certo para aquela pessoa entrando em contato com a espiritualidade denominada “Rainha da Floresta” ou “Clara”. Geralmente, quem buscava ajuda de Raimundo Irineu Serra estava em algum tipo de crise e Irineu buscava auxílio com as mirações. Mestre Irineu impunha ordem e disciplina no cotidiano de diversas famílias, muitas delas migrantes de outros estados, que haviam lidado com a borracha e sua derrocada. Junto disso, ele auxiliava além do entendimento da dura realidade que todos enfrentavam, incitava o sentimento de pertença à comunidade e de bem estar apesar das adversidades (Moreira & MacRae, 2011).

A partir de 1935, os trabalhos de cura às quartas e aos sábados começaram a ter uma regularidade e os trabalhos com hinos começaram a ser realizados. Nesta data relata-se que o “Cruzeiro” tinha apenas cinco hinos e junto destes eram cantados outros de seus amigos, três homens (João Pereira, Germano Guilherme e Antônio Gomes) e uma mulher, chamada Maria Damião, os quais mais tarde ficaram conhecidos e intitulados socialmente como os “Companheiros do mestre”.

Segundo Moreira e MacRae (2011), os hinos também tinham a função de disciplinar e ao mesmo tempo esclarecer a realidade em que viviam. A partir dos hinos se compreendia melhor o cotidiano e os fatos históricos, como guerras e conflitos territoriais. Nos hinos ainda se encontravam conforto e davam vazão às chamadas peias, caracterizadas pelo mal estar físico, diarreia, vômito, e por efeitos psicológicos tais como despersonalização, desorientação, medo, visões e mirações com seres negativos.

Neste período se recebia e avaliava hinos. Segundo relatos da comunidade do Alto Santo coletados por Moreira e MacRae (2011), as pessoas associavam os acontecimentos, como doenças e mortes, aos hinos recebidos por Irineu. E além desses acontecimentos mais marcantes os hinos também se remetem a datas cristãs, como o Dia de Finados, o nascimento e a morte de Jesus Cristo. Várias pessoas também começaram a receber hinos criando novos hinários além do “Cruzeiro”.

Para o “mestre”, como assim o chamavam, era preciso diferenciar se o hino era realmente recebido sob o que se chama de “força” do daime ou composto, sem que a pessoa

estivesse sob influência da mesma. Para isso, contava-se com Dona Percília, que quando criança fora curada de malária com ajuda de Irineu Serra, filha de Antônio Ribeiro, um dos nordestinos que havia migrado durante o Ciclo da Borracha. Dona Percília tornou-se uma das seguidoras do mestre e foi convidada a auxiliá-lo nesta tarefa de “correção” dos hinos e também que ela zelasse pelo hinário “O Cruzeiro”. Com isso, ela deveria guardar as palavras corretas para que não mudassem, entonações, ordens das músicas, qual delas se cantava mais de uma vez, entre outros detalhes que não deveriam sofrer mudança.

Com o tempo foram estabelecidas regras que deram maior conformidade aos trabalhos em dias de reuniões. Um exemplo foi a escolha da cruz de Caravaca para simbolizar o Santo Daime, passando a ser reconhecida como Cruzeiro. Outros símbolos e elementos foram sendo incluídos como a farda, o bailado (passos de dança contados da esquerda para a direita durante os rituais), o uso do maracá (instrumento similar ao chocalho indígena) e a separação de homens e mulheres no salão da igreja.

Irineu ao final da década de 1950 fez uma viagem até sua terra natal no Maranhão, São Vicente Férrer. Lá pretendia encontrar com sua mãe, que já tinha falecido em 1945. Além disso, quis retomar laços com outros familiares os quais já haviam saído dali. Ele tinha ficado quarenta e cinco anos sem voltar à sua cidade. Passou três meses nesta viagem e de lá trouxe seu sobrinho e filho de criação Daniel Serra, um dos contemporâneos de Irineu que ainda está vivo, e alguns parentes os quais foram convidados por Irineu Serra para retornar com ele para o Acre. A década de 1950 também foi marcada pelo aumento do número de pessoas em torno do mestre, famílias que ali chegavam, como os “Granjeiro” e pessoas que se juntaram ao mestre pela sua doutrina. Cabe apontar que a comunidade daimista da época era pouco letrada, regida pela tradição oral dos rituais. Não havia um livro ao qual seguiam, seguia-se as palavras do mestre, dos hinos e das mirações, os quais foram se construindo e se ressignificando com o tempo e a experiência de Irineu Serra.

Na década de 1960, durante o período da ditadura militar, apesar do medo, Irineu obteve apoio político para manutenção dos rituais da doutrina e também para construção de uma infraestrutura que auxiliasse as famílias a sobreviver e trabalhar nas imediações da igreja. Mestre Irineu chegou a se filiar ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (CECP) que ajudou a formalizar os trabalhos de concentração, de forma que ocorriam em datas fixas nas quais pronunciava-se dizeres específicos de um certo nível de letramento, o qual a comunidade ali ainda não compartilhava. Irineu utilizava como referência espiritual o livro Cruz de Caravaca do Círculo Esotérico que segundo Moreira e MacRae (2011) ele utilizava para sessões de exorcismo. Houve também diversas utilizações dos símbolos esotéricos do

CECP que deram concretude ainda maior aos significados daquilo que viviam na nova doutrina. Esse período foi de suma importância para a consolidação da doutrina, dos rituais, roupagens, hinos, datas e tipos de trabalhos (Moreira & MacRae, 2011).

A partir da década de 1960, com os movimentos de contracultura e buscas de expansão da consciência por diversos grupos sociais, vivenciou-se a expansão da doutrina para fora da região amazônica. Muitos que buscavam novas formas de religiosidade e de vida aderiram à doutrina do Santo Daime. A sua expansão, que culminou na abertura de diversos outros centros no Rio Branco – AC, na colônia Cinco Mil, próxima ao Alto Santo e pertencente à família Gregório. Esta sede foi dirigida por Sebastião Mota, um dos grandes seguidores de Mestre Irineu. Apesar de não ter participado de todos os trabalhos, Irineu sempre esteve por perto e foi uma referência bastante forte para os seguidores da doutrina daimista, como ainda o é para vários centros religiosos que seguem a linha do Mestre Irineu (MacRae, 1992; Moreira & MacRae, 2011).

Em 1971 a sigla CICLU foi utilizada oficialmente a partir do registro do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal. Observa-se que outras linhas também foram criadas e a doutrina de “Mestre Irineu” foi se rearranjando de acordo com as dissidências e uniões a outros parâmetros religiosos, tal como a umbanda (Moreira & Macrae, 2011; Labate & Pacheco, 2005).

5.5 O Estatuto do Santo Daime

Segundo MacRae (1992) e Moreira e MacRae (2011), na década de 1970 mestre Irineu já sofria de algumas doenças, sentindo que poderia estar próximo de morrer. Por amizade com um escrivão da polícia pediu que escrevesse o “Estatuto” do CICLU (ANEXO 1), que seria registrado como instituição religiosa. Isso apoiaria a legalização do uso do chá durante os rituais e encontros religiosos proporcionados por Irineu e seus seguidores. Além disso, buscava-se a aceitação social do culto do Daime, o qual frequentemente era acusado de santificar um homem negro, mostrando que a cor da pele de Irineu assim como a maioria dos seus seguidores da época era uma questão marcante na identidade daimista. Fora isso, comentam que Irineu não teria ficado muito satisfeito com o conteúdo do Estatuto, o qual institucionalizou formalmente relações que se davam naturalmente ou no âmbito dos comandos da Rainha da Floresta, sincretizada na figura católica de Nossa Senhora da Conceição (Moreira & MacRae, 2011).

O texto do manuscrito era bastante formal e fora do linguajar comum dos seguidores

da época. A maior questão do novo Estatuto era a criação de uma direção e de uma tesouraria a qual seria responsável pela arrecadação monetária. Haveria a partir dali a cobrança em dinheiro dos participantes da doutrina, assim como multa por mal comportamento e expulsão por reincidência. Envolver dinheiro nos rituais de forma institucionalizada colocaria a doutrina num novo patamar a partir dali, que se aproximava de um círculo pago entre religiosos para se tomar a bebida. Quando mestre Irineu se encontrou com a rainha no início da doutrina, selando o juramento de nunca cobrar para ser um curador, para ele estaria fazendo exatamente o contrário do combinado. O mestre parece não ter aceitado as novas regras de muito bom grado, entretanto, seguia as regras que se impunham. Ao criar a diretoria como impositivo para a institucionalização da doutrina, Irineu buscou quem poderia assumir a direção, sendo indicado por ele seu amigo Leôncio Gomes, o qual na época deveria escolher um vice-presidente. Irineu dizia que apesar de haver esta institucionalização o comando seria sempre dele, mesmo quando falecesse, pois comandaria a doutrina do Santo Daime espiritualmente (MacRae, 1992; Moreira & MacRae, 2011).

Várias mudanças e instruções foram dadas por Irineu pouco tempo antes de falecer. Por exemplo, o uso da farda de cor azul nos dias de concentração, formas de cantar os hinos durante os rituais e também houve a redação do Decreto de Serviço (ANEXO 2), feito a pedido dele. Já com a saúde abalada e prevendo que poderia falecer, organizou os rituais, concretizou seus ensinamentos de modo que pudessem ser seguidos conforme ele ensinou, e não fossem esquecidos.

As instruções do Decreto de Serviço consistem em estabelecer regras e normas de comportamento dos membros daimistas. Refere-se aos pais de família com direcionamentos de comportamento, educação de si e com os membros e como realizar o exercício de seus lugares na família. Há também a menção aos cuidados com as crianças das famílias, garantia da paz e harmonia. Prezava-se junto a isso a saúde física, mental e espiritual da comunidade. Mestre Irineu deixou por escrito algumas instruções para o decorrer do trabalho do daime, entre elas, lugares que homens e mulheres deveriam ocupar, assim como crianças e idosos, além da ordem e tempo de cada momento do ritual, incitando a disciplina, a compreensão e a consciência.

O Decreto de Serviço é tratado como uma série de normas que os daimistas devem seguir, e foi instruído por Irineu que fosse lido em voz alta em determinados momentos dos rituais. Além dessas instruções, deixou outras normas referentes ao feitio da bebida e no tocante às datas da execução do seu Hinário “O Cruzeiro”, as quais foram sendo adaptadas às comunidades com o tempo (Moreira & MacRae, 2011).

À medida que a saúde de Irineu se agravava desde o início da década de 1970, ele recebia hinos que indicavam sua partida em breve tempo. Em 1971, pouco depois de arregimentado o Decreto de Serviço, Irineu Serra vem a falecer, exatamente na manhã de 6 de julho de 1971, com isso muitos se entristeceram, gerando uma grande comoção em toda a comunidade daimista e fora dela. Naquela ocasião, durante o velório homenagearam o mestre realizando uma cerimônia com o chá do santo daime, cânticos e com o uso da farda branca, até então não usada nesta cerimônia. Registrou-se a importância desse momento quando o compararam os cortejos similares a velórios de autoridades políticas e militares, percebendo-se a ligação que o mestre do daime tinha com esses dois setores. As boas relações dos políticos e militares com Irineu mantinham o respeito social em relação ao Santo Daime, tais instituições propiciavam possibilidades legais da doutrina existir, evitando assim sua proibição e ostracismo (Moreira & MacRae, 2011).

Sebastião Mota fora conhecido por lançar mão da colônia Cinco Mil e é bastante estudado e seguido na doutrina do Santo Daime, por estar adepto a uso de outras medicinas e estar vinculado ao chamado neo-xamanismo pela antropologia (MacRae, 1992, 2000b; Labate & Pacheco, 2005; Santos, 2007; Rebel, 2010; Moreira & MacRae, 2011; Tupper, 2011). O chamado Padrinho Sebastião distribuiu a doutrina do Santo Daime por muitos outros locais realizando comitivas em que conheceu os pontos de daime que auxiliaria e permitiria abrir junto de seu nome e de seu apoio (MacRae, 1992). Neste caso, considera-se a linha do Padrinho Sebastião Mota mais aberta a se unir a religiões e curas contemporâneas, quebrando com a linha do Mestre Irineu no sentido de manter a tradição religiosa exatamente como deixou Irineu.

Após a ocasião do falecimento do Mestre Irineu, o Estatuto criado anteriormente não chegou a ser cumprido, mas sim modificado, principalmente pelos novos adeptos já que outras religiões estavam ali se agregando trazendo novas formas de se ver o mundo e de conceber regras morais. A exemplo disso, Sebastião Mota, chamado por muitos de padrinho na doutrina, seguidor de referência para muitos, aderiu a trabalhos de mesa espiritual aberta e umbanda junto ao daime. Houve a abertura de pontos de daime em outros estados, tendo como grande referência na história da doutrina a chegada do Santo Daime no Rio de Janeiro - RJ em meados da década de 1960 (MacRae, 1992; Moreira & MacRae, 2011). Aquele Estatuto, entretanto, auxiliou a morosa legalização do uso da ayahuasca na Doutrina do Santo Daime, ocorrida apenas em 2004. A controversa questão de ser uma bebida psicoativa fez com que a mídia e diversos estudos se debruçassem sobre seus efeitos, possibilitando a sua regulamentação pelo órgão governamental Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas

(CONAD) para uso religioso no Brasil (MacRae, 1992; 2000b; Labate & Pacheco, 2005; Santos, 2007; Tupper, 2011; Moreira & MacRae, 2011).

5.6 Estrutura da Doutrina do Santo Daime

Percebemos assim, que há quatro eixos normativos que norteiam a Doutrina do Santo Daime da linha criada por Mestre Irineu identificada como CICLU. Estes quatro eixos se dividem entre oficiais e não-oficiais. Entre os oficiais estão o Estatuto, o Decreto, e o Hinário “O Cruzeiro”. Entre os não-oficiais estão os ensinamentos adquiridos na convivência com Mestre Irineu e após sua morte com seus contemporâneos. Este último eixo se manteve na oralidade e na passagem do conhecimento dos mais velhos aos mais novos durante sua inserção na doutrina do Santo Daime. Lembra-se que a musicalidade não é o mesmo que o Hinário oficial, musicalidade está no ato de receber o hino e ser passado e mantido durante sua gênese na base da oralidade.

Além da estrutura musical, percebe-se que as práticas ritualísticas envolvem necessariamente uma diferenciação entre os gêneros masculino e feminino. Existe a presença da figura feminina bastante importante no Hinário e na forma que ele foi recebido, que foi através da entidade Virgem da Conceição, chamada também de Rainha da Floresta, entre outras denominações. Existe também uma organização dos rituais diferenciada por gênero através de vários exemplos: as vestimentas, ou fardas, são diferentes para homens e mulheres; assim como os tons musicais; a forma de tocar o maracá⁴; a disposição de homens e mulheres no espaço onde ocorrem os trabalhos; os lugares de permanência de homens e mulheres durante os trabalhos; o não contato entre homens e mulheres durante os trabalhos e as funções delegadas aos dois sexos no decorrer dos trabalhos e no cotidiano da igreja.

A religião do Santo Daime se liga a três eixos que formam redes atuantes em ambos os sentidos, não necessariamente se excluindo. Partições como o sincretismo, ayahuasca, Mestre Irineu e os eixos normativos foram feitas para que pudéssemos ver a predominância de fatores que classificam o Santo Daime enquanto religião e não outra instituição.

Da ayahuasca ao sincretismo vê-se uma ligação, que tem por significância a transformação de uma bebida indígena numa bebida ingerida por todos dentro de uma instituição religiosa. Tendo-se ali uma união multiétnica de negros e indígenas até então conforme relatos. As nomenclaturas também sofreram adaptações, somado ao mito de origem

⁴ Instrumento de percussão introduzido por Mestre Irineu nos rituais.

que varia, não temos uma única versão. Mesmo assim, consideramos o termo Clara já fora dos ditames católicos, pois não se refere a Santa Clara. O bailado também entra no sincretismo pois o movimento de corpo indígena e da marujada (Junior, 2016) também se parece ao movimento dentro da igreja. Observamos a presença sobressalente do sincretismo religioso em relação à parte indígena, negra e cristã que impuseram novas nomenclaturas a objetos, rituais ou modos de operar para que coubessem na doutrina da religião do Santo Daime.

O tema da paramentação diz respeito ao uso de estrelas de prata na altura no peito nos uniformes por homens e mulheres, uso das chamadas alegrias (fitas de diversas cores) por mulheres nas fardas brancas, assim como coroas. E o uso do instrumento maracá que muito se parece com o chocalho indígena e com o instrumental do tambor de mina (Junior, 2016).

Por ritualística entendemos que tudo que precisa ser feito para que um dia de sessão com ingestão do Santo Daime seja feito, seja o feitio da bebida, seja a própria confecção dos hinários para ser usado durante a sessão, seja a confecção da farda, e fora isso as pessoas novatas ainda se preparam para ir neste local, onde existem regras próprias a serem seguidas.

Algumas criações simbólicas do Mestre Irineu se fizeram parecer enquanto sincretismo de base espiritualista e cristã. Elas têm sua importância na medida em que mantêm, comunicam e constroem na religião símbolos fixos como é o caso da Cruz de Caravaca. O Livro da Cruz de Caravaca fora utilizado nos tempos em que Irineu estava vivo, nos dias atuais não se usam mais nas igrejas a não ser o Decreto e o Hinário. Estes dois últimos fazem parte dos eixos normativos compostos também pela oralidade ali utilizada e pelo Estatuto.

Há normas morais e de saúde que os daimistas devem seguir para obterem a cura ou sanar algum mal que querem eliminar, seja ele de qual ordem for. Os preceitos devem se tornar realidade no âmbito da crença e atitude. Ao seguir o Decreto ou o que dizem os hinos crê-se, por exemplo, que a pessoa é agraciada de uma vida melhor, com saúde. No Hinário temos normativas de condutas humanas. Tem-se conjunto normas de saúde física, mental, psíquica e espiritual. O Decreto também prescreve normas de conduta.

Por último, o Estatuto permitiu que o âmbito da institucionalização pudesse compor a religião. A criação do Estatuto só foi possível a partir de contatos governamentais de Mestre Irineu. A palavra farda é ligada ao governo militar historicamente, e utilizar uma vestimenta chamada farda também trazia a ideia de seriedade e imponência.

Dessa forma, a religião poderia ser respeitada por órgãos públicos e assim protegida de perseguições. Além disso, houve com este vínculo a ajuda governamental para que famílias se instalassem no local. Algumas famílias foram fundamentais para que Mestre Irineu

prosseguisse com a criação da religião, que se tornaram mais tarde em “Os Companheiros Do Mestre” que foram pessoas de referência como o são até os dias atuais conforme percebemos na literatura (MacRae, 1992; Rebel, 2010; Moreira & MacRae, 2011; Ferreira Junior, 2017).

5.7 Considerações finais

Após todo esse percurso, algumas indicações podem ser feitas na tentativa de perceber a relação existente entre aquilo que é proposto por Rudolf Otto e a experiência vivenciada por Irineu, na criação da Doutrina do Santo Daime.

Em primeiro lugar, a experiência do Sagrado feita por Irineu. Como mostramos, a experiência do Sagrado foge a uma apreensão conceitual, sendo algo estimulável e despertável no ser humano. No caso, Irineu estava em busca da solução de alguns problemas, servindo isso como motivador para a ingestão da bebida. Após ingerir, tem uma visão de Clara sentada na Lua. Tal visão, por sua vez, olhando racionalmente, não faz o menor sentido, visto que seria impossível aos olhos humanos enxergar alguém situado na lua. Ainda que Irineu tenha dado um nome para esse numinoso que lhe aparece, tal nome aparenta ser mais uma vinculação a uma figura religiosa já conhecida, do que propriamente a conceitualização daquilo que lhe aparece.

Em segundo, é possível perceber que Irineu se torna, a partir da sua experiência, um *kāhin*, visto que esse passa a ser o intermediário entre as instruções passadas por Clara e a comunidade que vai se formar ao redor de seu testemunho. Nesse sentido, Irineu é aquele que tem a experiência original de determinado nume e, a partir desse quando e onde que tal entidade se mostra, foi criada a comunidade que se transformou posteriormente na Doutrina do Santo Daime. Com isso em mente, é possível estabelecer uma relação direta entre a experiência de Irineu e a proposta de Otto, de maneira que podemos considerar o fundador da Doutrina do Santo Daime como um *kāhin* na floresta.

Por fim, vale ressaltar que ainda que as experiências religiosas se mostram diversas, os apontamentos oferecidos por Rudolf Otto podem cooperar muito para uma melhor compreensão do fenômeno religioso na contemporaneidade. No entanto, ainda se torna necessário o aprofundamento em novas categorias de análises que fujam de um padrão eurocêntrico e colonizador, principalmente para posteriores estudos sobre as diferentes experiências religiosas ao redor do mundo.

Referências

- Alverga, A. P. (1992). *O guia da floresta*. Rio de Janeiro, Record.
- Assis, G. L., Labate, B. C., Cavnar, C. (2017). Música, tradução e linguagem na diáspora do Santo Daime. *Revista De Antropologia*, 60(1), 165-192. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.132102>
- Bastide, R. (1961). *O candomblé da Bahia (rito nagô)*. Ed. Nacional
- Bastide, R. (1973). *Estudos afro-brasileiros*. Perspectiva.
- Carvalho, Francismar Alex Lopes. (2015). Imagens do demônio nas missões jesuíticas da Amazônia espanhola. *Varia Historia*, 31(57), 741-785. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-87752015000300005>
- Ferreira Junior, Ubirajara. (2017). "*Alucinação chama-se luz*": o proibido estudo fino de Santa Maria e demais seres de luz e curas no Santo Daime. [Grupo de Trabalho]. 6º Congresso Internacional Abramd: Drogas e Autonomia: Ciência, Diversidade, Política e Cuidado, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- Ferro, Kelem Carla Alves. (2012). *A música nos rituais de cura do Santo Daime*. [Dissertação de mestrado em Artes. UFPA.]. http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7607/1/Dissertacao_MusicaRituaisCura.pdf
- Júnior, Josué Silva Abreu. (2016). *A Cura No Santo Daime: Concepções de saúde e doença nas linhas do Alto Santo*. [Dissertação de Mestrado Universidade Federal da Bahia]. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30644>
- Labate, B; Pacheco, G. (2005). As origens históricas do santo daime. Em R. Venâncio, H. Carneiro (Orgs.), *Álcool e drogas na história do Brasil* (231-255). Alameda; Editora PUCMinas.
- Macrae, E. (1992). *Guiado pela lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- Macrae, E. (2000a). *El Santo Daime y la espiritualidad Brasileña*. Quito: Abya –Yala.
- Macrae, E. (2000b). Introduccion: Los Enteogenos Y Las Tradiciones Espirituales De La Amazonia. Em E. MacRae, *El Santo Daime y la Espiritualidad Brasileña* (11-14). Abya –Yala.

- Moreira, P. & Macrae, E. (2011). *Eu venho de longe: mestre Irineu e seus companheiros*. Salvador: EDUFBA, São Luís: UFMA.
- Nascimento, Adriano R. A., Souza, Lídio, Trindade, Zeidi A. (2001). Exus e Pombas-Giras: o masculino e o feminino nos pontos cantados da umbanda. *Psicologia em Estudo*, 6(2), 107-113.
- Neves, André C. (2017). *O processo de patrimonialização da ayahuasca no Brasil: conquistas, disputas & tensões*. [Dissertação de mestrado - Universidade Federal da Bahia]. https://ppgcs.ufba.br/sites/ppgcs.ufba.br/files/andre_-_ayahuasca_pdf.pdf
- Oliveira, Isabela L. (2010). Breve Histórico Da Ressignificação Da Ayahausca Na Religião Santo Daime. *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, 7(2), 316-342.
- Otto, Rudolf (2007). *O Sagrado*. São Leopoldo: Sinodal.
- Rabelo, Kátia B. & LUCAS, Glauro. (2013). *Daime Música: identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina Daime*. [Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais]. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AAGS-9RUHVR>
- Rebel, M. C. (2010). “*Salve A Luz E Salve A Força*”: *Dimensões Psicossociais Na Doutrina Do Santo Daime*. [Tese de Doutorado em Psicologia Social. UERJ]. <https://www.btdt.uerj.br:8443/handle/1/15071>
- Rehen, L. (2007). “Receber Não É Compor”: Música E Emoção Na Religião Do Santo Daime. *Religião e Sociedade*, 27(2), 181-212. <https://www.scielo.br/j/rs/a/mNSnrMjDdsfFN8LXRkMZF4q/?lang=pt&format=pdf>.
- Rehen, Lucas K. F. (2016). *Texto E Contexto Da Música No Santo Daime: Algumas Considerações Sobre A Noção De "Eu"*. 22(2), 469-492. <https://doi.org/10.1590/1678-49442016v22n2p469>.
- Resende, Maria L. C. (2003). Entre a cura e a cruz: jesuítas e pajés nas missões do novo mundo. Em S. Chahlob, et. al. (Orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos da história social* (231-272). Editora da UNICAMP.
- Santos, Rafael G. (2007). Ayahuasca: neuroquímica e farmacologia. *Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 3(1). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762007000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Tupper, Kenneth. *Enteógenos e Inteligência Existencial: Plantas Mestres como Instrumentos*

Cognitivos. *Revista Periferia*. 2(2), 201.

6. ESTUDO II

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESTRUTURA DA DOCTRINA DO SANTO DAIME NO HINÁRIO “O CRUZEIRO”

SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE STRUCTURE OF THE DOCTRINE OF SANTO ON DAIME’S HYMNAL “O CRUZEIRO”

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar as representações sociais existentes na estrutura da doutrina da religião do Santo Daime. Para tanto, realizou-se uma análise lexical do Hinário “O Cruzeiro”, considerado uma das bases da doutrina. Como resultados encontramos no dendrograma: Elementos da doutrina; Herança cristã; Comportamentos ético-morais relacionados ao pai; Comportamentos ético-morais relacionados à mãe e Não desvirtuar. Percebe-se a importância da constituição da família cristã patriarcal, representada pela sagrada família nos hinos. Além disso, observa-se que a questão de gênero atua como guia para as ações dos participantes. O sincretismo religioso também se faz bastante presente. Dessa forma, entende-se que o Santo Daime é uma religião brasileira sincrética, que busca parâmetros identitários e representacionais na religião católica, em preceitos indígenas e espiritualistas para sua permanência.

Palavras-chave. Santo Daime; Análise lexical; Representação Social; Gênero; Família patriarcal.

Abstract

This article aims to investigate the existing social representations in the structure of the Santo Daime religion doctrine. For that, a lexical analysis of the Hymnal "O Cruzeiro" was carried out, considered one of the bases of the doctrine. As results we find in the dendrogram: Elements of the doctrine; Judeo-Christian heritage; Ethical-moral behaviors related to the father; Ethical-moral behaviors related to the mother and Do not misrepresent. It is noticed the importance of the constitution of the patriarchal Christian family, represented by the holy family in the hymns. In addition, it is observed that the gender issue acts as a guide for the actions of the participants. Religious syncretism is also quite present. Thus, it is understood that Santo Daime is a syncretic Brazilian religion, which seeks identity and representational parameters in the Catholic religion, in indigenous and spiritualist precepts for its permanence.

Keywords. Santo Daime; Lexical analysis; Social Representation; Gender; Patriarchal family.

6.1 Introdução

Raimundo Irineu Serra, considerado criador da doutrina do Santo Daime, pode ser compreendido como “protótipo primitivo de profeta”, o que significa que sem ele a religião não teria surgido. Além disso, tem-se o sentimento do numinoso que surgiu em Irineu ao tomar a bebida e entrar em contato com a Virgem da Conceição através de uma miração. Após esse contato, foi dito a ele que seguisse e criasse a doutrina e o Hinário, conforme os ensinamentos da virgem, tendo ele se tornado um kâhin da floresta, ou seja, um vidente na mata (Veliq *et al*, 2022; Otto, 2007).

A partir disso, uma comunidade inteira se forma ao seu redor trazendo, em cânticos, os ensinamentos a partir das mirações, visões espirituais durante o ritual após o uso da beberagem. Temos, com isso, a importância do Hinário “O Cruzeiro” e da Virgem da Conceição, como aparição primordial da Doutrina. Conforme aponta Benedito (2019), a devoção mariana dentro da religião do Santo Daime é de fundamental importância, pois fez parte da elaboração do culto e deu suporte para a legitimidade do mesmo diante de seus membros. Para a autora, as aparições de imagens de Nossa Senhora ocorreram sempre em momentos de crise, como foi o caso do Santo Daime, diante de um contexto de miséria e de derrocada do ciclo da borracha.

Os eixos normativos da religião do Santo Daime (Veliq *et al*, 2022) exprimem sua parte oficial e não-oficial, cada qual com sua importância. Verifica-se que a oralidade é fundamental para a manutenção da Doutrina e, além disso, o Hinário “O Cruzeiro” trata de dar forma à religião, oficializando-a.

O Hinário “O Cruzeiro” possui 129 hinos e exprime a construção da doutrina de acordo com passagens importantes da vida e da morte, de figuras da religião católica e de influência cabocla. Estas parecem ter sofrido um sincretismo entre figuras católicas e do Santo Daime, o próprio mestre Irineu que, segundo Moreira e MacRae (2011), se dizia católico. Além das figuras católicas, há elementos do universo indígena e do espiritualismo. Existem diversas mensagens, incluindo normas e códigos, a serem seguidos pelos praticantes do Daime. Mestre Irineu foi “recebendo” os hinos conforme a passagem do tempo, de acordo com sua história e com o que ocorria em seu contexto. Nos hinos, se dizem cantar as experiências do mestre e temas que envolvem a natureza, a morte, a cura e as relações entre as pessoas (Rabelo, 2013; Moreira & MacRae, 2011).

6.1.1 O estudo de aspectos psicossociais por meio da musicalidade

O Santo Daime é uma religião musical que vem sendo estudada ao passo que o Hinário “O Cruzeiro” vem sendo alvo de publicações científicas e literárias (Rabelo, 2013). Segundo Labate e Pacheco (2005), algumas entidades cristãs são citadas no Hinário junto a figuras do universo indígena conhecidas nas culturas da floresta ou, ainda, reveladas em mirações. Dentro das culturas da floresta nota-se nitidamente a referência ao Tambor de Mina, religião proveniente do Maranhão (Labate & Pacheco, 2005; Junior, 2016).

Dessa forma, a música é um elemento muito importante para essa religião, sendo tema de vários debates (Rehen, 2007, 2016; Ferro, 2012; Rabelo, 2013; Assis, Labate, & Cavnar, 2017). A música, no caso deste trabalho, poderá ser definida como “art of combining sounds or sequences of notes into harmonious patterns pleasing to the ear and satisfying to the emotions”⁵ (Manchaiah, Zhao & Ratinaud, 2019 apud Sheriff; 2014, p.1). Sendo assim, é a partir da música que temos o fundamento da religião do Santo Daime. A partir dela, os dizeres tomam significância na realidade.

A análise textual como parte das pesquisas qualitativas engloba a análise de letras musicais, conforme aponta Napolitano (2002), cujos escritos elucidam sobre a característica musical da cultura brasileira. Diz-se que nossa cultura favorece o estudo das produções musicais, seja ele histórico, memorialístico ou como forma de investigação das representações presentes no grupo que utiliza a música para se comunicar. Um aspecto importante apontado por Napolitano (2002) é observar a cena musical em que o conteúdo analisado surge, pois ali manifestam-se estilos, gostos, hierarquias, ritmos, uso de determinados instrumentos e tipos de voz entre diversos elementos que caracterizam um tempo histórico.

Um exemplo disso foi o cenário musical brasileiro do século XIX, que assistiu a um crescimento da música religiosa, sobretudo através de irmandades negras que se dedicavam à liturgia da igreja católica. Apesar da música clássica ter sido gradativamente mais valorizada, os ritmos populares mantiveram-se também em produção. A música clássica ainda não era elitizada no país, sendo que os músicos eram majoritariamente compostos por negros, escravos e escravos. Vale lembrar que a música sacra obtinha uma influência clássica, ainda que o fazer musical fosse pouco valorizado, enquanto as músicas populares tinham a criação

⁵ Arte de combinar sons ou sequências de notas em padrões harmoniosos agradáveis ao ouvido e satisfatórios para as emoções (tradução livre).

dentro da oralidade e poucos registros oficiais nas camadas populares (Napolitano, 2002).

De alguma forma, as músicas negras religiosas se mantiveram na cultura brasileira com base na oralidade retratando a memória social de um povo, como observamos no Santo Daime. Os hinos do Santo Daime, especialmente no Hinário “O Cruzeiro”, foram “recebidos” por Mestre Irineu ao longo dos anos de criação da doutrina. O Hinário foi inaugurado com o primeiro hino recebido, chamado de “Lua Branca”, uma canção em ritmo de valsa. Fala-se que os hinos foram recebidos pois, segundo a doutrina, foram entregues pela Virgem da Conceição a ele através de uma miração, estado alterado de consciência (Rabelo, 2013).

Rehen (2007) busca esclarecer que o hino recebido espiritualmente não possui uma autoria da pessoa que o recebe e transcreve, como ocorre nas autorias comuns de composição musical. O autor do hino, neste caso, não é um compositor, mas um receptor através do seu entendimento e do tipo de trabalho espiritual que se estabelece com o hino que ele recebe. Sendo assim, quem recebe o hino, o chamado dono do hinário, seria mais um receptor espiritual do que um autor do hinário que viria do astral para a doutrina. Os hinos, portanto, se imprimem na memória de quem recebe, em estado alterado ou não de consciência, e adquirem um caráter divino. O “dono do hinário”, une a letra à melodia, buscando manter a originalidade de como recebeu para passar a todos os membros ativos na doutrina, os quais devem estudá-lo sempre buscando manter exatamente como foi recebido. Essa é uma das obrigações dos membros na doutrina (Rehen, 2007).

Rabelo (2013) expõe, em seu estudo, a linguagem utilizada nesta religião que é organizada musicalmente. É falado sobre os rituais bailados, as marcações batidas pelo maracá, os passados corporais durante o ritual, hinos cantados ou não à capela, pelos ritmos de valsa, marcha ou mazurca. Ressalta, ainda, que o hino sincretiza pelo menos outras três frentes de conhecimento, tais como o xamanismo indígena, o cristianismo e o espiritismo. Os hinos não se comparam aos cantos das igrejas católicas ou evangélicas. Os hinos na Doutrina daimista são cantados propiciando e otimizando o transe provocado pela ingestão da bebida. O transe será mediado pelas palavras, melodias e pela cadência do hinário, agindo como se fossem guias.

Rabelo (2013) expressa a importância do diálogo mental que ocorre entre a pessoa participante do trabalho da igreja e o hinário. Além de conduzir o trabalho, o hino conduz a experiência de quem ouve e canta durante o ritual e fora daquele ambiente. Na vida cotidiana, os hinos surgem como guias para diversas experiências que se encontram na linguagem das canções. Os hinos são utilizados para traduzir e dar sentido à vivência cotidiana dos participantes, que costumam citar trechos ou cantar hinos em suas conversas e trazê-los como

ensinamentos a serem seguidos. Desse modo, os hinos orientam as práticas dos participantes da doutrina. Entende-se que a importância de trazer significado às experiências reside nos elementos representacionais fundamentais sobre diversos aspectos da doutrina e de como se deve compreender o mundo e as relações humanas que nele se dão.

A partir disso, foi possível vislumbrar uma rede de elementos que sustentam os símbolos presentes nos hinos do “Cruzeiro” e que conformam uma cultura bastante peculiar que é a daimista. Neste amálgama cultural e religioso buscamos, nesta investigação, os elementos de fundamental importância para a religião. Se a doutrina foi fundada a partir de uma visão espiritual que Irineu teve da Virgem da Conceição, o modo como ela e outros seres serão retratados no hinário torna-se, neste trabalho, uma frente investigativa.

6.1.2 O uso da Teoria das Representações Sociais no estudo da religião e da musicalidade

A partir dos elementos expostos acima, percebemos que a Teoria das Representações Sociais (TRS) (Moscovici, 2012) traz um arcabouço capaz de nos auxiliar nas análises dos dados musicais. Os temas da objetivação e ancoragem pertinentes na criação de uma representação nos parecem profícuos para este trabalho.

A Teoria das Representações Sociais engloba o estudo do conhecimento cotidiano e das crenças que estão no senso comum. Isso envolve conhecimentos morais, direcionamentos comportamentais, reconhecimento identitário, atitudes, rituais e práticas de diferentes ordens, inclusive metódicas e religiosas. A TRS aglomera valores, ideias e práticas (Manchaiah, Zhao & Ratinaud, 2019; Moscovici, 2012).

Crenças podem ser observadas no decorrer deste trabalho, exemplo disso seria um dos momentos elegidos como mito fundador da religião, em que “Clara” aparece nas mirações de Irineu e se torna, no sincretismo, a Nossa Senhora da Conceição (Veliq *et al.*, 2022). O universo consensual trouxe a figura de “Clara” para o ambiente reconhecidamente cognoscível, para que pudesse fazer parte da nova cultura com mais familiaridade para os participantes. Clara passou a ser chamada, também, de Senhora ou a Virgem da Conceição, vibrando ainda mais para que o termo se encaixasse na credulidade do que já era conhecido. A comparação realizada, aqui, diz de uma mulher santa, ou divina, “Clara” passa a ser divina ou ainda mais divina quando outras nomenclaturas se reúnem em torno dela. Desse modo, novas práticas podem ser decodificadas em palavras que nomeiam aspectos individuais,

tornando-os, assim, compartilháveis e comunicáveis no mundo cotidiano (Manchaiah, Zhao & Ratinaud, 2019).

Jodelet (2009), a fim de definir a religião como campo de estudo, fala sobre o campo religioso composto por: uma vida religiosa, dotada de crenças e rituais; religiões, estudadas por diversas disciplinas, tais como sociologia, antropologia e psicologia; religião, cuja manifestação é única estruturada em igrejas e instituições; e religiosidade, que interpela a vivência individual com a crença, com o divino, o transcendental. A autora explana o conceito de religião segundo a etimologia da palavra em que há dois sentidos, “legare” e “legere”. O primeiro diz respeito à ligação com Deus e com os homens de forma afetiva, e o segundo diz respeito ao recolhimento, à reflexão. O primeiro exprime a parte social e espiritual da religião, o segundo a parte reflexiva e moral. Ambos de primordial importância para este trabalho.

Além disso, Jodelet (2009) apresenta três definições científicas dadas à religião: a de caráter funcional, que produz a função de regulação, integração e socialização; a de caráter substancial, que se relaciona com o transcendental; e a de caráter existencial, que fazem por responder as questões existenciais cotidianas. A autora coloca que as religiões da Nova Era tem servido para responder a questões de incertezas e frustrações que a modernidade impõe e relata que as consequências da religião se dão no âmbito psicológico e físico. O primeiro se refere ao sentimento de “felicidade, certeza existencial, otimismo e ausência de receio da morte” e o segundo se refere a melhoria da saúde, maior “expectativa de vida, atribuídos a um modo de vida mais saudável (diminuição do alcoolismo, do tabagismo, da promiscuidade) e aos processos de cura pela fé” (p. 496-497). Sobre a fé, ela descreve três domínios, o cognitivo, o emocional e o comportamental. O cognitivo é balizado pela crença, pela irracionalidade ou outra lógica da fé, o emocional se engendra no temor e na veneração e o comportamental se relaciona às práticas rituais.

Jodelet (2009) enfatiza a contribuição das representações sociais para o estudo das religiões e declara que a ancoragem e a polifasia cognitiva podem ser prolíficas para tal. A ancoragem no sentido de buscar quais crenças antigas de religiões tradicionais dão suporte para a criação de novas crenças, como é o caso do Santo Daime. A polifasia diz respeito à coexistência de diferentes registros de pensamentos, por vezes contraditórios, dentro de um mesmo universo cognitivo. Nesses aspectos, se encontra o sincretismo religioso. A autora lembra que, no tocante das representações sociais, as crenças religiosas servem, também, para explicar a vida cotidiana. Além disso, ressalta que o estudo das representações sociais da religião deve se atentar para a ligação entre a fé e a moral, entre a adesão e a crença, e entre as práticas rituais e as representações de si mesmo e do grupo de pertença.

Lembramos que o contexto social de nosso estudo está entrelaçado nas Representações Sociais (RS), que se debruçam sobre a cultura e os modos de subjetivação dos fenômenos sociais. Moscovici (2012) formulou um novo conceito a partir das representações coletivas citadas por Durkheim, criando, em 1961, a Teoria das Representações Sociais (TRS), na qual considera o homem comum um cientista amador, criador de teorias sobre o cotidiano.

Moscovici (2012) aponta, ainda, que as representações sociais são uma apropriação do conhecimento científico pelas pessoas não especializadas no assunto, ocasionando, com isso, construções do senso comum sobre diversos objetos sociais. Essa gama de conceitos não científicos e apropriados da cientificidade possibilitam a comunicação entre as pessoas no cotidiano e, também, criam a assimilação necessária para que haja uma ação direcionada pelos conceitos criados na construção do objeto de representação social. Dessa forma, a TRS é fundamentada na criação de uma representação social em que estão entrelaçados saberes científicos e do senso comum e dos processos envolvidos em sua construção, tais quais a ancoragem e a objetivação.

Nosso trabalho está imbricado às memórias orais e religiosas de um grupo no formato documental. Objetos sociais importantes, como é o caso da religião do Santo Daime, possuem uma base social sob a qual se construíram, conforme já sinalizamos, sobre o mito de formação da religião. Esta base social, que é o mito de origem, além de discursiva, é prática se transformando num tipo de conhecimento valorizado e comunicado no cotidiano. É interessante pontuar o status de guia para ações que as representações possuem e se seguem a partir delas.

Para Jodelet (2005), o objeto representado possui uma estrutura de formas e conteúdos que devem ser operáveis na realidade, ou seja, o objeto precisa fazer parte das ações cotidianas. Além disso, as representações são utilizadas como intermédio da relação intra e intergrupos, ou seja, no ato de comunicação, atuam nos modelos de linguagem utilizados nas redes de comunicação.

Jodelet (2005) e Moscovici (2012) apresentam os conceitos de ancoragem e objetivação, bastante importantes no conhecimento desta teoria que estamos utilizando. As RS seriam uma forma de saber prático, que liga sujeito e objeto. A objetivação diz respeito à forma como se organizam os elementos da representação e como adquirem materialidade e se tornam expressões de uma realidade, ou seja, traz para o real a Representação Social de um objeto. Com isso, diminuem-se gastos cognitivos sobre determinado objeto bastando observar na realidade. Tenta-se colocar a materialidade na palavra, tornando-a parte da realidade vivida. Quando um signo nos parece natural, há uma correspondência do mesmo na realidade,

desse modo, a objetivação parece ter ocorrido. Essa esvazia os significados léxicos e os torna parte perceptível da realidade. Ao naturalizar um conceito, sua parte intelectual perde importância.

Segundo Trindade, Santos e Almeida (2011), a ancoragem diz respeito à integração de um novo objeto a um sistema de normas e valores já conhecidos, permitindo, assim, a nomeação e a classificação desse novo objeto. A ancoragem embasa processos através dos quais conteúdos e formas não-familiares se tornam familiares para um grupo ou seus representantes. Dessa forma, uma representação, uma vez constituída, se torna organizadora das relações sociais.

Moscovici (2012) traz um conceito de inserção de novas teorias no cotidiano grupal, sendo assim, uma gama de novas categorizações precisa ser inserida no contexto já existente. Pressupõe-se que haverá um trabalho cognitivo de inserção do novo, o novo conhecimento deve ser transformado em útil. Para Jodelet (2005), a ancoragem se refere à assimilação de um objeto novo por objetos presentes no sistema cognitivo, transformando o não-familiar em familiar. Utiliza-se os mesmos termos, ou similares, e modos de operar já utilizados anteriormente, ou já vistos. Tudo isso em prol de trazer para o mundo conhecido uma nova realidade. Esses processos estão emaranhados nas memórias sociais e pessoais dos indivíduos e dos grupos, pois é nelas que estão os instrumentos que o grupo resguarda para sua própria manutenção. A estrutura do objeto representado é pautada em formas, conteúdos e modos de operar, os quais se mantêm, primordialmente, nas memórias sociais.

Segundo Moscovici (2012), a assimilação de um novo conceito por parte de uma população se relaciona com a ancoragem, justamente por trazer conceitos já conhecidos para que se compreenda o novo objeto. O autor diz que ancoragem é a inserção de um objeto nas operações concretas sociais, há, com isso, um conhecimento tornado socialmente útil. O objeto social pode ser tornado símbolo religioso se associado a formas conhecidas e pensado a partir delas, como é o nosso caso. Irineu trouxe referências já existentes para que fizessem parte da nova religião e essa fizesse sentido.

Jodelet (2005) diz que as representações podem ser tomadas como uma “produção, expressão e instrumento de um grupo na sua relação com a alteridade”, ou seja, um grupo utiliza as representações na sua relação com o outro (Jodelet, 2005, p. 42). Existem condições necessárias, em que as representações serão utilizadas, para que haja um consenso sobre algo, o modo como elas se tornam eficazes também são importantes. Para tanto, é necessário que haja a construção de um consenso sobre os objetos, a qual se dá através da linguagem e da comunicação, fomentando seu efeito, ou seja, a forma dos discursos disponíveis irá direcionar

a criação e manutenção das representações.

Além do discurso, da fala e da linguagem, para se estudar a representação social de um objeto, deve ser levado em conta aspectos cognitivos e expressivos da representação, tais como elementos textuais e fenomenológicos. Em suma, na abordagem processual, as representações devem ser consideradas em suas propriedades e funções junto do modo como interagem com os processos da vida cotidiana.

Para a realização da pesquisa Jodelet (2005) propõe uma aproximação entre pesquisador e grupo pesquisado e uma exploração do campo através de: observação participante da vida cotidiana do grupo; análise da história do grupo estudado, tanto oralmente, quanto bibliograficamente; investigação da organização e funcionamento do sistema em que se encontram os objetos de estudo, mostrando significados, normas, e costumes da comunidade; e, por último, a partir do levantamento sobre a história do grupo, desenvolve-se um questionário e entrevistas em profundidade. Neste artigo, ao invés desta última parte, fizemos uma análise lexical dos hinos.

O objetivo traçado, aqui, é desvelar representações sociais presentes no Hinário “O Cruzeiro” e aprofundar na compreensão dos aspectos da construção social do objeto de pesquisa. Nesta pesquisa, iremos nos ater ao levantamento do que consideramos parte da história do grupo, revelada nos relatos contados na literatura existente e na análise lexical do Hinário estudado, “O Cruzeiro”, e recebido por Raimundo Irineu Serra, o qual se enquadra como fonte documental primária.

Adiante explicaremos o método que utilizamos para a análise das letras referentes aos hinos que traduzem aspectos culturais presentes na estrutura da religião.

6.2 Método

Utilizamos, como aporte teórico, a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2012; Jodelet, 2005). Para análise, fizemos uso do Hinário “O Cruzeiro”⁶, versão disponível na *web*, segundo correções da zeladora, Dona Percília, mulher escolhida por Irineu para manter as letras e o modo como se canta conforme ele mesmo passou (Rabelo, 2013).

⁶ Site do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal de Minas Gerais - Flor do Céu - http://www.mestreirineu.org/pdf/O_Cruzeiro_Mestre_Raimundo_Irineu_Serra.pdf

O Hinário é importante não só para a história da doutrina, mas para que se ocorram os rituais realizados nas igrejas do Santo Daime. Por ser uma doutrina musical, através do Hinário, os seus frequentadores cantam, marcam o bailado e tomam o daime. As mirações, ou estados alterados de consciência provocados pelo chá, ocorrem enquanto cantam e se tocam, ou após terem cantado, como pode ocorrer nos trabalhos com concentração⁷ que possuem partes em silêncio total (Assis, Labate & Cavnar, 2017).

Os hinos foram submetidos à análise lexicográfica com auxílio do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), desenvolvido, em 2009, pelo professor e pesquisador Pierre Ratinaud integrante do laboratório *Le Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales* da Universidade Paul Sabatier (<https://www.lerass.com/author/pratinaud/>), também conhecida como Universidade de Toulouse III, na cidade de Toulouse, na França.

O IRAMUTEQ é capaz de gerar diferentes tipos de análises estatísticas, assim como a classificação de palavras pela frequência, coocorrência e organização em categorias e representações. Este software gratuito possui interface acessível e realiza estatísticas textuais em grande volume de registros textuais (Camargo & Justo, 2013; Salviati, 2017).

A partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), realizada também pelo *software* Alceste, podem ser analisados e interpretados textos provenientes de variadas fontes, tais como entrevistas, músicas e jornais. O IRAMUTEQ realiza outras análises como frequências de palavras, análises multivariadas e análises de similitude (Camargo & Justo, 2013). Somado a isso, o IRAMUTEQ identifica palavras, vocabulários, diferenciando contextos, apresentando relações de proximidade e distância entre diferentes palavras e discursos gerando, por exemplo, a nuvem de palavras ou o próprio dendrograma.

Neste sentido, é possível identificar determinados elos entre mundos de palavras e expressões que se interligam com mais ou menos força, a depender do objeto de pesquisa analisado. Com isso, percebe-se o que Nascimento e Menandro (2006, p. 74) chamaram de “campo contextual” a partir do aparecimento regular de um determinado vocabulário. Moscovici (2012) atesta que a repetição de formas lexicais possui um papel importante, conforme sua ordenação e conexão de proposições que possuem infra-comunicações. A linguagem a ser comunicada não, necessariamente, estará completamente explícita no texto, mas exprimem repetidas formas de se dizer algo.

⁷ As concentrações ocorrem em meio ao trabalho de se realizar uma parte em silêncio e sentado, diferentemente dos bailados em que se canta em pé e com passos específicos. “O Cruzeiro” é realizado geralmente em pé e bailando.

O software auxilia na identificação desses campos de repetição semântica, os quais indicam a existência de mundos lexicais, dotados de sentidos próprios dos sujeitos que enunciam sobre o mundo social do qual participam. A análise lexical produz o fracionamento das palavras identificadas pelos chamados segmentos de textos que possuem o mesmo significado, reunindo palavras com o mesmo teor e produzindo um verdadeiro conglomerado de textos.

Para o pesquisador, é bastante produtivo e carece saber interpretar os resultados obtidos, uma vez que os segmentos de texto podem estar vinculados a diversos contextos diferentes. Por isso, não basta apenas realizar a inicial rodagem de dados no *software* em questão. É preciso interpretar o contexto de surgimento de cada uma, daí a necessidade prévia de conhecimento dos próprios dados conforme o pesquisador, anteriormente, discutiu sobre.

A análise textual é um importante instrumento para cercear e identificar as representações que ali se encontram. Para tanto, o pesquisador deve formar um corpus textual de análise e prepará-lo para que o software possa ler os dados.

Quanto aos hinos, é válido sempre salientar sua importância para a doutrina. Neste sentido, esta pesquisa se enquadra nas pesquisas sociais exploratórias. Sua relevância se encontra na elucidação dada a este tema ainda pouco explorado e que faz parte da identidade e da história das religiões brasileiras. Buscamos, com isso, apreender quais figuras aparecem e como formam as representações na criação da doutrina.

Foram separados 129 hinos do Hinário “O Cruzeiro”. Após realizarmos a leitura geral do Hinário, houve a codificação de conteúdos recorrentes para a posterior formulação de categorias que se tornaram variáveis que envolvessem as figuras presentes no *software*. Com a leitura exaustiva, os hinos foram classificados a partir das figuras de gênero conforme se apresentavam. Estas figuras circundavam entidades reconhecidamente femininas ou masculinas, a partir de nomes próprios, substantivos e adjetivos reconhecíveis e artigos. As variáveis se dividiram entre *fig_1*, hinos que apresentavam apenas figuras femininas; *fig_2*, hinos que apresentavam apenas figuras masculinas e *fig_3*, hinos que apresentavam ambas, figuras femininas e masculinas.

Para que o tratamento de dados fosse feito no IRAMUTEQ, realizamos a “limpeza” dos dados, a formatação textual, a padronização de expressões e a inserção de caracteres para leitura correta do IRAMUTEQ no programa Bloco de Notas, conforme preconizam Camargo e Justo (2013) e Salviati (2017). Optamos por seguir as recomendações de Salviati (2017) e deixar o padrão de 40 caracteres por segmento de texto. Eliminamos, da análise estatística, palavras sem importância, tal como artigos.

6.3 Resultados

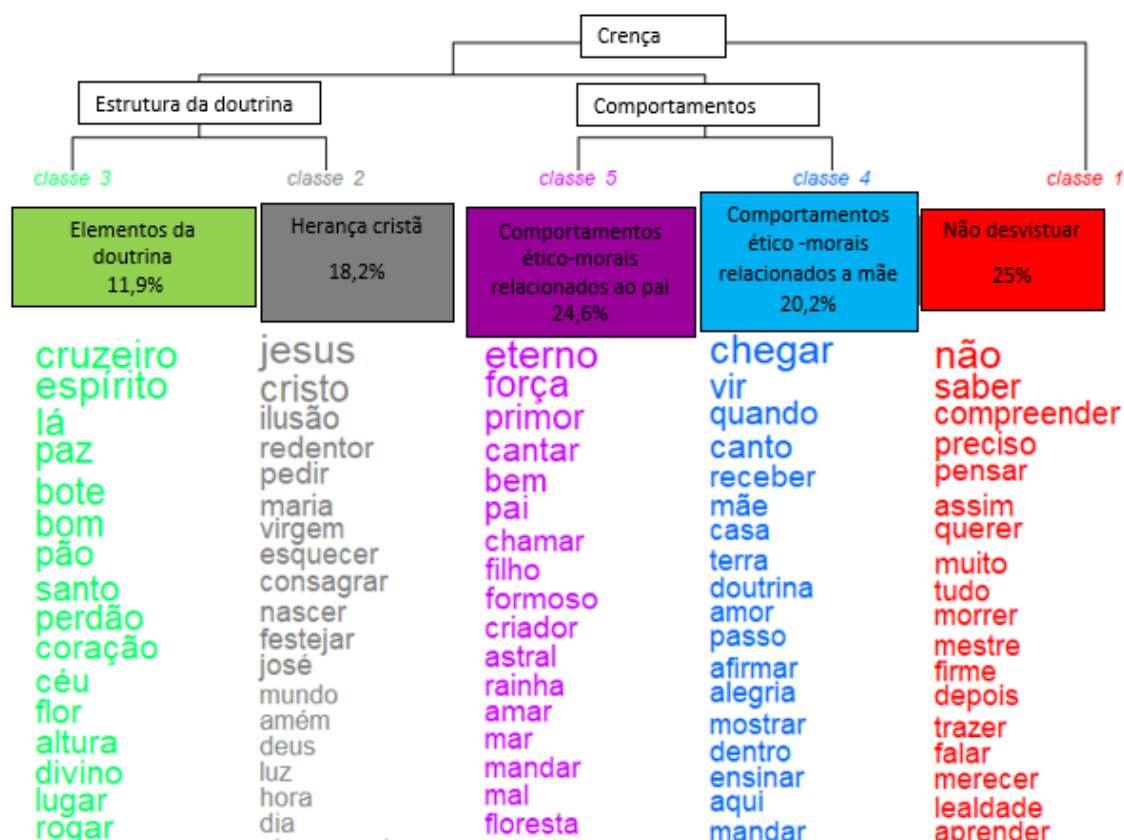
Ao rodar o texto para análise lexicográfica, percebemos que o número de textos ou número de registros contabilizados era 129; o número de ocorrências ou de total de palavras era 10.220; o número de formas ativas nos corpus era 1.285; e o número de hapax ou palavras que aparecem apenas uma vez era 353. Segundo a estatística descritiva, a palavra de maior ocorrência é Mãe com a frequência de 159, seguida de dar (F=141) e Deus (F=112).

Em seguida, realizamos a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), gerando o dendrograma que nos mostrou o grau de proximidade entre classes e palavras. Para tanto, a frequência das palavras mais a correlação q^2 são calculadas e ordenadas graficamente.

Verificamos, no dendrograma gerado (Figura 1), cinco classes principais, divididas em quatro eixos de contraposição. Para melhor compreensão da análise realizada, as classes e eixos foram nomeadas da seguinte maneira: Não desvirtuar (Classe 1), em contraposição com todas as outras classes; Herança cristã (Classe 2) e Elementos da Doutrina (Classe 3), que compõem o eixo Estrutura da Doutrina; Comportamentos ético-morais relacionados à mãe (Classe 4) e Comportamentos ético-morais relacionados ao pai (Classe 5), que compõem o eixo Comportamentos.

É importante notar que a contraposição estabelecida entre o eixo Estrutura da Doutrina e o eixo Comportamentos não indica uma contradição entre a prerrogativa e a prática - mas antes, uma diferenciação simbólica entre os preceitos religiosos e o cotidiano dos membros da religião. Por outro lado, a contraposição radical da classe 1 aos outros eixos identificados demonstra a necessidade do respeito às regras específicas da doutrina para a manutenção da crença religiosa. Além do dendrograma, foi produzido um Dicionário de Termos (APÊNDICE 1) para auxiliar na compreensão da construção da doutrina e na análise das classes apontadas pelo *software* IRAMUTEQ.

Figura 1 – Dendrograma da CHD



Conforme observamos na Figura 1, da esquerda para direita a classe 3 - Elementos da doutrina, traz elementos terrenos que são símbolos que traduzem a conexão com o divino proposto pela religião.

A palavra “cruzeiro” aparece com destaque na classe como símbolo cristão e também é o nome do Hinário “O Cruzeiro” composto, segundo um dos hinos, por 132 hinos, chamados de 132 flores “recebidas”, sendo que o número verdadeiro de hinos do Hinário ainda é controverso. O espírito é citado em contraposição às coisas terrenas e ao corpo: “o meu espírito eu entrego a Deus e o meu corpo à sepultura” (Hino 130, p. 217). É algo que se deve zelar para não se tornar espírito “vagabundo” na Terra. O termo santo se destaca na classe por ser vinculado a vários elementos, como santa luz, santa paz, santa estrela. Por exemplo: “Santa estrela que me guia, vós me dê a santa luz. Os três reis do oriente que visitaram Jesus” (Hino 56, p. 207).

Por sua vez, o coração é lembrado como *locus* de pertencimento da mãe divina, ela é a mãe do coração, órgão que socialmente associamos ao amor, no caso, o amor divino. A

firmeza também é associada ao coração, como forma de lembrar que se deve ter firmeza no coração para atravessar os caminhos difíceis da vida.

O lugar em que a mãe está localizada é no céu, ou nas alturas, e é de lá que ela vai agir, é de lá que ela olha por todos. Esta relação se apresenta no seguinte trecho da letra do hino “ó mãe divina do coração, lá nas alturas onde estás minha mãe lá no céu” (Hino 01, p. 157). O divino também surge nas alturas, a quem se chama, se pede, se roga e se louva: “Vamos todos nós louvar o divino espírito santo” (Hino 93, p. 201). A ele, é pedido a salvação, a paz e um bom lugar. Num dos hinos, roga-se à mãe para ela rogar a Deus, agindo como intermediária ou mediadora: “Tu sois minha advogada, ó virgem da concepção” (Hino 01, p.157).

No geral, percebemos que esta classe compreende uma reunião de signos que demonstram o sincretismo religioso da doutrina com o catolicismo e com outros elementos da natureza. Percebemos através de quais mediações são feitos os pedidos ao divino, à Mãe divina e ao Pai divino e a elementos da natureza que são considerados sagrados. Ser sagrado significa estar no céu, ser celestial, ser santo ou ser divino.

Na segunda partição, classe 2 Herança Cristã, vê-se na Figura 1 que Jesus e Cristo aparecem em primeiro lugar, indicando uma representação terrena do Filho de Deus. Jesus é lembrado como alguém que esteve na cruz, como redentor, como pai de consolação que defende os filhos no mundo de ilusão. Além disso, ele é mencionado como Filho de Maria e José e, também, como alguém santo. O verbo nascer aparece vinculado ao nascimento de Jesus, evento que deve ser festejado pelos daimistas: “Viva o dono deste dia que nós vamos festejar. Já fazem muitos anos que meu Jesus nasceu, vamos todos com alegria festejar ao senhor Deus” (Hino 56, p. 182).

O mundo de ilusão diz respeito ao mundo terreno onde os filhos estão e onde Jesus Cristo esteve. Um pedido é feito a ele: “Jesus Cristo redentor senhor do meu coração, defendei os vossos filhos neste mundo de ilusão” (Hino 128, p. 216). Por outro lado, o mundo terreno é visto, também, como o sonho da Virgem Maria, sendo preciso viver neste mundo com prazer e alegria e de acordo com seus ensinamentos para não cair na ilusão.

Maria é uma entidade constantemente lembrada como Mãe de Jesus, por isso, ela é comparada a uma estrela brilhante, ela é sempre Virgem Maria e, também, é esposa de José. A santidade de Maria é provada pela sua virgindade, adjetivo escolhido para descrevê-la, ela dá a luz a Jesus mesmo sendo virgem, conforme a crença católica. A Virgem Mãe dá as lições de se esquecer a ilusão e lembrar das instruções de Jesus no cotidiano. Por exemplo, surge num dos hinos: “A virgem mãe mandou para mim esta lição, me lembrar de Jesus Cristo e

esquecer a ilusão. Trilhar este caminho, toda hora e todo dia. O divino está no céu Jesus filho de Maria” (Hino 29, p. 169)

Percebe-se na Figura 1 que as entidades mais lembradas são a de Jesus, Maria, Deus e José. Cada um com sua importância e exercendo um papel específico na sagrada família. Jesus como figura a quem se deve pedir o perdão dos pecados, Maria a quem se pede defesa dos horrores/pecados do mundo, Deus, como figura onipotente por ser o criador, e José, como representante paterno no mundo, como patriarca. Jesus é exemplo de Filho, se fez santo pela sua história e por ter sido concebido por uma mulher santa, a Virgem Maria.

Nas classes 5 - Comportamentos ético-morais relacionados ao pai, aqueles que ligados ao Pai eterno independem de hábitos, mudanças e costumes e classe 4 - Comportamentos ético-morais relacionados à Mãe, temos os comportamentos a serem seguidos, prescritos pela Mãe baseados nas crenças cotidianas da doutrina. Na classe 5, conforme podemos observar na Figura 1, temos como a primeira palavra o "eterno". Este termo aparece em diversas ocasiões, como Pai eterno que está nas alturas, como Deus eterno, filho eterno, luz eterna entre outros. O Pai eterno é o senhor da criação e de todo primor. As obrigações são oferecidas a ele, a felicidade é devida a ele, pois foi o Pai eterno quem nos fez. Um dos hinos cita: “(...) É preciso trabalhar, amar ao pai eterno. É quem tem para nos dar (...)” (Hino 119, p. 212). Portanto, ser Filho eterno é ser Filho desse pai e da Virgem Mãe divina e a eles deve-se louvar e ter gratidão eterna.

Força é um item pedido sempre nos hinos ao pai e à mãe, quando ligado a forças da natureza. Força é algo para se ter, se chamar e se pedir. Deve-se ter força para ensinar aos irmãos, como manda a Mãe. Um dos hinos traz a seguinte passagem: “O divino pai eterno soberano onipotente quero que vós me dê forças para ensinar esta gente (...)” (Hino 73, p. 191). A figura do Pai aparece mostrando que é a quem se pede força para ensinar, já que a mãe quem mandou ensinar. Ele, também, aparece como alguém que é soberano, eterno, divino, verdadeiro e que está nas alturas. O Filho manifesta desejo de ser Filho do Pai junto da Mãe e dos irmãos, que acompanham o amor que o Filho tem.

Nesta classe, a figura do Filho aparece junto do divino e da Virgem Mãe, sendo que para ser um Filho de amor no coração, ele deve ensinar aos irmãos. O eu lírico dos hinos quer ser Filho do Pai e da Mãe junto dos irmãos que o acompanham a amar ao pai, formando assim uma família dentro do bem. Para ser um bom Filho, deve-se fazer o bem e não o mal, portanto deve-se amar e ensinar. O Filho eterno é do Pai de todo primor, pede-se luz a ele para cumprir o que a Rainha Mãe mandou: cantar e ensinar aos irmãos que procuram. O Hinário retrata bem o papel do Filho: “(...) Para ser um filho seu fazer bem não fazer mal. Estou na Terra,

estou na Terra. Estou na Terra, eu devo amar. Para ser um filho seu (...)" (Hino 19, p. 165).

A Rainha aparece em cânticos oferecidos a ela, é mencionada como Virgem Maria, Virgem Mãe que é a Rainha do Mar, Rainha da Floresta e como Rainha Mãe, que manda cantar, ensinar e rezar para os irmãos e a humanidade. Um dos hinos diz: "A Rainha me mandou. Eu rezar para os meus irmãos. Para Ela lá no céu. Alimpar meu coração (...)" (Hino 08, p. 159).

Cantar surge como verbo de expressão nos hinos. Os cânticos são oferecidos, são como um dever realizado para pedir algo ou para alcançar algo, como a saúde. Este hino retrata o oferecimento: "(...) Eu ofereço estes cânticos. Que agora se cantou. Ao Rei e à Rainha. Do universo é o Criador (...)" (Hino 25, p. 167). Deve-se, também, cantar durante o passar das horas do dia para receber o Pai divinal, que aparece vinculado ao sol. Estamos diante de um Pai carinhoso, que não quer mal a ninguém, só quer o bem, devendo-se amá-lo com firmeza.

Percebe-se, nesta classe, uma fusão de elementos que traduzem a base ética da doutrina, o que se deve fazer em relação aos mandamentos do Pai. É possível notar que os comportamentos ligados ao Pai estão postos de modo universal e eterno. Observa-se, também, elementos mais rígidos, que pressupõem uma ordem a não ser violada. É algo para ser vigiado para que a norma seja cumprida. A ética está ligada a Deus eterno e possui, com isso, um fundamento divino que deve ser obedecido para ser um bom Filho, ou bom seguidor. Desse modo, quem dita o que deve ser cumprido é o Pai divino, representado pelo patriarca e pelas entidades divinas para que ensinem o que deve ser cumprido.

A divindade é expressa em diversos locais e circunstâncias. O Pai é lembrado como figura eterna, o Pai eterno não é lembrado como José, mas como o divino Pai, se igualando a Deus e, numa alusão à natureza, ao sol. Deve-se mostrar amor ao Pai, deve-se implorar a ele, ele é quem dá a vida e quem chama para a morte. Portanto, é preciso ter respeito e temê-lo. A força dada pelo Pai é uma força de sobrevivência para se cumprir inclusive o que a mãe diz, a força dada pela mãe é para ensinar os irmãos a amar e fazer o bem. O Filho eterno é do Pai de todo primor, é da virgem mãe, é um Filho grato e humilde, ele deve se tornar santo, se santificar e ser eterno. Para isso, pede-se a defesa da Mãe.

O Filho aparece em ambientes da natureza, como na mata e na floresta tocando instrumentos lembrando o panteão indígena. Cantar aparece como uma das obrigações mandadas pela mãe em diversas ocasiões, assim como nas culturas indígenas em que rezar cantando é um preceito. A Mãe aparece, aqui, como Rainha, inclusive da floresta e do mar, em locais sagrados. Ela deve acompanhar os filhos e manda rezar e ensinar. Passemos, agora, para a classe que trata dos comportamentos ético-morais relacionados à mãe na doutrina.

A classe 4 - Comportamentos ético-morais relacionados à mãe - é definida pela ordem a ser praticada, indicando o quão religioso se é, ou o quão parte da doutrina se é ao praticar as normas prescritas ou não, ou seja, é medido o quão próximo ou distante se está dos ensinamentos da doutrina.

Nota-se na Figura 1 que essa classe se inicia com o verbo chegar, que se refere à chegada em locais ou situações. A casa do ritual é onde se encontra com a Virgem Maria, pois seguindo no caminho certo se chega onde a Mãe está, ao subir se chega nas alturas e se encontra com a Virgem Maria. O hino 124 retrata esta passagem: “(...) Subi com alegria. Quando cheguei nas alturas. Encontrei com a Virgem Maria (...)” (p. 214). Na casa onde se conhece a verdade - trazida pelo chá da verdade: o daime. Os ensinamentos da doutrina daimista também são citados nos hinos quando relacionados ao canto, eles vêm com o que se canta. Quem quiser vai aprender e quem vem ensinar é a santa virgem. Reafirmando o papel da Mãe, a Virgem Maria é quem vem ensinar para cantar com amor e o eu lírico, que vem da floresta, vem agradecer no ritual.

A figura da Mãe aparece, em alguns contextos, quando se reconhece que é Filho do poder, pois a Mãe o trouxe até ali. “(...) Sou filho do poder. A minha mãe me trouxe aqui. Quem quiser venha aprender (...)” (Hino 104, p. 206). “Estou aqui neste lugar. Foi minha mãe que me mandou (...)” (Hino 121, p. 213). A Mãe também vem com o eu lírico o acompanhando, a Mãe é quem ensina, a mãe é quem dá. “(...) A minha mãe que veio comigo. Que me deu esta lição (...)” (Hino 108, p. 207). Deve-se aprender a receber dela a santa luz e fazer o trabalho que a Mãe ordena. A Mãe é a santa virgem, não se pode viver sem ela. A Virgem Maria é reconhecida como Mãe soberana, é a ela que se pede o perdão a seus filhos.

Esta classe nos parece bastante diversa, mas diz dos mesmos preceitos da doutrina na sua parte ético-moral, em que os ensinamentos relacionados à mãe devem ser seguidos e aprendidos. Surge uma Mãe que é santa, com a qual não se pode viver sem, e é preciso viver onde ela está, ou seja, sempre em sua companhia. Ela é Mãe de todos, é a virgem do coração, é Mãe de piedade e soberana, ela tem poder. A Mãe acompanha, dá e ensina, é preciso aprender a receber dela a santa luz e fazer o trabalho que ela ordena. Ela manda e ensina na casa de fé, local onde os ensinamentos ocorrem e onde se encontra com a Virgem Maria.

Outros locais de ensino também aparecem, como a terra firme, a Terra - planeta, locais em que todos devem ter amor, fé e alegria. Isso se dá através dos cânticos, por meio dos quais a doutrina, o prêmio de valor, é passado. Neste sentido, a rainha da floresta é chamada para receber os cânticos na mata, ela recebe o que foi ensinado. O Pai, aqui, aparece nas ocasiões de passar o bastão, de indicar o caminho da salvação e de chamar para a morte. O Filho

aparece ao reconhecer que é Filho do poder e para receber o bastão que “Mamãe” e “Papai” o passam para ensinar.

Esta classe expõe que a bebida vem para mostrar a verdade, sendo equiparada com o amor, algo bom que não se pode esquecer. A questão ético-moral desta classe é definida pelos preceitos da religião, cujos ensinamentos são realizados pela Mãe, sendo definida por algo ritualístico e contextualizado. Já a questão ético-moral do Pai é fundamentada pelo pai divino, trazendo Deus como pai eterno, que é quem cobra os ensinamentos da Mãe e quem decide a hora da morte do Filho.

Observa-se na Figura 1 a Classe 1 - Não Desvirtuar - que esclarece as normas que não devem ser esquecidas pelo participante ou pelos filhos, conforme diz no Hinário. Não desvirtuar significa que existem deveres a serem cumpridos. Além disso, representa que a disciplina será aplicada a qualquer custo, por exemplo, “(...) Mestre bom ninguém não quis. Não souberam aproveitar. Apanhar para obedecer. Para poder acreditar. Fica assim a disciplina. Quem quiser pode correr. Se eu falar do meu irmão. Estou sujeito a morrer. (...)” (Hino 55, p. 182) Aqui, podemos pensar em uma alusão às “peias” durante o ritual daimista que são vistas como uma disciplina para os frequentadores, elas ocorrem quando se tem vômitos, diarreias, visões de seres espirituais negativos, entre outras consequências negativas.

Nesta partição, aparecem alguns erros provocados pelo eu lírico. Não querem ouvir, nem querem acreditar na Mãe de Deus da criação, todos querem ser irmãos, mas não são leais, passam pela força e não procuram compreendê-la, duvidam, pensando que não são ensinamentos da Virgem Maria. Por exemplo: “(...) Eu vivo nesta escola. Para ensinar os meus irmãos. E eles pouco caso fazem. De aprender com alegria. Porque pensam que não é. Ensinos da Virgem Maria. (...)” (Hino 16, p. 163). Não se cumprem o dever e a obrigação de conhecer a verdade, não são firmes a Deus. Ninguém se lembra que chamaram o “mestre” Jesus de mentiroso, só entendem o contrário do que ele ensinou e não se pode obrigar ninguém a aprender corretamente. Muitos trazem a falsidade e, sem terem compreensão, dizem que o “mestre” Jesus não tem saber. Fogem da caridade e, por isso, vão sofrer as sanções no caminho errado e torto. Neste sentido, é preciso disciplinar os rebeldes com amor, firmeza e lealdade.

Alguns deveres sobre o que não se deve fazer são lembrados, como não falar do irmão, não brigar com o irmão, não esquecer o que a mãe ensina, não temer o caminho a se seguir. Embora não se aprenda muito, é preciso aprender pelo menos um pouco, sendo filho eterno, não se deve pensar a toa, deve estar na linha, pois se não estiver, nunca vai conhecer a verdade, é necessário ter amor a Deus e à Virgem Mãe.

Na classe 1, percebemos que quem seguir a doutrina deve se lembrar do que não fazer

e seguir preceitos básicos de comportamento, como acreditar na doutrina, nas divindades, compreender, doutrinar, estudar, conhecer, respeitar, fazer um juramento de não falar dos irmãos e trabalhar. Caso o contrário ocorra, haverá punições e consequências severas que ninguém quer sofrer. Usa-se o termo apanhar que, levando para a doutrina, pensamos na “peia” e na própria vida cotidiana, na qual se aprende com os erros.

No geral, fala-se da morte como parâmetro para a vida, para a escolha de vida que se faz, como aparece no trecho “ninguém não quer morrer”, ou “ser fiel até morrer”; ou seja viver bem é uma prerrogativa para a vida, como se não houvesse, aqui, espaço para o “mal viver”. O restante dos verbos vem corroborar para as diferenciações que devem ser feitas entre o mundo de ilusão e o mundo divino. Para ser filho da e na doutrina é preciso ter determinados compromissos inegociáveis, o que mostra uma rigidez quanto às ações.

Jesus é reconhecido nos hinos como Filho de Maria, como mestre, Cristo e Redentor, ele age como interventor, é um representante dos Filhos e do Pai divino na Terra. Portanto é possível pedir a ele a redenção ou a salvação das ilusões que aparecem. A figura de Maria qualificada como virgem vem atrelada à figura de Jesus, pelo seu nascimento, e à de José, como seu esposo. Ela está vinculada à ideia de companhia, de união e de conforto.

Deus aparece em diversos lugares e momentos, rememorando a uma figura onipresente. Ele aparece tanto junto às figuras sagradas quanto junto aos Filhos, como patriarca, soberano e onipotente. Ele está no coração, é o Deus da Criação, a ele se pede tudo o que precisar. A luz que é tida como santa está também onipresente, aparece em diversos locais e é pedido a Deus que ela chegue como ato de iluminação, de concessão. O divino aparece em diversos momentos, principalmente, atrelado às figuras da sagrada família. Há pedidos feitos ao divino como alusão a Deus. Por último, ao observarmos as características do mundo, percebemos que é o local da mundanidade, da ilusão, do pecado, onde se deve ter cuidado para não cair na escuridão.

6.4 Discussão

Temos, na análise de dados, uma relação familiar que se mostra presente em todo o dendrograma, como no próprio hinário. É interessante notar que no dendrograma aparecem, tanto nos comportamentos ético-morais relacionados à Mãe quanto nos comportamentos ético-morais relacionados ao Pai, os preceitos a serem seguidos, um de uma forma mais contextual e o outro de forma mais ampla.

O canto, que exprime os hinos, surge como forma de contato com entidades paternas e maternas. A eternidade está voltada, em maior número, para o Pai, embora haja, além do divino, o terreno, que são relações mais terrenas de aprendizado, exprimindo um amor terreno, de convivência cotidiana, de respeito e obediência. A convivência é sempre lembrada pelo ensinar, quer seja para si mesmo, quer seja para os irmãos. Quem não se enquadrar no bem desse aprendizado deverá ser punido.

Vale lembrar que os valores maternos e paternos caminham juntos, porém não exprimem o mesmo significado. Os maternos estão voltados para os rituais contextuais e os paternos os mantêm, são eternos, e não devem ser violados. Neste sentido, a moral ditada pela Mãe divina mantém sua ligação com o Pai divino, aquele que manda as regras serem cumpridas. Veliq (2020) nos lembra que há uma íntima relação entre o agir correto e o fazer religioso e que a moralidade mede o quão religioso se é. O autor expõe que a ética trata de dar fundamento à moral, é o que faz escolher determinado valor em detrimento de outros e trata de definir aquilo que se entende por religião. Sendo que a religião é universal e também específica.

A relação com o divino traz sentido à vida do crente. A religião seria o conhecimento dos deveres fundamentados no divino. Desse modo, temos a ética relacionada ao mistério do divino, o que não pode ser explicado pela racionalidade humana. Apesar de ser criticada, Veliq (2020) expõe a Teoria do Mandamento Divino, que pode ser exemplificada aqui para melhor compreendermos nosso trabalho. Segundo esta teoria, o certo e o errado são decididos por Deus, a proibição dos comportamentos é comandada por Ele. Desse modo, a moral tem uma ordem, ela deve ser seguida de acordo com a vontade divina. Isso, porque o comportamento moral segue esta ordem. O que deve e não deve ser feito fica claro segundo a moral determinada por Deus. O autor também se atenta à questão temporal da moralidade religiosa, e que ela pode ser interpretada segundo os líderes de cada religião, como é o caso do Santo Daime.

O líder Mestre Irineu realizou uma interpretação dos ensinamentos bíblicos, provenientes da Igreja Católica. Os comportamentos relacionados à Mãe são ensinados e cobrados pela Mãe aos Filhos, já os comportamentos relacionados ao Pai são provenientes do mistério do religioso, adentrando a esfera do divino, preceitos inegociáveis.

O dendrograma mostra que a masculinidade aparece nas seguintes formas: Deus, Pai e José. Deus está ligado ao eterno e aos ensinamentos voltados ao que se espera das masculinidades hegemônicas que é força. Como dissemos, a força pedida ao Pai é diferente da força pedida à Mãe (Kimmel, 1998; Connel, 1995; Nascimento & Gianordoli-Nascimento, 2012). Esta

última é para viver com amor e ensinar, a primeira é para viver segundo a força que vem do astral em que estão os seres divinos, é uma força religiosa ligada à ética. José, conforme já expusemos, é o esposo de Maria concedido por Deus a ela. Ele exerce o papel de marido e Pai terreno.

É interessante notar que a palavra Filho surge na relação com o Pai no dendrograma. Em contrapartida, na partição em que Mãe aparece, há, majoritariamente, ensinamentos que devem ser empregados na vivência espiritual na Terra. Neste sentido, entendemos que para o Filho alcançar a vida eterna é preciso passar pela Mãe, ou pela Terra.

No sistema de oposições do dendrograma aparece “Não desvirtuar”, ou seja, para ser Filho verdadeiro, ou bom Filho, é preciso não sair do caminho. Ser participante é colocado no papel identitário de ser Filho que deve aprender através dos comandos da mãe e do pai, para não cair no mal caminho. Neste sentido, no universo de condutas, aparecem imagens, símbolos e palavras que ditam modos de pensar, ser e agir.

Dessa forma, pensamos de acordo com Jodelet (2005), que postula os processos constituidores da representação social, no caso as práticas e comportamentos quistos na doutrina. O Hinário “O Cruzeiro”, como forma de comunicação da doutrina, contém prescrições para a ação. Temos a objetivação com a seleção, esquematização e naturalização conforme postula a autora, e a ancoragem com o enraizamento no sistema de pensamento, atribuição de sentido e instrumentalização do saber. Essas premissas auxiliam na incorporação de novas informações a um conjunto de conhecimentos já estabelecidos para um grupo social. Esse novo conjunto em que estão integradas as novas informações servem de guia para compreensão e ação.

Muitos participantes da doutrina relatam ver a força da rainha durante o ritual, além de sentir a forte presença da Virgem da Conceição, assim como de outros seres da natureza que são chamados ou citados nos hinos. Muitas pessoas, também, relatam sentir a disciplina que ela traz, que se faz nos processos da “peia”, através de mudanças físicas e psicológicas minutos ou horas após o uso da bebida. O chá traz, para a realidade dos participantes, aquilo que é dito nos hinos, realizando um processo próprio de objetivação das representações sociais das figuras femininas e masculinas com as quais estamos lidando.

A disciplina, por exemplo, dada pela bebida é relatada no hinário como disciplina em relação ao comportamento, exemplo disso na prática seria que quem se comporta mal, receberia a disciplina através da bebida durante o ritual. Ademais, ver os seres espirituais demonstra que eles são reais e que podem aparecer na prática, cada um conforme relatado nos hinos, com suas características próprias. Por exemplo, o ser Currupipipaguá, a princípio,

não seria tão bem quisto no ritual quanto a Virgem da Conceição, ou os Reis Titango, Tintuma e Agarrube que vêm para ajudar.

De modo geral, percebemos os processos de ancoragem e objetivação a partir do Hinário. Nota-se que os conceitos cristãos apresentados trazem a religião do Santo Daime para uma aproximação com a religião Católica. Há, aqui, a ancoragem de conceitos reconhecidos socialmente com conceitos novos da doutrina daimista. Os nomes utilizados, Jesus, Maria e José, por exemplo, fazem parecer quase uma religião Católica, embora utilizem o chá do santo daime e ocorra uma ritualística própria. O chá se tornou uma bebida sagrada, ou seja, é preciso consagrá-lo e não tomá-lo em qualquer ocasião, somente nos rituais. Por isso, é preciso que se tome dentro da igreja com o arsenal proposto pela nova religião.

A cultura de cantar para rezar é bastante parecida com as culturas indígenas que cantam, principalmente, nas ocasiões sagradas. Os elementos da natureza também podem ser colocados como objetos de cunho indígena, como a Lua, a Terra, o Sol, a terra, a mata, a floresta, os seres como Begê, Currupipipaguá, Tucum, entre outros que aparecem no decorrer do Hinário.

Percebemos que a objetivação se dá através do Hinário a ser cantado, do cruzeiro ou Cruz de Caravaca, das vestes similares ao tambor de mina e dos instrumentos utilizados nos rituais que intercalam o ritual indígena com o catolicismo. É possível perceber a objetivação, também, na cartilha de ensinamentos a serem seguidos na prática, por exemplo, não falar mal do irmão, obedecer aos ensinamentos da mãe ou seguir a linha correta. Esses ensinamentos são cobrados entre os participantes, de forma que, para ser um integrante, além de usar a paramentação própria do ritual e ter que comparecer nas datas previstas, é preciso agir como um integrante de acordo com o que está posto na doutrina.

Percebe-se que é uma religião que prega saberes tradicionais, quase ortodoxos, quanto aos lugares de Pai, Mãe e Filho. A doutrina expõe com bastante força esses lugares para que cada um os ocupe. Quem ensina é a Mãe, quem corrige é a força do Pai e o Filho deve seguir os ensinamentos e apanhar para obedecer, caso seja rebelde. Esses ensinamentos são cantados durante o ritual, enquanto se bebe daime, momento em que há alterações na consciência. Durante o ritual, as pessoas se tornam fragilizadas devido à bebida, por todas as alterações que ela traz. Ali, parece-nos que a doutrina se torna sinônimo de verdade, algo que é verdadeiro, no qual deve-se acreditar sem questionamentos.

Os lugares da Mãe e do Pai estão estabelecidos como se fossem de ordem naturalizada e o Filho aparece como um ente para ser identificado pelos frequentadores, conforme vemos na partição de comportamento ético-moral relacionado ao pai. As ações mediam as relações,

ou seja, para se ter boas relações com a Mãe e com o Pai deve-se agir como um bom Filho. Primordialmente, ser bom Filho nos parece estar associado à se identificar como Filho das divindades maternas ou paternas, se identificando e clamando por eles, é possível estabelecer uma relação de amor. A sagrada família funciona, também, com estas mesmas características, porém, colocando em hierarquias os modos de ir e vir de cada um que age ou não de acordo com o estabelecido.

Benedito (2019) expõe que nos rituais do Santo Daime além das tarefas serem diferenciadas por gênero, há uma cosmologia de gênero em que o feminino diz respeito à Lua, à Terra, à intuição, ao mutável, à natureza, à mãe, à água, ao frio. O masculino, por sua vez, diz respeito ao quente, ao Sol, ao pontual, ao racional, ao fogo, ao ativo e ao pai.

Bourdieu (2002), em seu estudo sobre as ordens masculinas de construção social da visão de mundo na região da Cabília, uma sociedade tradicional, traz a categorização em um sistema de oposições homólogas como forma de compreensão do mundo a partir do gênero bastante similar com a que encontramos no sistema de crenças do Santo Daime. Para o autor, esse sistema funciona com objetivos de naturalização de práticas culturais, a princípio arbitrárias, de modo que as previsões que se engendram neste sistema de crenças são observadas na realidade e confirmadas a partir dela, principalmente através de ciclos biológicos e cósmicos. Oposições, como alto e baixo, dentro e fora, são constatadas como oposições sexualizadas e corporificadas. O autor apresenta um esquema sinóptico de oposições, em que justamente o feminino parece se vincular aos ciclos da natureza, com a parte mágica, e o masculino ao que é oficial, à jornada de trabalho, ao que é religioso e público. Parece-nos que a construção social dos corpos rege a construção social do mundo, dos afazeres, do trabalho e inclusive da religião. A divisão entre os sexos parece incluir a ordem dos objetos de forma naturalizada.

Benedito (2019) afirma que, numa visão espiritualista, Deus Pai e Deus Mãe estariam presentes no universo e na natureza. O daime por sua vez integraria estas duas partículas com o cipó (entidade masculina) e a folha (entidade feminina). A ligação incontestada da figura feminina da Mãe com a doutrina é ressaltada pela autora, apontando que a relação da natureza com o feminino não é apenas típica do Santo Daime. Teorias ecofeministas trazem como premissa a valorização do feminino e de tudo que diz respeito ao seu corpo e construções de gênero, inclusive a maternagem e a maternidade (King, 1997). De um lugar de opressão da experiência feminina, passa-se para um lugar de empoderamento.

Nossos achados não mostraram exatamente Deus-mãe, mas mãe, que vai ao encontro dos achados de Benedito (2019). As identificações com o feminino e o masculino são

múltiplas, já que estamos falando de categorias e não de figuras estanques.

Benedito (2019) explana sobre a importância da devoção mariana para a doutrina do Santo Daime, ressaltando que esse é um reflexo do catolicismo na religião, principalmente, no que diz respeito aos dogmas que envolvem Maria. Ela é concebida sem pecado original, ela é Mãe de Deus, sua virgindade se mantém antes, durante e após o nascimento de Cristo. E, no momento de sua morte, seu corpo e alma foram elevados ao céu. Segundo a autora, desde o século IV foram mais de 5000 aparições de Maria pelo mundo, sendo que nem todas foram reconhecidas pela igreja católica, como é o caso do Santo Daime.

Ademais, Benedito (2019) pontua que dentre as aparições de Maria, por vezes como interlocutora entre Deus e a sociedade, Deus, com sua ira, enviava castigos na Idade Média, e o povo pedia sua intercessão, como advogada. Maria, nas aparições, pedia que construíssem locais de adoração, geralmente em meio a natureza. Na Idade Moderna, houve maior visibilidade das aparições através de imagens ou ícones em meio a natureza. No século XIX, as aparições ocorriam onde o catolicismo era predominante e, no século XX, a ciência começa a fazer parte da legitimação das aparições. Em todas as aparições, Nossa Senhora pede que orem e que haja uma preparação para o fim dos tempos.

No Santo Daime, percebemos que houve o encontro com uma pessoa leiga, a devoção, a valorização da natureza e uma mensagem. Dessa forma, considera-se a religião do Santo Daime uma doutrina mariana com o reconhecimento das três principais entidades nomeadas como Clara, Rainha da Floresta e Virgem da Conceição. O culto da Virgem da Conceição serviu para aglutinação de diversas matrizes religiosas contidas na doutrina (Benedito, 2019). É uma doutrina da floresta que inclui, em sua base, a matriz católica.

A questão do gênero também aparece na organização dos rituais, por exemplo, nas divisões entre batalhões masculino e feminino, mulheres de um lado do salão das igrejas e homens de outro, cada um deles é visto como soldados da Rainha da Floresta, aludindo ao militarismo. Os comportamentos, assim como as vestimentas dentro do espaço litúrgico, também são controlados a partir do gênero, conforme já expusemos.

Segundo Badinter (1986), a família patriarcal bíblica considera o Pai como Deus que obtinha direitos sobre homens e mulheres, sendo que a lei mosaica tende a refrear o absolutismo do pai, trazendo uma igualdade no poder entre pai e mãe. Em relação à parte materna da análise, para Badinter (1986), o culto de Maria não é apenas uma homenagem à Mãe, mas marca a negação de Eva. Com isso se sai da imagem nefasta e perigosa para uma imagem de salvação e veneração. A autora faz lembrar que Jesus não teve um pai carnal, um homem, sua filiação terrena veio através de Maria. São José exerce a função de pai como deve

ser, nutridor e afetivo. Então, para o nosso dendrograma, pressupomos que a relação com o Pai, na partição do comportamento ético-moral relacionado ao Pai, seja o Deus Pai, e não São José. Esse seria um ente que compõe o exemplo da família nuclear patriarcal e está ligado a Deus, trazendo um caráter divinal à família.

Badinter (1986) diz que os mitos de criação do mundo estiveram, por muito tempo, privilegiando sociedades patriarcais em desfavor das crianças e das mães. Isso ressoou na história bíblica sobre Adão e Eva, em que se assemelhando a Deus, Adão não dá a luz a Eva, mas em sonho ela é retirada de uma de suas costelas. Por outro lado, Eva teve que dar a luz, na dor, levando a carga contingente à matéria, a dos partos. Adão transmite o eterno à imagem de Deus doando a vida espiritual, e a mulher, a partir disso, será o agente da vida e da morte terrena, pois forma o corpo dentro de si, que é mortal. No Santo Daime, isso parece ocorrer quando o espírito é entregue a Deus e o corpo é entregue à Terra, na hora da morte.

Então, percebemos a importância desta construção da sagrada família como fundamento da religião daimista. Seria, para nós, a identidade da religião, como se ela não funcionasse sem esse emblema. Para que haja esse tipo de identificação, alguns antagonismos estão colocados. Além do gênero, o hinário traz claramente o antagonismo que é dado pelo mundo da ilusão, o mundo terreno. Este mundo, como diz Badinter (1986) é o mundo da perdição e das tentações. Neste caso, não podemos deixar de associar isto ao significado de mãe-terra, que não aparece no dendrograma, nem no hinário desta forma, mas percebemos essa presença não dita, principalmente, quando se diz que o perigo está na Terra, o filho cai no perigo se ele agir mal.

No que tange aos comportamentos, lembra-se que, diferentemente do *ethos* formulado por Birman (1995), não há, aqui, espaços para outras sexualidades ou identidades sociais que permitam outras formulações que não a família patriarcal, composta por pai, mãe e filhos. No candomblé, por exemplo, essas noções são mais intercambiáveis do que nas outras religiões, como no caso do Santo Daime. Durante a pesquisa de campo, pode-se observar uma família homoafetiva que não chegou a obter casamento na igreja, mas batizou um filho. Torna-se interessante observar a importância social das duas passagens, a princípio católicas, dentro do Santo Daime em relação a outros tipos de casais na prática. Pode-se dizer que, na prática, a representação social da sagrada família se cumpre conforme observado acima, possibilitando a objetivação. O casamento não precisa se cumprir entre casais homoafetivos, mas o batizado sim, quer dizer que há ali um Filho dentro do Daime, o qual não irá para o mundo da ilusão, pois será bem educado, embora fosse um casal homossexual não casado oficialmente.

Na pesquisa de campo, as homoafetividades puderam ser observadas, mas não foram

tratadas nas conversações como pautas, tornando a heterossexualidade uma verdade imponderável. Na verdade, quando se tornou assunto da igreja, envolveu um caso de assédio, entre obscuridades do caso e o que realmente foi posto não foi um tema explicitado, mas um tema a ser dito entre pares, quase que em segredo. O mesmo pode ser observado entre casos e segredos de casais, brigas, separações e infortúnios vividos nas heterossexualidades, que também eram mantidos quase que em segredo entre pares. Novamente tornando, aqui, a objetivação dos ensinamentos dos hinos, já que viver de acordo com os ensinamentos dos hinos pressupõe manter uma família heteronormativa sem problemas, a princípio, desde que se cumpra o que é dito e que não seja rebelde. Por fim, salientamos a importância de se levantar mais estudos sobre a área dos casamentos homoafetivos e heteronormativos nas igrejas.

6.5 Considerações Finais

A parte normativa da religião do Santo Daime, conforme já expusemos, aparece, também, no Decreto de Serviço que estabelece regras e normas de comportamento para a comunidade daimista. Refere-se às famílias, à educação e à direção de como exercer os papéis familiares. Há menções de como cuidar das crianças e de como se garante a paz e a harmonia em casa. Junto disso, preza-se pelo cuidado com a saúde como um todo, espiritual, mental e física.

Conforme já expusemos, a parte normativa se divide em 4 eixos, sendo eles oficiais e não oficiais. O Hinário faz parte dos oficiais, que regem normas a serem seguidas pelos participantes, normativas estas que tampouco devem ser esquecidas. Mestre Irineu, deixou uma religião formada enquanto um kâhin da floresta. A crença em torno disso faz com que a religião assuma o tom de verdade para os participantes. Da mesma forma, utilizar figuras anteriormente conhecidas para que a religião faça sentido é uma prerrogativa fundante na doutrina. Não há doutrina sem a Nossa Senhora da Conceição, nem sem Mestre Irineu, que foi quem intermediou esse contato do divino com a floresta, através de uma bebida que vem da floresta.

A religião brasileira assumiu esse lugar de reunir diversos saberes que culminaram na nova doutrina. Reúnem-se, aqui, parâmetros identitários e representacionais. A noção de família tradicional está fortemente arraigada na doutrina. Os lugares de Pai, Mãe, Filhos e Irmãos aparecem de forma clara, assim como o papel de cada um, tanto dentro da doutrina quanto fora dela. A religião assume um lugar de prescrição de comportamentos muito bem

delimitados. O nome traz, como consequência, uma série de prescrições que servem, em última instância, como relação de identidade para com os participantes. Prescrições essas, que irão ditar um determinado modo de vida dentro da floresta, diferente daquele que viviam antes (Otto, 2007).

Além disso, gostaríamos de expor que nosso estudo não se esgota aqui, a família patriarcal permanece ainda no imaginário social como família quista, cantam-se no Hinário e se agem como tal na busca por manter tradições seculares indo e vindo na pluralidade que as questões da atualidade trazem.

Referências

- Assis, Glauber L.; Labate, Beatriz C. & Cavnar, Clancy. (2017). Música, tradução e linguagem na diáspora do Santo Daime. *Revista de Antropologia*, 60(1), 165-192. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.132102>
- Badinter, E. (1986). *Um é o Outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Benedito, Camila de Pieri. (2019). "*Maria que me ensina a ser mulher*": religião e gênero no Santo Daime. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11390>
- Birman, Patricia. (1995). *Fazer estilo, criando gêneros*. Rio de Janeiro: UERJ/Relume Dumará.
- Bourdieu, Pierre. (2002). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,
- Camargo, Brígido V. & Justo, Ana M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>
- Connell, Robert W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2), 185-206. <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>
- Ferro, Kelem Carla Alves. (2012). *A música nos rituais de cura do Santo Daime*. [Dissertação de mestrado, UFPA]. http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7607/1/Dissertacao_MusicaRituaisCura.pdf
- Jodelet, D. (2009). Contribuição do estudo das representações sociais para uma psicossociologia do campo religioso. In D. Jodelet & A. Almeida (Eds.). Tradução de Tânia Mara Campos de Almeida. *Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas* (203-224). Thesaurus Editora.
- Jodelet, Denise. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis, Vozes.

- Júnior, Josué Silva Abreu. (2016). *A Cura No Santo Daime: Concepções de saúde e doença nas linhas do Alto Santo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas]. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30644>
- Kimmel, Michael S. (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes antropológicos*, 4(9), 103-117. <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>
- King, Ynestra. (1997). Curando as feridas: Feminismo, Ecologia e Dualismo Natureza/Cultura. In A. Jaggar. *Gênero, Corpo e Conhecimento* (126 – 156). Rosa dos Tempos.
- Labate, B; Pacheco, G. (2005) As origens históricas do santo daime. In Venâncio, R.; Carneiro, H. *Álcool e drogas na história do Brasil* (231-255). Alameda; Editora PUCMinas.
- Moreira, P.; MacRae E. (2011). *Eu venho de longe: mestre Irineu e seus companheiros*. Salvador: EDUFBA, São Luís: UFMA
- Manchaiah V.; Zhao F.; & Ratinaud, P. (2019). Young Adults' Knowledge and Attitudes Regarding "Music" and "Loud Music" Across Countries: Applications of Social Representations Theory. *Front. Psychol.* 10(1390). <https://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01390>
- Moscovici, Serge. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes.
- Napolitano, Marcos. (2002) *História & música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Nascimento, Adriano R. A. & Gianordoli-Nascimento, Ingrid F. (2012). Relações de gênero. Em K. Deslandes; E. Lourenço. (Orgs.). *Por uma cultura dos Direitos Humanos na Escola: princípios, meios e fins* (91-102). Belo Horizonte: Fino Traço.
- Nascimento, Adriano Roberto Afonso do, & Menandro, Paulo Rogério Meira. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6(2), 72-88. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812006000200007&lng=pt&tlng=p
- Otto, Rudolf (2007). *O Sagrado*. São Leopoldo: Sinodal.
- Rabelo, Kátia B. (2013). *Daime Música : identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina Daime*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. <http://hdl.handle.net/1843/AAGS-9RUHVR>
- Rehen, Lucas. (2007). "Receber não é compor": música e emoção na religião do Santo Daime. *Religião e Sociedade*, 27(2), 181-212. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872007000200009>

- Rehen, Lucas Kastrup F. (2016) Texto E Contexto Da Música No Santo Daime: Algumas Considerações Sobre A Noção De "Eu". *Mana [online]* 22(2), 469-492. <https://doi.org/10.1590/1678-49442016v22n2p469>
- Salviati, Maria E. (2017). *Manual do Aplicativo Iramuteq* (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3). Planaltina: Embrapa Cerrados.
- Trindade, Z. A., Santos, M. F. S. & Almeida, A. M. O. (2011). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Org.). *Teoria das representações sociais 50 anos* (101-122). Techno Politik Editoras
- Veliq, F., Teixeira, S., Gianordoli-Nascimento, I. F., Motti, G. L., & Couto, G. (2022). Raimundo Irineu Serra, uma Kãhin na floresta: apontamentos a partir do livro sagrado de Rudolf Otto. *Ad Aeternum*, 1(4), 86-108. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/adaeternum/article/view/8122>

7. ESTUDO III

MÃE DIVINA: CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA DOCTRINA DO SANTO DAIME

DIVINE MOTHER: GENDER CONSTRUCTIONS ON SANTO DAIME DOCTRINE

Resumo

No Hinário “O Cruzeiro”, livro base da Doutrina do Santo Daime, a figura da mãe se faz mais presente do que outras figuras femininas. Somado a isso, características maternas são compartilhadas pelas mulheres que também aparecem no Hinário. Dessa forma buscamos elucidar, através da Análise de Conteúdo clássica, de que forma as mulheres aparecem no Hinário “O Cruzeiro” e como a literatura científica tem tratado a identidade feminina. Os resultados da Análise de Conteúdo mostram que algumas figuras aparecem em destaque, como a Figura do Filho, a Figura da Mãe, a Figura do Pai, Relação de Pai e Filho, Relação de Mãe e Filho e Filho da Natureza. Essas figuras e as relações entre Pais e Filhos são permeadas por lógicas de gênero que estabelecem o lugar da maternidade, da paternidade e do Filho. O Filho é eterno, chora no mundo e pede perdão à mãe, além de ter que cumprir seus deveres na terra. É um Filho da terra também, sendo Jesus o retrato do Filho ideal. A Mãe, chamada também de Rainha, é quem ensina a cantar, amar e rezar. O Pai, por sua vez, é quem manda cantar e é quem decide a hora da morte do Filho. O Filho deve amar ao pai e se espelhar nele para suas condutas. Na relação com a Mãe, o Filho tem o dever de amar e ensinar. O Filho da Natureza vive nas matas sombrias e pede que se rogue por ele. Esses resultados mostram a importância do exemplo da família patriarcal cristã que é seguido no Hinário, além de se estabelecer lógicas tradicionais de gênero, em que a ética do cuidado e da justiça prevalecem. Por fim, os resultados contribuem para a produção científica da Psicologia Social sobre as lógicas de gênero existentes no meio religioso cristão, mais especificamente, o daimista.

Palavras-chave: Santo Daime, Gênero, Psicologia Social.

Abstract

In the Hinário “O Cruzeiro”, the basic book of the religious Doctrine of Santo Daime, the figure of the mother is more present than other female figures. Added to this, maternal characteristics are shared by the women who also appear in the Hinário. In this way, we seek to elucidate, through the classic Content Analysis, how women appear in the Hinário “O Cruzeiro” and how the scientific literature has treated female identity. The results of the Content Analysis show that some figures appear in prominence, such as the Figure of the Son, the Figure of the Mother, the Figure of the Father, Relationship between Father and Son, Relationship between Mother and Son and Son of Nature. These figures and the relationships between Parents and Sons are permeated by gender logics that establish the place of motherhood, fatherhood and the Son. The Son is eternal, he cries in the world and asks his mother for forgiveness, in addition to having to fulfill his duties on earth. He is a Son of the earth too, and Jesus is the picture of the ideal Son. The Mother, also called the Queen, is the one who teaches to sing, love and pray. The Father, in turn, is the one who commands the

singing and is the one who decides the time of the Son's death. The Son must love the Father and model himself on him for his conduct. In the relationship with the Mother, the Son has the duty to love and teach. The Son of Nature lives in the dark woods and asks that they pray for him. These results show the importance of the example of the Christian patriarchal family that is followed in the Hymnal, in addition to establishing traditional gender, logics in which the ethics of care and justice prevail. Finally, the results contribute to the scientific production of Social Psychology on the existing gender logics in the Christian religious milieu, more specifically, the daimista.

Key words: Santo Daime, Gender, Social Psychology.

7.1 Introdução

A religião do Santo Daime foi criada em 1930 por Raimundo Irineu Serra (Assis & Rodrigues, 2017). Essa religião utiliza o chá da ayahuasca⁸ como um dos seus rituais, além de ser uma doutrina musical, em que se cantam hinos religiosos. A música se torna um tema importante para a religião, sendo alvo de diversos estudos científicos (Labate & Pacheco, 2005; Rabelo, 2013).

O Hinário “O cruzeiro” é considerado o livro base da doutrina religiosa do Santo Daime, e suas letras mostram que a figura da Mãe se faz mais presente do que outras figuras femininas. Além disso, as características maternas são compartilhadas pela maioria das mulheres que aparecem no Hinário “O Cruzeiro”.

Neste trabalho, iremos nos apoiar na literatura científica sobre a identidade feminina. Embora nem todas as mulheres compartilhem a ideia de que a maternagem é gerar e cuidar de um filho, muitas compartilham a concepção da maternidade como ponto central identitário. Isso é perceptível nos contextos de cuidado em que as mulheres vêm se encontrando historicamente (Carson, 1995). Mais adiante iremos aprofundar no tema das identidades femininas.

7.1.2 Lógicas de Gênero

Percebemos que as lógicas de gênero são importantes no Hinário, pois trazem, em seu bojo, lógicas presentes nas relações que iremos nos deparar. As emoções tidas como

⁸ As religiões ayahuasqueiras utilizam o chá da ayahuasca, feito da decocção do cipó de mariri e de folhas de chacrona. É um chá que provoca reações psicoativas como as denominadas mirações, visões espirituais, e reações fisiológicas denominadas limpeza, como vômitos e diarreia. O chá passou a ser chamado de daime ou chá do santo daime pelo fundador da doutrina, Raimundo Irineu Serra. Utilizamos daime ou santo daime com letra minúscula para nos referirmos à bebida, e Santo Daime com letras maiúsculas para nos referirmos à religião.

masculinas e femininas são ditadas por normas de gênero tradicionais e não escapam de antigos moldes. Jaggar (1997) demonstra uma divisão das emoções entre homens e mulheres de forma interessante, e diz de uma proscrição das emoções. Uma determinada emoção feminina pode ser considerada desproporcional ou fora de lugar se não seguir a norma social.

Nesse sentido, a pessoa que sente pode não encontrar instrumentos sociais e psicológicos da emoção diferente dos parâmetros sociais exigidos. São ditames que encontramos na Doutrina daimista, lugares e papéis identitários pouco flexíveis. Assim, podemos declarar que a memória no Santo Daimé escrita no Hinário carrega estes moldes que não flexibilizam os lugares de Pai e mãe, o que expõe os moldes bem arraigados do lugar tradicional da família cristã.

Ao tratarmos da memória e da oralidade, percebemos que a memória do mundo privado, considerada feminina, é caracterizada pela exposição dos sentimentos e emoções íntimas, vivenciadas em determinados momentos próprios das mulheres, geralmente ligados a pessoas ou fatos (re)conhecidos afetivamente (Perrot, 2005; Jelin, 2001). Essas memórias fazem parte da chamada ética feminina de cuidado, em que as emoções são tipicamente tidas como pertencentes ao mundo feminino. A tarefa de expô-las cabe, assim, às mulheres. Embora haja essa tentativa de anular as memórias das emoções ou relegá-las a um lugar pouco importante na história, elas estão presentes em diversos períodos históricos (Jelin, 2001).

O cuidado é tratado por Tronto (1997) enquanto questão ética e problema moral. Para ela existe uma lógica do cuidado em que o cuidar de alguém reflete uma normativa moral sobre a mulher, a qual está naturalizada e reflete obrigações morais de ser mulher. A mulher deve responder pelos cuidados do seu corpo e do corpo do outro. Essa reflexão é um verdadeiro guarda-chuva, pois abrange questões gerais de saúde, do infante até o idoso, seja de qual sexo for. Há sempre uma mulher que deve ser responsável pela saúde do outro, como podemos perceber no Hinário. A prevenção de agravos e promoção da saúde no cotidiano é uma tarefa feminina, profissionalmente, isso se aplica a determinadas profissões como a enfermagem.

7.2 Desenvolvimento

Um estudo sobre as representações do trabalho feminino para homens casados (Nascimento, Gianordoli-Nascimento & Trindade, 2008) mostra que a representação de boa mulher é atravessada por conteúdos de boa mãe, boa companheira e trabalhadora, que adquire

sentido de mulher trabalhadeira, aquela que cuida de casa e dos entes próximos como nos lembra Trindade, Nascimento e Gianordoli-Nascimento (2006). Atributos como companheira, fiel, compreensiva e honesta também aparecem como parte da representação da boa mulher e diz muito do tipo de mulher aceita socialmente.

Quanto aos homens, percebe-se que as representações de bom marido possuem características similares às mulheres, como fiel, respeitoso, companheiro, compreensivo, honesto, trabalhador, carinhoso, amigo e dedicado. Honestidade, em ambos, possuem valor diferente, pois a mulher honesta não trai, e o homem honesto tem a ver com ser um homem trabalhador. Em nosso estudo, a questão da traição entre o casal fica no silêncio, pois na família sagrada não há prerrogativa para tal. O trabalho como questão masculina é ligado à ação, ser trabalhador significa ser um homem ativo. A mulher ser trabalhadora significa que ela cuida de alguém. O estudo de Trindade, Nascimento e Gianordoli-Nascimento (2006) mostra que a honestidade da mulher gira em torno dela seguir as leis e valores que ela possui numa família, representando uma peça chave familiar.

Em estudo com crianças sobre a representação de família, temos que o ideal de família se relaciona a palavras de afetividade, como carinho, felicidade e amizade. As palavras pai e mãe aparecem com funções consensuais, representando que a família nuclear tradicional está no ideal de família das crianças estudadas (Ribeiro & Cruz, 2013).

Priore (1989), em discussão sobre o amor sagrado e profano no casamento, apresenta que o amor nos moldes do século XVIII, no Brasil, deveria se afastar da lascívia e se aproximar do bem-querer, da bondade e da caridade. Toda a nudez que o amor apresentaria deveria ser coberta pelo manto da castidade. Desse modo, deveria ser o amor conjugal tocado pelo divino, apagando seus excessos. A autora expõe que o casal não deveria se unir por amor, mas por dever do casamento de procriar e de lutar contra o adultério. Um quadro de práticas amorosas atuava como prescrição que inibia os excessos do amor, os quais eram punidos por normas eclesiais.

Priore (1989) expõe que o esposo divino, de acordo com os ditames eclesiais, poderia ser igual ao esposo terreno, ao qual a esposa se sujeitava e a quem reverenciava, do contrário receberia sanções sociais. A esposa deveria ser paciente, um exemplo a ser seguido e influenciar o marido para tal. Esse modelo se amplia para o modelo de ser mãe, fundamental para a construção do modelo familiar cristão, projeto da Igreja no período colonial. A mulher confinada à casa era valorizada e, também, sinônimo de recato.

Educar os filhos fazia parte desse projeto que preconizava o amor primeiro a Deus, depois pelo marido. A mulher modelo tinha tarefas a serem cumpridas, embaladas pela

submissão. Fala-se de um amor conjugal domado, sem paixões, sendo que a culpa de qualquer inconveniente com o casamento recai sobre a mulher. Havia uma espécie de confessorário de pecados cometidos. No século XVIII, Priore (1989) mostra que a poesia louvava a beleza da mulher tal qual ocorre no Hinário estudado neste trabalho, aqui, vê-se uma beleza colocada em palavras suaves como formosura, igualando a mulher à flor.

Priore (1989) lembra que esse modelo de mulher excluía escravas, forras e brancas pobres, sem teto e sem companheiro. Neste caso, a autonomia do corpo feminino gera um controle pelos órgãos públicos que consideravam as mulheres como devassas e libertinas, observavam-se até pequenos atos. Os poderes públicos defendiam o casal monogâmico como ordem geral, a igreja, por sua vez, engajava-se em um projeto moralizador de organização social que muitas vezes não poderia ser seguido pelos grupos sociais colonos. A sedução interdita atravessava tal projeto com casais não oficiais, sejam amantes, amancebamentos ou bigamias. Existia um inventário de práticas de enamoramento que deveria ser seguido e que incluía um projeto natalista colonial. As condições de pobreza não estavam, de acordo com tal projeto, colocando o amor contravencional como prédica da vez.

A função social do amor e da família burguesa para a reprodução social se torna importante neste trabalho e enquadram o amor, a maternidade e a paternidade como temas centrais. Dentro da família burguesa, tem-se que o amor entre mãe e filho seja instintivo, um sentimento natural mais forte do que entre outros familiares, neste caso, o amor se aproxima do divino. Cada qual da família deveria ocupar, sentimentalmente, um lugar específico, inclusive na parte sexual. O filho, iniciado sexualmente na adolescência, a filha, que deveria se resguardar, e o patriarca, que obtinha controle sob todos (D’Incao, 1989).

Historicamente, no Brasil, há um processo de santificação da mulher mãe, quanto ao pai, há uma valorização de que ele ganhe dinheiro para o sustento da família. Temos o casamento como aliança política e econômica desejável, por isso, a vigilância de um sistema pré-moldado. Se não fosse praticado, haveria sanções ou tentativas de voltar para o mesmo sistema civilizatório.

Na passagem para a sociedade moderna, temos uma nova ordem civilizatória de valores individualistas em que os papéis se intercambiam e surgem muitas vezes de forma antagonica. Na sociedade moderna, os casamentos arranjados passam a ser trocados pela escolha afetiva, com uma valorização das relações amorosas entre familiares (Trigo, 1989). O amor sai do imaginário para se tornar mais palpável na vida real, passando a habitar no matrimônio sua estabilidade. Nesse ínterim, o papel da mulher passa a sofrer maiores mudanças não isentas de conflitos já que a igualdade foi colocada em pauta (Carson, 1995).

A passagem da sociedade patriarcal para a sociedade de classes gerou a valorização do amor doméstico e, com isso, o exercício da sexualidade também, vemos continuidades e rupturas nos papéis ocupados pelas mulheres (Trigo, 1989). Ao mesmo tempo que temos a valorização da virgindade, temos a luta pela libertação de valores patriarcais.

Ao observarmos a religião cristã, percebemos que há uma busca pela divinização da Virgem. A Virgem da Conceição possui em torno de si a hibridização socioreligiosa (Rosa Saque, 2020). Sua figura é fundamental para compreendermos todos os processos que a envolvem na religião, seja nas nomenclaturas, seja nas relações que se criaram em torno dela, tal como de Pai e Filho. Além de tudo, a Virgem da Conceição faz parte fundamental do mito fundador da Doutrina daimista, pois a primeira visão espiritual que Irineu teve após tomar a bebida foi com ela. A Virgem passou para ele, em sua visão espiritual, todas as orientações que ele deveria seguir para criar a nova doutrina. Irineu a colocou no centro de uma série de símbolos da natureza que fomentaram novos sentidos a ela, exemplo disso, se deu com o primeiro hino Lua Branca (Hino 01, p. 164).

As três matrizes religiosas - africana, indígena e europeia - estão presentes no Santo Daime, visto que não se concebe a religião daimista sem uma dessas três vertentes (Rosa Saque, 2020). Mesmo que não haja consenso sobre a matriz africana nos rituais, percebemos que Irineu trouxe o Tambor de Mina da sua região de origem, Maranhão, além das vestes e dele mesmo ser um homem negro (Alves Junior, 2007). Vê-se que a matriz africana está no amálgama que faz acontecer os rituais.

A aproximação do cristianismo serviu, portanto, para diminuir os conflitos de aceitação e preconceito sofridos na Doutrina. Para tanto, um lugar fronteiro entre o catolicismo e o xamanismo precisou ser forjado e entendido como lugar possível de existência da doutrina. A devoção mariana é tida como a mais popular no Brasil (Rosa Saque, 2020), tendo em si um ponto que liga o sujeito à doutrina do Santo Daime, já que a aparição da Virgem da Conceição faz parte do mito fundador da doutrina e, também, ela é bastante citada no Hinário “O Cruzeiro”, sobre o qual nos debruçaremos neste estudo (Rosa Saque, 2020). Dessa forma, ingerir a bebida do santo daime remete às origens do início da doutrina, fazendo com que a identidade religiosa seja lembrada e fortalecida somado aos cânticos que reverenciam a Virgem da Conceição e a sagrada família cristã. Este artigo tem como objetivo investigar se e como a sagrada família é retratada no Hinário “O Cruzeiro”; e como as lógicas de gênero aparecem no Hinário “O Cruzeiro”. Passemos adiante para o método que

utilizamos.

7.3 Método

Realizamos a análise textual dos hinos que compõem o Hinário “O Cruzeiro” a partir da Análise de Conteúdo (AC) clássica (Bardin, 1979). A análise de conteúdo consiste num “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p. 31) com a função de interpretar tais comunicações a partir de procedimentos sistemáticos com fins de descrição dos conteúdos textuais. Com isso, delimitamos unidades de registro com fragmentos dos textos do Hinário segundo a presença de itens de sentido. Dessa forma, a criação de categorias se fez possível, a partir de critérios de classificação, que se apresentaram segundo a constituição da sagrada família. Nosso objetivo principal foi observar como a família é retratada no Hinário. Segundo Bardin (1979), a descrição é a primeira etapa da AC, a inferência é o processo intermediário e a interpretação é a última etapa, conforme seguimos neste trabalho.

Realizamos a leitura flutuante que nos auxiliou a levantar as seguintes hipóteses sobre o texto: a existência da família se assemelha à sagrada família cristã; o texto possui caráter moral; os comportamentos expostos no texto têm caráter prescritivo para os leitores, existindo modelos de conduta. Dessa forma, pudemos estabelecer a análise de conteúdo temática a fim de explorarmos núcleos de sentido de acordo com os objetivos de análise. Percebe-se que a análise das personagens dos hinos compõe parte importante deste trabalho.

Realizamos leitura em exaustão, logo após realizamos a separação textual por categorias temáticas sobressalentes, quais sejam a figura do Filho⁹, a figura da Mãe e a figura do Pai. Além disso, investigamos como essas figuras se relacionam entre elas: relação de Pai e Filho, relação de Mãe e Filho, Filho da Natureza. Passemos adiante para os resultados.

⁹ Ao nos referirmos à família composta pelo Hinário “O Cruzeiro” utilizaremos letras maiúsculas para Pai, Mãe e Filho, pelo caráter divino que essas figuras possuem neste contexto.

7.4 Resultados

7.4.1 A figura do Filho

No hinário, o Filho, em seu papel, chora no mundo e pede perdão e socorro à Mãe. “(...) Minha Mãe, lá no céu. Dai-me o perdão. Tu sois a flor mais bela. Aonde Deus pôs a mão. Tu sois minha advogada. Oh! Virgem da Conceição (...)” (Hino 01, p. 157). O Filho é vinculado tanto à Mãe (filho de Maria, da virgem, da mãe, ou da virgem mãe) quanto ao Pai (Filho de Deus, do divino Pai eterno, do Rei de amor, de São José, do Redentor). Mas há menções em que o Filho não aparece vinculado a nenhuma figura específica, e que caracterizam o Filho identitariamente neste jogo familiar do divino com deveres a serem cumpridos: “(...) Eu sou um filho eterno. Não devo pensar à toa(...)” (Hino 24, p. 167). “(...)Sou filho da verdade. E do poder universal. Para sempre, para sempre. Para sempre acreditar (...)” (Hino 92, p. 201). “Sou filho desta verdade. Sou dono deste poder. Deus me entrega com firmeza. Eu não devo esmorecer. (...)” (Hino 98, p. 203).

Jesus, retrato do Filho ideal, é colocado como Filho de Maria, e é alguém que deve ser lembrado pelos participantes, pois é um exemplo a ser seguido: “(...) Eu não devo esquecer-me. Do nome de Jesus.” (Hino 10, p. 160). Jesus é alguém para ser festejado: “(...) Eu convido os meus irmãos. Para cantar com alegria. Para nós ir festejar. A Jesus filho de Maria. (...)” (Hino 57, p. 183). Jesus também é Pai: “(...) Jesus Cristo Redentor. Senhor do meu coração. Defendei os vossos filhos. Neste mundo de ilusão. (...)” (Hino 128, p. 216).

7.4.2 A figura da Mãe

A Mãe chama a todos para serem Filhos dela, porém nem todos fazem por merecer a maternidade sagrada. Para ser Filho dela é preciso amar com firmeza: “A Rainha me chamou. Para mim seguir com ela. Para eu amar com firmeza. Para eu ser um filho Dela” (Hino 32, p. 170). A Mãe é uma Mãe que ensina: “(...) A minha Mãe que me ensina. Me diz tudo que eu quiser (...)” (Hino 104, p. 206). Ela manda cantar e ensinar aos irmãos: “A Rainha minha Mãe. Que me mandou eu cantar. E ensinar os meus irmãos. Aqueles que procurar” (Hino 35, p. 172). Ela chama para ser um Filho dela e ter força para ensinar. Percebemos que a Mãe exerce a maternidade, chamando os Filhos para que ela possa ensiná-los e para que eles

possam ensinar aos seus irmãos a ter amor, a rezar e a cantar.

7.4.3 A figura do Pai

O Pai manda cantar para ter firmeza: “Soberano Pai Eterno. Que me mandou eu cantar. Para eu ter toda firmeza. Para sempre eu vos amar.” (Hino 37, p. 173). “Foi meu pai quem me mandou. Conhecer todos primores” (Hino 41, p. 175). O Pai também manda viver e avisar aos irmãos: “O Divino Pai Eterno. Foi quem me mandou viver. Que eu avisasse aos meus irmãos. O que vai acontecer” (Hino 83, p. 197). O divino Pai mandou José ser esposo de Maria. “(...) O Patriarca São José. Vós esposo de Maria. Que o Divino Pai mandou. Para vossa companhia.” (Hino 36, p. 172). Além disso, o Pai também chama para a hora da morte: “Tantos anos que vivestes. Agora vais se retirar. Vai atender ao nosso Pai. Foi quem mandou te chamar.” (Hino 07, p. 159).

7.4.4 Relação de Pai e Filho

Quando o Filho é vinculado ao Pai, ou a figuras masculinas, aparecem algumas ações e deveres do Filho. O Filho se apresenta ao pai divino e se alegra: “(...) Eu vim me apresentar. Por ser um filho seu. (...) Piso firme com alegria. Sou filho do Redentor. (...)” (Hino 21, p. 166). Há o dever de ser feliz e de ter amor ao se reconhecer Filho desse pai: “(...) Sou filho do meu Pai. Feliz eu devo ser. Sou filho do meu Pai. Eu devo ter amor. (...)” (Hino 26, p. 168).

O Pai divino é amoroso e carinhoso, e seu Filho reconhece isso. O Filho deve amar ao Pai, que é bom por excelência. Além disso, o Filho deve agir de determinada forma, sendo atencioso, carinhoso, e não ser orgulhoso: “(...) Reduzi meu corpo em pó. O meu espírito entre flores. Sou eu, sou eu, sou eu. Filho do Rei de Amor (...)” (Hino 33, p. 171). “(...) Meu Pai é carinhoso. Ele não quer mal a ninguém. Devo amar com firmeza. A meu Pai que nos quer bem (...). Sou filho do meu Pai. Eu devo ser atencioso. Abraçar a todo mundo. E não querer ser orgulhoso” (Hino 45, p. 177). O Filho parece usar as características do Pai como exemplo de conduta.

Além disso, alguns pedidos são feitos ao Pai. É pedido ao Pai a luz: “(...) O Divino Pai Eterno. Senhor de todo primor. Daí a luz ao vosso filho. Aquele que procurou. (...)” (Hino 35, p. 172); e que ele defenda seu Filho da escuridão: “(...) Meu Divino Senhor Deus. É Pai de toda nação. Defendei os vossos filhos. De toda escuridão. (...)” (Hino 44, p. 177).

O perdão também é pedido: “(...) Divino Pai. Soberano Criador. Perdoai os vossos filhos. Neste mundo pecador (...)” (Hino 72, p. 191). E, por último, é pedido o amor do Pai, a fim de se afirmar a paternidade: “Meu Pai, meu Pai. Me dá o teu amor. Para eu ser filho de vós. Aqui na terra aonde estou. (...)” (Hino 112, p. 209).

O Filho reconhece a paternidade: “(...) O Divino Pai Eterno. Quem me fez, quem me criou. Para eu ser um filho seu. No jardim de Belas Flores (...)” (Hino 59, p. 184). E agradece ao Pai ao reconhecer a paternidade: “(...) O Divino Pai Eterno. Me deu um grande poder. Eu como filho de vós. Vou eterno agradecer (...)” (Hino 49, p. 179). São José também é reconhecido como Pai: “(...) Sou filho desta verdade. E meu Pai é São José (...)” (Hino 104, p. 206).

O Filho tem um dever com o Pai, de trabalho e de amá-lo, pois é sabido que quem pode dar as coisas ao Filho é o Pai: “(...) Este é o salão dourado. Do nosso Pai verdadeiro. Todos nós somos filhos. E todos nós somos herdeiros. Nós todos somos filhos. E é preciso trabalhar. Amar ao Pai Eterno. É quem tem para nos dar (...)” (Hino 119, p. 212).

7.4.5 Relação de Mãe e Filho

Quando surge o Filho vinculado à Mãe ou a uma figura feminina, aparecem algumas prescrições, o Filho não deve fazer o mal, nem se afastar da Mãe: “(...) A Virgem Mãe que me ensinou. De vós não devo afastar-me. Para ser um filho seu. Fazer bem, não fazer mal (...)” (Hino 19, p. 165); e também deve ensinar “(...) A Virgem Mãe foi quem me deu. Para ensinar os meus irmãos. Para ser um Filho seu (...)” (Hino 30, p. 170).

A Mãe chama o Filho para cumprir deveres, que envolvem amar e ensinar, só assim se é Filho dela: “A Rainha me chamou. Para mim seguir com Ela. Para eu amar com firmeza. Para eu ser um filho Dela. (...) Ter força para ensinar.” (Hino 32, p. 170). O Filho é estimado quando segue corretamente os deveres: “(...) A minha Mãe que me ensinou. Eu sou filho estimado. Quem seguir na minha linha. Segue limpo e não errado. (...)” (Hino 36, p. 172). A Mãe manda e ensina o filho, e quando ele reconhece essa hierarquia, ele se vê como Filho amoroso: “(...) A minha Mãe que me ensinou. A minha Mãe que me mandou. Eu sou filho de vós. Eu devo ter amor. (...)” (Hino 40, p. 174). A Mãe manda trazer fé e amor, portanto é uma relação que envolve o divino e a religiosidade, além de ser uma relação afetiva amorosa: “(...) Sou filho da verdade. E do poder superior. A minha Mãe que me mandou. Trazer fé e amor (...)” (Hino 86, p. 198).

A Mãe é Mãe de todos, mas deve-se cumprir o dever em relação a ela para ser Filho

legítimo: “(...) A Minha mãe é Mãe de todos. Que quiser ser filho Dela. Ela roga por nós todos. Mas ninguém roga por Ela. (...)” (Hino 49, p. 179). Para ser Filho dessa Mãe que está nas alturas, a Mãe divina, é preciso ser humilde: “(...) Chamei lá nas alturas. A minha Mãe me respondeu. Sou humilde, sou humilde. Sou humilde um filho seu (...)” (Hino 92, p. 201).

É pedido à Mãe Divina o perdão através do amor que ela exerce sobre os Filhos: “(...) Oh Virgem Mãe. Vós sois Mãe do Redentor. Perdoai os vossos filhos. Pelo vosso Santo Amor (...)” (Hino 72, p. 191). Aqui, Jesus é comparado a Deus e é pedido à Virgem Maria o perdão pelos pecados: “(...) Minha Sempre Virgem Maria. Perdoai os filhos seus. Vós como Mãe soberana. A Divina Mãe de Deus. (...)” (Hino 122, p. 213). Pede-se à Virgem Mãe o socorro quando o filho se queixa de sofrer: “(...) A Virgem Mãe é Soberana. Nas alturas onde Ela está. Socorrei um filho seu. Que está no mundo a reclamar (...)” (Hino 76, p. 193).

Ser Filho quer dizer ser eterno, impondo a divindade da relação: “(...) Vamos seguir, vamos embora. Que nós somos filhos eternos. Filhos de Nossa Senhora (...)” (Hino 125, p. 215).

7.4.6 Filho da natureza

O Filho também aparece ligado a elementos da natureza, relacionado ao trabalho que ele deve cumprir independente do que digam: “(...) Sois filho das Águas Brancas. E é preciso trabalhar. Segue sempre o teu destino. E deixa quem quiser falar (...)” (Hino 50, p. 180). O Filho, quando reconhece ser Filho da terra, relata viver nas sombras e roga ao Pai e à Mãe divina: “Eu sou filho da terra. Vivo nas matas sombrias. Implorando ao Pai Eterno. E a Sempre Virgem Maria” (Hino 100, p. 204). Por último, é pedido a todos os santos que roguem a Deus para que os Filhos da terra esqueçam a ilusão: “(...) Todos santos e todas santas. Roguem a Deus no coração. Para os filhos da terra. Se esquecer da ilusão (...)” (Hino 105, p. 206).

7.5 Discussão

Junior (2016) explana que o “eu” dos hinos do “Cruzeiro” se refere ao Mestre Irineu que se apresenta como filho de Deus e da Mãe Divina, embora daimistas se considerem eles

mesmos a primeira pessoa, como modo de identificação. Os Filhos, neste caso, seriam considerados todos os participantes da igreja. Não é de nosso interesse achar a quem se remete cada uma dessas pessoas. Neste trabalho, nos atemos a expor os dados e tentar nos aproximar de quais representações se falam quando observamos as relações familiares.

Junior (2016) explicita que a Mãe Divina e suas denominações podem estar associadas a elementos sagrados historicamente (Virgem Mãe, Virgem da Conceição). O autor nos mostra que a Mãe, ao ser denominada como advogada, passa a ideia de defesa de algum crime cometido pela primeira pessoa ou ainda pelo Filho; junto disso, apresenta características de Deus como soberano, criador, salvador, redentor, onipotente, entre outros. Tais conceitos estão relacionados no presente trabalho com o Pai.

Percebe-se que a Mãe é dotada do poder de trazer o Filho ao mundo e, também, de tirá-lo por ordem do Pai, já que o Pai é quem manda buscá-lo do mundo terreno. Um outro ponto importante é que a Mãe mais ensina e pede ao Filho para ter amor, do que é pedido a ela para ter amor ao Filho. Já ao Pai é mais pedido que ele tenha amor ao Filho, e não que ele ensine ou que ele peça ao Filho para ter amor. No caso, ensinar práticas de cuidados cabe à Mãe.

O Filho se apresenta ao Pai, de forma a ter que se explicar a ele. Nesse caso, quem entra em defesa do Filho seria a Mãe Divina, a qual é caracterizada como advogada, quando vinculada à Virgem da Conceição. A Mãe intercede, encaminha e orienta o Filho a diversas tarefas que garantiriam o caminho da salvação dos pecados. Apesar dessas orientações, o Filho, como pecador, anda em caminhos escuros e pede piedade ao Pai. O tempo é contabilizado pelo Pai, inclusive a duração do tempo de vida, assim como o julgamento do que se fez em vida também parece ser realizado pelo Pai. O Pai, neste caso, percebe se houve obediência ou não ao que a Mãe ensinou. Assim, quem julga é o Pai e quem intercede é a Mãe.

Esta interpretação está de acordo com o que postulam Cunha e Santos (2015) ao analisarem a obra de Ariano Suassuna, o Auto da Compadecida. Os autores dizem que a obra parte de uma teologia popular. Os autores dizem que a figura do diabo nem sempre é de causar espanto podendo ser invocado se a figura de Deus da igreja falhasse ou demorasse a aparecer como foi o caso ocorrido com Irineu no início da Doutrina do Santo Daime. Jesus, por sua vez se encontra num lugar de juiz no Auto, já que as almas se encontram num julgamento de suas vidas. Ele ao invés de Deus estaria mais próximo da realidade dos julgados. Jesus é igual aos homens, porém “não muito”.

No Auto da Compadecida existe também o diabo nomeado de Encourado,

representando a injustiça, a mentira e o mal. O diabo é quem acusa, havendo entre as almas o pavor da sua figura e do inferno. Entretanto há sempre quem interceda pelas almas que é Jesus e Nossa Senhora. Há esta intercessão através da misericórdia divina. Nossa Senhora é uma entidade santa que aparece após ser invocada por João Grilo no Auto, ela é sua advogada e intercede por ele para que não fosse enganado pelo Encourado. Assim como ocorre nos hinos a virgem Mãe é chamada para que tenha misericórdia dos seus filhos (Cunha & Santos, 2015).

As menções à Mãe no Hinário “O Cruzeiro” se sobressaem. Podemos perceber que a figura da Mãe é fundamental na doutrina, vimos que coexistem os diferentes tipos de mãe. Isso demonstra que a doutrina e o próprio Hinário são dedicados a ela, pois incluem até mesmo a Mãe velha, aquela que tem sabedoria.

As lógicas de gênero aparecem neste contexto de forma que os moldes sociais podem ser observados no Hinário. Entretanto, o lugar de ter amor, sentimento historicamente vinculado à Mãe, está também entrelaçado com a figura do Pai. Percebe-se que o amor se apresenta em diferentes ordens. Neste caso, o Pai tem amor e é rogado a ele para ter amor pelo filho.

Outra interpretação que está mais próxima do que expõe Will Kymlicka (2006) e Gilligan (1982) é de que estejam em voga a ética do cuidado e a ética da justiça. Nesta perspectiva, há dois projetos morais, a ética feminina, que se refere ao cuidado, principalmente o individual, e a ética masculina, que se refere à justiça dentro do bem de todos. Ambas prescrevem comportamentos e modos de subjetivação sensíveis aos mundos privado e público respectivamente. Dessa forma, talvez este vocativo pedindo amor não esteja tão vinculado à Mãe, pois, é esperado que ela aja “naturalmente” por amor. E do Pai é esperado que ele aja “naturalmente” na busca por justiça, tanto que ele julga o Filho.

No Hinário, percebemos que a naturalização do amor ao Filho aparece com bastante clareza, ele já deve existir instintivamente. O Filho pede o amor, de modo que, mesmo errando, ele o receba, representando o caráter divino do amor.

A diferença entre as morais masculina e feminina estão colocadas no hinário. Ynestra King (1997) discorre que as mulheres construíram teorias psicológicas e pedagógicas do cuidado justamente por estarem historicamente relegadas a este lugar, muitas vezes, durante as guerras construídas no mundo público masculino. King (1997) ressalta a necessidade das mulheres reafirmarem a maternidade como lugar de poder, e não de subalternidade, ou obrigatoriedade.

7.6 Considerações finais

Percebemos que as identidades de gênero das mulheres do Hinário perpassam pela maternagem e pela maternidade, a família cristã obtém importância fundamental, a fim de compreendermos as lógicas de gênero da doutrina. O Pai divino possui um lugar específico de julgar, a Mãe divina de ensinar e perdoar e o Filho de aprender e ensinar seus irmãos. Percebe-se com isso que lugares tradicionais de gênero são mantidos na doutrina daimista.

Conforme expõe Carson (1995), o trabalho e o matrimônio são práticas imprescindíveis para a identidade feminina. Socialmente, há uma escolha que a mulher deve fazer como identidade social, que sobressaia entre ser esposa, mãe ou trabalhadora. Nesse sentido, a formação de uma família, socialmente, fica a cargo de mulheres, já que a maternidade é um dos principais eixos identitários para elas, colocando a dedicação total aos outros como premissa.

Além disso, percebe-se vínculos de dependência e de poder entre homens e mulheres. A família patriarcal é uma premissa fundamental no Hinário, não havendo lugar para outros tipos de família ou lugares intercambiantes. De certa forma, são prescrições de comportamentos para os membros da Doutrina, que devem seguir os modelos como exemplo no seu dia a dia. Percebemos que não há espaço para flexibilização dos lugares de pai, mãe e filho. Dessa forma mantém-se a identidade daimista de acordo com os moldes tradicionais de gênero e da família patriarcal.

Neste sentido, conforme preconiza Strathern (2006) não nos atemos apenas em compreender a realidade que se apresentou, percebemos uma série de manutenções de poder existente na relação familiar patriarcal. Este trabalho pretende expor tal relação de poder e propor que novas formações familiares possam fazer parte do panteão daimista de forma que as formações familiares como as LGBTQIA+ tenham espaço e lugar nas comunicações e nos rituais.

Referências

Alves Junior, A. M. (2007). *Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da Umbanda*

- no Santo Daime*. [Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/2045>
- Assis, G. & Rodrigues, J. (2017). De quem é a ayahuasca? Notas sobre a patrimonialização de uma “bebida sagrada” amazônica. *Religião & Sociedade* [online], 37(3), 46-70. <https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n3cap0>
- Bardin, Lawrence. (1979). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Carson, A. (1995) Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. *Cadernos Pagu*, 4, 187-218. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1768>
- Cunha, G. P. & Santos, L. S. (2015). “Não sei, só sei que foi assim!” A percepção popular acerca de Deus, do Demônio e dos Santos no Auto da Compadecida. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, 38, 40-58. <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>
- D’Incao, Maria Angela. (1989). O amor romântico e a família burguesa. In D’Incao, Maria Angela (org.). *Amor e família no Brasil* (57-71). Contexto.
- Gilligan, Carol. (1982). Conceitos do eu e de moralidade, In Gilligan, Carol. *Uma voz diferente* (75-116). Rosa dos Tempos.
- Jaggar, Alison. (1996). Ética feminista: algunos temas para los años noventa. In Carme Castells. *Perspectivas feministas en teoría política* (167-184). Paidós.
- Jelin, E. (2001). *Los trabajos de la memoria*. España: Siglo Veintiuno editores.
- Júnior, Josué Silva Abreu. (2016). *A Cura No Santo Daime: Concepções de saúde e doença nas linhas do Alto Santo*. [Dissertação de Mestrado Universidade Federal da Bahia]. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30644>
- King, Ynestra. (1997). Curando as feridas: Feminismo, Ecologia e Dualismo Natureza/Cultura. In A. Jaggar. *Gênero, Corpo e Conhecimento* (126 – 156). Rosa dos Tempos.
- Kymlicka, Will. (2006). O feminismo. In Kymlicka, Will. *Filosofia Política Contemporânea* (303-372). Martins Fontes.
- Labate, B; Pacheco, G. (2005) As origens históricas do santo daime. In Venâncio, R.; Carneiro, H. (2005) *Álcool e drogas na história do Brasil*. (231-255). PUCMinas.
- Nascimento, Adriano Roberto Afonso; Gianordoli-Nascimento, Ingrid Faria; Trindade, Zeidi Araújo (2008). A representação social do trabalho feminino para homens casados. *Mental*, VI (11), 145-164. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272008000200009&lng=pt&nrm=iso

- Perrot, Michelle (2005). *As mulheres, ou, os silêncios da história*. Bauru: EDUSC.
- Priore, Mary del. (1989) O corpo feminino e o amor: um olhar. In Maria Ângela D'Incao, *Amor e Família no Brasil* (31-56). Contexto.
- Rabelo, Kátia B. (2013). *Daime Música: identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina Daime*. [Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Minas Gerais]. <http://hdl.handle.net/1843/AAGS-9RUHVR>
- Ribeiro, Fernanda Siqueira & Cruz, Fatima Maria Leite (2013). Representações sociais de família por crianças na cidade de Recife. *Psicologia & Sociedade [online]* 25 (3), 612-622. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300015>.
- Rosa Saque, L. (2020). A Virgem da Conceição na doutrina do Santo Daime: A construção de um mito fundacional sob a ótica do princípio pluralista. *Sacrilegens*, 17(2), 169–180. <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2020.v17.32693>
- Strathern, Marilyn. (2006). *O gênero da dádiva*. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Editora da Unicamp.
- Trigo, Maria Helena Bueno. (1989) Amor e casamento no século XX. In: D'Incao, Maria Ângela et al. (org.). *Amor e família no Brasil*, (88-94). Contexto.
- Trindade, Z. A.; Nascimento, A. R. A.; Gianordoli-Nascimento, I. F. (2006) Resistência e mudança: representações de homens e mulheres ideais. In Ângela Maria Oliveira; Maria Fátima Santos; Gláucia Diniz; Zeidi Trindade. (org.). *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano: estudos em representações sociais* (187-214). Universidade de Brasília.
- Tronto, Joan C. (1997). Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre moralidade a partir disso?. In A. Jaggar. e S. Bordo. *Gênero, corpo e conhecimento*, (186-203). Rosa dos Tempos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina do Santo Daime, criada em 1930, gera ainda discussões profícuas sobre como e em que bases foi criada. Percebemos a importância do sincretismo na sua criação, além da importância de alguém que pudesse disseminar o conhecimento recebido da floresta. Além disso, compreendemos que sem o numinoso não há religião, ou seja, sem o contato com algo transcendental, sagrado (Otto, 2007). O numinoso se mantém como mistério inapreensível, não compreendido, ou inexplicável dentro de uma racionalidade.

O sentimento de misterioso também circunda a criação da Doutrina, assim como as regras que geram temor pertencente à Doutrina. Mestre Irineu deveria seguir com rigor os ensinamentos passados pela rainha da floresta, ou, no sincretismo, a Virgem da Conceição. Além disso, estava colocado que havia, ali, uma superioridade espiritual da Virgem sobre o Mestre Irineu, era ela quem passava os ensinamentos para criação da Doutrina. Havia, com isso, uma humildade religiosa em que a sensação de dependência e de ser criatura emerge. Percebe-se, ainda, a sensação amorosa em relação ao divino, que desperta o zelo em relação ao espiritual e também a luta contra as coisas da carne.

O sentimento amoroso interpela a relação entre o mundo espiritual e o mundo terreno, conforme podemos observar nos hinos também. Seria um estado de excitação provocado por uma deidade viva, não racionalizável, que incita à ação, à atividade. Percebe-se, por último, que o mistério é um aspecto do numinoso, o que aconteceu quando Mestre Irineu se encontrou com a rainha da floresta pela primeira vez, além das outras diversas vezes em que esteve com ela nas ditas mirações. Quando esteve com ela pela primeira vez, ficou surpreendido, atemorizado e fascinado. O sagrado, nesse sentido, transcende a compreensão humana, estando para além do raciocínio lógico, alcançando o temor digno da criação de uma religião.

Durkheim (1996) apresenta a ideia do divino na formação da religião, em que coloca a palavra espiritual ao invés da palavra Deus para melhor compreensão do fenômeno religioso. Desse modo, entende-se que o espiritual tem servido mais para explicar o que há de normal no curso da vida, do que o que há de extraordinário, fazendo manter o curso normal da vida. Esse foi o objetivo do Santo Daime, manter uma determinada normalidade no meio da floresta. Os seres espirituais, para o autor, são dotados de poderes superiores, sejam divindades, demônios ou almas dos mortos. Age-se, sobre eles, através de procedimentos

psicológicos em que os convence, ou os comove, através de palavras, oferendas ou sacrifícios.

No caso do Santo Daime, isso é feito com a ingestão da bebida e dos cânticos. Assim, está definida uma religião com preces, ritos e oferendas. Temos, então, o ritual daimista, preces e cânticos. Mestre Irineu foi visto como um homem santo com características extraordinárias, dotado de virtudes excepcionais. A revelação da Doutrina foi realizada por ele e a religião irá existir desde que se pratique e se conheça a Doutrina. Nessa religião percebe-se que o intermédio entre o divino e o sujeito ocorre através da ingestão da bebida com a qual o sujeito irá se deparar com as próprias questões individuais durante o ritual, portanto é de caráter único para cada um.

Para Durkheim (1996), os fenômenos religiosos se classificam entre crenças e ritos. As crenças exprimem estados de opinião e representações e os ritos são os modos de ação. Os rituais irão prescrever modos de agir, de natureza moral, tal como ocorre na Doutrina daimista. Percebe-se que não há rito sem crenças. As crenças religiosas residem na dicotomia entre o que é sagrado e o que é profano. O sagrado não necessariamente está em deidades, como ocorre no daime, em que a bebida é sagrada. Assim, algumas partes do ritual não podem ser executadas por qualquer um, por exemplo a distribuição da bebida entre os integrantes, que deve ser realizada por alguém que seja veterano na igreja e que tenha conhecimento do feitio da bebida. Essa pessoa atua no processo do intermédio entre o sujeito que ingere o daime e seu contato com o divino.

Temos, também, no Santo Daime, o ritual de passagem que é o fardamento, denominado pelo autor como a saída do mundo profano para o mundo das coisas sagradas. No fardamento, se abandona o que era antes para viver de acordo com os mandamentos da nova Doutrina. Ganha-se, com isso, o respeito entre os integrantes, assim como o tempo de fardamento é algo digno de respeito.

Durkheim (1996) explica que as coisas sagradas são as que as proibições protegem e as coisas profanas são as que se aplicam as proibições. Além disso, explana que os ritos são as regras de conduta que prescrevem comportamentos relacionados às coisas sagradas. O conjunto de crenças e ritos constituem, assim, uma religião, formando uma unidade composta pelas relações entre as coisas sagradas, de modo que não ocorra em outros sistemas religiosos. Outro aspecto interessante trazido pelo autor é que a magia faz parte da religião, sendo que a magia é feita de crenças e ritos. A magia exige na religião sacrifícios, purificações, preces,

cantos e danças.

Pensamos que, aqui, a Doutrina daimista encontra similaridade, pois é no ritual que a magia da miração ocorre. Uma diversidade de seres mágicos também é invocada, como Tarumim, ser espiritual da floresta. Durkheim (1996) explicita, em conjunto, que existe uma ligação entre os indivíduos de uma religião pelo fato de terem uma fé comum, além de reproduzirem práticas comuns provenientes de uma mesma representação do sagrado. Isso compõe uma igreja, como é o caso do Santo Daime. Dessa forma, encontra-se, aí, um grupo definido. A igreja prescreve ao indivíduo qual santo ele deve adorar e louvar, assim como ocorre no Daime.

Pensamos que, no Santo Daime, muitos buscam a cura para suas aflições. Sobre isso, Rabelo (2015) aponta que há práticas capazes de transformar o sentido de aflição do cliente. O ritual, assim como no Candomblé, visa estabelecer a saúde dos participantes, atuando no seu equilíbrio. Outra similaridade são os rituais fechados apenas para iniciados. No Santo Daime, aqueles que querem participar de rituais abertos devem ser convidados, a fim de restringir a participação pública no ritual. Nos rituais fechados para visitantes pode haver a ingestão de maiores quantidades da bebida, pode também ter uma duração maior, ou simplesmente ser uma data especial apenas para iniciados. Quando os rituais são abertos, a ingestão do daime aos que chegam pela primeira vez geralmente é menor.

Na igreja em que fui fardada, havia um quartinho de repouso para as mulheres e outro para os homens, a fim de que pudessem descansar durante algum tempo do ritual, pois tinha-se que “a força” do santo daime poderia acabar abalando as estruturas físicas e mentais do participante. Havia, também, um fiscal em cada batalhão, feminino e masculino, para que se tomasse conta das pessoas que ingeriam o daime e poderiam passar mal. O ritual, ao mesmo tempo que desorganiza o espaço cotidiano, propõe uma alteração do uso do corpo que funciona como gatilho para produção de novos significados que confrontam distintas possibilidades de organizar a vida social (Rabelo, 2015).

Os rituais religiosos que envolvem a cura estão associados à transformação da pessoa, há, ali, um aprendizado em que o participante é levado a alguns modos de ser e a se relacionar socialmente e com o próprio sofrimento. Novos conteúdos ideacionais e novos esquemas interpretativos são interiorizados, para que haja a construção de novos sentidos apresentados pela religião. O grupo religioso é de extrema importância para que a construção identitária

ocorra.

No caso do Santo Daime, percebemos que a ideia de família patriarcal é preponderante e que os lugares de pai, mãe e filho estão estabelecidos. As crenças giram em torno do que já é conhecido, porém, com aval da instituição religiosa. Os novos contextos são dramatizados pela religião no ritual, incluindo posturas, gestos e pensamentos. Nos rituais do Daime, a prática dos hinos, assim como a oração, é o meio pelo qual o fiel busca transformação.

A prática do Daime também exige certas disposições corporais que atravessam a vergonha de se comportar de determinadas formas, havendo um esforço para se afastar do mundo cotidiano e estar presente na nova configuração que o ritual apresenta (Rabelo, 2015). Os significados produzidos no tratamento religioso não são apenas de ordem cognitiva, envolvendo crenças e esquemas interpretativos, envolvem, também, a sensibilidade relacionada ao novo contexto, existe aí uma parte afetiva.

Segundo Rabelo (2015), os objetos presentes no ritual religioso funcionam como meios materiais que facilitam a transmissão e aprendizados dos significados do tratamento espiritual. Os tratamentos visam modificar a visão de mundo do participante. Do mesmo modo que, no Candomblé, se pede melhorias ao orixá, no Santo Daime, se pede melhorias através dos hinos. Os hinos, o daime, as vestes, assim como toda materialidade utilizada no ritual podem ser considerados suportes de significado simbólico, sendo que fora desse contexto não fazem diferença quanto ao significado.

Rabelo (1994) expõe que o ritual religioso organiza o sujeito, inserindo-o num novo contexto de relacionamentos e interpretações. Existe, aí, uma reorganização da experiência no mundo. Isso ocorre no Santo Daime na medida em que as pessoas se inserem numa nova cultura e precisam seguir os ensinamentos colocados por ela. Os indivíduos são levados a reorganizar suas práticas no mundo. Dessa forma, pode-se inferir que um novo mundo fenomenológico se apresenta ao sujeito, em que esse é levado a reinterpretar o seu mundo com uma nova ótica. Segundo a autora, o ritual apresenta certos papéis aos participantes, os quais devem se conformar com eles.

As doenças no Santo Daime são interpretadas como sinal de rebeldia, por não seguirem os preceitos da doutrina. Há, portanto, um universo moral a ser seguido, o qual garantirá que se afaste de todas as enfermidades. Dessa forma, diferentemente do espiritismo ou pentecostalismo, em que há uma persuasão para que o mal se afaste ou seja transformado

em bem, no Santo Daime o participante é ativo na própria transformação. Não há uma pessoa intermediária responsável pelo ensino, a própria estrutura do Santo Daime, e todas as suas prescrições são capazes de preencher esse intermédio.

Segundo Rose (2013), através do ritual, as experiências com a ayahuasca podem ser direcionadas de forma positiva, tanto coletivamente quanto individualmente, em que se observa mudanças profundas na orientação da própria vida. Espera-se que todos os rituais daimistas curem, na perspectiva nativa. Segundo a autora, as enfermidades para daimistas ocorrem por desequilíbrios na vida material e espiritual, sendo manifestações de uma desarmonia. A saúde, por outro lado, se relaciona ao equilíbrio e harmonia em variados planos.

Dessa forma, a cura buscada no ritual daimista não é alopática, não havendo uma busca por remissão dos sintomas, mas pela avaliação da própria conduta. Rose (2013) diz que a limpeza durante os rituais faz parte da cosmologia daimista, se enquadrando no paradigma terapêutico da religião. A limpeza pode remeter a dimensão material e/ou espiritual, ocasionando uma catarse fisiológica que leva ao acesso, ao conhecimento e à cura. Para Rose (2013), no ritual do Santo Daime, há um intercâmbio entre a espiritualidade e a terapia, entre o uso religioso e terapêutico do chá e entre a ciência e a religião. Percebe-se que são áreas que não se excluem na religião, nem são contraditórias, podendo ser ativadas separadamente, ou não, de acordo com a finalidade do que se quer alcançar.

Outra questão pertinente neste trabalho é que percebemos com esta tese que a questão de gênero é essencial para compreendermos a estrutura do Santo Daime. Nota-se que a família patriarcal forma uma tríade fundamental na constituição da doutrina. As representações sociais de Pai, Mãe e Filho são resultados encontrados. Conforme já expusemos, essas figuras são dependentes uma das outras e aparecem imbricadas. A figura da Mãe é primordial, sendo que aparece vinculada ao amor ao Filho e traz os ensinamentos que esse deve aprender para ser obediente e não rebelde. O Pai aparece como patriarca, que também ensina, porém de forma mais ativa que a Mãe, demonstrando instrumental relacionado à força. E o Filho, deve ser obediente, aprender os ensinamentos da Mãe e do Pai e amar os seus irmãos.

O Pai é uma figura que ama o Filho e não quer seu mal. Deve-se ter isso em mente, pois os ensinamentos do pai são mais severos. Vasconcellos (2013) diz que, na família ideal, o poder do homem se firma no trabalho fora de casa, não se esperando a monogamia dele. O adulto

tem poder sobre a criança por saber mais que ela e a ensina através da disciplina. A identidade familiar se define por posição, sexo e idade. Existe uma clareza moral do que seria correto ou não dentro do núcleo familiar, assim como a repressão dos desvios morais. Esse modelo se difere daquele proveniente a partir da modernização do núcleo familiar. Entretanto, o que nos parece é que o modelo familiar utilizado no Santo Daime seria pré-moderno.

Vasconcellos (2013) declara que a crise do modelo ideal de família vem ocorrendo atualmente, ocasionando crises identitárias em que os valores são fluidos. Esta crise familiar tem gerado alguns problemas, como sofrimentos psíquicos, dificuldade de aprendizado, baixo rendimento no trabalho, uso de drogas, depressão e suicídio. Entende-se que a família vem se adaptando a novas conjunturas sociais no último século. A saída da mulher de classe média para o mercado de trabalho foi um dos fatores importantes de mudança social, pois nos casais heteronormativos, os homens passaram a ter maior contato com a família. Dessa forma, ao invés da imposição de força, passou-se a dialogar. O modelo de família passou a ser igualitário e não mais hierárquico. A criança passa a ter maior autonomia e, com isso, maiores questionamentos à autoridade dos pais. Com as mulheres ocupando cada vez mais o mercado de trabalho, muitas vezes elas mantêm a casa financeiramente, fazendo com que a autoridade masculina seja ainda mais questionada. No entanto, percebemos que os afazeres domésticos ainda continuam sob responsabilidade feminina.

A legislação brasileira passou a considerar um número cada vez maior de conjunturas familiares, ampliando a proteção a famílias formadas fora do casamento. Apesar da legislação proteger mulheres, crianças e idosos, percebe-se que os homens ainda possuem maior poder social, estão em melhores cargos de trabalho, possuem maior poder de compra, são proprietários de imóveis, titulares de planos de saúde, entre outros. Observa-se que as mudanças macrossociais tem provocado mudanças microsociais nas relações familiares. Vasconcellos (2013) diz que as pessoas parecem cada vez mais perdidas diante das mudanças de paradigma da família, as grandes certezas parecem desmoronar, pois não há um modelo de comportamento a se seguir necessariamente. Dessa forma, muitos ficam em busca de respostas em diferentes meios de informação que possuam um caráter educativo.

O acesso a essas informações não ocorre de forma passiva, mas passa pelo arcabouço das experiências pessoais de cada um, havendo uma ressignificação de acordo com o próprio referencial e inserções sociais. Segundo Vasconcellos (2013), a ideia de família é antiga e fundamental à organização social e nem sempre segue o preceito de ideal da família formada

pelo casal e filhos. Além disso, se atenta para a importância das representações sociais de família influenciadas pelas práticas sociais, pois as realidades em que vivem as famílias são diversas e constituem contextos diferentes.

Em cada tempo histórico, a família se constituiu de forma diferente. A história da instituição familiar passa por várias fases até que seja instaurada a família monogâmica patriarcal, em que apenas o marido é capaz de romper o laço matrimonial e a castidade e fidelidade da mulher são bravamente monitoradas. O modelo da família atual é datado apenas do século XVII, antes disso, a família precisou passar por crivos da sexualidade como uma moral a ser respeitada dentro do casamento. O homem deveria ser o responsável moral pela família e a mulher devia obediência a ele, o casamento passa a ser realizado em nome do afeto. A instituição do casamento passa a ser sagrada com a intervenção da Igreja Católica, através da concepção do pecado e da fiscalização dos comportamentos através das confissões.

Inicialmente, o amor não era considerado algo puro, mas ligado às paixões e à sensualidade. A igreja convida a população, em determinado momento, para compor a Sagrada Família, com isso, a questão da criança passa a ter visibilidade ao invés de ser considerada um adulto em miniatura. A noção de afeto passou a reger a família moderna quando a vida pública se separou da vida íntima, principalmente com as novas relações de trabalho.

No Brasil, o conceito de família foi formado a partir da moral católica europeia, embora houvesse diversos tipos de configurações familiares durante a colonização, que, muitas vezes, fugiam dos critérios morais religiosos. A formação das famílias brasileiras teve influência do controle do estado, da medicina e da igreja católica. A influência paterna no controle da família foi dando espaço para que o cuidado e higiene fossem inseridos no seio familiar, fazendo com que o papel da mulher se tornasse importante na educação e manutenção dos valores familiares. O pai provedor e a mulher frágil passaram a compor a unidade familiar assim como a proteção do infante. Com isso, novas leis foram criadas para que se abarcasse as mudanças sociais e familiares (Vasconcellos, 2013).

Em seu estudo sobre representação social da família para pessoas majoritariamente católicas entre 18 e 85 anos residentes do Distrito Federal, um dos achados de Vasconcellos (2013) diz que parece haver um ideal de família, mais do que uma realidade vivida. Surgiu, em seus resultados, a ideia de que a família é considerada tudo, composta por pai, mãe e filhos,

unidos por Deus, por laços de amor e afeto. União e respeito são elementos importantes além do carinho, amizade, companheirismo, compreensão, felicidade, fraternidade e paz. Esse modelo idealizado de família se aproxima do modelo de sagrada família preconizado pela igreja católica no início do século passado no país em que o patriarca passa a ser figura secundária, devido a mudanças na urbanização das cidades. Há, com isso, a valorização da família nuclear, com o número reduzido de pessoas que vivem sob o mesmo teto.

Dentre as funções da família, percebe-se a educação, o cuidado, a segurança e a proteção, que servem de base de apoio. Além disso, encontra-se na família a segurança da vida, da casa, do lar, da saúde e da religião, fornecendo aconchego e força. Muitas vezes, o desvio desse padrão serve para justificar uma série de problemas sociais, esquivando de analisar problemas de forma que abranja questões macrossociais importantes. Problemas como briga, trabalho e conflito aparecem de forma periférica na representação social da família, de modo que se identifique que algum tipo de mudança possa transparecer nesta representação que se torna não tão ideal assim.

Para nosso trabalho, torna-se importante observar que há uma sacralização da família com a presença de Deus entre os elementos nucleares. A religião ancora a noção de família. Neste caso, percebemos como nossos achados estão de acordo com a noção de família apontada por Vasconcellos (2013). A presença de elementos religiosos são fundamentais para compreendermos como as representações sociais que circulam sobre a família se dão. Os valores cristãos são preponderantes e regem elementos que se complementam, como pureza e impureza, sagrado e profano, razão e emoção. A autora diz que a família funciona como um universo microsocial que reflete o universo macrossocial. Assim, a representação irá funcionar para manutenção de valores, relações de poder e de papéis sociais arraigados, ou quase consensuais, tais como os lugares feminino e masculino, as diferenças entre pais e filhos, papéis de marido e esposa, entre outros.

A religião aparece tendo papel fundamental na educação dos membros da família, principalmente, quando vinculada à família do século passado, em que o Estado ainda não exercia poder sobre o seio familiar, mas sim a igreja. Além disso, encontra-se elementos que se referem à tradição e ao conservadorismo. Percebe-se que a manutenção dos bons costumes rege os valores da família tradicional. Com isso, o patriarcado com a submissão, obediência, severidade, repressão, entre outros, se mantém como referência.

Estes achados estão de acordo com o que pudemos perceber em nosso trabalho, em que os papéis sociais de Filho, Pai e Mãe são bastante demarcados, assim como a representação social da família. Não queremos, aqui, fechar o debate sobre a família tradicional, mas gostaríamos de ampliar essa discussão, trazendo novas configurações familiares em confluência com as representações da família tradicional. Percebemos que no Santo Daime, a família tradicional é preponderante embora existam, entre os participantes, novas configurações, famílias e casamentos dos mais diversos tipos, mesmo que aparentemente se defenda a família tradicional.

Por fim é importante destacar que as discussões propostas aqui não findam com este trabalho. É necessário uma continuidade de estudos sobre a Doutrina que abarquem as configurações de família e que observem como estas famílias se relacionam com o Santo Daime. Torna-se importante observar se há silenciamentos, aceitação ou algum fator de repressão com casais homoafetivos ou com configurações diversas.

Nosso trabalho buscou contribuir para o campo da psicologia social, principalmente no que tange a pesquisa no ambiente de pertença da pesquisadora. E também buscamos ampliar o estudo das Representações Sociais para o campo das religiões. O Santo Daime é uma religião brasileira, com influência indígena, europeia e afro-brasileira, sendo importante que haja cada vez mais estudos sobre ela no sentido de valorização e visibilidade da mesma.

REFERÊNCIAS

- Assis, G. & Rodrigues, J. (2017). De quem é a ayahuasca? Notas sobre a patrimonialização de uma “bebida sagrada” amazônica. *Religião & Sociedade* [online], 37(3), 46-70. <https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n3cap0>
- Assis, G. L., Labate, B. C., Cavnar, C. (2017). Música, tradução e linguagem na diáspora do Santo Daime. *Revista De Antropologia*, 60(1), 165-192. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.132102>
- Ballestrin, Luciana. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* (11), 89-11.
- Bastide, R. (1973). *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo, Perspectiva.
- Bonetti, Alinne de Lima. (2009). Etnografia, gênero e poder: antropologia feminista em ação. *Mediações*, 14 (2).
- Carson, A. (1995) Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. *Cadernos Pagu*, Campinas 4, 187-218.
- D’Incao, Maria Angela. (1989). O amor romântico e a família burguesa. In D’Incao, Maria Angela (org.). *Amor e família no Brasil* (57-71). Contexto.
- Dias, J. C. T. (2021). Sincretismo... Essa Palavra Mal Dita. *Revista Ambivalências*, 9(17), 224-245.
- Durkheim, Émile. (1996). Definição do fenômeno religioso e da religião. In Durkheim, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália* (3-32). Martins Fontes.
- Favret-Saada, J. (2005). Ser afetado. *Cadernos de campo*, São Paulo, 13, 155-161.
- Fernandes, S. C. (2018). Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicinas da floresta. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 51, 289-314. : <http://journals.openedition.org/horizontes/2277>.
- Ferro, Kelem Carla Alves. (2012). *A música nos rituais de cura do Santo Daime*. [Dissertação de mestrado em Artes. UFPA.]. http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7607/1/Dissertacao_MusicaRituaisCura.pdf
- Gilligan, Carol. (1982). Conceitos do eu e de moralidade. In Gilligan, Carol. *Uma voz diferente* (75-116). Rosa dos Tempos.
- Jaggar, Alison. (1996). Ética feminista: algunos temas para los años noventa. In Carme

- Castells. *Perspectivas feministas en teoría política* (167-184). Paidós.
- Jelin, E. (2001). *Los trabajos de la memoria*. España: Siglo Veintiuno editores.
- King, Ynestra. (1997). Curando as feridas: Feminismo, Ecologia e Dualismo Natureza/Cultura. In A. Jaggar. *Gênero, Corpo e Conhecimento* (126 – 156). Rosa dos Tempos.
- Kymlicka, Will. (2006). O feminismo. In Kymlicka, Will. *Filosofia Política Contemporânea* (303-372). Martins Fontes.
- Labate, Beatriz & Feeney, Kevin. (2012), "Ayahuasca and the Process of Regulation in Brazil and Internationally: Implications and Challenges". *International Journal of Drug Policy*, 23 (2), 154-161.
- MacRae, E. (1992). *Guiado pela lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- Mayorga, Claudia, Santos, Luana Carola dos, Carvalho, Ana Berlado, Amaral, Julião Gonçalves, Borges & Larissa Amorim. (2016). Gênero, Feminismo E Psicologia Social No Brasil: Análise Da Revista Psicologia & Sociedade (1996-2010). *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 589-603. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p589>
- Moreira, P. & MacRae E. (2011). *Eu venho de longe: mestre Irineu e seus companheiros*. Salvador: EDUFBA, São Luís: UFMA.
- Moscovici, Serge. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes.
- Nascimento, Adriano Roberto Afonso; Gianordoli-Nascimento, Ingrid Faria & Trindade, Zeidi Araújo. (2008). A representação social do trabalho feminino para homens casados. *Mental*, VI (11), 145-164.
- Oliveira, Isabela Lara. (2010). Breve Histórico Da Ressignificação Da Ayahuasca Na Religião Santo Daime . *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, 7 (2), 316-342.
- Otto, Rudolf (2007). *O Sagrado*. São Leopoldo: Sinodal.
- Priore, Mary del. (1995). *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidade no Brasil Colônia*. Brasília, Rio de Janeiro: EdUnB, José Olímpio.
- Rabelo, Kátia B. (2013). *Daime Música : identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina Daime*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música.
- Rabelo, M.C. (1994) Religião, ritual e cura. In Alves, P.C. & Minayo, M.C. (Eds.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Rabelo, M. (2015). A construção do sentido nos tratamentos religiosos. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 4(3).

<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/658>

- Rebel, M. C. (2010). “*Salve A Luz E Salve A Força*”: Dimensões Psicossociais Na Doutrina Do Santo Daime. Tese de Doutorado em Psicologia Social - UERJ 254f.
- Rehen, Lucas Kastrup F. (2016) Texto E Contexto Da Música No Santo Daime: Algumas Considerações Sobre A Noção De "Eu". *Mana [online]* 22(2), 469-492. Acesso: <https://doi.org/10.1590/1678-49442016v22n2p469>
- Rehen, Lucas. (2011), *Música, emoção e entendimento: a experiência de holandeses no ritual do Santo Daime*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UERJ.
- Romão, T. L. C. (2018). Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 57(1), 353–381. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651758>
- Rose, Isabel. (2013). Cura espiritual, biomedicina e intermedicalidad en el Santo Daime. In Labate, Beatriz C. & Boulos, José Carlos. *Ayahuasca y salud* (pp 169-192). La liebre de marzo.
- Sá, Celso Pereira de. (1998). A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. EdUERJ.
- Sanchis, Pierre. (1995). As tramas sincréticas da história: Sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro. *RBCS*, 10(28), 123-138.
- Silva, Giovanna H. T. C., Souza, Érica R. (2017). *Corpos tóxicos: uma etnografia do imaginário e das performatividades de gênero em um terreiro de Umbanda Esotérica de Belo Horizonte (MG)*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais]. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AU2N3R>
- Strathern, Marilyn. (2006). *O gênero da dádiva*. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Editora da Unicamp.
- Trigo, Maria Helena Bueno. (1989). Amor e casamento no século XX. In D’Incao, Maria Ângela et al. (org.). *Amor e família no Brasil* (pp 88-94). Contexto.
- Tronto, Joan C. (1997). Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre moralidade a partir disso?. In A. Jaggar. e S. Bordo. *Gênero, corpo e conhecimento* (186-203). Rosa dos Tempos.
- Vasconcellos, Karina de Mendonça.(2013). *A representação social da família: desvendando conteúdos e explorando processos*. [Tese de Doutorado. Universidade de Brasília]. https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13272/1/2013_KarinaMendoncaVasconcelos.pdf

Veliz, F., Teixeira, S., Gianordoli-Nascimento, I. F., Motti, G. L., & Couto, G. (2022). Raimundo Irineu Serra, uma Kâhin na floresta: apontamentos a partir do livro sagrado de Rudolf Otto. *Ad Aeternum*, 1(4), 86-108. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/adaeternum/article/view/8122>

APÊNDICE 1

DICIONÁRIO DE TERMOS¹⁰

Acompanhar - O verbo acompanhar vem relacionado à Mãe que acompanha o Filho e os irmãos e à Rainha da Floresta que acompanha o eu lírico. O Pai, a Mãe e irmãos também acompanham o Filho.

Acreditar - Acreditar vem relacionado ao dever de acreditar no divino Pai eterno, nas forças da natureza e a ninguém ter acreditado na riqueza e no amor.

Alegria - A palavra alegria vem relacionada ao ensino, ao canto com alegria, à subir nas alturas com alegria, a seguir os passos com alegria, à mãe que ensinou a pisar firme com alegria e a chegar no salão da casa/igreja com alegria.

Amar - O verbo amar aparece em relação ao Pai, aos pais juntos, aos irmãos e a Deus, como obrigação dos Filhos.

Amém - É trazido como forma de consolidar frases de ensinamento, vindo acompanhado de para sempre e posteriormente Jesus.

Amor - O amor aparece como uma luz de amor junto da fé. O amor e a verdade foram empregados por Jesus. Deve-se cantar com amor e alegria na noite do seu nascimento. Canta-se, também, o amor, equiparado ao ensinamento da doutrina. Não se deve esquecer do amor recebido ao se chegar na casa/igreja. Os passos são seguidos com amor e alegria, pois Deus é soberano e está na firmeza. Deve-se ter firmeza no pensamento para seguir no amor dentro da verdade. Com amor no coração, os trabalhos que aprendeu são apresentados. Canta-se com amor e todos devem ter amor, assim como é preciso ensinar a ter amor aos que não sabem. Em um dos hinos, diz-se que, no coração do mundo, existe todo amor, pode-se interpretar tal passagem como uma alusão à floresta amazônica, lugar de onde veio o chá. Em alusão à natureza, também é citado um jardim de amor, local para se receber o mensageiro, que é a entidade espiritual que traz o ensinamento da doutrina. Pede-se amor ao pai para ser Filho dele na Terra.

Aprender - Aprender aparece nos seguintes contextos: ninguém trata de aprender; ensinar os menores para todos aprenderem a sempre louvar a Deus e saber agradecer; todos ficam sem aprender; chama-se o tempo para ele vir me ensinar aprender com perfeição para

¹⁰ Este dicionário foi criado pela pesquisadora a partir da análise lexical do Hinário “O Cruzeiro”, a fim de elucidar os termos que aparecem e se interconectam no decorrer do Hinário.

poder ensinar aos que forem obedientes; tratar de aprender para ser eternamente; depois que o tempo chega ninguém quis aprender.

Aqui - Aqui aparece mencionando geralmente o lugar físico, onde ocorre o ritual e suas características, como um lugar da verdade, apesar de serem apontados certos mentirosos. Onde é possível ficar diante do poder, um lugar onde se é trazido pela Mãe, um lugar onde é possível se encontrar com a sempre Virgem Maria, com a mãe soberana e com Begê. Canta-se aqui na Terra, na mata, no meio do salão - da igreja.

Assim - O advérbio assim se relaciona aos ensinamentos: como Filho da verdade deve-se caprichar assim, fica assim a disciplina, o “professor” não ensina “assim” de forma incorreta, ele ensina certo, mas ninguém faz “assim” corretamente, se “assim” fizessem estariam mais adiantados espiritualmente. Sempre “assim” se vai dizer e se quer ser, amar a eternidade e ser fiel até morrer. As pessoas são comparadas a laranjeiras que tem laranjas boas, e “assim” são algumas pessoas. A morte é muito simples e “assim” se vai dizer, a morte é igual a nascer.

Astral - Astral aparece como local espiritual, que não se vê, em contraposição à Terra, onde a mãe e o pai estão, de onde a força vem e de onde vêm seres espirituais, como Rei Tintuma, Agarrube e Titango.

Begê - Entidade espiritual da floresta.

Bem - O bem aparece vinculado ao amor, à saúde, ao bem estar, à felicidade, à beleza, ao querer bem e ao fazer o bem. O Filho da Virgem Mãe deve fazer o bem. O eu lírico aparece como sendo bem feliz já que Cristo o enviou para viver na Terra. O divino Pai eterno foi quem deu o poder de ser bem feliz. Duas figuras da natureza aparecem relacionadas ao bem, Begê, que nos quer bem e Tarumim que é bem formosa.

Cantar - Cantar surge como verbo de expressão nos hinos. Os cânticos são oferecidos, são como um dever realizado para pedir algo ou se alcance algo, como a saúde, para receber o Pai divinal, para ver a Virgem Maria, para ter alegria, para louvar, para ensinar, para ter firmeza, e são oferecidos para quem tem amor. Canta-se de joelhos na cruz, canta-se com os irmãos e seres da floresta, como um passarinho, que é mencionado como cantor na mata deserta, que humanizado canta dizeres a um caçador. Canto sempre aparece em primeira pessoa, o eu lírico que canta os ensinamentos, canta para dizer, canta certo, canta na Terra, canta com alegria, canta nas alturas e canta os ensinamentos. Deve-se, também, cantar durante o passar das horas do dia para receber o Pai divinal, às seis horas da manhã e ao meio dia para o Pai criador.

Casa - Casa, assim como “aqui”, aparece como sinônimo de igreja, local onde ocorre o ritual do santo daime e onde é possível conhecer a verdade. “Nesta casa”, trabalhos são

feitos, estrondo de palmas são ouvidos quando se chega, é onde se afirma fé e amor, é onde se encontra com a Virgem Maria, é onde se agradece por ter chegado/voltado.

Céu - O lugar em que a Mãe está localizada é no céu, ou nas alturas, é de lá que ela vai agir. Embora sejam menos citados, Pai e Deus também aparecem, o Pai é do céu, assim como Deus, que está no céu e nas alturas.

Chamar - Chamar aparece na primeira pessoa, “chamo a estrela para me ensinar”, “chamo a força para nos defender”, “chamei nas alturas e a minha mãe respondeu”. Chama-se o cipó a folha e a água, que, em união, formam a bebida do daime, para eles mostrarem a verdade, já que o chá é conhecido como chá da verdade. Além dos outros chamados, chama-se pelo divino nas alturas, chama-se para receber as forças do Pai e do poder superior. Chama-se, também, por Currupipiraguá, um ser espiritual da floresta, além de chamar o Rei Titango junto ao Rei Agarrube e ao Rei Tintuma, seres que vêm do astral para participarem do trabalho espiritual do daime. Esse aspecto, de chamar seres para participar do trabalho espiritual, é bastante parecido com os cânticos e trabalhos espirituais indígenas. O chamado também vem de outras pessoas, vem da Rainha, que chamou para seguir com ela, vem de Papai, que chama para estar diante dele. Mamãe também chama para ensinar e Papai manda chamar na hora de morrer.

Chegar - O verbo chegar se refere à chegada em locais ou situações. Por exemplo, chegar nesta casa onde ocorre o ritual daimista, local em que se conquistou as virtudes e onde agradecimentos são dados. A casa do ritual também é onde se encontra com a Virgem Maria, pois seguindo no caminho certo, é possível chegar onde a Mãe está, ao subir se chega nas alturas e se encontra com a Virgem Maria. Outra forma que chegar aparece é quando “chegar” o dia em que o Pai chama, se referindo ao dia do falecimento, e é preciso obedecer a esse chamado. Chegar também anuncia a chegada de um “amigo velho” que é Jesus, para ser lembrado sempre. A luz que chega no ritual é comparada ao ouro da Terra. Outro ser que chega à casa/igreja, é Begê, um ser espiritual a quem se chama e que vem para ensinar a verdade, ele foi enviado pela mãe de piedade. Uma senhora também chega numa canoa feita de ouro e prata para se encontrar com o eu lírico do hino e mandou que embarcasse para realizar uma viagem, aqui pensamos numa alusão à viagem espiritual proporcionada pela bebida do santo daime. Um lugar a que se chega é na campina de uma flor onde está a riqueza do Pai criador.

Compreender - O verbo compreender traz as seguintes conotações: é preciso compreender que a Lua é que domina a Terra; todo mundo passa pela força e não procura compreender; todos querem, mas é preciso compreender antes; os hinos ensinam a aqueles

que compreender; todos têm a riqueza mas é preciso compreender; não se compreende a falsidade; a Mãe ensina a compreender a verdade; quem está no caminho consegue compreender; compreende-se e conversam com os caboclos; é preciso compreender a febre do amor.

Coração - O coração é lembrado como *locus* de pertencimento da Mãe divina, ela é a mãe do coração, órgão que socialmente associamos ao amor, no caso, o amor divino. A firmeza também é associada ao coração, como forma de lembrar que se deve ter firmeza no coração para atravessar os caminhos da vida. Tem-se com isso que o coração também pode ser frágil.

Criador - Criador diz respeito ao universo criador, ao Pai criador, para quem se deve cantar, ao pão do criador, que se pede como alimento e à terra criadora, aquela que cria os seres que existem.

Cristo - Representação terrena do Filho de Deus, sempre junto da palavra Jesus (ver Jesus).

Cruzeiro - O cruzeiro aparece como símbolo cristão e também é o nome do hinário “O Cruzeiro” composto, segundo o próprio hinário, por 132 hinos chamados de 132 flores “recebidas”. O cruzeiro também significa local de referência, pois é de onde se enxerga a luz divina e é onde se encontra o rosário para rezar.

Currupipiraguá - Ser espiritual da floresta.

Dentro - Dentro aparece em referência a local, sendo dentro desta casa, dentro do poder divino, dentro desta verdade, dentro do jardim, o ensino dentro do meu coração.

Depois - Depois já é mencionado na consequência de alguma ação, que pode trazer arrependimento: se fogem da caridade e depois não querem sofrer; depois que todos escutarem é que vão reconhecer; ninguém aprende depois não devem se admirar de tudo que aparecer; depois que refletir é que vão se arrepender; não compreendem depois dizem que o mestre não tem saber; depois que Jesus morreu ele ganhou seu nome e todo mundo teve amor.

Deus - Deus aparece em diversos contextos, como alguém para ser lembrado e que está no céu, onde está a esperança. Deus é soberano, por isso, Ele, quem nos determina, é onipotente, é quem dá a luz, é um divino senhor, de quem todos querem ser Filhos. Neste mundo, é preciso ir para onde Ele quiser, em companhia da Virgem da Conceição. No mundo, vivemos por ordem Dele. É alguém para se festejar e para se entregar a alma após a morte do corpo. Deus aparece em diversos lugares e momentos, rememorando uma figura onipresente, ele aparece tanto junto às figuras sagradas quanto junto aos Filhos. Ele aparece como patriarca, como soberano, onipotente, está no coração, é o Deus da Criação, a ele se pede tudo

o que precisar.

Divino - O divino surge nas alturas e o entendemos como uma variação de Deus, já que muita coisa é pedida e rogada ao divino. Aparece, também, o divino espírito santo para ser louvado. Ao divino, chamamos, pedimos e louvamos. O divino aparece em diversos outros momentos, principalmente atrelado às figuras da sagrada família.

Ensinos - Os ensinamentos da doutrina daimista também são citados nos hinos, quando relacionados ao canto, eles vêm com o que se canta. Quem quiser vai aprender e quem vem ensinar é a santa virgem.

Esquecer - O verbo esquecer aparece próximo a Maria, representando um lembrete das tarefas que o Filho deve fazer na Terra, ela lembra aos Filhos que eles estão no mundo da ilusão e ela pede para que não se esqueçam de rezar também.

Eterno - Este termo aparece em diversas ocasiões, como Pai eterno, que está nas alturas, Deus eterno, Filho eterno, luz eterna, eterna gratidão por ser Filho, vida eterna e eterna salvação. O Pai eterno é o senhor da criação e de todo primor. Ele é quem tem luz para nos dar, ele manda cantar para ter firmeza, ele é soberano e onipotente, semelhante a Deus. As obrigações são oferecidas a ele, a felicidade é devida a ele, pois foi o Pai eterno quem nos fez e ele é o senhor de todo primor. Portanto, ser Filho eterno é ser Filho desse pai e da Virgem Mãe e a eles deve-se louvar e ter gratidão eterna.

Falar - Falar engloba disciplina, no sentido de se continuar na linha e deixar com que falem desde que estejam no caminho certo.

Filho - O Filho manifesta desejo de ser Filho do Pai, junto da Mãe e dos irmãos que acompanham o amor que o Filho tem. A figura do Filho aparece junto do divino e da Virgem Mãe, sendo que para ser um Filho de amor no coração, ele deve ensinar aos irmãos. O Filho é “deste” poder, é um Filho que vive na terra e no mar a implorar ao pai eterno. Quando o Filho chama, a mãe é quem responde para acompanhá-lo. O divino Pai eterno foi quem fez o Filho no jardim de belas flores. O filho da rainha é reconhecido como filho dela e deve seguir com alegria. Todos são Filhos e herdeiros do Pai verdadeiro e é preciso trabalhar praticando o bem e amando ao Pai eterno. A Mãe acompanha os Filhos, que devem ensinar e aprender, ao menos, a rezar. O Filho eterno é do Pai de todo primor, pede-se luz a ele para cumprir o que a rainha Mãe mandou: cantar e ensinar aos irmãos que procuram. Deve-se defender os filhos da escuridão, por isso, pede-se a santa luz para poder enxergar e navegar. O Filho é da Virgem Mãe, e se reconhece isso, chama-se pela força dela para ela vir defendê-lo. A Mãe ensina o Filho humilde a louvar a Deus. O Filho é grato e vive encostado na Mãe para sempre amá-la. O Filho também aparece na floresta como Filho da terra, que vive na mata sombria

implorando ao pai e à virgem Maria, tocando seus instrumentos, caixa e tambor. Aponta-se Jesus como filho da virgem Maria.

Firme - Firme aparece nos seguintes contextos: de que as pessoas não são firmes a Deus nem leais aos irmãos; se está firme para trabalhar e ensinar aos irmãos; se ficar firme apanha se correr sofre mais; segue-se firme na linha; a Mãe mandou ficar firme.

Flores - As flores são, reconhecidamente, parte do sincretismo indígena, que traz elementos da natureza para dentro da religião, pois chama-se a Mãe de flor do jardim e os hinos de flores recebidas.

Floresta - A floresta aparece como local de onde vem a luz que as pessoas ignoravam, lugar do qual vem o poder, a força e, também, de onde a rainha é, elucidando mais uma vez a folha da chacrona chamada de rainha.

Força - Força é um item pedido sempre nos hinos, ora ao Pai, ora à Mãe. Força é algo divino e superior, quando pedida ao Pai é dada com amor. A força superior também é citada como poder universal quando se canta para obtê-la. Deve-se ter força para ensinar aos irmãos como manda a Mãe. A força quando vinculada à Mãe é trazida como um ensino, por exemplo, a Mãe ensinou a ter força para conhecer os primores com amor e, quando ela concede força, essa vem junto ao “brilho” para sempre ter valor na vida terrestre. A força, quando aparece sozinha, parece ser vinculada ocultamente às entidades de Pai e Mãe, pois proporciona a defesa do mal. Existe, além disso, a força vinculada a elementos da natureza, dada pela Lua para a Terra “criadora”, a força é da floresta e do astral, ela é divina e faz estremecer. Força é algo para se ter, se chamar e se pedir.

Formosa - A palavra formosa(o) vem de uma sub-representação do corpus, aparecendo em apenas dois hinos de maneira repetitiva. Ela diz respeito à Tarumim, mãe d’água, um ser espiritual da natureza, e à mãe que é formosa.

Ilusão - É dito nos hinos para se esquecer ou deixar a ilusão e se lembrar de Jesus Cristo.

Jesus - Jesus é a representação terrena do Filho de Deus. Jesus é lembrado como Filho de Maria com o divino senhor Deus, mostrando que José é um pai “adotivo” de Jesus. É lembrado como alguém que esteve na cruz, como redentor, como pai de consolação, como alguém que vem para lembrar de não temer o caminho, como alguém que defende os Filhos no mundo de ilusão. Ele é, também, mencionado como Filho de Maria e José e como alguém santo. Deve-se lembrar dele e tê-lo como companhia, pois é ele quem pode nos livrar dos pecados. Jesus pode ser interpretado como porta voz de Deus e é a ele que deve-se recorrer, pois, tendo seu consentimento, sabe-se que está no caminho dele, ou seja, num bom caminho.

Jesus é reconhecido nos hinos como mestre, Cristo e Redentor, ele age como interventor, portanto pode-se pedir a ele a redenção ou a salvação das ilusões que se aparecem.

José - José é citado como São José, ou ainda Patriarca São José, sendo lembrado como esposo de Maria, ou junto da sagrada família, José, Jesus e Maria. A consagração do amor se dá através do amor despertado na sagrada família, o amor entre filhos e pais e o amor do casal conformando uma família cristã.

Lealdade - Lealdade engloba disciplina, no sentido de continuar na linha e deixar com que falem, desde que estejam no caminho certo, com lealdade. Fora desse caminho há um castigo.

Luz - A luz é tida como santa, é onipresente, aparece em diversos locais e é pedida a Deus que ela chegue, como ato de iluminação, de concessão.

Mãe - A Mãe é quem “dá” o ensino para conhecer a verdade, e a obrigação aprendida, que é ensinar aos irmãos, é apresentada ao Pai, que é o senhor da criação. A Mãe e o Pai são apoios espirituais, pois se “encosta” nos dois no astral. À virgem Mãe também é pedido que defenda os inocentes. “Mãe” aparece nos seguintes contextos: quando se reconhece que é Filho do poder, pois a Mãe o trouxe até ali; sente-se saudade dela quando se está com o Pai; a Mãe vem com o eu lírico o acompanhando; a Mãe é quem ensina; a Mãe é quem dá. Deve-se aprender, receber dela a santa luz e fazer o trabalho que a Mãe ordena. A Mãe é a santa Virgem, não se pode viver sem ela, só se pode estar aonde ela está, deve-se chegar onde ela está, pois ela é Mãe de todos. Ela é a Virgem Mãe do coração, soberana, ela manda estar no local onde está, que é na igreja ou no ritual. À Virgem Maria, reconhecida como Mãe soberana, pede-se que perdoe seus Filhos. A Mãe ensinou a verdade, por isso é possível pisar firme, com alegria. A Mãe é Mãe de piedade. A Mãe quem criou o eu lírico, é também Mãe velha, é querida, ela manda e ensina o Filho estimado. Ela mostra seu valor, ela ensina com o nome de Jesus, ela mostra a verdade, dá a santa luz, ela manda seguir para sempre, ela manda trazer as santas doutrinas, a fé e o amor, ela é prenda querida. Deus e a Virgem Mãe acompanham o eu lírico, estando ao seu lado.

Mal - A palavra mal diz respeito a não fazer o mal e fazer o bem, a algo para se livrar.

Mandar - O verbo mandar aparece em algumas circunstâncias, no sentido de enviar ou ordenar. O Pai manda entrar nas profundezas do mar, conhecer todos primores. O soberano Pai eterno manda cantar para ter firmeza e sempre o amar. A Mãe manda ensinar os que forem filhos dela, manda cantar e ensinar os irmãos, a Virgem Mãe manda que afirmem a firmeza. Deus do céu mandou a luz, mandou não fazer guerra. O divino senhor Deus mandou dizer que todos são filhos dele. Jesus mandou viver aqui na Terra. A rainha mandou rezar para o irmão,

para ela limpar o coração, e rezar para a humanidade, para ela fazer as vontades dela no céu. A Mãe mandou trazer fé e amor, estar dentro desta casa, que avisasse aos irmãos o que vai acontecer dentro da verdade, mandou seguir e trazer santas doutrinas. Outros exemplos ocorrem com seres espirituais: a rainha da floresta mandou ensinar aos irmãos; quem mandou/enviou Begê até aqui foi o salvador, e uma senhora na proa de uma canoa feita de ouro e prata mandou o eu lírico embarcar.

Mar - O mar interpretamos como mar físico e como mar espiritual pertencente à ordem do inconsciente, pois nos hinos pede-se força e licença para se entrar nas profundezas do mar durante o ritual. O eu lírico aparece andando na praia do mar, mandaram-no buscar, como se estivesse passeando, já que no ritual deve-se trabalhar. Outra menção ao mar aparece em relação à Virgem Mãe, que é Rainha do mar, o mar é sagrado, e é de onde se vem para conhecer as florestas. Já o filho vive na terra e no mar, implorando ao pai eterno. Parece-nos uma dicotomia entre terra firme e mar, ou entre consciente e inconsciente. Outros exemplos mostram que o eu lírico vem beirando o mar.

Maria - Maria é uma entidade constantemente lembrada como Mãe de Jesus, por isso ela é comparada a uma estrela brilhante, ela é sempre Virgem Maria e também é esposa de José. A ela é dado “viva” - interjeição de alegria. Deve-se festejar a Virgem Maria junto de outras entidades. A ela rogamos e pedimos. Quem está junto dela está com a força maior, é para se viver junto dela, é pedido a ela a defesa dos pecados do mundo. Ao subir ao céu, nos encontramos com ela, tanto durante o uso da bebida, nas mirações, quanto na morte. Ao partir desse mundo, portanto, temos a companhia dela. A santidade de Maria é provada pela sua virgindade, adjetivo escolhido para descrevê-la, ela dá a luz a Jesus mesmo sendo virgem conforme a crença católica. Outra crença católica é da sua consagração, devendo-se lembrar de que ela é sagrada todos os dias. A sempre Virgem Maria se mantém na Terra e no astral. No papel da Mãe, a virgem Maria é quem vem ensinar para se cantar com amor.

Merecer - O ensino é para aqueles que merecem, embora muitos o queiram

Mestre - Mestre aparece como sinônimo de Jesus: dizem que o mestre não tem saber, chamaram o mestre de mentiroso, mestre bom ninguém quis, o mestre é ensinador.

Morrer - O verbo morrer aparece apresentando o significado de morte na doutrina, é preciso ser fiel até morrer, ninguém quer morrer, se falar do irmão estou sujeito a morrer, depois que Jesus morreu todo mundo teve amor.

Mostrar - O verbo mostrar aparece como uma ordem para mostrar a luz aos irmãos, ao invés de desprezá-los. Este ensinamento deve ser passado para outras pessoas. A verdade vai ser mostrada para ensinar aos irmãos, a força vem mostrar a verdade. A Mãe mostra seu valor

e Jesus mostra a verdade, assim como a bebida do daime.

Muito - “Muito” é trazido em diversos contextos relacionados a características da doutrina, por exemplo, a linha correta é muito fácil de encontrar, esta força é muito simples, vive-se neste mundo muito longe do poder, embora não se aprenda muito aprende-se sempre um “bocadinho”, aqui é muito sério, a morte é muito simples, trabalhaste muitos anos.

Mundo - O mundo de ilusão diz respeito ao mundo terreno, onde os Filhos estão e onde Jesus Cristo esteve. Ao pensar na palavra mundo percebe-se que está vinculada ao mundo terreno em contraposição ao mundo espiritual e é caracterizado como mundo de ilusão, mundo de provação e pecador, onde se deve ter cuidado para não cair na escuridão. Por outro lado, o mundo terreno é visto também como o sonho da Virgem Maria, sendo preciso viver neste mundo com prazer e alegria. “Todo mundo” também é citado, lembrando os deveres de todos de abraçar e aconselhar os irmãos.

Não - “Não” aparece em diversas circunstâncias, como deveres a serem cumpridos, como ensinamentos e como partes importantes da doutrina. Alguns ensinamentos da doutrina aparecem da seguinte forma: todos buscam a verdade, mas não acham, somente seguindo na linha da doutrina é que se pode encontrá-la. O “não” representa também a disciplina, por exemplo, quando não querem aprender com amor precisam apanhar para obedecer os ensinamentos da Mãe Rainha. Outro exemplo é que da mesma forma que mestre bom ninguém quis, optando-se por aprender do modo mais difícil. Aqui podemos pensar em uma alusão às “peias” durante o ritual daimista, que são vistas como uma disciplina para os frequentadores, elas ocorrem quando se tem vômitos, diarreias, visões de seres espirituais negativos, entre outras consequências negativas. Outras ações errôneas do eu lírico, também, são citadas como não querem ouvir ou não querem acreditar na mãe de Deus da criação, todos querem ser irmãos, mas não são leais, passa-se pela força e não procuram compreendê-la, pensam que não são ensinamentos da Virgem Maria. Todos não cumprem o dever e a obrigação de conhecer a verdade, não são firmes a Deus e, ao não se cumprir o dever, é melhor não aparecer por ali. Ninguém não se lembra (sic) que chamaram o “mestre” Jesus de mentiroso, só entendem o contrário do que ele ensinou e não se pode obrigar ninguém a aprender corretamente. Alguns deveres, também, são lembrados, como não falar do irmão, não brigar com o irmão, não poder esquecer o que a Mãe ensina, não temer o caminho a se seguir, embora não se aprenda muito, deve-se aprender um pouco, sendo filho eterno não se deve pensar a toa, deve-se estar na linha, pois não estando, nunca vai conhecer a verdade. Tendo fé e tendo amor não se deve encarar perigo, com firmeza não se deve esmorecer. É preciso compreender, não é com fingimento que se pode merecer a riqueza. Cada um dá o que tem, não precisa ninguém dizer.

Ações e ensinamentos relacionados a outros seres também aparecem. Por exemplo, o sol ilumina a todos igualmente e não faz distinção entre bonito e feio, Deus não abandona quem ama com firmeza. O tempo não tem dó da matéria e ninguém não quer morrer (sic). No mundo não há segredo, já que o que é dito logo todos ficam sabendo. A verdade “pura”, vista no ritual, não tem igual no mundo.

Nascer - O verbo nascer aparece vinculado ao nascimento de Jesus, evento que deve ser festejado pelos daimistas. O nascimento, além de ser festejado, é lembrado porque conta o início da vida de Jesus, que começou a sofrer desde que nasceu. Segundo os hinos, desde que nasceu ele, também, trouxe ensinamentos, pois ele nasceu para cumprir uma missão, aconselhando todos a seguir na verdade.

Pai - O Pai do céu também é lembrado como Pai do coração. Se estamos falando do Pai, certamente dizemos de um Pai eterno e que tem como força o primor do bem. É um bom Pai, em que sua divindade está relacionada à força, que o Filho pede e implora para poder prosseguir. O bem como lembrete de fazer o bem vem atrelado ao Pai que está "lá nas alturas" ou "lá no céu". A figura do Pai aparece, mostrando que é a quem se pede força para ensinar, já que a Mãe quem mandou ensinar. Ele também aparece como alguém que é soberano, eterno, divino, verdadeiro. O Pai é alguém para se louvar e a quem se implora algo. O Pai é quem dá a vida pois “foi ele quem me fez”, “foi ele quem me criou para ser seu filho”. O Pai é também quem chama para a hora da morte, e o eu lírico deve obedecê-lo. O Pai chama pelo Filho com a palavra Equiô, que diz ser um chamado espiritual da doutrina pelo participante que ali está presente, ao chamar, o Pai se comunica com o Filho e este se faz feliz. Deve-se, também, cantar durante o passar das horas do dia para receber ao Pai divinal, às seis horas da manhã e ao meio dia para o Pai criador, aqui entendemos que o pai está implicitamente vinculado ao Sol. O divino Pai eterno, que é senhor de todo o primor dá a luz ao Filho que o procura. O soberano Pai eterno manda cantar para ter firmeza e para mostrar o amor a ele. Ele é quem manda conhecer partes da natureza como as profundezas do mar. Ele é verdadeiro, todos são Filhos e herdeiros dele. Estamos diante de um Pai carinhoso que não quer mal a ninguém, só quer o bem, devendo-se amá-lo com firmeza. O Pai é quem dá força, é a quem se implora tocando tambor dentro da igreja ou na mata onde se rufa caixa.

Pedir - O verbo pedir vem associado a Jesus, à mãe e ao pai, a quem se pede firmeza, conforto, a salvação, ajuda, perdão para limpar o coração a fim de seguir no bom caminho e deixar a ilusão.

Pensar - O verbo pensar também traz preceitos de comportamento, e diz respeito a que não se deve pensar à toa, pensa-se que os ensinamentos da doutrina não são ensinamentos da Virgem

Maria. Pensa-se na verdade e, com ela, se obtêm tudo que quiser. Numa viagem ia-se pensando em não voltar. Só pensam coisa a toa. Não pense em fazer o que quiser.

Perdão - O perdão é geralmente pedido a alguma figura feminina, à divina estrela ou divina mãe como forma de atenuar os pecados de quem roga a elas, já que são divinas e têm o poder de perdoar.

Precisar - O verbo precisar traz algumas normas. Por exemplo, a necessidade de se compreender, é preciso doutrinar, é preciso estudar e conhecer, é preciso fazer um juramento, para viver neste mundo é preciso procurar, quem quiser seguir com o eu lírico, é preciso ouvi-lo, é preciso respeitar, é preciso trabalhar.

Primor - O primor que aparece nos hinos se refere a um tipo de conhecimento recebido ou dado, se faz como um esclarecimento sobre algo divino, verdadeiro e amoroso a ser guardado no coração. O primor é dado pela Mãe, pela Virgem Mãe e pelo Pai eterno.

Quando - O advérbio “quando” aparece expressando as diversas situações e histórias contadas nos hinos, seguem os exemplos. Quando a Virgem Maria entregou a luz, ficou gravado no coração do eu lírico, para replantar as santas doutrinas, ou seja, para passá-la para outras pessoas através dos ensinamentos. Quando Papai Paxá, um ser espiritual, aparece o eu lírico sente saudades da mamãe, ele é quem indica o caminho da salvação e quem irá chamar para o dia da morte. Uma outra menção ao espiritual ocorre quando se chega “na campina desta flor”, aparecendo a riqueza do Pai criador, riqueza aqui pode ser equiparada a luz, à verdade, ao amor. Outro exemplo surge quando se toma a bebida que mostra toda a verdade, a expressão subir é usada após tomar a bebida e é interpretada como algo espiritual, como se saísse do ambiente terreno, ao sair, chega-se nas alturas com alegria. Quando se chegou na casa/igreja ouviu-se um estrondo de palmas. Há também um lembrete de que não se deve esquecer do amor que se recebe quando se chega na casa/igreja. E quando se chega no salão da igreja não se quer voltar/ir embora.

Querer - O verbo querer diz respeito às vontades e aos ensinamentos para o eu lírico envolvendo quem canta o hinário. Quem quiser seguir no caminho, a Mãe ensina tudo que quiser, todos querem ser irmãos mas pouco têm lealdade. Chama-se para a disciplina e quem quiser escuta, quem ficar firme apanha e quem correr sofre mais, ninguém quis aprender com amor, por isso é preciso apanhar para obedecer. Pode-se correr da disciplina e, se falar do irmão, corre-se o risco de morrer. Todos querem ser irmãos, mas é preciso fazer um juramento de não brigar, nem trocar seu pensamento. Fogem da caridade depois não querem sofrer. Aqueles que quiserem seguir o eu lírico com fé e amor não devem encarar perigo. Os malfazejos são enxotados pois não querem escutar, eles escurecem o pensamento e nunca

podem ser felizes. Ao querer amar a eternidade, é preciso ser sempre fiel. O tempo chega e ninguém quis aprender, depois que refletirem é que irão se arrepender. Não se deve fazer o que quiser, pois Deus é o Pai, a Mãe deseja levar o Filho, e para sempre se quer estar junto com a Mãe.

Rainha - A Rainha aparece em cânticos oferecidos a ela, é mencionada como Virgem Maria, Virgem Mãe que é a “Rainha do mar” e Rainha da floresta, e como Rainha Mãe, que manda cantar, ensinar e rezar para os irmãos e a humanidade. A Rainha da floresta é chamada para vir receber as canções que são oferecidas quando o eu lírico se apresenta ao divino Pai eterno. A Rainha está no céu e acompanha as pessoas, se é Filho da rainha, ela é tida como Mãe que dá força aos Filhos. A Rainha também pode significar as folhas da chacrona que se faz o chá de santo daime, que são chamadas de rainhas.

Receber - O verbo receber engloba receber um prêmio de valor da sempre Virgem Maria, que são as santas doutrinas. Recebe-se também com alegria o que o divino Pai do céu dá, ao se fazer a ele os pedidos. Recebe-se também o bastão dado pela Mamãe velha e pelo Papai velho, o bastão interpretado, aqui, como amadurecimento, momento propício para que se ensine aos outros a doutrina. Alerta-se, nos hinos, que, para receber o mensageiro dentro do jardim dourado e de amor, deve-se ficar de pé no salão, pois certamente receberão mensagens da verdade nas mirações dos participantes. A rainha da floresta é chamada para receber os cânticos oferecidos na mata.

Reis - Rei Titango, Rei Agarrube e Rei Tintuma são seres que vêm do astral para participar do trabalho espiritual do Daime.

Ripi - Ripi é citado como entidade espiritual da natureza. Ripi parece enganar o eu lírico e ao chegar no ritual se vê a verdade, mesmo não querendo.

Rogar - Rogar aparece vinculado a Deus onipotente, à Rainha e à Mãe virgem/celestial. A eles é pedido a salvação, a paz e um bom lugar. Num dos hinos roga-se à Mãe para ela rogar a Deus, agindo como intermediária ou mediadora.

Saber - O verbo saber aparece em alguns contextos, como o saber quem dá é Deus, o que se acaba de dizer, todo mundo está sabendo. Deve-se confiar no saber. O saber é universal, é de todo mundo, e, para ser um bom professor, é preciso apresentar o seu saber. A todos que souberem compreender, a verdade será mostrada. Deve-se sempre louvar e saber agradecer a Deus. Diz-se de forma errônea que o “mestre” não tem saber. É preciso conhecer e saber dar o valor aos ensinamentos do “professor”, que pode ser interpretado como Jesus, Mestre Irineu, Deus, ou o próprio daime. Sabe-se aprender os ensinamentos da professora, que pode ser a Virgem Mãe. Sabe-se onde está o Pai e que ele está vendo, se reconhece a Mãe e sabe-se o

que está dizendo, é preciso saber conhecer o seu valor. Não souberam aproveitar o bom mestre, por isso vão apanhar.

Sagrado - Ser sagrado significa estar no céu, ser celestial, ser santo ou ser divino.

Santo - O nome santo é vinculado a vários elementos, como santa luz, santa paz, santa estrela, santas doutrinas, espírito santo e casa santa, indicando a divindade da doutrina e de seus elementos. A santa luz e a santa paz são pedidos feitos a entidades divinas, como ao divino e à santa estrela, ao Pai divino, à Virgem Mãe e à Virgem Maria.

Tarumim - Entidade espiritual da floresta. Tarumim é apontada como Mãe d'água.

Terra - Terra aparece como afirmação de um lugar fixo, terra firme, ou Terra, o planeta. Nos hinos, a Terra treme e balanceia com o ritual, mas o eu lírico não sai do lugar. Relata-se que tem gente que duvida desse poder dentro do ritual. Quando o eu lírico é chamado até ali, no ritual chega-se beirando a terra e beirando o mar. Canta-se, na Terra, o amor que Deus dá. Pede-se o amor do Pai para ser Filho dele aqui na Terra. Deve-se trabalhar na Terra em benefício dos irmãos. Begê, entidade espiritual, veio até a Terra para ensinar a verdade. Por último, lembra-se que a terra é fria, mas nela se sentiu o calor, pois dela vem o pão e a Mãe que o criou.

Trazer - Os contextos que “trazer” aparece mostram os ensinamentos que são trazidos e, também, o comportamento do eu lírico como Filho. O professor traz belas lições; a linha do Tucum traz toda lealdade e castiga os mentirosos dentro da verdade; a minha Mãe me trouxe e deseja levar a todos; sempre trazem a falsidade; todos trazem este ensinamento para aqueles que merecer, estando fora da linha nunca irão conhecer; deve-se trazer sempre à memória o divino poder que traz as coisas boas; os caboclos trazem remédios bons para curar os cristãos; se veio da “armada” trazer fé e amor.

Tucum - A linha do Tucum é mencionada aqui como objeto da natureza, uma linha forte extraída de uma palmeira amazônica que não se rompe facilmente.

Tudo - Tudo se relaciona com o que se vê no mundo: a minha Mãe é quem ensina, quem diz e quem traz tudo; tudo vive neste mundo; ninguém trata de aprender depois não se admirem tudo que aparecer; tudo Deus mostra; tudo é verdade; tudo hei de lembrar.

Tuperci - Tuperci é citado como entidade espiritual da natureza. Tuperci parece não conhecer o eu lírico do hino nem apreciá-lo nem compreendê-lo.

Vir - O verbo “vir” traz conotações diversas sobre seres que chegam até o ritual e sobre encontros com seres espirituais também. Por exemplo, quem veio entregar a doutrina foi a Virgem Maria, os ensinamentos dela são recebidos pelo eu lírico. Outro exemplo, é que atrás de São João, que empregou amor na Terra, veio Jesus que afirmou toda a verdade, o que está

de acordo com a religião católica. Begê veio a Terra para ensinar, enviado pela Mãe de piedade. Outro ser “uma senhora” é retratada chegando numa canoa que veio até o eu lírico e o chama para fazer uma viagem; a flor das águas também vem no sentido de chegar e vai embora trazendo a limpeza para o ritual. Essa limpeza pode significar a limpeza de pensamentos e limpeza física que ocorre durante o ritual, como vômitos e diarreia.

Virgem - O termo “Virgem” aparece não só vinculado a Maria mas também à Mãe. A Virgem Mãe manda a lição, dá a luz, está no céu e “aqui”. O eu lírico do hino aparece como Filho dela. A ela é pedido a santa luz, a benção, a salvação e o perdão. O perdão é concedido para que Jesus dê as instruções. A Virgem Mãe dá as lições de se esquecer a ilusão e lembrar das instruções de Jesus no cotidiano. A Virgem da Conceição aparece como companhia para sair do mundo de ilusão.

ANEXO 1**ESTATUTO CICLU**

Estatuto do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU), registrado no Cartório de Rio Branco - Acre, em 20 de Abril de 1971, com o número 64, do Livro 1, folhas 110 a 117. De acordo com edição pelo CICLU no mesmo ano (cópia integral, revisada e corrigida ortográfica e gramaticalmente).

SECRETARIA DE SAÚDE E SERVIÇO SOCIAL

SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO

SEÇÃO TÉCNICA

Em, 21 de maio de 1965
SSSS/OF/Nº 208

Do: Secretário de Saúde e Serviço Social.

Ao: Dr. Prof. Décio Parreiras - Chefe do Serv. Nacional de Fiscalização de Entorpecentes

Assunto: Remetendo material a ser examinado.

Ilustre Professor: Tendo mantido o ano passado uma palestra com V. Excelência quando relatei o uso de uma bebida no rito de certas seitas religiosas, estou no presente encaminhando assim o Cipó do qual é feita (JAGUBE) e umas folhas, de nome local "Mescla", para exame toxicológico.

Aproveito o ensejo para apresentar a V. Excia. meus protestos de estima e consideração.

Dr. Carlos Meixeira Afonso

Secretário de Saúde e Serviço Social

(Firmas Reconhecidas pelo Tabelião Luiz Gonzaga Batista de Lima -

Palácio da Justiça - Rio Branco-Acre).

SECRETARIA DE SAÚDE E SERVIÇO SOCIAL

SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO

Em, 16 de maio de 1966
SSSS/OF/Nº 339

Do: Secretário de Saúde e Serviço Social

Ao: Centro de Irradiação Mental (TATTWA Luz Divina)

Assunto: Declaração - FAZ - A quem possa interessar:

Declaro que com o único interesse de zelar pela saúde do público, foi que tomei a iniciativa de encaminhar para o Serviço Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, em ofício Nº 208, de 21/5/1965, uma amostra de Cipó e das fôlhas de nome regionalmente conhecidas por "JAGUBE", do qual é feito o xarope por nome de "DAIME" ou "UÁSCA", que vem sendo usado em certos ritos religiosos em nosso Estado.

Declaro outrossim que em telegrama recebido do Sr. Dr. Décio Parreiras, Presidente da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes foi dito que nenhum caso de intoxicação foi observado desde o ano de 1962 pelo uso da bebida "IAGÉ" ou Similar, nome pelo qual é cientificamente conhecido o cipó "JAGUBE". Assim sendo, a Secretaria de Saúde e Serviço Social, nenhuma objeção tem a fazer no uso do "IAGÉ", "DAIME" ou "UÁSCA" em ritos espirituais, como já há muitos anos vem sendo feito em nossa região.

Rio Branco, 16 de maio de 1966
Dr. Carlos Meixeira Afonso
Secretário de Saúde e Serviço Social
(Firmas Reconhecidas pelo

Tabelião Luiz Gonzaga Batista de Lima - Palácio de Justiça - Rio Branco-Acre)

ESTATUTO DO CENTRO DE ILUMINAÇÃO CRISTÃ LUZ UNIVERSAL - CICLU

RIO BRANCO - ACRE

CAPÍTULO I

Seus Objetivos, Sede, Funcionalidade e Ordenação

Art. 1º. - Ao impulso de altos propósitos e sob os auspícios da SS. Trindade é promulgado o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU), na localidade "Alto Santo", sita à Colônia "Francisco Custódio Freire" - Rio Branco, capital do Estado do Acre, cuja entidade, remanescente de sua anterior denominação de Centro Livre, é perdurável e autônoma, com função cristã, social, cultural e cívica, em base jurídica responsável por suas diretrizes de caráter privado, tendo por fins:

I.

O culto a Deus, em espírito e em verdade, sob o ritualismo específico de Ecletismo Evolutivo, emergido segundo o critério de seus fundamentos, constando do Cristianismo e da fé evocados por seus membros, e que terá por maior símbolo a cruz de Cristo Criador (Flp 3:18-19 e 1 Cor 1:18) que consagra a elevação do culto em seu caráter integrador com a aliança e as correntes, simbolizando estas:

- a) a integração dos vinculados à Ss. Trindade mediante aliança celebrada nas visões e revelações;
- b) a fortaleza dos mesmos na doutrina de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

II.

O conagraamento de pessoas de várias denominações cristãs, sem distinção de sexo, raça, côr, posição social ou classe.

III.

O bem estar de seus membros, constando de instruções:

IV.

- a) morais,
- b) culturais,
- c) religiosas,
- d) cívicas, e do
- e) estado de graças, que Deus confere a seus ungidos e agraciados;

IV.

A segurança da instituição e a vigência de seu estatuto na forma do art. 153, §§ 1º, 5º, 6º, 8º e 28º da Constituição Brasileira e das Sagradas Escrituras.

Art. 2º - A esta entidade com a sigla e nome acima, é conferida a seguinte hermenêutica:

- a) “Centro”, representando o ambiente e a composição humana;
- b) “de Iluminação Cristã”, designando a centelha divina e o caráter cristão a brilhar nos ensinamentos e instruções, em especial à consciência de seus membros e adeptos;
- c) “Luz Universal”, isto é, Luz Suprema, o Trino e Uno Ser Divino Pai, Filho e Espírito Santo.

Art. 3º - Encerrando o ritualismo o nome místico de Ecletismo Evolutivo, tem o mesmo objetivo a colimar a razão de sua procedência e a personificação de seus foros docentes para a instituição, no alcance a seus direitos na forma do art. 180º da Constituição vigente, e cumprimento às leis e aos princípios que dela promanam.

CAPÍTULO II

Art. 4º - Dos sentimentos e atributos a êstes assoalhados:

- a) o amor,
- b) a igualdade,
- c) a justiça,
- d) a harmonia,

e) a verdade, têm entre outros caráter coexistente, de par com a dignidade e a disposição moral de cada membro, graças ao que a comunhão com N.S. Jesus Cristo pelo “santo daime” lhes será facultada, bem como aos congregantes que têm por ordenança a mesma fé; serão portanto defendidos na sua prática cristã, se destacando o lema por:

I.

Ideais nobres e determinantes;

II.

A elevação de espírito;

III.

A rejeição de ensinamentos refratáveis aos princípios cristãos das Sagradas Escrituras, mediante o que a ação liberal expressa ao livre arbítrio dos adeptos e estranhos, não alcançará:

IV.

a) os amorfos,

V.

b) os ateus,

VI.

c) os anticristãos,

VII.

d) os marcadamente incrédulos,

VIII.

e) os energúmenos,

IX.

f) os agnósticos.

CAPÍTULO III

Disciplina Cristã

Art. 5º - Reservando-se ao direito de abster-se às heresias do Anticristo, não terá entidade:

I.

Ensino ou prática, na forma expressa em Mlq 3:5-6; Is 8:19 e semelhantes das Sagradas Escrituras;

II.

Nem encenações mercenárias, de estranhos ou adeptos, que não proclamarem Nosso Senhor o Deus Filho e Trino por desconhecimento ou estagnação do primarismo farisaico, nem qualquer outra forma escarriotista, evitando-se contendas e ameaças que ofendam às funções ou o caráter pessoal e doutrinário de estranhos opostos, resguardando-se assim:

a) O mandamento hiperbólico de amar aos contrários, por Cristo ensinado em Lc 6:27-35; Mt 5-47 e Rm 12:14-21, e

b) A liberdade pessoal de culto expressa no Código Penal art. 147º e 196º, incisos I e III e na Constituição vigente §8 e capítulo IV - Das Garantias Individuais.

§ 1º - Por outro lado a abstenção em contemplar tais oponentes.

I.

“Porque se alguém não traz a doutrina de Cristo, não se deve recebê-lo nem tampouco saudá-lo para não compartilhar das suas más obras (2Jo 1:10-13);

II.

“Porque ninguém pode por outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo (1 Cor.3:11);

III.

“Porque muitos virão em nome de Cristo e enganarão a muitos” (Mc 13:5; Mt 24:5 e Lc 21:8).

§ 2º - A inobservância destas normas comprometerá a entidade ante a Constituição predispondo-a à perda das garantias e prerrogativas expressas por lei e internamente implicará em medidas que vão da perda das funções à invalidade dos direitos dos membros previstos no estatuto.

CAPÍTULO IV

Característica Eclética

Art. 6º - Não vestindo a entidade doutrina com padronagem sua nem cingida a formalismo, é entretanto regida por uma concepção liberal em seus aspectos, todavia conservando o essencial e a natureza das sãs doutrinas com incursões na magia divina e nas Santas Escrituras,

constando de:

a) Ensinos e revelações propulsoras de encontro a solução de problemas;

b) O alcance a horizontes novos pela abertura dos arcanos astrais, desvendando enigmas e mistérios no labirinto do desconhecido, contribuindo para:

I.

A promoção das criaturas às suas respectivas doutrinas;

II.

Ajudar no possível a estancar a ignorância religiosa:

a) estóicamente obedientes ao Ap 3:19 e semelhantes, em que Cristo disciplina aos que ama para galardão ou glória com estes nos céus ou

b) na forma fraterna do cap.6 e versículo 2 de Gálatas, conforme os precedentes;

III.

Incentivar à evolução e aos requisitos cristãos e cidadãos, gradativamente;

IV.

Abster-se de elementos doutrinários não construtivos ao bem da entidade.

CAPÍTULO V

Apologia à Bendita Virgem e à Ss. Trindade

Art. 7º - Ajustada à pragmática do culto, alinha-se a exegese à Virgem Santíssima e ao excelso e trino Ser Supremo, aos quais não é lícito tomar-se em repúdio, baixo impulso de falsos princípios e ao talante de contradições levianas, com o que se emitem desonrosos conceitos.

Art. 8º - Se considerando ter ela a primazia que apregoam as multidões que a veneram e a que faz jus a honraria que lhe tributam tôdas as gerações (Lc 1:48-49) é tropeçar em êrro não conhecer a mística divina macular-lhe o quilate com sentido meramente humano, querendo-se ofuscar-lhe as “grandes coisas” (benignidade, méritos, etc.) com que o Salvador lhe salvara, pondo-a em privilégio:

§. 1º - Por mais não diz a Bíblia dos filhos de Maria e nem que ela os teve além do Verbo, sendo os irmãos de Jesus em sentido místico e na fé, sem agnação portanto, conforme o apóstolo Paulo gerou também o seu filho Onésimo (Flm, 1:10) e o mesmo termo que Jesus Cristo emprega em Mc 10:29-30 com vistas aos irmãos e filhos para o seguirem, sendo que

bem assim Jesus com a natureza divina (primeiro plano), jamais admitiu fôsse ela apenas sua mãe carnal e sim a genitora da humanidade em sentido místico, tomando-a por mãe do apóstolo João e a este por seu filho como expressão do gênero humano (Jo 19:26-27), cujo simbolismo também consolidou até a sua volta no grande Juízo (Jo 21:21-23) - portanto é ela a medianeira entre Cristo e a humanidade e ele é o único medianeiro entre a humanidade e o Pai.

Art. 9º - Avultar que os irmãos de Jesus o são em sentido consanguíneo é mero engano, pois os dois irmãos Tiago e João, são em verdade os filhos de Zebedeu, e Tiago menor, filho de Alfeu (Mt 10:2-4; Lc 6:14-16 e Mc 3:16-19) e S. Judas Tadeu que em Mt 13:55 e Mc 6:3 é em termo místico irmão de Jesus, é por outro lado em termo consanguíneo irmão de Tiago e primo de Jesus em Lc 6:16; At 1:13 e Jd 1:1, e, quanto ao esposo da Virgem não tê-la infamado (Mt 1:19) por amor fraterno, isto só se conheceu depois pelas provas em contrario (pureza, santidade, excelência e afins) plenamente salvas na eleita de Deus, portanto, não diz o texto ter o patriarca a conhecido maritalmente, sendo Jesus em sentido humano, o primeiro e último Filho da Virgem.

Art. 10º - Debalde, na verdade não era concebível à alma do Ser Supremo ficar restrita àquele templo corpóreo revestido apenas da natureza humana (segundo plano), inferior a dos anjos “por causa da paixão da morte a que sujeitara-se” (Hb 2:7-9), e da Virgem alijar as “grandes coisas”, transformando em instintos carnis os privilégios predestinados, invalidando-se a pureza inerente à sua alma no céu, criada qual potestade para aquêle grande evento, parecendo oculto êsse princípio apenas ao entendimento vulgar dos que ao curso de juízos mercenários mecanizam as idéias por uma concepção espúria, menos para os afeitos ao exame racional e lógico das visões e das Sagradas Escrituras em realidade e consciência.

Art. 11º - Levando a apologia ao princípio teológico, é válido considerar o critério de a Virgem, em segundo plano (natureza humana cristã), se constituir a mãe do Verbo correspondendo à mãe de Deus, posto que Ele chama as coisas que não são como se já existissem (Rm 4:17) e porque para Ele nada é impossível (Lc 1:37 e Mc 10:27), o qual é glorificado pelo Filho, e este por Ele, antes que o mundo por este fôsse criado (Jo 1:1-4 e Hb 1:2), o qual voltou à glória tanto mais excelente que a dos anjos (Hb 1:4), portanto: o Pai e o Filho a eles se superam e, pelo fato do Pai e o Filho serem um só Ser Supremo (Jo 10:30), sendo Jesus por isso, “o Caminho, a Verdade e a Vida” - quem a êle chega desde já está vendo o Pai e já o ter visto, pois quem vê a Jesus está vendo é o Pai já que Ele está no Pai e este nêle (Jo 12:44-45 e 14:6-11) - , o qual com dupla natureza divina e humana, com esta deu-se ao martírio e à morte e com a primeira conservou a divindade, tendo assim a vida por si mesmo, por cujo princípio temos que quem recebe ao Filho, está recebendo é o Pai, e quem a êste recebe, está recebendo é o Filho (Mt 10:40), bem como todos que honrarem a Cristo estão honrando ao Pai e todo aquêle que assim não honra ao Filho, está desonrando é o Pai o qual passou ao Filho todo o julgamento (Jo 5:22-23), portanto tudo o Pai passou ao Filho, o qual é a imagem do Deus invisível (Cl 1:15) e ninguém o conhece senão o Pai e a êste senão o Filho e aquêle a quem quer revelar (Lc 11:27) envolvendo êste critério a indivisível dualidade, de cujo princípio procede o Espírito Santo formando com o Pai e o Filho a Ss. Trindade, a qual

dá testemunho do Espírito, da Água e do Sangue que nos céus e na terra são um só Ser Supremo (1Jo 5:7-8 e 20).

Art 12º - Segue-se que, negando-se o Filho se está negando é o Pai, e se é do Anticristo, todo aquele que proclamar Jesus Cristo, êste é do Pai e tem a vida eterna (1.Jo 22-25) devendo se conhecer que o Pai está no Verbo e êste nêle, não como as potestades e os espíritos que no céu vivem, nem como os que hão de voltar, mas porque no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus e tôdas as coisas foram feitas por êle e sem êle, nada do que foi feito se fêz sem êle (Jo 1:1-4 e Hb 1:2 supracitados), não houve e nem haverá outros Deuses nem há outro Salvador se não Ele (Is 43:10).

Art. 13º - Sabendo-se que todo o princípio foram os céus (2Pe 3:5) e que imprimiu o Pai à sua natureza e divindade o nome Filho (Sl 2:7; At 13:33 e Hb 1:5 e 5:5) é em outros têrmos “o Mistério que estêve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que agora foi manifesto aos seus santos, aos quais quis Deus fazer conhecer as riquezas da glória dêste Mistério entre os gentios que é Jesus para conhecimento do Mistério de Deus-Cristo” (Cls 1:26 e 2:22), cuja analogia em Je 31:31-34 é Jesus Cristo, a Aliança prometida em que o Pai se mostrara a todos, daí ser o Pai a cabeça de Cristo (1Cor 11:3) e ninguém ter visto o Pai senão o que de Deus é a essência que em outros têrmos é o Filho (Jo 1:18 e 6:46 e 1Tmt 6:16).

Art. 14º - Levando o contexto, é o Pai maior que o Filho no direito de a êste passar todo o poder nos céus e na terra (Mt 11:27 e Lc 10:22) posto que o Verbo, Alma e Natureza do Pai, não se engrandece por si mesmo (Jo 8:54) mas a êle se iguala (Jo 13:16) e porque Jesus com a natureza humana rebaixara-se em relação ao Pai.

§ 1 - Não obstante, este ordena aos anjos adoração a Jesus Cristo e a este diz: “ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos, por isso Deus o teu Deus te ungiu” (Hb 1:6-9), cujo princípio em Rom 9:5 é análogo, em que Cristo é o Deus sobre todas as coisas, se constituindo assim o grande poder que converte o impossível ao concebível na mística divina, sem o que a sabedoria suprema seria insustentável.

Art. 15º - Sabendo-se que é Jesus Cristo antes de todas as coisas as quais por ele subsistem (Cls 1:17), retornou aos céus com as naturezas divina e humana (segunda natureza) como se infere dos Evangelhos ao Apocalipse, e é o nosso Deus e Pai (2Tes 2:16), nosso Deus e Salvador (2Pe 1:1): verdadeiro Deus e vida eterna (1Jo5:20): é finalmente o Maravilhoso Conselheiro, Deus forte e Pai da Eternidade (Is 9:5), o Alfa e o Ômega, o começo e o fim de todas as coisas, o Deus de todos os que venceram e o templo celestial (Ap 1:8, 21:6 e 22), justificando-se assim ser Ele verdadeiramente o Pai e o Espírito Santo na Trindade e Unidade pela essência e naturezas divina e humana, esta última enfatizada pela Bíblia para que a adoração, louvor, honra e glória a êle tributadas não seja uma impostura divina mas a livre expressão do arbítrio humano ao seu querer supremo conforme determina o Pai para as criaturas.

CAPÍTULO VI

Caráter Teórico

Art. 16º - Imprimindo a este:

I.

A vocação e a prática;

II.

A livre manifestação do raciocínio e liberdade, regidos pelo:

- a) livre arbítrio, alternando-se ao
- b) determinismo, é esquadrihada na reflexão;

III.

O comportamento individual, traçadas as normas, sistema com ressalva às leis de causa e efeito, e

IV.

Manifestam em suma os atributos da alma.

§ 1º - Pelo determinismo são condicionadas as leis que regem:

- a) os acordes das junções, em ideais e transformações reguladoras do pensamento comunitário;
- b) as ações e causas a que subordinam-se suas funções e a sequência de fatos oriundos do Poder Supremo.

§ 2º - Outro fator é a intervenção divina, que faz compreender a Sua vontade e que vai além dos limites humanos, os quais são por assim dizer os limites de Deus, irrefratários e irrevogáveis

.

CAPÍTULO VII

A Polideliça e suas Qualidades

Art. 17º - Passando ao primado dos mistérios, destaca-se a atuação das plantas sagradas, “jagube” e “mescla”, de cuja seiva vem a polideliça, designativo genérico formado do prefixo grego “polys” (excelente) e do substantivo latino “delícia” aportuguesado sinteticamente, cuja

neologia provém de ayahuasca convencionada em “Santo Daime” pela luz dos mistérios que encerra e a maneira, de pedir-se, projetando a abstração do espírito simultâneamente em cautério e épula - a odisséia do mundo invisível em realidade passada, presente e futura:

I.

O simbolismo das visões e sua relatividade;

II.

A elevação de espírito;

III.

A inspiração da alma;

IV.

A luz divina;

V.

As vibrações;

VI.

As comunicações, ou revelações;

VII.

A iluminação da consciência, por cujo alcance e prefiguração do Espírito Santo se projeta, conforme Deus prometera, até o Grande Juízo (Jl 3:1-5 e At 2:17-21), ao influxo do ego, impondo Ele a fé e não as concedendo a título de mera ilusão, nem permitindo a quem delas duvide o alcance do alvo desejado (Mc 11:22-23 e Mt 21:21-22).

§ único - Cômnicos destes princípios, cada obreiro irá se evoluindo à proporção que os fundamentos e mistérios lhes sejam revelados, sem pretensão a conhecimentos que ainda lhes sejam vedados, mas buscando sempre o aprimoramento dos valores humanos e dos atributos da alma, convenientemente.

CAPÍTULO VIII

Normas Cristãs e Cívicas

Art. 18º - Consolidados os fundamentos da Ordem na constituição evangélica, suas bases se erguem na disciplina cristã, consagrando os filiados seus foros de obreiros à margem da erosão

viciosa, tendo o Centro por norma não facultar o uso da polideliça aos que, a título religioso se apresentarem idôneos, mas, ao corrente da prática atentarem contra os dispositivos da Lei, cujos viciados queiram burlar o critério da entidade e, sem ilações, confundirem os efeitos traumáticos ou a crise porque passam os espíritos em depuração por este agente, caso este em que, incidindo contra estes princípios, serão prescritos da comunidade e entregues às autoridades para conseqüente disciplina.

§ 1º - Por outro lado, opta a instituição em admitir para higiene mental e cunho educativo, na forma da lei, os:

a) intempestivos,

b) desvairados,

c) paranóicos,

d) procazes,

e) retardados,

f) protervos,

g) salazes,

h) rufiões ou afins, com viabilidade ou não de recuperação moral e mental, pelos quais assinarão seus responsáveis em termo condicional ao regulamento do Centro, sendo estes mantidos em observação, pelo tempo necessário ao equilíbrio mental ou moral, até o resultado negativo, colaborando assim a entidade com:

I.

Os poderes públicos, no aprimoramento dos valores humanos;

II.

As doutrinas legalmente constituídas.

§ 2º - Quanto aos que preencherem os requisitos morais prescritos, não se fará restrição desta espécie, se empenhando a direção em mostrar-lhes o retrato fiel deste colírio portador da magia divina, concorde com Ap 3:18, dissecadas que foram as tergificações quanto a entorpecente, e dirimida a censura, cujas provas se esbaldam mediante análise química de laboratório efetuada e mencionada em anexo.

CAPÍTULO IX

Moral e Profilaxia

Art. 19º - Capitulando pela moral e saúde da agremiação, a todos é vedado, na forma da alínea B e art. 8º da Constituição e Decreto-Lei 159 e Art. 281 do Código Penal e afins, o uso ou tráfico de inebriantes, refutando-se:

a) a morfina,

b) a heroína,

c) a cocaína,

d) a maconha,

e) a marijuana,

f) a cachaça,

g) o LSD e outros também de efeito deletério incompatíveis com a dignidade humana, os quais obscurecem a consciência e os sentimentos nobres, levando à perversão e ao fatalismo suas vítimas, na ânsia inopitável de alegrias fortuitas e degradações.

§ único - Requintar-se na insensatez da libação, e tripudiar as finalidades da alma, é mergulhar o ego em panacéia de ilusões e atos que aviltam a integridade moral e comprometem a saúde e a personalidade, levando suas vítimas ao escravismo vicioso e ao fim contristador expresso em 1 Cor 6:10 e afins, cujos viciados não entrarão no reino dos céus.

CAPÍTULO X

Caráter Pátrio e Altruístico

Art. 20º - Feitos archotes desta luz sublime, têm os ecléticos por alvo também a evocação dos valores pátrios.

§ 1º - Daí o ter assento no estatuto, e a devida aplicação, o reconhecimento e o tributo à Pátria, a qual não é:

I.

Monopólio;

II.

Formalismo da seita,

Mas ao invés, é justamente:

a) o céu e o solo,

- b) a tradição e o regime ,
- c) a coletividade e os costumes,
- d) a liberdade e o folclore,
- e) o idioma e o ensino,
- f) as leis e a justiça, a cuja orgânica este grêmio rende homenagem, compartilhando dos

I.

Sacrifícios e

II.

Alegrias coletivas, e

III.

Ajudando a contornar situações.

§ 2º - Fazendo-se instintiva a harmonia da classe, ela tende a alargar-se, amando sincera e fraternalmente uns aos outros com naturalidade e simplicidade, espiritualmente confinados à periferia do Centro, sem pretensão nem prepotência interna e externamente para com os estranhos, todavia se abstendo ao uso do mesmo veículo nas entidades congêneres, em defesa à tradição do CICLU e respeito às mesmas.

§ 3º - A revelia a esta norma implica em suspensão às funções, que será de 3 a 6 meses, ou da suspensão do “Daime” ao infrator por igual período, e nas reincidências será dobrada a penalidade, com atenuantes em casos especiais e se as circunstâncias forem ponderadas pelo Mestre Imperador.

§ 4º - Inspirada neste propósito, promoverá a entidade a igualdade com as congêneres, sem competir com as mesmas nem usurpar-lhes os direitos para que o êxito as bafeje igualmente, assim como ajudar no possível, conforme o caráter doutrinário que as definam e os penderes.

CAPÍTULO XI

Composição Religiosa e Social

Art. 21º - O Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, cuja estrutura se efetua religiosa e social, terá por órgãos distintos:

- a) O Conselho Superior, e

b) O Conselho Comunitário, compondo-se o primeiro dos titulares:

I.

Mestre Imperador;

II.

Mestre Imediato;

III.

Conselheiro;

IV.

Conciliares, estes nas categorias de provectos, noviços, leigos, beneméritos e beneméritos provectos.

CAPÍTULO XII

Títulos e Deveres do Mestre Imperador

Art. 22º - Investido de poder discricionário, terá este por títulos e deveres:

- a) Um passado digno, pleno de méritos espirituais a que façam jus a honrabilidade;
- b) Primar com a irmandade pelos deveres pátrios, em resguardo à Constituição Brasileira e às leis vigentes;
- c) Ter as Sagradas Escrituras e a Luz do Daime por princípios cristãos de seu apostolado, pelos quais exerça a plenitude e a fidelidade de suas funções.

§ único - Regendo-se pelo critério que imprimir à sua alçada:

I.

Manterá sua investidura como imperador vitalício, legitimando os seus direitos, pelos quais proverá o veículo divino do “Santo Daime” para seus usuários;

II.

Procederá à equiparação e padronização do CICLU ao CECLU de Porto Velho;

III.

Fará sempre que oportuno averiguar a elevação da irmandade, tendo em vista o Art. 1º, inciso

III e suas alíneas do presente estatuto;

IV.

Norteará suas diretrizes e bases conforme seu elevado senso e probidade.

CAPÍTULO XIII

Atribuições e Direitos do Mestre Imperador

Art. 23º - Exercendo seu domínio com supremacia, lhe será facultado:

- a) Aplicar medidas disciplinares quando lhe parecerem viáveis;
- b) Consultar e ser consultado;
- c) Apreciar matérias que subam à sua apreciação;
- d) Aprovar ou refutar projetos, medidas e empreendimentos concernentes à instituição;
- e) Justificar as medidas de seu critério, sempre que oportuno;
- f) Eximir-se de qualquer omissão que possa lhe ocorrer por motivos alheios à sua vontade;
- g) Abstenção de contribuição financeira com a entidade;
- h) Auxílio financeiro para provimento ao “Santo Daime”;
- i) Designar, quando oportuno, seu representante junto às igrejas cristãs, em solenidades, conclaves e afins, coordenando relações entre o Ecletismo e as mesmas;
- j) Entrar em recesso quando lhe aprouver ou por circunstância especial;
- k) Salvar a Entidade ante as heresias e falsos princípios que exprobam a Bendita Virgem, as Sagradas Escrituras, a Ss. Trindade e os fundamentos especificamente cristãos;
- l) Nomear e mudar os titulares de ambos os Conselhos, em suas respectivas funções, na forma regulamentar, ou mantê-los por conveniência, de par com a aprovação da assembléia;
- m) Ser agraciado com os distintivos e símbolos da entidade, bem assim ser contemplado por outros direitos, conforme sejam, não previstos no estatuto.

CAPÍTULO XIV

Títulos e Deveres do Mestre Imediato

Art. 24º - Possuidor de virtudes e vida exemplar, a este se incumbirá:

a) Cumprir e fazer cumprir as funções estatutárias a seu critério, imprimindo suas diretrizes e realizando as sessões normais e extras de concentração e as de instruções, seguidas sempre do ritual cristão;

b) Dimensionar medidas que promovam o fortalecimento da instituição em condições de prioridade;

c) Primar com a irmandade pelo disposto no Art. 86º da Constituição vigente e no que a mais lhe seja a ela atinente;

d) Com a aprovação do Imperador, consignar o templo e suas dependências para:

I.

Conferências, santas missas, cultos clericais ou evangélicos, cuja ação não contraste os princípios estabelecidos pela entidade;

II.

Abrigar os egressos de entidades congêneres, cujo desligamento esteja plenamente consumado e que busquem se evoluir através dos princípios cristãos exalados pela entidade.

e) Proceder à aplicação do “Santo Daime” aos dotados de estado volitivo, e abster-se da aplicação do mesmo aos acometidos de estado abúlico ou por circunstância especial;

f) Doutrinariamente, empregar seus requisitos de maneira clara e acessível, partindo dos pontos mais elementares preliminarmente, conforme 1Cor 3:1-2, e a seguir, promover:

I. A elevação do ensino, a cujo foro repassem os princípios da Ss. Trindade e Unidade de Deus;

II. A salvaguarda à teoria criacionista em diversificação à evolucionista;

III. A reformulação das instruções que o critério indique o desuso ou o agiortamento nos pontos a obliterar;

IV. Em padrão mais elevado, alcantilar, posteriormente, aos obreiros o culto, à proporção que os mesmos se tornarem espiritualmente mais fortalecidos e mais elevados, todavia em moldes que promovam o ideal de liberdade-solenidade-unidade (Art. 176 da Constituição vigente).

g) Incentivar à lealdade, ao conagraçamento e à fraternidade, inflectindo o separatismo e preconceitos doutrinários, racistas ou de cor, para o bem comum e a salubridade espiritual da unidade;

h) Corrigir os desalinhos e incidências passíveis de repressão;

i) De forma elucidante, procurar eliminar da classe os erros e enganos provindos de doutrinas não-cristãs e falsos princípios, tendo presente que, quem em Cristo confia não será confundido, mas tendo importância a vigilância que Ele determina;

j) Para melhor índice evolutivo da classe, examinar sempre que oportuno o teor das visões e dos mistérios nelas contidos e nas Sagradas Escrituras;

k) Instruir a classe sobre como empregar humanamente o carisma e as forças divinas consignadas por Nosso Senhor Jesus Cristo, de efeitos benéficos e verdadeiros;

l) Disciplinar (aplicar penalidades com suas especificações), conforme os ditames do Mestre Imperador.

§ único - No âmbito em que mais diretamente possa incidir a sua alçada, resolverá ao seu critério, e com autorização do Mestre Imperador, como disciplinar, sem opção de classe, conforme os ditames regulados e a natureza das circunstâncias.

CAPÍTULO XV

Títulos e Deveres do Conselheiro

Art. 25º - Imprimindo ao seu domínio espiritualidade e cultivo, pautar-se-á este:

a) Na forma expressa em Ti 1:4-6 e 3:13-18, Rom 12:7-8, 1Pe 2:13-15 e 2Pe 1:5-10, cujos apanágios tenham reflexos para a comunidade;

b) Afeito aos lineares ecléticos, inferir deduções à conceituação doutrinária, em cujos padrões aflorem suas qualidades eméritas;

c) Conduzindo-se em caráter igualitário, nivelado à classe e aos Mestres em tudo o que concerne aos princípios sociais, morais, culturais, religiosos e afins prescritos, ressaltando-se suas funções;

d) Assessorando o Mestre Imediato nas dissertações, explanações, pregações, ilustrações, temas e afins, a que for mister, e substituindo-o em suas eventuais ausências;

e) Envidando esforços no desembaraço de problemas, conjunturas e afins, a que se possa se prender a Entidade, tudo fazendo ao seu alcance para que a fé cristã, sob os seus matizes, encontre no ativismo eclético sua verdadeira imagem, com vistas ao âmbito interno;

f) Ajudando a contornar as dissensões, digressões invectivas e dislates que por acaso se façam internamente, ou venha a Entidade a se defrontar;

g) Aquilatando os membros a desfabular as inverdades que por acaso aviltarem a dinâmica centrista;

- h) Cultuando o mérito das Sagradas Escrituras e seus derivados, em prol da fé cristã, por cujo descortínio se possa elevar o mérito da Entidade e sanar as discrepâncias de ordem doutrinária que por acaso se façam no seio da classe a ferir os princípios cristãos;
- i) Endossando medidas que levem à pujança os padrões da Ordem e seu restabelecimento nos desgastes e crises, se isso ocorrer;
- j) Ascultando seus pares nas apreensões, expectativas, e casos excepcionais de ordem legal;
- k) Fazendo com que os dispositivos que regulam a vigência estatutária sejam por seus membros bem definidos e se ajustem às peculiaridades que integram seus objetivos;
- l) Colimando em acerto às necessidades, contingências, utilidades, conveniências, viabilidades e insolvências atinentes à instituição;
- m) Reivindicando com o Dignitário e o Presidente, quando for o caso, medidas de amparo dos poderes públicos para a mesma, devotando-se ao desembaraço de qualquer pendente;
- n) Atendo-se à unidade em evidência, a salvo de complicações que tentem solapar sua estrutura.

CAPÍTULO XVI

Títulos e Deveres da Classe em Geral

Art. 26º - Atuando livremente na agremiação com os requisitos prescritos, as categorias ou classes conjuntamente denominadas de conciliares (Art. 21º e seus incisos) constarão de:

I.

Provectos, os filiados cuja elevação e discernimento das visões corram de par com os das Sagradas Escrituras e conhecimentos teológicos da doutrina cristã e demais princípios exarados;

II.

Noviços, os que mesmo radicados ao Centro não possam ainda aferir os títulos cabíveis apenas aos primeiros;

III.

Leigos, os que, mesmo radicados ao Centro, seus graus estejam em desnível com os provectos, sendo desobrigados de afinidades e deveres que só aos primeiros e segundos comportarão;

IV.

Beneméritos, os que durante 10 anos prestarem ao Centro serviços relevantes, ou que de uma só vez contribuírem com vultosa importância para a Entidade, cuja abnegação e altruísmo possam superar as deficiências comuns;

V. Beneméritos Profectos, os que pelos requisitos prescritos possam reunir ambos esses títulos.

Art. 27º - Constituindo cada membro um soldado das milícias cristãs (1Tmt 7:3-4), deverão todos reger-se pelas seguintes normas exaradas:

- a) Portar-se condignamente nas sessões e trabalhos de qualquer teor;
- b) Não incidir em atividades ilícitas, interna ou externamente;
- c) Primar pelos deveres pátrios, segundo as leis vigentes e a Constituição Brasileira em seu Art. 86 e os demais princípios a que estejam sujeitos (Art. 22º e alínea “b” do presente Estatuto);
- d) Internamente não ferir ação política e inclusive respeitar a seus líderes;
- e) Com exceção dos leigos, prestar fidelidade à instituição e colaborar para sua perfeita funcionalidade;
- f) Respeitar seus pares e superiores, e a estes ater-se às deliberações;
- g) Observar a vigência de medidas normais da instituição, omissas no estatuto que a Direção imprimir;
- h) Desobrigar-se de suas contribuições financeiras para com a mesma, e não escantinar seus óbulos, ao desembaraço de maiores problemas que a ela sobrevierem;
- i) Apoiar, sempre que possível, os superiores e Mestres nas resoluções e projetos, quando chamados a optar;
- j) Acautelar-se das heresias e falsos princípios que contrastarem as verdades manifestas pela instituição em uníssono à fé católica-evangélica;
- k) Não empregar banalmente as Sagradas Escrituras, nem tomar sob critério de avaliação humana o seu caráter divino;
- l) Tomar o veículo do “Santo Daime” com a confiança que Nosso Senhor Jesus Cristo exige em Mc 16:18 e 11:22-23, e Mt 21:21-22, para o alcance ao êxito a que aludem o Art. 16º e seus incisos;
- m) Não fazer mal uso das correntes de força, quando estas passarem ao seu domínio simbolicamente conferidas nos mistérios, e com elas ou não, todo o bem que praticar seja em

nome de Nosso Senhor Jesus Cristo;

n) Perdoar as injúrias uns aos outros (Rom 13:18) e não se arvorar de salvos, julgando-se a si próprios, mas dar sempre testemunho quanto à imensurável bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo;

o) Recíprocamente ajudar uns aos outros sempre que possível (Gl 6:2) e, dentro ou fora dos mistérios, não dar vasão a anseios que impliquem nos direitos do próximo, em insolência à vontade divina;

p) Com tenacidade e firmeza ajudar a impulsionar os empreendimentos e ações de caráter objetivo e legal que a entidade possa empreender;

q) Ater-se à projeção das visões ou mirações, e quando o Mestre ordenar expender testemunhos fiéis e verdadeiros daquilo que os cenários façam expor, e do quanto a verdade impõe não se negar, diminuir ou acrescer ao que emergir, para exame, estudo e prática da fé cristã:

§ 1º - A inexatidão de qualquer teor, se percebida, implicará em corretivo, que vai da suspensão do “Daime” para o infrator de 1 a 6 meses conforme o caso, contudo sem perda da assistência doutrinária e da frequência, se conveniente.

r) Por ação mais fluente, despertar as forças criativas ao revigoração dos sentimentos nobres sempre vinculados à doutrina cristã que desposar;

s) Firmar-se nas tradições cristãs, não se embaindo em misticismo ou seitas, nem nas suas retaliações e sofismas;

t) Tomar por princípio a resignação nas agruras, embates e reveses que a fatalidade não permita erradicar;

u) Estreitar os liames à solidariedade, igualdade, fraternidade e salubridade espiritual, na periferia do Centro e em suas relações a mais conforme possa;

v) Pugnar pelos princípios cristãos ilustrados nas Sagradas Escrituras, concorrendo ao bem conjuntamente e em particular;

w) Abster-se das cegueiras, relutâncias, sectarismo e frivolidades, que obscurecem as verdades e verberam os princípios cultamente levantados pela ação cristã;

x) De todo coração adorar e proclamar Nosso Senhor Jesus Cristo o Deus Altíssimo com todas as letras, conforme os elementos probatórios das Sagradas Escrituras e as revelações e visões;

y) De todo coração venerar e proclamar a Bendita Virgem Mãe de Deus, sem profanar-lhe os méritos, conforme as Sagradas Escrituras, e identificada que é pelas revelações e visões:

§ 2º - Aos leigos é vedado dialogar com os circunstantes ou estranhos em matéria de caráter

teológico, mirações ou outro gênero que envolva conhecimento e raciocínio em profundidade;

§ 3º - Indistintamente a todos é vedado o uso ou tráfico de tóxicos, narcóticos e entorpecentes, previstos neste Estatuto no capítulo X e alíneas, em resguardo às leis que os condenam e aos princípios morais e salutareos que a instituição proclama.

CAPÍTULO XVII

Conselho Comunitário e suas Funções

Art. 28º - Se constitui este dos principais complementares:

I.

Dignitário,

II.

Presidente,

III.

Monitor, e tem por complementares:

IV.

Gestor,

V.

Secretário,

VI.

Tesoureiro,

VII.

Zelador, sendo suas funções:

- a) Assumir a alçada do 1º Conselho, sempre que oportuno, objetivando sua plataforma e meta;
- b) Arguir as conveniências, faltas e incidências, de caráter social ou equivalente, a que possam incidir seus subalternos, tudo fazendo ao seu alcance para as mesmas não tomarem maior curso;
- c) Executar o presente Estatuto, as leis e os atos oriundos dos poderes públicos;

- d) Assegurar o normal funcionamento da Entidade e pautar suas atividades sociais, culturais, administrativas e afins;
- e) Patentear sua dinâmica, representar em público suas finalidades e tornar viáveis seus objetivos e programas;
- f) Responder pela oneração de títulos a que venha ela a se empenhar, conforme os seus bens móveis e imóveis patrimoniais;
- g) Dar quitação e assumir responsabilidade de caráter exterior (divulgação, publicidade e propaganda);
- h) Contrair obrigações morais, firmando e resgatando seus compromissos assumidos;
- i) Escandir seus limites, comprovar sua idoneidade, autenticidade e paradigmas;
- j) Assumir seus encargos, imprimir sua regulamentação, atribuições e funcionalidade, a cujo critério esteja subordinada a CEPE.

Art. 29º - Ao Gestor compete administrar os bens móveis e imóveis da Entidade, a fiscalização das obras que venha ela a realizar, e se incumbir da obtenção dos vegetais do “Santo Daime” e correlatos:

§ único - Semestralmente prestar contas de despesas, gastos, saldos, aplicações e recebimentos passados pelo seu controle.

Art. 30º - Ao Secretário é seu mister tomar conhecimento da afluência ao Centro, das matérias administrativas que escapem à alçada do Gestor, tais como a biblioteca, discoteca, e proceder às atas para assiná-las juntamente com o Monitor e o Presidente:

§ único - Revezar-se com estes quando necessário, nos ocasionais impedimentos, e executar as notificações, recibos, quitações, provas e vistas às matérias de caráter externo, e colaborar com o Tesoureiro nas anotações, relatórios e afins.

Art. 31º - Ao Tesoureiro, cumpre receber as contribuições, donativos, óbulos e mensalidades dos contribuintes ao “Santo Daime”, mediante recibos conforme modalidade e afinidade do usuário:

§ 1º - Trimestralmente, apresentar a relação dos afiliados quites e não quites, efetuar a cobrança, o recebimento, a receita e as despesas, registrar os gastos, os saldos e afins passados pelo seu controle;

§ 2º - Controlar as fichas de assistência ao trabalho e registrar a frequência das pessoas nas sessões.

Art. 32º - Ao Zelador, cumpre zelar e por em ordem o ambiente, os acessórios e as dependências do templo.

CAPÍTULO XVIII

Previdência Social Eclética

Art. 33º - Se considerando os problemas da Entidade, e em particular os de cada obreiro, em que a assistência aos mesmos é matéria de relevante teor, a existência de uma caixa econômica pela união de associados, à altura de suas possibilidades, é obviamente utilitária e se impõe resolutamente:

§ 1º - Fica assim criada a Caixa Econômica da Previdência Eclética (CEPE) em Rio Branco e em Porto Velho, no Banacre, destinada a acudir às principais necessidades de ambos os Centros - o CICLU e o CECLU, respectivamente - em ambas as cidades.

Art. 34º - As condições para se associar à CEPE e dela alcançar seus benefícios, seguramente constará de:

a) Iniciar o seu montante no mínimo com 10 mil cruzeiros ou em cotas máximas com limite indefinido;

b) Lançar mensalmente suas cotas em sequência ao seu montante, ressaltando-se intervalos ou impossibilidades financeiras ou quaisquer outras;

c) Após sua fase primária, posterior aos 3 primeiros anos, poderão um a um seus consorciados receberem seus empréstimos, se a mesma tiver fundos superiores a 3 milhões de cruzeiros, dentro ou acima de seu próprio montante, com juros não superiores a 5% e resgate a curto ou longo prazo:

§ único - Com este critério poderá cada usuário da CEPE receber seus empréstimos, tão logo façam os primeiros amortizar os seus, em moldes a se manter a mesma com fundos de reserva destinados a todos os contribuintes ou consorciados.

Art. 35º - Decorrida a fase primária de instalação da CEPE entre os consorciados, terá prioridade a empréstimo o que tiver maior montante, cujo saque se destine inteiramente à Entidade, pessoa jurídica responsáveis às mesmas nas pessoas dos 3 primeiros titulares do 2º Conselho a quem ficará subordinada;

Art. 36º - Respeitado este princípio do artigo anterior, o patrimônio ou imóvel assim adquirido pela colaboração conjunta, passará à posse de quantos para isso se empenharem.

Art. 37º - A todos os beneficiários da CEPE, indistintamente, é vedado lançar mão de seus montantes em parte ou no todo, a título de empréstimo, sem anuência dos principais titulares do 2º Conselho e demais contribuintes ou consorciados:

§ único - Qualquer quantia assim sacada será considerada obsoleta, e implicará em punição, requerida dos poderes públicos, com expulsão do infrator à Entidade pelo 2º Conselho, para

o que reunirá todos os seus membros em assembléia.

Art. 38º - Se o empréstimo destinar-se inteiramente à edificação ou aquisição de bem próprio para a Entidade, a amortização do referido empréstimo se fará sem juros e conjuntamente pela contribuição de todos os associados à CEPE.

Art. 39º - Os lançamentos destinados aos fundos da mesma se farão no referido Banco pelo próprio associado, ou mediante o Presidente e o Monitor do 2º Conselho, que informarão aos demais contribuintes todo o movimento da Caixa.

Art. 40º - A quitação das quantias tomadas à CEPE destinadas à Entidade ou beneficiários, só será válida mediante amortização total dos referidos empréstimos, a qual se fará por cotas que totalizem o montante retirado.

Art. 41º - Não poderá a CEPE acudir seguidamente à Entidade além de 3 consecutivos empréstimos, por cujo critério tenham seus usuários margem e altura aos seus direitos e atendimentos.

Art. 42º - Para validade aos montantes, empréstimos e resgates, a aprovação do Presidente e do Monitor terá alcance, os quais convocará os consorciados da CEPE para o devido conhecimento, e a opinarem quando for o caso.

Art. 43º - O consorciado da CEPE que, no curso de suas emissões, houver legado ao Centro importância equivalente a 300 mil cruzeiros, será agraciado com o distintivo máximo da Ordem (a cruz com a aliança e as correntes), e gozará de imunidades que ficarão a critério do Conselho Superior.

Art. 44º - Qualquer pessoa idônea, ainda que não vinculada ao CICLU, poderá ser consorciada da CEPE e dela alcançar suas vantagens, conquanto satisfaça o regulamento pelo qual ela se norteará.

Art. 45º - Sob qualquer condição não poderá a CEPE em seu primeiro decênio cair em regime de falência, enquanto houver margem ao seu soerguimento e suficiência, e, se após esse período não houver adquirido seu equilíbrio, será ela dissolvida e cada associado reembolsado em suas respectivas quantias.

Art. 46º - A CEPE entrará em vigor na data de seu primeiro montante, e se prestará ao cumprimento de suas determinações, dentro das atribuições e possibilidades, assim como será reformulada se a isso vier a se convir posteriormente.

CAPÍTULO XIX

Atribuições e Direitos a Todos

Art. 47º - Satisfazendo aos deveres exigidos, poderá cada membro ou titular:

- a) Se congregar no Centro e comungar com Nosso Senhor Jesus Cristo pelo “Santo Daime” e seu estado espiritual;
- b) Orar e cantar livremente os hinos e cânticos nas sessões instrutivas, no expediente apropriado;
- c) Ouvir as gravações e acordes que completem o louvor a Deus, na forma do Salmo 150, versículos de 1 a 5, das Sagradas Escrituras, e se concentrar, especialmente nas sessões de concentração;
- d) Tomar a polideliça (Santo Daime) para cautério e êxito a que se possa chegar (mirações, inspiração, revelações, melhor índice cultural e evolutivo e afins), proporcionais a seus méritos com as graças de Nosso Senhor Jesus Cristo;
- e) Admitir pareceres e ser ouvido, cuja franquia se estenda aos assistentes;
- f) A defesa a seus valores morais, culturais, religiosos e outros, sempre que necessário, por si e pela instituição;
- g) Nutrientes espirituais e medidas que operem o bem espiritual e material, em conjunto e em particular, conforme possa a Entidade;
- h) Desagravar-se de qualquer pendente que o comprometer em sua posição social e individual, com sua reposição às funções e atribuições quando delidas por qualquer penalidade sancionada;
- i) O livre-arbítrio à manifestação dos sentimentos nobres e à adoração e culto a Deus, em moldes cristãos inteiramente sem contrastes aos princípios consagrados pela Constituição e pela Entidade;
- j) Usufruir das contribuições da CEPE quando a ela associado;
- k) Aos propectos, seus respectivos comprovantes, constituídos do diploma e distintivos;
- l) O filiado ou membro que dispuser de seu imóvel ou patrimônio a serviço da Entidade, estará isento de contribuição financeira para com a mesma, e fruirá prerrogativas que ficarão a critério do Conselho Superior;
- m) A todos os membros filiados que durante 10 anos houverem cumprido fielmente seus encargos e deveres para com a Entidade, se fará jus um prêmio, a ser conferido em assembléia ou nas sessões ordinárias pelo Conselho Superior;
- n) Ao Imperador, ao Mestre Imediato e ao Conselheiro lhes serão facultado o direito ao recesso, quando for necessidade, os dois últimos por solicitação ao primeiro, e este por comunicação aos dois últimos, em qualquer tempo;
- o) Ao primeiro titular, lhe será ainda concedido ajuda pelas contribuições que a Entidade

dispuser, na forma prescrita em Lc 10:7 e Mt 10:9;

p) Os três primeiros titulares estão pessoalmente isentos de contribuições financeiras para com a Entidade, só o fazendo liberalmente e se a isso não se opuserem a maioria dos congregados:

§ 1º - Quanto aos demais titulares cuja atuação seja utilitária, também ficarão isentos de obrigação financeira, decorrido o 1º trimestre de sua função ou exercício, revogando-se as disposições em contrário para todos, se a Entidade necessitar;

§ 2º - O congregado ou membro, que na forma do Art. 43? do Capítulo XVIII, houver contemplado a Entidade, será agraciado com o referido símbolo e fruirá as atribuições em apreço;

§ 3º - O filiado quite com suas obrigações poderá invocar seus direitos, caso se julgue burlado em suas prerrogativas.

CAPÍTULO XX

Qualidades e Títulos Requeridos à Filiação

Art. 48º - O candidato a se filiar ao Centro preencherá os seguintes requisitos:

- a) Não exercer e nem ter exercido ações subversivas ou criminosas;
- b) Ser conceituado e ter boa conduta;
- c) Respeitar a doutrina cristã (ascendentes e descendentes), assim como acautelar-se das heresias e falsos princípios;
- d) Prestar fidelidade aos princípios cristãos e identificar suas qualidades morais e aptidões;
- e) Prestar as informações a mais, exigidas à sua completa inscrição (idade, filiação, estado civil, nacionalidade, estado de saúde, etc.);
- f) Sendo menor, ter a autorização de seus pais ou responsáveis;
- g) Pagar o donativo de ingresso requerido para esse fim, e concordar com o pagamento das mensalidades destinadas ao seu estágio;
- h) Não perder a tradição da doutrina cristã a que seja vinculado, e se propor a ela devotar-se à medida possível no Centro e na mesma onde se congrega .

CAPÍTULO XXI

Qualidades e Títulos Requeridos a Provectos

Art. 49º - O candidato a este título fará jus ao mesmo após se aquilatar dos conhecimentos e méritos assim enumerados:

- a) Compreendendo ser o CICLU com seu instrumental uma escola, e seu verdadeiro mestre Nosso Senhor Jesus Cristo, haja modelado seu perfil com a estrutura com que a Entidade o premiara;
- b) Haver expurgado de seu íntimo o obscurantismo e a rudeza, os preconceitos e os baixos instintos;
- c) Haver depurado as más intenções, as falsas opiniões, pontos de vista e convicções;
- d) Haver processado o desdobramento de sua própria natureza e assimilado a resignação ante a fatalidade, compreendendo que mais sofre em compaixão Nosso Senhor Jesus Cristo, Pai Soberano, cujo plano divino irá até o Grande Juízo;
- e) Haver assimilado as grandes verdades outrora inconcebíveis à sua consciência e mentalidade, cujos reflexos sejam a alvorada que o desperte ao horizonte dos ideais sublimes;
- f) Haver assimilado prudência e humildade, para o alcance das revelações, visões e lições que Nosso Senhor Jesus Cristo preconiza em Mc 9:35, Mt 13:17 e equivalentes;
- g) De todo coração adorar e proclamar Nosso Senhor Jesus Cristo o Deus Altíssimo, universal, conforme os elementos comprobatórios das Sagradas Escrituras e da luz do Daime;
- h) Por esse instrumental e seus acessórios haver se aquilatado o suficiente, quanto às normas cristãs, cívicas e patrióticas, cujas flâmulas são os semáforos que devem iluminar sua trajetória;
- i) Venerar e proclamar a Bendita Virgem, Mãe de Deus, conforme as revelações da luz do Daime e os elementos lógicos das Sagradas Escrituras (Art. 27º - alínea “h”, do Cap. XVI);
- j) Equipar-se da excelência desse instrumental e seus derivados, sem deturpar-lhe a conceituação e seus princípios, empregando-os apenas para os fins a que se encerram, e nunca para sua condenação;
- k) Haver dado testemunho fiel e verdadeiro de tudo quanto em matéria de Doutrina esteja habilitado, e pautado os demais princípios estabelecidos no estatuto e por seus instrutores, para cuja elevação prontifiquem suas qualidades e atributos.

§ único - Aprovado pelo 1º Conselho, esteja assim habilitado o filiado provecto, cujos graus encerrem a plenitude, sob o trinômio da síntese eclética: CRISTO - PÁTRIA - LEGALISMO, como lemas e idéias a afanar.

CAPÍTULO XXII

Disposições Finais

Art. 50º - As propostas a que se fizerem jus, para graduações e títulos, serão apresentadas pelo Mestre-Imediato e pelo Conselheiro ao Mestre-Imperador, que as reputará ou não, conforme possa julgar, mediante a quitação aos deveres cumpridos, desenvolvimento espiritual e reconhecidos méritos auferidos pelos citados titulares.

Art. 51º - Para a continuidade à filiação, importa não perder o filiado os requisitos que o capacitaram a seu ingresso, pautando-se pelos princípios que a Direção imprimir ao curso de seu estágio.

Art. 52º - Todas as funções nomeadas pelo Mestre-Imperador, em ambos os Conselhos, terão a duração máxima de 2 anos, findo o que serão elas mudadas ou prorrogadas conforme valha optar com a aprovação da assembléia.

Art. 53º - Ao Mestre-Imediato e ao Conselheiro não se imputará a prescrição de penalidades:

§ único - Estas serão arguidas pelos referidos titulares, mas sancionadas ou anuladas pelo Mestre-Imperador conforme possa julgar.

Art. 54º - O CICLU com personalidade jurídica independente a de seus membros será representado social, moral, cultural e espiritualmente pelo Conselho Superior e pelo Conselho Comunitário, cujos titulares serão respectivamente para ambos:

I.

Imperador, reversamente Dignitário no 2º Conselho;

II.

Mestre-Imediato e Conselheiro, reversamente Presidente e Monitor, respectivamente, também no 2º Conselho;

III.

Conciliares, nas categorias de provectos, noviços, leigos, beneméritos e beneméritos-provectos, no 1º Conselho:

§ 1º - No 2º Conselho figuram os demais titulares: Gestor, Secretário, Tesoureiro e Zelador, e tanto o 1º quanto o 2º Conselhos, devem os principais titulares compor-se de pessoas de nacionalidade brasileira e de maior idade;

§ 2º - As categorias ou classes do 1º Conselho tem sua designação conferida pelo sentido doutrinário e cultural que as envolve, enquanto para o 2º Conselho o caráter da designação é administrativo e social.

Art. 55º - Com exceção das autoridades públicas, cada assistente não vinculado ao CICLU que comungar do “Santo Daime” terá de contribuir com o donativo mínimo para provimento ao referido veículo de iluminação, o que será cobrado pelo Tesoureiro.

Art. 56º - O CICLU só cogitará da instalação de órgão jurídico para dirimir quaisquer causas se essas se avultarem e se o número de seus congregados for também considerável, e quando aos seus titulares, em função específica, couber resolver assunto não previsto ou definido pelo estatuto, resolverão a seu critério e pelo direito comum em apreço, o que farão cientes ao 1º mandatário e à classe.

Art. 57º - Os infratores e reincidentes serão passíveis de:

- a) repreensão oral ou escrita;
- b) suspensão do veículo do “Santo Daime” ou outros direitos;
- c) suspensão das funções ou cargos;
- d) eliminação por tempo indefinido;
- e) denúncia às autoridades para exemplar punição.

Art. 58º - Terá suspensão a função ou cargo por cerca de 1 ano, o titular em atividades cujo desempenho se torne atentatório aos princípios da Entidade, ou que sem razão plausível deixar de comparecer a 3 sessões seguidas, ou ainda que em seus impulsos se opuser às diretrizes legalmente constituídas:

§ único - Os familiares do filiado serão passíveis de penalidades menores nos casos de incidência.

Art. 59º - Internamente, constitui falta grave ofender a dignidade ou os brios do Mestre-Imperador, do Mestre-Imediato ou de qualquer membro da Entidade, e externamente, às autoridades civis, religiosas e militares:

§ 1º - Haverá penalidade no primeiro e segundo casos, com suspensão do veículo divino de 1 a 6 meses, conforme a honorabilidade do ofendido e o caráter ofensivo arrazoadado;

§ 2º - Nas reincidências a punição se fará em dobro, podendo no primeiro caso, se o infrator postular, ser comutada a suspensão em multa que vai de 10 a 30 mil cruzeiros, conforme a honorabilidade do ofendido, com a atenuante se ambas as partes forem litigantes.

Art. 60º - É passível de pena quem ostensivamente transmitir a estranhos profanos as comunicações astrais recebidas, expondo-as à frivolidade e à execração:

§ único - A penalidade no caso varia de 1 a 3 meses de suspensão do veículo divino, ou multa de 5 a 15 mil cruzeiros.

Art. 61º - O filiado quite com suas obrigações poderá invocar seus direitos, caso se julgue burlado em suas prerrogativas (Art. 47º, § 3º, do Capítulo XIX).

Art. 62º - Em conjugação ao estatuto do CICLU, se incorpora inclusive a certidão de análise química das plantas sagradas “jagube” e “mescla”, pela Secretaria de Saúde e Serviço Social do Estado do Acre, nada constando de tóxico, narcótico ou entorpecente, segundo as autoridades e órgãos competentes, quanto ao uso da polideliça convencionada em “Santo Daime”, do antigo ayahuasca como veículo divino para cautério moral e seus demais fins, na forma dos capítulos VII e VIII do estatuto.

Art. 63º - Conjuntamente ao instrumental ritualista do CICLU, também figura o seu estandarte, cujos símbolos nas 3 cores (verde, branco e cinza), dimensionados em retângulo de 80x170 aproximadamente, evocam a natureza, os céus e a matéria, contendo 2 triângulos cruzados no signo da estrela de Salomão, expressando o poder material e o poder universal, nos quais a excelsa imagem de Cristo em corpo inteiro, sobre o monograma do CICLU, sintetizam sua generalidade e ordenação, incluso o trinômio CRISTO-PÁTRIA-LEGALISMO, lemas e princípios da Entidade.

Art. 64º - O patrimônio do CICLU será constituído de bens móveis e imóveis, e só será dissolvido se a isso não se opuserem ambos os Conselhos e a maioria dos seus congregados, os quais definirão se for o caso o destino de seu acervo, sujeito às disposições legais.

Art. 65º - Ressalvando-se o direito à desapropriação pela lei, o patrimônio do CICLU e seus bens móveis e imóveis, títulos e finanças, são inalienáveis, os quais não poderão sofrer embargo, sequestro ou penhora por parte de seus titulares, sendo nula quaisquer dessas ações ou oneração com o que os pretendam alhear.

Art. 66º - Após lavrado, lido e aprovado pela assembléia e por ambos os Conselhos, o presente estatuto não poderá conter entrelinhas, rasuras e nem emendas, ou ser alterado, no todo ou em parte, assim como ser reformado, até que seja decorrido seu primeiro biênio, e entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

A Diretoria

ANEXO 2

Decreto de Serviço da Doutrina do Santo Daime

Ditado por Raimundo Irineu Serra e escrito por Percília Matos da Silva

O Presidente do....., dando continuidade à obra do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra, fundador desta Doutrina, usando de suas atribuições legais, decreta:

Estado maior: Ficam definitivamente obrigados os membros desta casa a manter o acatamento e a paz da mesma, normalizando assim a sinceridade e o respeito com seu próximo. Não se pode negar que, em qualquer carreira, arte ou profissão que se escolha na vida, só se chegará ao ponto culminante se à mesma entregar-se de corpo e alma. Esta é a regra que exerce a Ciência Divina.

Todos os pais de família devem criar dentro do próprio lar um centro de paz e harmonia; esposo e esposa devem tratar-se com dignidade e respeito, incluindo as pétalas desse amor, no mais firme propósito do futuro e da felicidade. Todos os pais de família devem ser um professor exemplar para os seus filhos, dentro do seu próprio lar, nunca devem pronunciar palavras que possam prejudicar o conceito da criança, ensinar aos seus filhos quais são os direitos de um cidadão brasileiro, tratar bem ao seu próximo, desde o mais graduado até o mais humilde, ensinar quais são os direitos e deveres religiosos, que devem respeitar a Deus sobre todas as coisas, rezar todos os dias para afastar os males, as doenças, as dificuldades, etc.

Dentro do estado maior não pode haver intrigas, ódio, desentendimento, por mais insignificantes que sejam. Todos que tomam esta Santa Bebida não devem só procurar ver belezas e primores e sim corrigir seus defeitos, formando assim o aperfeiçoamento da sua própria personalidade, para poder ingressar neste batalhão e seguir nesta linha. Se assim fizerem, poderão dizer "sou irmão". Dentro desta igualdade todos terão o mesmo direito, e em casos de doenças será expressamente designada uma comissão em benefício do irmão necessitado.

Nos dias de Trabalho: Todos que vierem à procura de recursos físicos, morais e espirituais devem trazer consigo, sempre, uma mente sadia, cheia de esperanças, implorando ao infinito

e eterno Espírito do Bem e a Virgem Soberana Mãe criadora que sejam concretizados os seus desejos de acordo com seu merecimento.

Para iniciar nossa meditação: Depois da distribuição do Daime, todos irão colocando-se em seus receptivos lugares, com exceção das senhoras que têm crianças, as mesmas deverão primeiramente agasalhar seus filhos. Continuando nossa meditação, ao chegar a hora do intervalo, ao efetuar-se a primeira chamada, todos deverão colocar-se em forma, tanto o batalhão masculino quanto o feminino, pois todos têm a mesma obrigação. A verdade é que o Centro é livre, mas quem toma conta deve dar conta. Ninguém vive sem obrigação e quem tem obrigação tem sempre um dever a cumprir.

A disciplina-meta não pode ser aprendida em livros, tudo depende do nosso próprio eu, só a experiência nos traz realização. O poder da existência Divina nos mostra igualmente o contato da nossa evolução individual no plano terrestre em relação ao plano superior. Além disso, é nos dado saber que existem em nossa mente atrações superiores e inferiores. O Conhecimento elementar nos leva a mudança completa de todos os nossos valores, dos nossos hábitos e compreensão mútuos, relativamente com os exames da nossa própria consciência.

Existem em nossa mente um conjunto de atrações superiores e inferiores, esta atração, posta em prática diariamente trará um desenvolvimento capaz de produzir os resultados mais altruísticos, isto dependendo da nossa consciência, se praticarmos o bem, o bem nos conduzirá e se praticarmos o mal, é claro, só podemos ser derrotados. Se assim fizermos estaremos marchando para o caminho da perfeição e em busca de novas realizações.

Ficará assim declarado, doravante o irmão ou irmã que, por força de incompreensão, não cumprir fielmente com os deveres acima citados, resolvendo enveredar pelos caminhos contrários, pela primeira falta será chamado a um conselho, pela segunda falta será suspenso por trinta dias, pela terceira falta será suspenso por noventa dias, e se continuar, será eliminado definitivamente.

Cidade, de de

ANEXO 3**HINÁRIO O CRUZEIRO - MESTRE IRINEU****01 – Lua Branca (valsas)**

Deus te Salve oh! Lua Branca
Da luz tão prateada
Tu sois minha protetora
De Deus tu sois estimada

Oh Mãe Divina do coração
Lá nas alturas onde estás
Minha Mãe, lá no céu
Dai-me o perdão

Das flores do meu país
Tu sois a mais delicada
De todo meu coração
Tu sois de Deus estimada

Oh! Mãe Divina do coração ..

Tu sois a flor mais bela
Aonde Deus pôs a mão
Tu sois minha advogada
Oh! Virgem da Conceição

Oh! Mãe Divina do coração ..

Estrela do Universo
Que me parece um jardim
Assim como sois brilhante
Quero que brilhes a mim

Oh! Mãe Divina do coração ..

02 – Tuperci

Tuperci não me conheces
Tu não sabes me apreciar
Tu não sabes me compreender
Oh minha flor cor de Jaci

03 – Ripi

Ripi, Ripi, Ripi
 Ripi, Ripi, Iáíá
 Se você não queria
 Para que veio me enganar

04 – Formosa

Formosa, Formosa
 Formosa é bem Formosa
 Formosa é bem Formosa
 Tarumim tu sois Formosa
 Formosa é bem Formosa

Formosa, Formosa
 Formosa é bem Formosa
 Tarumim estou com sede
 Tarumim tu me dá água
 Tarumim tu sois Mãe D'água
 Tarumim tu sois Formosa

05 – Refeição

Papai do Céu do coração
 Que hoje neste dia
 É quem dá o nosso pão
 Graças a Mamãe

Mamãe do Céu do coração
 Que hoje neste dia
 Foi quem deu o nosso pão
 Louvado seja Deus

06 – Papai Paxá

Equiôr, Equiôr, Equiôr
 Equiôr que me chamaram
 Eu vim beirando a terra
 Eu vim beirando o mar

Quando Papai Paxá
 Barum Marum mais eu
 Saudades, saudades
 Saudades de Mamãe

A tua imagem linda
 É meus encantos enfim

Neste mundo e no outro
Vós se alembrai de mim

O amor que eu te tenho
Dentro do meu coração
É vós quem me guia
No caminho da salvação

Quando Papai me chamar
Toda vida obedeci
Quando chegar este dia
Eu só tenho que ir

07 – Dois de Novembro

A tua alma entrega a Deus
E o teu corpo à terra fria.
Jesus te acompanhe
Junto com a Virgem Maria.

Tu pede aos teus amigos
Pelo nome de Jesus,
Que te rezem umas preces
Lá no pé da Santa Cruz.

Tantos anos que vivestes,
Agora vais se retirar,
Vai atender ao nosso Pai,
Foi quem mandou te chamar.

Aqui achou, aqui deixou,
Levas contigo o amor.
As portas do céu se abrem
Para quem for merecedor.

08 – A Rainha me mandou

A Rainha me mandou
Eu rezar para os meus irmãos
Para Ela lá no céu
ALimpar meu coração

A Rainha me mandou
Eu rezar para a humanidade
Para Ela lá no céu
Fazer as vossas vontades

A Rainha me mandou

Eu rezar para os inocentes
 Para Ela lá no céu
 Rogar ao Onipotente

A Rainha me mandou
 Santa paz e alegria
 Para Ela lá no céu
 Mandar o pão de cada dia

09 – Mãe Celestial

Eu peço e rogo, oh Mãe Celestial
 Que tudo enquanto eu tenho
 É Vós é quem me dá
 Oh Mãe Celestial

Eu peço e rogo, oh Pai Celestial
 Que tudo enquanto eu tenho
 É Vós é quem me dá
 Oh Pai Celestial

Eu peço e rogo, oh Mãe Celestial
 Que me dê a salvação
 E me bote em bom lugar
 Oh Mãe Celestial

10 – Eu devo pedir

Eu devo pedir
 A quem pode me dar
 Papai me deu
 Sou eu, sou eu

Mamãe me ensina
 Eu devo aprender
 Que na Eternidade
 É quem pode me valer

Dos raios do sol
 É que me vem a luz
 Eu não devo esquecer-me
 Do nome de Jesus

As estrelas pequeninas
 Sua luz incandescente
 Só Deus, só Deus
 Só Deus Onipotente

Vejo a lua nas alturas
 Sua luz, seu resplendor
 O meu amor eu emprego em ti
 Em Jesus Cristo Salvador

11 – Unaqui

Estou aqui,
 Foi Deus do céu quem me mandou
 Sou filho da Virgem Mãe
 Lá no céu Jesus Cristo Salvador

Sofreu na cruz
 Foi preso e foi amarrado
 Quem o matou foram os judeus
 Na Judéia foram todos perdoados

Estou aqui
 Neste mundo de ilusão
 Eu faço por agradar todos
 Neste mundo só me dão ingratidão

12 – Meu Divino Pai

Oh Meu Divino Pai
 Só por vós devo chamar
 Tantas vezes vos ofendi
 E vós me queira perdoar

E vós me queira perdoar
 Que eu pequei por inocente
 Porque não tinha certeza
 Do nosso Deus Onipotente

Oh Meu Divino Pai
 É vós quem me dá a luz
 Eu nunca mais hei de esquecer
 Do santo nome de Jesus

A laranja é uma fruta
 Redonda por vossas mãos
 Vós me entrega com certeza
 E eu deixar cair no chão

13 – Estrela Dalva

Estrela Dalva Vós me dá

Sois divina, sois divina
Sois divina em meu olhar

São felizes os passos meus
Com certeza eu encontrar
Um dia seu resplendor
É só quem eu devo amar

A minha Mãe que me ensinou
No mundo dos pecadores
Tirai-me da ilusão
Para eu ter outro valor

14 – Rogativo dos Mortos

São doze horas da noite
Meu irmão se mudou
O sono da eternidade
Deus do céu quem te chamou

Uma hora da madrugada
Meu irmão se mudou
O sono da eternidade
Deus do céu quem te chamou

Duas Horas da madrugada....

São três horas da madrugada...

Quatro horas da madrugada...

Cinco horas da manhã...

São seis horas da manhã...
São sete horas do dia...

São oito horas do dia...

São nove horas do dia
Meu irmão se mudou
O sono da eternidade
Deus do céu quem te chamou

Tantos anos que vivestes
No mundo da ilusão
Eu rogo a Deus do céu
Que te dê o Santo perdão

A divina estrela vem

Para ir te alumiar
Eu rogo a Deus do céu
Que te bote em bom lugar

A virgem Senhora vem
Para ir te acompanhar
Eu rogo a Deus do céu
Que te bote em bom lugar

15 – Eu quero ser

Eu quero ser
Filho do meu Pai
Da minha Mãe com os meus irmãos
Que me acompanham amar a Ele
Dentro do meu coração
Seguindo nesta estrada
Com a verdade na mão

Oh Virgem Mãe
Oh Mãe de piedade
Eu quero ser filho de vós
Sigo sempre na verdade

O amor eterno
eu devo consagrar
A lua e as estrelas
A terra e o mar
O sol lá nas alturas
Com sua luz de cristal

16 – A minha Mãe é a Santa Virgem

A minha Mãe é a Santa Virgem
Ela é quem vem me ensinar
Não posso viver sem Ela
Só posso estar onde Ela está

Ela é Mãe de todos nós
Daqueles que procurar
Seguindo neste caminho
Vai chegar onde Ela está

Oh minha Virgem Mãe
Oh Mãe do coração
Eu vivo nesta escola
Para ensinar os meus irmãos

E eles pouco caso fazem
De aprender com alegria
Porque pensam que não é
Ensinos da Virgem Maria

Ninguém trata de aprender
Só se leva na ilusão
Aqui mesmo neste mundo
Está no mar da escuridão

17 – Meu Divino Pai (Confissão)

Meu Divino Pai do Céu
Soberano Criador
Eu sou um filho seu
Neste mundo pecador

Meu Divino Pai do Céu
Meu Soberano Senhor
Perdoai as minhas culpas
Pelo vosso Santo Amor

Meu Divino Pai do Céu
Soberano Onipotente
Perdoai as minhas culpas
E vós perdoa os inocentes

Eu confesso os meus pecados
E reconheço os crimes meus
Eu a vós peço perdão
Ao meu Divino Senhor Deus

18 – Equiôr Papai me chama

Equiôr Papai me chama
Equiôr perante a si
Equiôr Papai me diz
Equiôr eu sou feliz

Equiôr Mamãe me chama
Equiôr Mamãe me dá
Equiôr Mamãe me ensina
Amar a quem eu devo amar

Eu vivo neste mundo
Com prazer e alegria
Viva Deus no céu
E a Sempre Virgem Maria

Jesus Cristo é o nosso Pai
De grande consolação
Ajudai-me neste mundo
E no outro a salvação

19 – O amor eternamente

O amor eternamente
Eu desejo publicar
Para ser um filho seu
Fazer bem, não fazer mal

Estou na terra, estou na terra
Estou na terra, eu devo amar
Para ser um filho seu
Fazer bem, não fazer mal

A Virgem Mãe que me ensinou
De vós não devo afastar-me
Para ser um filho seu
Fazer bem, não fazer mal

20 – Sempre assim

Sempre assim eu vou dizer
Sempre assim eu quero ser
Amar a Eternidade
Ser fiel até morrer

A minha Mãe eternamente
Foi quem me mandou seguir
Não temer este caminho
Sempre assim eu sou feliz

Jesus Cristo me mandou
Para sempre amém Jesus
Não temer este caminho
Deus foi quem deu esta luz

Todos seres me arroteiam
Foi quem me mandou seguir
Para ser eternamente
Sempre assim eu sou feliz

Oh minha Virgem Mãe
Oh Mãe do Redentor
Enchei meu coração

De alegria com primor

21 – Oh meu Divino Pai

Oh meu Divino Pai
Foi vós foi quem me deu
Eu vim me apresentar
Por ser um filho seu

A minha mãe que me ensinou
Dentro do meu coração
É quem me dá esta verdade
Para expor aos meus irmãos

Piso firme e sigo em frente
Não devemos esmorecer
Para ser eternamente
Sou filho de todos seres

Seguindo neste caminho
Que minha Mãe me ensinou
Piso firme com alegria
Sou filho do Redentor

22 – Palmatória

Porque todos não cumprem
com dever e obrigação
conhecer esta verdade
para chamar meu irmão

Na presença todos são
Na ausência aqui deixou
Não se lembram da firmeza
E da palavra que jurou

Não cumprindo este dever
Está fora da união
Não são firme a meu Deus
E nem leal ao meu irmão

Só existe é fingimento
Fraqueza no coração
Não são firme a meu Deus
E nem unido ao meu irmão

Não cumprindo este dever
É melhor se retirar

Que não é traço de baralho
 É melhor não vir pra cá
 Que aqui é muito sério
 E é preciso respeitar

23 – B.G.

B.G. eu vou chamar
 B.G. aqui chegou
 B.G. quem te mandou
 Foi o nosso Salvador

B.G. vós veio à terra
 Para ensinar a verdade
 B.G. quem te mandou
 A nossa Mãe de piedade

B.G. vós nos quer bem
 B.G. vós tem amor
 B.G. vós nos defenda
 De todos esses terrores

24 – Cantar praia

Canta praia, Canta praia
 Canta praia ,quem me ensina
 Eu sou um filho eterno
 Não devo pensar à toa
 Conhecer este poder
 Que me traz as coisas boas

Não devo te desprezar
 Para ir atrás da ilusão
 Que me traz tanta riqueza
 E me derriba pelo chão

Devo ser eternamente
 Para sempre, amém Jesus
 Eu sou um filho eterno
 De joelhos em uma cruz

25 – Oferecimento

Oh minha Virgem Mãe
 Oh Virgem Mãe de Deus
 Olhai para mim
 Que sou um filho seu

Perdoai as minhas culpas
 Pelo vosso santo amor
 Olhai para mim
 Neste mundo pecador

Oh minha Virgem Mãe
 Botai-me a santa bênção
 Olhai para mim
 Neste mundo de ilusão

Oh minha Virgem Mãe
 É vós quem me dá a luz
 Me daí a salvação
 Para sempre, amém Jesus

Eu ofereço estes cânticos
 Que agora se cantou
 Ao Rei e à Rainha
 Do universo é o Criador

26 – Leão Branco

Meu Pai foi quem me fez
 Eu devo ter amor
 Sou filho do meu Pai
 Feliz eu devo ser

Sou filho do meu Pai
 Eu devo ter amor
 Sou filho do meu Pai
 A minha Mãe me acompanhou

A minha Mãe me acompanhou
 Mandou eu ensinar
 Os que forem filhos dela
 Aprender ao menos a rezar

27 – Seis horas da manhã

Seis horas da manhã
 Eu devo cantar
 Para receber
 A meu Pai Divinal

O pino do meio-dia
 A luz do resplendor
 Eu devo cantar
 A meu Pai Criador

Seis horas da tarde
 O sol vai se pôr
 Eu devo cantar
 A meu Pai Salvador

A terra é quem gira
 Para mostrar
 Toda criação
 A meu Pai Divinal

28 – Cantar ir

Eu quero cantar ir
 Que me ensina eu seguir
 Sou eu, sou eu, sou eu
 Sou eu, sou bem feliz

O Divino Pai Eterno
 Quem me deu este poder
 De ensinar as criaturas
 Conhecer e compreender

A Virgem Mãe me deu
 O lugar de professor
 Para ensinar as criaturas
 Conhecer e ter amor

Jesus Cristo me mandou
 Para mim viver aqui
 Sou eu, sou eu, sou eu
 Sou eu, sou bem feliz

29 – Sol, Lua, Estrela

Sol, Lua, Estrela
 A Terra o Vento e o Mar
 É a Luz do Firmamento
 É só quem eu devo amar

É só quem eu devo amar
 Trago sempre na lembrança
 É Deus que está no Céu
 Aonde está minha esperança

A Virgem Mãe mandou
 Para mim esta lição
 Me lembrar de Jesus Cristo
 E esquecer a ilusão

Trilhar este caminho
Toda hora e todo dia
O Divino está no Céu
Jesus filho de Maria

30 – Devo amar aquela luz

Devo amar aquela luz
O Divino aonde está
Para ser um filho seu
No coração eu devo amar
No coração eu devo amar a luz

A Virgem Mãe foi quem me deu
Para ensinar os meus irmãos
Para ser um filho seu
Para ser um filho seu de amor

No coração este primor
Conhecer esta verdade
Deus do Céu foi quem mandou
Deus do Céu foi quem mandou a luz

31 – Papai Samuel

Papai Samuel me chama
Para dizer o que queria
Para viver eternamente
Junto à Virgem Maria

Junto à Virgem Maria
O santo nome de Jesus
Olho para o firmamento
O Cruzeiro, e a Santa Luz

Pisei no primeiro degrau
Para seguir com firmeza
Dentro do meu coração
O primor, tanta beleza

Convidei os meus irmãos
Para seguir com alegria
Todos me responderam
Que ficavam e lá não iam

32 – Cantei hoje

Cantei hoje, eu cantei hoje
 Cantei hoje com alegria
 Porque tenho uma esperança
 De ver a Virgem Maria

A Rainha me chamou
 Para mim seguir com Ela
 Para eu amar com firmeza
 Para eu ser um filho Dela

Para eu ser um filho Dela
 Ter força para ensinar
 O Divino Pai do Céu
 O que eu pedir Ele me dá

O que eu pedir Ele me dá
 Eu recebo com alegria
 Porque tenho a minha Mãe
 É a Sempre Virgem Maria

33 – Papai Velho

Papai Velho e Mamãe Velha
 Vós me dê o meu bastão
 Sou eu, sou eu, sou eu
 Com a minha caducação

Até que enfim, até que enfim, até que enfim
 Eu recebi o meu bastão
 Pude me levantar
 Com a minha caducação

Reduzi meu corpo em pó
 O meu espírito entre flores
 Sou eu, sou eu, sou eu
 Filho do Rei de Amor

Mamãe Velha sempre dá
 Papai a carinhar
 Sou eu, eu sempre digo
 Eu nasci em Natal

34 – Estrela brilhante

Estrela brilhante
 Vós sois a minha luz
 É a Virgem Maria

E o Menino Jesus

O Menino Jesus
 Nasceu para ensinar
 Cumprir vossa missão
 Para remir e salvar

Para remir e salvar
 Ninguém vos conheceu
 Ganhou o vosso nome
 Depois que vós morreu

Depois que vós morreu
 Todo mundo tem amor
 Depois que assassinaram
 O Mestre ensinador

35 – Santa estrela

Vou chamar a Santa estrela
 Para vós vir me guiar
 Iluminar meu pensamento
 O oceano e beira-mar

A profundidade que vós tendes
 Consentí-me eu entrar
 Para eu ver tanta beleza
 Para mim acreditar

O Divino Pai Eterno
 Senhor de todo primor
 Daí a luz ao vosso filho
 Aquele que procurou

A Rainha minha Mãe
 Que me mandou eu cantar
 E ensinar os meus irmãos
 Aqueles que procurar

36 – Amigo Velho

Chegou seu Amigo Velho
 Chegou sem ser chamado
 Para sempre, amém Jesus
 Para sempre ser lembrado

A minha Mãe que me ensinou
 Eu sou filho estimado

Quem seguir na minha linha
Segue limpo e não errado

O Patriarca São José
Todo mundo se esqueceu
Jesus filho de Maria
Com o Divino Senhor Deus

O Patriarca São José
Vós esposo de Maria
Que o Divino Pai mandou
Para vossa companhia

Viveram honestamente
Dentro da soberania
Jesus quando nasceu
Foi na vossa companhia

Aconselho a todo mundo
Para seguir na verdade
Saindo desta linha
Não espere ser chamado

O Divino Senhor Deus
Foi quem me mandou dizer
Nós somos filhos eternos
Somos, somos e deve ser

37 – Marizia

Marizia, minha vida
Para mim acreditar
O azul do firmamento
E as estrelas a me guiar

Soberano Pai Eterno
Que me mandou eu cantar
Para eu ter toda firmeza
Para sempre eu vos amar

A minha Mãe que me ensinou
Que me mandou eu seguir
Para sempre, amém Jesus
Para sempre eu ser feliz

Tu não deves esquecer
O amor que recebeu
Quando chegou nesta casa
A verdade conheceu

38 – Flor de Jagube

Eu venho da floresta
 Com meu cantar de amor
 Eu canto é com alegria
 A Minha Mãe que me mandou

A Minha Mãe que me mandou
 Trazer Santas Doutrinas
 Meus irmãos todos que vêm
 Todos trazem este ensino

Todos trazem este ensino
 Para aqueles que merecer
 Não estando nesta linha
 Nunca há de conhecer

Estando nesta linha
 Deve ter amor
 Amar a Deus no céu
 E a Virgem que nos mandou

39 – Centro livre

Centro livre, Centro livre
 É preciso ter amor
 A minha Mãe que me mandou
 A minha Mãe que me mandou

Minha Mãe prenda querida
 Minha Mãe prenda querida
 Minha Mãe prenda querida
 Estou com vós, eterna vida
 Estou com vós, eterna vida
 Estou com vós, eterna vida

Curripipiraguá
 Eu devo chamar aqui
 Eu devo chamar aqui

40 – Eu canto nas alturas

Eu canto nas alturas
 A minha voz é retinida
 Porque eu sou filho de Deus
 E tenho a minha Mãe querida

A minha Mãe que me ensinou
 A minha Mãe que me mandou
 Eu sou filho de vós
 Eu devo ter amor

Com amor tudo é verdade
 Com amor tudo é certeza
 Eu vivo neste mundo
 Sou dono da riqueza

A minha Mãe é a Lua Cheia
 É a estrela que me guia
 Estando bem perto de mim
 Junto a mim é prenda minha

A riqueza todos têm
 Mas é preciso compreender
 Não é com fingimento
 Todos querem merecer

41 – Estrela D'água

Vou chamar a Estrela D'água
 Para vir me iluminar
 Para vir me iluminar
 Para vir me iluminar

Daí-me força e daí-me amor
 Daí-me força e daí-me amor
 Daí-me força e daí-me amor
 Daí-me força e daí-me amor

Dá licença eu entrar
 Dá licença eu entrar
 Nas profundezas do mar
 Nas profundezas do mar

Foi meu Pai quem me mandou
 Foi meu Pai quem me mandou
 Conhecer todos primores
 Conhecer todos primores

Daí-me força e daí-me amor
 Daí-me força e daí-me amor
 Daí-me força e daí-me amor
 Daí-me força e daí-me amor

A minha Mãe que me ensinou

A minha Mãe que me ensinou
 Conhecer todos primores
 Conhecer todos primores

Com amor no coração
 Para cantar com os meus irmãos
 Para cantar com os meus irmãos
 Para cantar com os meus irmãos

42 – A terra aonde estou

A terra aonde estou
 Ninguém acreditou
 Dai-me amor, dai-me amor
 Dai-me o Pão do Criador

A minha Mãe que me ensinou
 Quem me deu todo primor
 Dai-me amor, dai-me amor
 Dai-me o Pão do Criador

A riqueza todos têm
 Mas ninguém quer acreditar
 Dai-me amor, dai-me amor
 Livrai-me de todo mal

43 – O Prensor

O Prensor que te aparece
 A pátria vai abraçar
 Vai pra guerra vai perder
 A vida que Deus te dá

Quem te fez não te mandou
 O amor não empregou
 O teu Pai não conheceu
 Vais derramar o teu sangue
 Que o Divino Pai te deu

Meu Pai Divino do céu
 Abrandai estes terrores
 Vós tenha compaixão
 Dos vossos filhos pecadores

Sempre, sempre
 Sempre, sempre
 Eu peço à Virgem Maria
 Defendei os inocentes

De toda essa orfandia

44 – A Virgem Mãe que me ensinou

A Virgem Mãe que me ensinou
 A Virgem Mãe foi quem me deu
 Alegrei meu coração
 Para eu amar ao Senhor Deus

Meu Divino Senhor Deus
 É Pai de toda nação
 Defendei os vossos filhos
 De toda escuridão

A Escuridão é tão terrível
 Que ninguém pode enxergar
 Vós me dê a Santa Luz
 Para eu poder navegar

A Virgem Mãe é soberana
 Ela é Rainha do Mar
 Quando vê nós na aflição
 Ela vem nos consolar

Consolai, oh Mãe Divina
 Jesus Cristo Redentor
 É quem pode nos livrar
 Deste mundo pecador

45 – Eu estava em pé firmado

Eu estava em pé firmado
 Olhando para o firmamento
 Uma luz me apareceu
 Iluminou meu pensamento

Iluminou meu pensamento
 E perguntou se eu conhecia
 Nos meus olhos eu enxerguei
 A Sempre Virgem Maria

Meu Pai é carinhoso
 Ele não quer mal a ninguém
 Devo amar com firmeza
 A meu Pai que nos quer bem

A minha Mãe é tão formosa
 Me dá luz e o clarão

Devo amar eternamente
E consagrar no coração

Sou filho do meu Pai
Eu devo ser atencioso
Abraçar a todo mundo
E não querer ser orgulhoso

Eu vivo alegre sempre
O meu consolo é só cantar
Porque tenho uma esperança
De breve me separar

De breve me separar
Com Deus e a Virgem Maria
Talvez vocês não achem
Outro irmão com alegria

46 – Eu balanço

Eu balanço, e eu balanço
E eu balanço tudo enquanto há

Eu chamo o sol, chamo a lua
E chamo estrela
Para todos vir me acompanhar

Eu balanço, e eu balanço
E eu balanço tudo enquanto há

Eu chamo o vento, chamo a terra
E chamo o mar
Para todos vir me acompanhar

Eu balanço, e eu balanço
E eu balanço tudo enquanto há

Chamo o cipó, chamo a folha
E chamo a água
Para unir e vir me amostrar

Eu balanço, e eu balanço
E eu balanço tudo enquanto há

Tenho prazer, tenho força
E tenho tudo
Porque Deus
Eterno é quem me dá

47 – Sete Estrelas

Eu vi no Sete-Estrelas
Um rosto superior
Eu digo é com certeza
Que a Rainha me mostrou

A Rainha me mostrou
Para mim reconhecer
O nome que tanto se fala
E ninguém sabe compreender

Ninguém sabe compreender
Com amor, com alegria
A pessoa de Jesus Cristo
Jesus filho de Maria

Jesus filho de Maria
Desde a hora que nasceu
Começou seu sofrimento
Até o dia que morreu

Ele morreu neste mundo
Para nós acreditar
Para nós também sofrer
Para poder alcançar

48 – A Rainha da Floresta

A Rainha da Floresta
Ela veio me acompanhar
Todo mundo ri e graceja
Para depois ir chorar

Tu perdestes a tua luz
Que eu te dei com tanto amor
Não foi a falta de conselho
Tu mesmo nunca ligou

Vai chorar de arrependido
Quando um dia se lembrar
Que eu perdi a minha fortuna
Que eu tinha para alcançar

49 – Minha mãe é Mãe de todos

A Minha mãe é Mãe de todos

Que quiser ser filho Dela
Ela roga por nós todos
Mas ninguém roga por Ela

O Divino Pai Eterno
Me deu um grande poder
Eu como filho de vós
Vou eterno agradecer

Vou eterno agradecer
Para sempre eu quero estar
Encostado a minha Mãe
Para sempre eu vos amar

Para sempre eu vos amar
E eterno agradecer
Vós me dê a Eterna Glória
Conforme eu merecer

50 - Salomão

Salomão disse para mim
Nesta eu vou me assinar
Que esta é a verdade pura
No mundo não tem igual

A professora que te ensina
Tu soubestes aprender
Trabalhastes muitos anos
Para hoje receber

Sois filho das Águas Brancas
E é preciso trabalhar
Segue sempre o teu destino
E deixa quem quiser falar

51 – Eu devo amar

Eu devo amar no coração
A Virgem Mãe foi quem me deu
Para eu amar ao Senhor Deus

Oh Virgem Mãe, Divina Mãe
Vós nos perdoe os filhos seus
Para nós amar ao Senhor Deus

Divino Pai, Rei Criador
Vós nos perdoe nós pecadores

Para nós amar com grande amor

52 – A febre do amor

A febre do amor
É preciso compreender
Trazer sempre na memória
Este divino poder

Minha Mãe, minha Mãezinha
Vós me dá todo valor
Não sei se eu mereço
Para sempre eu ter amor

Completei o meu Cruzeiro
Com cento e trinta e duas flores
Se tiver alguma a mais
Vós acrescente o meu amor

53 – Virgem Mãe Divina

Oh Virgem Mãe Divina
Eu peço um conforto seu
Com vós, com vós, com vós
Com Deus

Meu Divino Pai Eterno
Eu peço um conforto seu
Com vós, com vós,
Sou filho seu

Jesus Cristo Redentor
Eu peço um conforto seu
Com vós, com vós,
O ensino seu

54 – Pedi força a meu Pai

Pedi força a meu Pai
Ele me deu com amor
Para mim ensinar
Neste mundo pecador

A minha mãe que me ensinou
Manou eu ensinar
A todos meus irmãos
Aqueles que acreditar

Surubina, minha flor
 Jardim da minha infância
 A base deste mundo
 É o verde, minha esperança

55 – Disciplina

Vou chamar os meus irmãos
 Quem quiser venha escutar
 Se ficar firme apanha
 E se correr vai sofrer mais

Minha Mãe, minha Rainha
 Com amor ninguém não quis
 Apanhar para obedecer
 Na estrada para seguir

Mestre bom ninguém não quis
 Não souberam aproveitar
 Apanhar para obedecer
 Para poder acreditar

Fica assim a disciplina
 Quem quiser pode correr
 Se eu falar do meu irmão
 Estou sujeito a morrer

56 – Santa estrela que me guia

Santa estrela que me guia
 Vós me dê a Santa Luz
 Os três Reis do Oriente
 Que visitaram Jesus

Viva Deus lá nas alturas
 Viva a noite de Natal
 Viva o dono deste dia
 Que nós vamos festejar

Já fazem muitos anos
 Que meu Jesus nasceu
 Vamos todos com alegria
 Festejar ao Senhor Deus

Meu Divino Senhor Deus
 A vós eu vou pedir
 Vós nos dê o vosso conforto

Para todos nós seguir

A Sempre Virgem Maria
É quem vem nos ensinar
Para nós cantar com amor
Nesta noite de natal

57 – Eu convido os meus irmãos

Eu convido os meus irmãos
Que queiram me acompanhar
Para nós cantar um pouco
Nesta noite de natal

Eu convido os meus irmãos
Para cantar com alegria
Para nós ir festejar
A Jesus filho de Maria

Eu convido os meus irmãos
Todo aquele que quiser
Para nós ir festejar
A Jesus, Maria e José

Minha Sempre Virgem Maria
Vós só pode é se alegrar
Porque todos nós pedimos
Para vós nos ajudar

O sonhar é uma verdade
Igualmente à luz do dia
Reparem neste mundo
O sonho da Virgem Maria

Meu Divino Senhor Deus
Vós nos dê a Santa Luz
Para sempre eu festejar
O dia que nasceu Jesus

58 – Todo mundo quer ser filho

Todo mundo quer ser filho
De Deus da criação
Por quê que tu te esquece
De rezar para o teu irmão

Meu irmão que se mudou
Saiu com alegria

Eu rogo a Deus por ele
E a Sempre Virgem Maria

Jesus Cristo Redentor
Eu peço o meu perdão
Que eu nunca mais hei de esquecer
De rezar para o meu irmão

Meu irmão que já saiu
Do mundo do pecado
Eu rogo a Deus do céu
Que ele seja perdoado

59 – O Divino Pai Eterno

O Divino Pai Eterno
Quem me fez, quem me criou
Para eu ser um filho seu
No jardim de Belas Flores

A minha Mãe que me ensinou
Mandou eu ensinar
Para eu ser um filho seu
É preciso eu vos amar

Jesus Cristo veio ao mundo
Replantar Santas Doutrinas
Os descrentes assassinaram
E ainda hoje é quem ensina

A luz da flor mimosa
Deste jardim perfumoso
Havendo força de vontade
Nada para nós é custoso

60 – Laranjeira

Cada um tem um cabedal
De acordo que Deus lhe dá
Para viver neste mundo
É preciso procurar

Laranjeira carregada
De laranja boa
Assim é alguma pessoa

Vou vivendo e vou dizendo
De acordo que vai chegar

O ouro que tem na terra
É a luz que brilha mais

Laranjeira carregada
De laranja boa
Assim é alguma pessoa

61 – A Rainha da Floresta

A Rainha da Floresta
Vós venha receber
Estes cânticos aqui na mata
Que eu venho oferecer

Vós mandou para mim
Ensinar os meus irmãos
Estamos todos reunidos
Com amor no coração

Eu apresento os meus ensinios
Conforme eu aprendi
Estamos todos reunidos
Vós faça todos feliz

62 – Quem quiser seguir comigo

Quem quiser seguir comigo
É preciso me ouvir
Para seguir neste caminho
Para adiante ser feliz

A minha Mãe que vai na frente
Com a luz do resplendor
Para ensinar os meus irmãos
Para todos ter amor

Jesus Cristo me mandou
Para mim vir ensinar
Para seguir neste caminho
Para remir e salvar

O poder está comigo
E a verdade eu vou mostrar
Para ensinar os meus irmãos
Para todos enxergar

63 – Princesa Soloína

Eu peço a Jesus Cristo
 Que abra este caminho
 Para mim seguir meus passos
 Com amor, com alegria

Com amor, com alegria
 Aprender o que vós me ensina
 Para todos compreenderem
 Que existe um poder divino

Segui neste caminho
 Tomei uma direção
 Adiante eu encontrei
 A Virgem da Conceição

Mais adiante uma princesa
 Chamada Soloína
 Ela foi disse para mim
 É nessa estrada é que se ensina

Segui minha jornada
 Adiante eu encontrei
 Um poder divino
 Aí aonde eu fiquei

Aí aonde eu fiquei
 E pude compreender
 Quem seguir neste caminho
 Todos têm que aprender

64 – Eu peço a Jesus Cristo

Eu peço a Jesus Cristo
 Eu peço à Virgem Maria
 Eu peço a meu Pai Eterno
 Vós me dê a Santa Luz

Eu sigo na verdade
 Eu sigo o meu caminho
 Eu sigo é com alegria
 Que eu sou filho da Rainha

A força da floresta
 A força do astral
 A força está comigo
 A minha Mãe é quem me dá

Eu chamo o Rei Titango

Eu chamo o Rei Agarrube
 Eu chamo o Rei Tintuma
 E eles Vêm lá do astral

A força é divina
 A força tem poder
 A força neste mundo
 Ela faz estremecer

Sempre eu vivo neste mundo
 Viva todos que quiser
 Viva Deus lá nas alturas
 E o Patriarca São José

Eu dou viva à Virgem Mãe
 Viva suas companheiras
 Nos proteja neste mundo
 Vós como Mãe verdadeira

O sol que veio à terra
 Para todos iluminar
 Não tem bonito e nem feio
 Ele ilumina todos iguais

A lua tem três passagens
 Todas três nela se encerra
 É preciso compreender
 Que ela é quem domina a terra

65 – Eu vou cantar

Eu vou cantar, eu vou cantar
 De joelhos em uma cruz
 Eu vou louvar ao Senhor Deus
 Foi quem me deu esta luz

Esta luz é da Floresta
 Que ninguém não conhecia
 Quem veio me entregar
 Foi a Sempre Virgem Maria

Quando Ela me entregou
 Eu gravei no coração
 Para replantar Santas Doutrinas
 E ensinar os meus irmãos

Eu agora recebi
 Este prêmio de valor
 De São José e da Virgem Mãe

De Jesus Cristo Redentor

Tenho fé de vencer
E de ganhar com os meus ensinosa
Porque Deus é soberano
E Ele é quem nos determina

66 – São João

São João era menino
Só vivia nas Campinas
Pastorando as suas ovelhas
Pregando as Santas Doutrinas

Pregando as Santas Doutrinas
O amor Ele empregou
Atrás dele veio Jesus
Toda verdade afirmou

Toda verdade afirmou
Gravou no coração
Ambos foram batizados
No Rio de Jordão

No Rio de Jordão
Ambos tiveram em pé
Um é filho de Maria
E o outro é filho de Isabel

Jesus estava vestido
Com sua roupa cor de cana
Dando viva ao Pai Eterno
Viva a Senhora Santana

67 – Olhei para o firmamento

Olhei para o firmamento
Vi as estrelas brilhar
Tinha uma mais bonita
De um trono imperial

Este trono imperial
Foi Deus quem me mostrou
Para eu amar a Virgem Mãe
E a Jesus Cristo Redentor

Todo dia eu canto e peço
Para limpar meu coração

Para eu seguir neste caminho
E deixar a ilusão

Sempre eu digo aos meus irmãos
Que tratem o tempo mais sério
Que o tempo não engana
E não tem dó desta matéria

68 – Chamei lá nas alturas

Chamei lá nas alturas
Para o Divino vir à terra
Trazer a Santa Paz
Que não precisamos de guerra

Eu vou louvar bendito é o fruto
Do vosso ventre Jesus
Foi quem veio a este mundo
Nos trazer a Santa Luz

Vós nos dê o vosso pão
O vosso ensino divino
Vós nos dê a Santa Luz
Para eu seguir o meu destino

Para eu seguir o meu destino
Neste mundo com certeza
Que Deus não abandona
Quem ama com firmeza

69 – Passarinho

Passarinho está cantando
Discorrendo o ABC
E eu discorro a tua vida
Para todo mundo ver

Passarinho está cantando
Canta na mata deserta
Dizendo para o caçador
Você atira e não acerta

Passarinho Verde canta
Bem pertinho para tu ver
Sou Passarinho e tenho dono
E o meu dono tem poder

Passarinho Verde canta

Com alegria e com amor
Sou Passarinho e canto certo
E com certeza aqui estou

70 – Firmeza

Firmeza, firmeza, firmeza
Eu peço a Deus
Aplanai meu coração
Eu quero ser um filho seu

Firmeza, firmeza
Eu recebo com alegria
A quem eu peço firmeza
É a Sempre Virgem Maria

Firmeza, firmeza
Eu recebo é com amor
A quem eu peço firmeza
É a Jesus Cristo Redentor

Firmeza, firmeza
Para seguir na Santa Luz
A quem eu peço firmeza
É ao coração de Jesus

Firmeza, firmeza
Firmeza no pensamento
A quem eu peço firmeza
É ao nosso Deus Onipotente
A quem eu peço firmeza
Para ser feliz eternamente

71 – Chamo o Tempo

Chamo o Tempo, eu chamo o Tempo
Para ele vir me ensinar
Aprender com perfeição
Para poder ensinar

Os que forem obedientes
Tratar de aprender
Para ser eternamente
Para Deus lhe atender

Depois que o Tempo chega
Ninguém quis aprender
Depois que refletir

É que vai se arrepender

Firmeza no pensamento
Para seguir no caminho
Embora que não aprenda muito
Aprenda sempre um bocadinho

72 – Silencioso

Silencioso
eu chego no jardim
Eu peço à Virgem Mãe
Que vós tenha pena de mim

Oh Virgem Mãe
Vós sois Mãe do Redentor
Perdoai os vossos filhos
Pelo vosso Santo Amor

Silencioso
eu chego no jardim
Eu peço à Virgem Mãe
Que vós tenha pena de mim

Divino Pai
Soberano Criador
Perdoai os vossos filhos
Neste mundo pecador

73 – Eu vi a Virgem Mãe

Eu vi a Virgem Mãe
Nas alturas onde Ela está
Me mandou que eu afirmasse
A firmeza eu afirmar

A lua é quem dá força
Para a terra criadora
Quero que vós me protejas
Vós como Mãe protetora

O Divino Pai Eterno
Soberano Onipotente
Quero que vós me dê forças
Para ensinar esta gente

A Sempre Virgem Maria
É na terra, é no astral

Aqueles que estão rebeldes
Precisam disciplinar

Eu ensino é com amor
É com firmeza e lealdade
Mas quando vem falar comigo
Sempre trazem a falsidade

Isto é deles, não é meu
Faço por não compreender
Depois eles saem dizendo
Que o Mestre não tem saber

74 – Só eu cantei na barra

Só eu cantei na barra
Que fiz estremecer
Se tu queres vida eu te dou
Que ninguém não quer morrer

A morte é muito simples
Assim eu vou te dizer
Eu comparo a morte
É igualmente ao nascer

Depois que desencarna
Firmeza no coração
Se Deus te der licença
Volta a outra encarnação

Na terra como no céu
É o dizer de todo mundo
Se não preparar o terreno
Fica o espírito vagabundo

75 – As estrelas

As estrelas já chegaram
Para dizer o nome seu
Sou eu, sou eu, sou eu
Sou eu um filho de Deus

As estrelas me levaram
Para correr o mundo inteiro
Para conhecer esta verdade
Para poder ser verdadeiro

Eu subi serra de espinhos

Pisando em pontas agudas
As estrelas me disseram
No mundo se cura tudo

As estrelas me disseram
Ouve muito e fala pouco
Para poder compreender
E conversar com meus caboclos

Os caboclos já chegaram
De braços nus e pés no chão
Eles trazem remédios bons
Para curar os cristãos

76 – A Virgem Mãe é Soberana

A Virgem Mãe é Soberana
Nas alturas onde Ela está
Socorrei um filho seu
Que está no mundo a reclamar

Chora, chora, chora, chora
E este choro tem razão
Tanto tempo que viveu
E nunca pediu o perdão

Tanto tempo que viveu
No mundo de provação
De Deus tu te esqueceu
E só é bom a ilusão

Eu estava dentro da mata
Debaixo de um arvoredado
Tudo tem, tudo tem
E no mundo não há segredo

Eu digo de mim para ti
E para os outros que não estou vendo
Quando eu acabo de dizer
Todo mundo está sabendo

77 – Chamo e sei

Chamo e sei, eu chamo e sei
Chamo e sei aonde está
Chamo e sei, eu chamo e sei
Eu chamo e sei e vou mostrar

A verdade é minha vida
 A minha Mãe é quem me dá
 Para eu conhecer esta verdade
 Para saber aonde está

Vou rezar as minhas preces
 Cumprir minha obrigação
 Oferece-las ao Pai Eterno
 Que é o Senhor da Criação

78 – Das virtudes

Das virtudes em que cheguei
 Canto, ensino, vem comigo
 O poder que Deus me dá
 Para este mundo eu doutrinar

Doutrinar o mundo inteiro
 Para todos aprender
 Castigar severamente
 Quem não quiser obedecer

Canto, ensino, é com amor
 Com prazer e alegria
 Obedecendo ao Pai Eterno
 E a Sempre Virgem Maria

As palavras que eu disser
 Aqui perante a este poder
 Estão escritas no astral
 Para todo mundo ver

Sigo firme a minha linha
 Sem a nada eu temer
 Porque eu sou filho de Deus
 E confio neste poder

Dou licença e dou pancada
 Aqui eu faço a minha justiça
 Precisamos acabar
 Com o correio da má notícia

79 – Jardineiro

Minha Mãe, minha Rainha
 Foi Ela que me ensinou
 Para mim ser jardineiro
 No Jardim de Belas Flores

No Jardim de Belas Flores
 Tem tudo que eu procurar
 Tem primor e tem beleza
 Tem tudo que Deus me dá

Todo mundo recebe
 As flores que vêm de lá
 Mas ninguém presta atenção
 Ninguém sabe aproveitar

Para zelar este jardim
 Precisa muita atenção
 Que as flores são muito finas
 Não podem cair no chão

O Jardim de Belas Flores
 Precisa sempre aguar
 Com as preces e os carinhos
 Ao nosso Pai Universal

80 – Chamo a força

Chamo a força, eu chamo a força
 A força vem me amostrar
 Treme a terra e balanceia
 E vós não sai do seu lugar

Treme a terra, treme a terra
 Treme a terra e geme o mar
 Ainda tem gente que duvida
 Do poder que vós me dá

Aqui dentro da verdade
 Tem uns certos mentirosos
 Que caluniam os seus irmãos
 Para se tornar muito viçosos

Mas ninguém não se lembra
 Chamou o Mestre mentiroso
 Devagarinho vai chegando
 E quem chamou é que vai ficando

81 – Professor

Aqui tem um professor
 Que vai deixar de ensinar
 Que ele ensina e ninguém faz caso

E só lêem de diante para trás

Só lêem de diante para trás
Mas ele não ensina assim
Ele ensina é direitinho
Mas ninguém não faz assim

Se todos assim fizessem
Estavam um pouco adiantados
Eram servos de Deus
E do povo bem estimado

Eu entrei em conferência
Para deixar de ensinar
A Virgem Mãe me disse
Ninguém não pode obrigar

Se ensina e ninguém faz caso
Ninguém trata de aprender
Depois não se admirem
De tudo que aparecer

Todos mandam em sua casa
Eu também mando na minha
Todos ficam sem aprender
Eu fico com a minha Rainha

82 – Campineiro

Sou jardineiro e sou campineiro
Tenho tudo que Mamãe me dá
No jardim eu tenho as flores
E nas Campinas eu andava atrás

Sou campineiro e sou verdadeiro
E é preciso eu viajar
Que o poder de Deus é grande
E eu desejo alcançar

Me acho fraco e cansado
De lutar com rebeldia
Fazer gosto a quem não tem
Na esperança de um dia

Digo adeus aos meus amigos
Até um dia afinal
Se Deus e a Virgem Mãe
Me der licença eu voltar

Digo adeus a todos e todas
E ninguém me respondeu
Todos ficam em seus lugares
E quem se retira sou eu

83 – O Divino Pai Eterno

O Divino Pai Eterno
Foi quem me mandou viver
Que eu avisasse aos meus irmãos
O que vai acontecer

Firmeza no pensamento
Para seguir neste amor
Aqui dentro da verdade
Ela mostra o seu valor

A minha Mãe que me ensinou
Com o nome de Jesus
É quem nos mostra esta verdade
É quem nos dá a Santa Luz

Vou seguir vou te deixar
Este mundo de ilusão
Vou para onde Deus quiser
Com a Virgem da Conceição

84 – Ia guiado pela lua

Ia guiado pela lua
E as estrelas de uma banda
Quando eu cheguei em cima de um monte
Eu escutei um grande estrondo

Esse estrondo que eu ouvi
Foi Deus do Céu foi quem ralhou
Dizendo para todos nós
Que tem poder superior

Eu estava passeando
Na praia do mar
Escutei uma voz
Mandaram me buscar

Aí eu botei os olhos
Aí vem uma canoa
Feita de ouro e prata
E uma Senhora na proa

Quando Ela chegou
Mandou eu embarcar
Ela disse para mim
Nós vamos viajar

Nós vamos viajar
Para o ponto destinado
Deus e a Virgem Mãe
Quem vai ao nosso lado

Quando nós chegamos
Nas Campinas desta flor
Esta é a riqueza
Do nosso Pai Criador

85 – Vou seguindo

Vou seguindo, eu vou seguindo
Cantando as minhas doutrinas
A Virgem Mãe é soberana
Minha Mãe que me ensina

Vou seguindo, eu vou seguindo
Vamos ver se nós acerta
O caminho de Jesus Cristo
Aonde andou com seus profetas

Na casa da Virgem Mãe
De Jesus Cristo Redentor
Cantamos, manos cantamos
Consagrando este amor

Na casa de Jesus Cristo
Ele mandou para nós cantar
Para louvar ao Pai Eterno
É quem tem para nos dar

É quem tem para nos dar
Para mim com os meus irmãos
É quem nos dá a todos nós
A eterna salvação

86 – Eu vim da minha armada

Eu vim da minha armada
Trazer fé e amor
A minha Mãe que me mandou
Eu ficar firme a onde estou

Vou seguindo os meus passos
 Se eu achar firmeza eu vou
 Não despreza os teus irmãos
 Amostra tua luz de amor

Sou filho da verdade
 E do poder superior
 A minha Mãe que me mandou
 Trazer fé e amor

87 – Deus, Divino Deus

Deus, Divino Deus
 Soberana luz de amor
 É o Poder Universal
 É a força superior

Vamos, vamos meus irmãos
 Vamos todos nós cantar
 Para Deus dar a nossa saúde
 A Virgem Mãe nos perdoar

Eu digo é com firmeza
 Dentro do meu coração
 Que Jesus Cristo está conosco
 É quem nos dá as instruções

88 – Chamo Estrela

Chamo Estrela, chamo Estrela
 Chamo Estrela, Estrela vem
 Ela vem os ensinar
 O amor de quem quer bem

O amor de quem quer bem
 É a saúde e o bem-estar
 Consagrando este amor
 Para sempre não faltar

Para sempre, para sempre
 Amigo do meu irmão
 Que ele é a minha luz
 Neste mundo de ilusão

89 – Eu canto, eu digo

Eu canto, eu digo
Dentro do poder divino
Porque Deus é quem me dá
Para trazer estes ensinamentos

A minha Mãe me mandou
Trazer fé e amor
Repartir com meus irmãos
Para ser a mesma flor

Jesus Cristo me mandou
Para mim vir ensinar
Replantar Santas Doutrinas
Deus te dá um bom lugar

90 – No jardim mimosa flor

No jardim mimosa flor
Para sempre eu estou aqui
Para ser filho de Deus
Não precisa ser ruim

Todo mundo é muito bom
Mas não quer se condear
Se fogem da caridade
E depois não quer sofrer

O caminho torto errado
E daqui ninguém quer ser
A verdade eu mostro a todos
Que souber me compreender

Aqui dentro da verdade
A minha Mãe que me ensinou
Me dá força e me dá brilho
Para sempre eu ter valor

91 – Choro muito

Choro muito e lamento
Tudo que já se passou
Deixo tudo saudosamente
E vou viver no meio das flores

Vou viver no meio das flores
Junto com a Virgem Maria
Os terrores que aparecem
É essa grande rebeldia

Vamos todos meus irmãos
Vamos cantar com amor
Para Deus e a Virgem Mãe
Nos defender destes terrores

Sou filho da Virgem Mãe
Reconheço este poder
Chamo a força, eu chamo a força
Para vir nos defender

92 – Sou humilde

Chamei lá nas alturas
A minha Mãe me respondeu
Sou humilde, sou humilde
Sou humilde um filho seu

A minha Mãe que me ensinou
Para sempre a Deus louvar
Para sempre, para sempre
Para sempre aonde está

Sou filho da verdade
E do poder universal
Para sempre, para sempre
Para sempre acreditar

93 – O Cruzeiro

No Cruzeiro tem rosário
Para quem quiser rezar
Também tem a Santa Luz
Para quem quiser viajar

Vamos todos nós louvar
O Divino Espírito Santo
A Virgem Nossa Senhora
Nos cobrir com o vosso manto

Eu digo é com firmeza
Dentro do meu coração
Vamos todos nós louvar
A Virgem da Conceição

A Virgem da Conceição
É a nossa protetora
É quem nos dá vida e saúde

E é a nossa defensora

Vamos todos meus irmãos
Vamos cantar com amor
Vamos todos nós louvar
A Jesus Cristo Redentor

Jesus Cristo Redentor
Filho da Virgem Maria
É quem nos dá a Santa Luz
E o nosso pão de cada dia

94 – Perguntei a todo mundo

Perguntei a todo mundo
Por onde vai o caminho
E ninguém me respondeu
Vou viajando sozinho

Deus na frente, Deus na paz
Nas alturas onde Ele está
Vou viajando com Deus
Um dia eu tenho que chegar

Jesus Cristo vai comigo
Vai na minha companhia
Para um dia eu entrar
Dentro da soberania

Todo mundo quer ser grande
Me deixaram eu ficar só
Vou viajando com Deus
Estou com a força maior

95 – Mensageiro

Te levanta, te levanta
Levanta quem está sentado
Para receber o Mensageiro
Dentro do Jardim Dourado

Vai seguindo, vai seguindo
Dentro do jardim de amor
Para receber o Mensageiro
Do nosso Pai Criador

A mensagem que ele traz
É com prazer e alegria

Jesus Cristo e São José
E a Sempre Virgem Maria

96 – As Campinas

Quando eu cheguei numa campina
Vi um formoso batalhão
Também vi uma Senhora
Com uma bandeira na mão

Quando esta Senhora me viu
Veio comigo falar
Há tempo eu estou te esperando
Para tudo isto eu te entregar

Você me zele esta campina
De brilhantes pedras finas
Conservando a Santa Luz
No caminho que eu destino

97 – Centenário

Traí, traí, traí, trai
Traí, traí, traí, trai
Trai, trai

Chamo e sei, chamo e sei
Chamo e sei quem te mandou

Te recebo, te recebo
Te recebo é com amor

Com as forças do meu Pai
E do poder superior

Completei um centenário
No Cruzeiro universal

Cada um que está comigo
Capriche e venha se apresentar

98 – Sou filho desta verdade

Sou filho desta verdade
Sou dono deste poder
Deus me entrega com firmeza
Eu não devo esmorecer

Vou seguindo nesta verdade
 Para sempre, sempre outra vez
 A minha mãe sempre comigo
 Que me ensina eu compreender

Eu estou aqui nesta verdade
 Só ensino é coisas boas
 Alguns que estão comigo
 Só pensam é coisa à-toa

A ruína que se faz
 É só para sofrer
 Cada um dá o que tem
 Não precisa ninguém dizer

Agora eu volto para o meu lugar
 Sigo em frente, vamos trabalhar
 Não pense em fazer o que tu queres
 Que Deus é o nosso Pai

99 – Sei aonde está meu Pai

Sei aonde está meu Pai
 Sei que Ele está me vendo
 Reconheço a minha Mãe
 Eu sei o que estou dizendo

Todos façam por saber
 Conhecer o seu valor
 Receber a Santa Luz
 Encher seu culto de amor

Todos chegam no salão
 Com alegria para cantar
 Quando chega os dias próximos
 Suspira para não voltar

100 – Sou filho da terra

Eu sou filho da terra
 Vivo nas matas sombrias
 Implorando ao Pai Eterno
 E a Sempre Virgem Maria

Aqui eu toco o meu tambor
 E nas matas eu rufo caixa
 Todo mundo vai atrás

Procurando mas não acha

Todo mundo é sabido
E o saber Deus é quem dá
Seguindo na linha direita
É muito fácil de encontrar

101 – No brilho da Lua Branca

No brilho da Lua Branca
Foi quem me trouxe aqui
Doutrinar a quem quiser
Neste caminho a seguir

Sou filho desta verdade
Eu devo caprichar assim
Caprichar eternamente
Para nunca ser ruim

Lua Branca quem me trouxe
Confiou-me este lugar
Para ser filho legítimo
É preciso doutrinar

A minha Mãe que me ensina
Tudo quanto eu quiser
Peço força, peço força
A meu Pai que tem poder

A minha Mãe foi quem me deu
Neste mundo este lugar
Peço força e dou força
E não saio do meu lugar

102 – Sou filho desta verdade

Sou filho desta verdade
E neste mundo estou aqui
Dou conselho e dou conselho
Para aqueles que me ouvir

O saber de todo mundo
É um saber universal
Aqui tem muita ciência
Que é preciso se estudar

Estudo fino, estudo fino
Que é preciso conhecer

Para ser bom professor
Apresentar o seu saber

103 – Todos querem

Todos querem, todos querem
Todos querem, eu vou dizer
Todos querem, todos querem
É preciso compreender

Vou seguir na minha linha
Vou deixar recordação
Todos querem, todos querem
Todos querem ser irmão

Para ser irmão legítimo
É preciso um juramento
Não brigar com seu irmão
E nem trocar seu pensamento

104 – Sexta-feira Santa

Sou filho, sou filho,
Sou filho do Poder
A minha Mãe me trouxe aqui
Quem quiser venha aprender

Vou seguindo, vou seguindo
Os passos que Deus me dá
A minha memória divina
Eu tenho que apresentar

A minha Mãe que me ensina
Me diz tudo que eu quiser
Sou filho desta verdade
E meu Pai é São José

A Sexta-feira Santa
Guardemos com obediência
Três antes e três depois
Para afastar toda doença

105 – Sou Filho Deste Poder

Sou filho deste poder
Vivo na terra e no mar
Implorando ao meu Pai Eterno

Nas alturas onde Ele está

Eu vivo aqui cantando
Para quem tiver amor
Consagrando a minha Rainha
Foi Ela que me ensinou

Todos santos e todas santas
Roguem a Deus no coração
Para os filhos da terra
Se esquecer da ilusão

106 – Fortaleza

Estando nesta fortaleza
Onde me radeia o sol
Encostado a meu Império
Dono da força maior

Dono de todo poder
Dono da força maior
É Ele é quem me ensina
Para eu ensinar os menores

Para eu ensinar os menores
Para todos aprender
Para sempre louvar a Deus
E saber agradecer

107 – Chamei lá nas alturas

Chamei lá nas alturas
Para o Divino me ouvir
A minha Mãe me respondeu
Ôh filho meu, estou aqui

Minha Mãe, vamos comigo
Para sempre, eterna luz
Para eu poder afirmar
Para sempre a Santa Cruz

Esta cruz do firmamento
Que radeia a Santa luz
Todos que nela firmar
É para sempre amém Jesus

108 – Linha do Tucum

Eu canto aqui na terra
 O amor que Deus me dá
 Para sempre, para sempre
 Para sempre, para sempre

A minha Mãe que vem comigo
 Que me deu esta lição
 Para sempre, para sempre
 Para sempre eu ser irmão

Enxotando os malfazejos
 Que não querem me ouvir
 Que escurecem o pensamento
 E nunca podem ser feliz

Esta é a Linha do Tucum
 Que traz toda lealdade
 Castigando os mentirosos
 Aqui dentro desta verdade

109 – Tudo, tudo

Tudo, tudo Deus me mostra
 Para mim reconhecer
 Tudo, tudo é verdade
 E eu não posso me esquecer

A minha Mãe que me ensina
 Que me entrega este poder
 Tomo conta e dou conta
 E eu não posso me esquecer

Sigo a minha viagem
 Dentro desta primozia
 Tudo, tudo é verdade
 No reino da soberania

110 – De longe

De longe, eu venho de longe
 Das ondas do mar sagrado
 Para eu conhecer os poderes
 Da floresta e Deus amar

Eu sigo neste caminho
 Ando nele dias inteiros
 Para eu conhecer o poder

E a santa luz de Deus verdadeiro

O poder de Deus verdadeiro
É preciso nós ter amor
Nas estrelas do firmamento
E em tudo que Deus criou

111 – Estou aqui

Estou aqui
E eu não estando como é
Eu penso na verdade
Me vem tudo que eu quiser

A minha Mãe me trouxe
Ela deseja me levar
Todos nós temos a certeza
Deste mundo se ausentar

Eu vou contente
Com esperança de voltar
Nem que seja em pensamento
Tudo eu hei de me lembrar

Aqui findei
Faço a minha narração
Para sempre se lembrarem
Do velho Juramidam

112 – Meu Pai

Meu Pai, meu Pai
Me dá o teu amor
Para eu ser filho de vós
Aqui na terra aonde estou

Minha Mãe, minha Mãe,
Que tudo que vós me dá
Para eu viver neste mundo
E meus irmãos todos eu abraçar

113 – Sigo nesta verdade

Sigo nesta verdade
Nunca pensei em voltar
Sigo neste caminho
Para um dia eu alcançar

Eu como filho de vós
 Se um dia eu merecer
 Quero que vós me conceda
 Para eu ter o mesmo poder

A minha mãe que me diz
 Que tudo eu tenho que vencer
 Sigo neste caminho
 Nada eu tenho a temer

Eu canto e torno a cantar
 Para seguir o meu destino
 Recebendo a Santa Luz
 Da Santíssima Mãe Divina

Quando eu cheguei nesta Casa
 Estrondo de palmas me deram
 Meu Chefe me recebeu
 O dono de todo Império

114 – Encostado a minha Mãe

Encostado a minha Mãe
 E meu Papai lá no astral
 Para sempre eu quero estar
 Para sempre eu quero estar

Minha flor minha esperança
 Minha rosa do jardim
 Para sempre eu quero estar
 Com minha Mãe juntinho a mim

Eu moro nesta casa
 Que minha Mãe me entregou
 Eu estando junto com Ela
 Sempre dando o seu valor

Fazendo algumas curas
 Que minha Mãe me ordenou
 De brilhantes pedras finas
 Para sempre aqui estou

115 – Batalha

Entrei numa batalha
 Vi meu povo esmorecer
 Temos que vencer

Com o poder do Senhor Deus

A Virgem Mãe
Com o poder que vós me dá
Me dá força, me dá luz
E não me deixa derribar

O Divino Pai Eterno
E a Virgem da Conceição
Todo mundo levantou
Com suas armas na mão

A Virgem Mãe
Com o poder que vós me dá
Me dá força, me dá luz
E não me deixa derribar

116 – Sou filho do Poder

Sou filho do Poder
E dentro desta casa estou
Fazendo os meus trabalhos
Que minha Mãe me ordenou

Eu pedi a meu Pai
Me deu o consentimento
Trabalhar para os meus irmãos
Aqueles que estão doentes

Confessa a consciência
E alegre teu coração
Que esta é a verdade
Que eu apresento aos meus irmãos

117 – Dou Viva A Deus Nas Alturas (valsas)

Dou viva a Deus nas alturas
E a Virgem Mãe nosso amor
Viva todos ser divinos
E Jesus Cristo Redentor

Eu peço a Deus nas alturas
Para vós me iluminar
Botai-me no bom caminho
E livrai-me de todo mal

Eu vivo aqui neste mundo

Encostado a este Cruzeiro
Vejo tanta iluminária
Do nosso Deus verdadeiro

Esta iluminária que eu vejo
Alegra o meu coração
Estas flores que recebemos
Para nossa salvação

118 – Todos Querem Ser Irmão (marcha)

Todos querem ser irmão
Mas não têm a lealdade
Para seguir na vida espírita
Que é o reino da verdade

É o reino da verdade
É a estrada do amor
É todos prestar atenção
Os ensinamentos do professor

Os ensinamentos do professor
É quem nos traz belas lições
Para todos se unir
E respeitar os seus irmãos

Respeitar os seus irmãos
Com alegria e com amor
Para todos conhecer
E saber dar o seu valor

119 – Confia (marcha)

Confia, confia
Confia no poder, confia no saber
Confia na força
Aonde pode ser

Esta força é muito simples
Todo mundo vê
Mas passa por ela
E não procura compreender

Estamos todos reunidos
Com a nossa chave na mão
A limpar mentalidade
Para entrar neste salão

Este é o salão dourado
Do nosso Pai verdadeiro
Todos nós somos filhos
E todos nós somos herdeiros

Nós todos somos filhos
E é preciso trabalhar
Amar ao Pai Eterno
É quem tem para nos dar

120 – Eu Peço (marcha)

Eu peço, eu peço
Eu peço ao Pai Divino
Quem me dê a Santa Luz
Para iluminar o meu caminho

Eu peço à Vigem Mãe
E a Jesus Cristo Redentor
Iluminai o meu caminho
Nessa estrada do amor

Essa estrada do amor
Dentro do meu coração
Eu peço a Jesus Cristo
Que nos dê a salvação

Eu peço a salvação
Que só vós pode nos dar
Perdai-nos neste mundo
E na vida espiritual

121 – Esta Força (Valsa)

Esta força, este poder
Eu devo amar no meu coração
Trabalhar no mundo terra
A beneficio dos meus irmãos

Estou aqui neste lugar
Foi minha Mãe que me mandou
Estamos dentro desta casa
Onde afirmamos a fé e o amor

122 – Quem Procurar Esta Casa (marcha)

Quem procurar esta casa

Que aqui nela chegar
 Encontra com a Virgem Maria
 Sua saúde Ela dá

Minha Sempre Virgem Maria
 Perdoai os filhos seus
 Vós como Mãe soberana
 A Divina Mãe de Deus

Eu peço a vós, bem contrito
 Fazendo as minhas orações
 Peço a vós a Santa Luz
 Para iluminar o meu perdão

Aqui dentro desta casa
 Tem tudo que procurar
 Seguindo o bom caminho
 Fazer bem, não fazer mal

123 – Casa Santa (valsa)

Eu andei na Casa Santa
 Trouxe muitas coisas boas
 Tudo vive neste mundo
 Parece uma coisa à-toa

Pedi licença ao Divino
 Para estas palavras eu narrar
 Perante aos meus irmãos
 Para todos escutarem

Depois que todos escutarem
 É que vão reconhecer
 Tudo vive neste mundo
 Muito longe do Poder

Para estar junto ao Poder
 Da Virgem da Conceição
 É ter fé e ter amor
 Dar valor aos seus irmãos

124 – Eu Tomo Esta Bebida (marcha)

Eu tomo esta bebida
 Que tem poder inacreditável
 Ela mostra todos nós
 Aqui dentro desta verdade

Subi, subi, subi
 Subi foi com alegria
 Quando eu cheguei nas alturas
 Encontrei com a Virgem Maria

Subi, subi, subi
 Subi foi com amor
 Encontrei com o Pai Eterno
 E Jesus Cristo Redentor

Subi, subi, subi
 Conforme os meus ensinamentos
 Viva o Pai Eterno
 E viva todo ser divino

125 – Aqui Estou Dizendo (marcha)

Aqui estou dizendo
 Aqui estou cantando
 Eu digo para todos
 E os hinos estão ensinando

Aqueles que compreender
 Os que quiser seguir comigo
 Tendo fé e tendo amor
 Não deve encarar perigo

Sigo os meus passos em frente
 Com alegria e com amor
 Porque Deus é Soberano
 E nesta firmeza estou

A Virgem mãe é soberana
 Foi Ela que me ensinou
 Ela me mandou pra cá
 Para eu ser um professor

Vamos seguir, vamos seguir
 Vamos seguir, vamos embora
 Que nós somos filhos eternos
 Filhos de Nossa Senhora

126 – Flor Das Águas (marcha)

Flor das águas
 Da onde vens, para onde vais
 Vou fazer minha limpeza
 No coração está meu Pai

A morada do meu Pai
 É no coração do mundo
 Aonde existe todo amor
 E tem um segredo profundo

Este segredo profundo
 Está em toda humanidade
 Se todos se conhecerem
 Aqui dentro da verdade

127 – Instrumental (sem letra)

128 – Eu Pedi (marcha)

Eu pedi, eu pedi, eu pedi
 Eu pedi, Mamãe me deu
 Para me apresentar
 Ao Divino Senhor Deus

Meu Divino Senhor Deus
 É Pai de todo amor
 Perdoai os vossos filhos
 Neste mundo pecador

Jesus Cristo Redentor
 Senhor do meu coração
 Defendei os vossos filhos
 Neste mundo de ilusão

129 – Eu Cheguei Nesta Casa (marcha)

Eu cheguei nesta casa
 Eu entrei por esta porta
 Eu venho dar os agradecimentos
 A quem rogou por minha volta

Eu estou dentro desta casa
 Aqui no meio deste salão
 Estou alegre e satisfeito
 Junto aqui com os meus irmãos

Ia fazendo uma viagem
 Ia pensando em não voltar
 Os pedidos foram tantos
 Me mandaram eu voltar

Me mandaram eu voltar
 Eu estou firme e vou trabalhar

Ensinar os meus irmãos
Aqueles que me escutar

130 – Pisei na terra fria

Pisei na terra fria,
Nela eu senti calor.
Ela é quem me dá o pão
A minha Mãe que nos criou.

A minha Mãe que nos criou
E me dá todos ensinamentos,
A matéria eu entrego a Ela
E o meu espírito ao Divino.

Do sangue das minhas veias
Eu fiz minha assinatura.
O meu espírito, eu entrego a Deus
E o meu corpo, à sepultura.

Meu corpo na sepultura
Desprezado no relento
Alguém fala em meu nome
Alguma vez em pensamento